

# Grammatica Portugueza

2.º ANNO

PARA USO DO

Curso medio e do Curso superior

POR

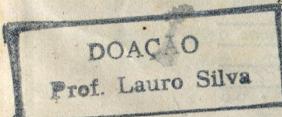
Julio Pires Ferreira

Doutor em sciencias juridicas e sociaes

Lente de Portuguez da Escola Normal de Pernambuco

Obra adoptada na Escola Normal Official, Collegio Prytaneu  
equiparado á mesma Escola,  
Gymnasio Ayres Gama, Porto-Carreiro, São Joâo, Diocesano e varios  
estabelecimentos de instrucção teste e de outros Estados

4.ª EDIÇÃO



RECIFE—1910

43005.225

*Jano S. G.*

## PROLOGO

DA 5.ª EDIÇÃO



Em 1893 publicámos, em volume, algumas lições sob o título de—Notas sobre a Lingua Portugueza—Linguistica.

Estudáramos ahi a formação da linguagem, a classificação das línguas, a origem da língua portugueza, a organização do lexico português e varias outras questões que mais de perto se relacionam com a língua materna.

O acolhimento carinhoso e excepcional que essa obra teve, envaideceu-nos e resolvemos publicar obra de maior desenvolvimento: em fins de 1894, esgotando-se aquella edição, expusemos á luz uma grammatica portugueza organizada de modo que pudesse servir de guia ao estudante de portuguez de qualquer classe a que pertencesse.

Hoje, aceitando o conselho de varios collegas, resolvemos publicar a presente edição que servirá para o Curso Médio e Superior de portuguez,

○ Typ. e vapor da Livraria Contemporânea ○  
de Ramiro M. Costa & Filhos  
Fundada em 1888  
○○ Rua 15 de Novembro n.º 55. ○○  
\* \* \* Pernambuco \* \* \*

*edição a que antecedeu uma outra, propria para o Curso Primario, cheia de multiplos exercícios, de modo a tornar o ensino mais pratico do que theorico, como convem aos que pela primeira vez vão estudar methodicamente a sua lingua.*

*Estamos prompto a receber qualquer correção, aditamento ou modificação ao nosso modesto trabalho confiando no auxilio dos professores e dos nossos collegas.*

1905.

Julio Pires.



*Almenno n.º 123 - 1º Coimbra*

## NOÇÕES GERAES

### GRAMMATICA PORTUGUEZA

Suas divisões

**Grammatica**, em geral, é a exposição methodica dos factos da linguagem.

**Grammatica portugueza** é o conjunto das regras que nos ensinam a falar e a escrever correctamente a lingua portugueza.

A grammatica divide-se em duas partes geraes: *Lexeologia* e *Sintaxe*.

**Lexeologia** é a parte da grammatica que estuda os sons e as formas das palavras.

Subdivide-se em *Phonologia* e *Morphologia*.

A **Phonologia** estuda os sons isoladamente: *Phonetica*.

Estuda os sons constituindo palavras: *Prosodia*.  
Estuda os sons graphicamente: *Ortographia*.

A **Morphologia** estuda a classificar as palavras formando um grupo de idéas: *Taxinomia*.

Estuda as flexões das palavras: *Campenomia*.

Estuda a origem das palavras: *Etimologia*.

A **Sintaxe** estuda as relações das palavras umas com as outras na oração: *Sintaxe lexica*.

Estuda as relações das orações umas com as outras no periodo: *Sintaxe logica*.

Foram os sabios da Alexandria e os da escola de Pergamo, que estudaram o grego de um modo critico, analisando a lingua, distribuindo-a em categorias, distinguindo as diferentes partes do discurso e inventaram os termos proprios para as diferentes funções das palavras.

Appareceu depois o sabio Diogenes da Tracia que publicou uma grammatica grega practica, e a quem se seguiram Varro Flacco, Quintiliano, Apollonio Discolo e outros.

Em Portuguez a precedencia cabe a Fernão d'Oliveira. Depois delle enumeram-se João de Barros e Duarte Nunes Leão.

**Linguagem** é a representação dos nossos pensamentos por meio da palavra.

**Palavra** é a representação de uma idéa.

**Idéa** é a representação de qualquer cousa no espirito.

A linguagem é privilegio exclusivo do homem.

Embora os animaes vertebrados, que respiram pelos pulmões, possam emitir sons, elles não os podem combinar. Este poder só pertence ao homem.

## PHONOLOGIA

**Phonetica:** estuda os sons isoladamente.

**Prosodia:** estuda os sons reunidos formando palavras.

**Ortographia:** estuda os sons graphicamente.

## Letras vogaes, consoantes ; acentos

Tudo o que ouvimos, ou, melhor, tudo o que é percebido pelo ouvido é um som.

Os sons são representados por letras e por símbolos.

**Letras** são signaes que representam os sons das palavras.

**Alphabeto** é o conjunto dessas letras, empregadas na escrita.

As letras são 26 : *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y, z.*

As letras dividem-se em vogaes e consoantes.

**Vogaes** são sons que se pronunciam por si sós. São simples modificações da voz, resultantes da forma que toma a boca.

As vogaes são: *a, e, i, o, u, w* (no inglez), *y.*

Os sons das vogaes podem ser simples, livres ou puros como *a, e, i, o, u,* e podem ser nasaes ou compostos como *an, en, in, on, un.*

**Som simples**, livre ou puro é o que sai simplesmente pela boca.

**Som nasal** ou composto é o que sai pela boca e juntamente sai pelo nariz.

Todo som simples pôde tornar-se nasal desde que o véu da palato abaixando-se deixa passar parte do ar pelo nariz.

Abrindo-se moderadamente a boca, ficando a lingua em repouso, o som saído da garganta é *a*.

Si a boca forma um estreitamento longitudinal, afastando-se os cantos dos labios, o som é *i*.

Si os cantos da boca se approximam, formando uma especie de bico, o som é *u*.

Os sons *e*, *o*, são intermedios: o 1.<sup>o</sup> entre *a*, *i*, e o 2.<sup>o</sup> entre *a*, *u*.

**Símbolo** é um signal proprio que indica um som ou uma palavra. Taes são os algarismos, os signaes algebraicos etc.

Os sons das letras pôdem ser modificados pelos acentos ou notações.

**Acentos ou notações** são signaes que indicam a variedade dos sons das letras; modificam, assim, a pronuncia das palavras.

São os seguintes:

*Acento agudo* que indica o som aberto: *café*.

*Acento circumflexo* que indica o som fechado: *dôr*.

*Til* que indica o som nasal das vogaes *a*, *o*: *mão*, *paixões*.

*Cedilha* que indica o som brando do *c* antes de *a*, *o*, *u*: *caça*, *moço*, *açucar*.

E' de utilidade a adopção do *acento grave* para marcar o valor das vogaes abertas, que não são acentuadas ou têm um acento secundario: *môlhinho*.

Assim as palavras *prègar* (fazer predicas) distinguir-se-ia de *pregar* (meter pregos).

Os sons das vogaes são os seguintes:

1.<sup>o</sup>— *Som aberto* que é o mais forte. E' representado geralmente pelo acento agudo: *pé*, *avô*.

2.<sup>o</sup>— *Som fechado* que é o menos forte. E' representado geralmente pelo acento circumflexo: *avô*.

3.<sup>o</sup>— *Som mudo* que é ainda menos forte. Não é representado por nenhum acento: *face*.

4.<sup>o</sup>— *Som nasal* que sai pela boca e pelo nariz. E' representado pelo til e pelas consoantes *m* ou *n*: *irmã*, *tempo*, *tinta*.

As vogaes têm varios sons:

## A

Som aberto ou agudo: *gato*, *jucá*.

— fechado ou circumflexo: *para*, *lama*.

— mudo ou grave: *cera*, *lona*.

— nasal: *santo*, *irmã*.

## E

Som aberto ou agudo: *até*, *fera*.

— fechado ou circumflexo: *carêta*, *selo*.

— mudo ou grave: *ponte*, *carne*.

— nasal: *engenho*, *virgem*.

## I

Som aberto ou agudo: *missa*, *javali*.

— mudo ou grave: *seriô*, *util*.

— nasal: *lindo*, *sim*.

## O

Som aberto ou agudo: *nota*, *pô*.

— fechado ou circumflexo: *poça*, *avô*.

— mudo ou grave: *santo*, *lenço*.

— nasal: *ponta*, *som*.

## U

Som aberto ou agudo: *tatú*, *luva*.

— nasal: *junto*, *anum*.

## Y

Esta vogal que tem o som da vogal **I**, é só empregada nos vocabulos derivados de palavras gregas

e nas terminações dos nomes tupis. Já vai hoje, ainda bem, desaparecendo da escrita.

**Consoantes** são ruidos que modificam as vozes.

As consoantes são: *b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, w* (no alemão), *x, z*.

Os sons das consoantes dividem-se em explosivos e fricativos.

**Explosivos** que tambem se denominam *expolidos ou momentaneos*, são aquelles que depois de produzidos cessam repentinamente.

São: *q, g* (antes de *a, o, u*), *c* (antes de *a, o, u*); *t, d; p, b*.

**Fricativos** que tambem se denominam *constritos*, são os que se produzem simplesmente por uma contração no tubo vocal.

São: *g* (antes de *e, i*), *x, j; l, r, rr; c* (antes de *e, i*), *s, z, n; f, v, m*.

SONS CONSONANTÁES	<i>Explosivos ou Explodidos ou Momentaneos</i>	<i>Fricativos ou Constritos</i>
Guturaes.....	kê, guê	—
Palataes.....	--	gê, xê
Linguaes.....	—	lê, rê, rrê.
Dentaes.....	tê, dê	cê, zê, nê
Laviaes.....	pê, bê	fê, vê, mê

Alguns grammaticos, atendendo á influencia que possam ter na pronuncia dos sons das consoantes a garganta, o palato, a lingua, os dentes e os labios, dividem os sons em: *guturaes, palataes, linguaes, dentaes e labiaes*.

Os sons das consoantes são geralmente representados da seguinte maneira:

**Bê; Dê; Lê; Mê; Nê; Pê**

Pelas consoantes respectivas: *bordo; dedo; leme; camisa; navio; prego.*

**Cê**

Por *c* antes de *e, i*: *cento, cinto*.

*ç*: antes de *a, o, u*: *roça, moço, açude*.

*s*: *santo, sapo*.

*x*: *auxílio, sintaxe*.

*z*: *nariz, matriz*.

*ps*: *psalmo*.

*sc*: *sciencia, scena*.

*ss* (entre vogaes): *cassa, massa*.

**Fê**

Por *f*: *ferias, faca*.

*ph* nos derivados gregos: *phísica*.

**Gê**

Por *g* antes de *e, i*: *geito, região*.

*j*: *Julio, jantar*.

**Ghê**

Por *g* antes de *a, o, u*: *gato, gorro, gume*.

*gu* antes de *e, i*: *guelra, guia*.

**Kê**

Por *k*: *kermesse, kágado*.

*c* antes de *a, o, u*: *casa, coco, cujo*.

*ch* nos derivados gregos: *parochia, chimica.*  
*qu*: *quedo, quinze.*

### Rê (fraco)

Por *r* (entre vogaes): *cara, muro.*

### Rrê (forte)

Por *r* no principio das palavras: *raio.*

*r* no meio de vogaes das palavras compostas: *derogar.*

*rr*: *terra, carro.*

*rh, rrh* nos derivados gregos: *rhetorica, arrhas.*

### Tê

Por *t*: *rato, sitio.*

*th* nos derivados gregos: *thema, methodo.*

### Vê

Por *v*: *voto, livro.*

*w* nos derivados allemaes: *Wurtemberg.*

### Xê

Ror *x*: *caixa, peixe.*

*ch*: *cheiro, cacho.*

### Zê

Por *z*: *zincos, azul.*

*s* (entre vogaes): *casa*, excepto nas palavras compostas em que sóa *cé*: *proseguir.* Em algumas palavras compostas conserva o som de *zê*: *presumir, resumir.*

*x*: *exacto, exemplo.*

Candido de Figueiredo aconselha a se escrever com dois *s* as palavras em que esta consoante, apesar de figurar entre vogaes, tem o som de *cé*: *prosseguiar, ressôar.*

Assim, diz elle, desaparece o erro possivel da pronuncia dessas palavras, ou qualquer confusão, como por exemplo nas palavras: *presente* e *presente* (do verbo *pre-sentir*).

A letra **H** é um simples signal etimologico, ou é empregada para indicar a aspiração de uma vogal.

E' usada em certas palavras para marcar a separação das vozes, evitando, assim, o ditongo: *bahia, sahia.*

Muitos escritores substituem-na pelo acento agudo: *saía, caía.* Antigamente escrevia-se: *atahude, alahude,* actualmente: *ataúde, alaúde.*

Sobre esta letra fazemos nossas as observações do philologo brasileiro João Ribeiro, expostas em sua excellente *Selecta Classica*:

« Já o mais antigo dos nossos grammaticos, Fernão d'Oliveira, pedia a suppressão do *h*, letra abstracta e sem som que lhe corresponda. Pouco a pouco melhor estudadas, foram desaparecendo as graphias: *author, theor, contheudo*, etc. O estudo mais considerado do grego dissipou os erros grosseiros: *systhema, cathegoria, authomato*; a conveniencia da prosodia evitou que se adoptasse *anhemia* e outros equivalentes; a propria etymologia bem estudada já destruiu o *h* de *ontem, onbro, postumo, exuberante*, em vez de erros tradicionaes: *hontem, hombro, posthumo* (com *h* por erro no mesmo latim), *exhuberante*; nomes proprios melhor estudados já não o contêm: *Tereza* e não *Thereza* (influxo do francês), *Theodulfo* e não *Theodolpho* etc.

« Hoje excellentemente aconselha Gonçalvez Viana a supressão do *h* em varios casos—quer entre vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c, l, n* para designar-lhes o valor de consoantes palatinas e provisoriamente quando inicial por qualificada etimologia.—»

Os ditongos oraes são os seguintes :

<i>ai</i> : naipe, pai	<i>iu</i> : sentiu
<i>au</i> : nauta	<i>oi</i> : noite
<i>ei</i> : lei	<i>ou</i> : ouro
<i>eu</i> : Europa	<i>ui</i> : ruivo

São considerados semi-ditongos :

<i>ea</i> : nivea	<i>io</i> : vario
<i>ia</i> : gloria	<i>ua</i> : agua
<i>ie</i> : serie	<i>ue</i> : guela
	<i>uo</i> : arduo

Os ditongos nasaes são :

<i>âi</i> : māi	<i>uan</i> : quando
<i>ão</i> : pão	<i>uen</i> : quinquenio
<i>eem</i> : teem	<i>uin</i> : quinquevirato
<i>õe</i> : lições	

A primeira das duas letras do ditongo chama-se *prepositiva*; a segunda chama-se *pospositiva* ou *subjuntiva*.

Fazemos observar que nas palavras *mui* e *muito* ha para os Portuguezes um ditongo oral. E assim que Camões rimou *muito com fruto*. Para os Brasileiros ha nestas palavras um ditongo nasal, pois que as pronunciam como si ellas fossem escritas *muin*, *muinto*.

Quando as duas vogaes formarem ditongo deve-se escrever as pospositivas *i*, *u*, em lugar de *e*, *o*.

Os grupos de vogaes são representados conforme a pronuncia.

Devemos notar, porém, a irregularidade que ha na representação de alguns grupos de vogaes, divergindo entre si quer os grammaticos quer os escritores mais notaveis.

## II

### Grupos vocaes e grupos consonantae

**Ditongo** é a união de duas vogaes em uma só sillaba, pronunciadas de uma só vez: *pai*, *ouro*.

**Tritongo** é a união de tres vogaes em uma só sillaba, pronunciadas de uma só vez: *aio*, *iguaes*.

**Hiato** é a união de duas vogaes, pronunciadas separadamente: *luar*, *sauda*.

E' com notar que em algumas palavras como *rio*, *frio*, *tio*, a formação do ditongo, ou do hiato depende do modo de pronuncia-las.

Assim para os habitantes do Sul do Brasil ha nestas palavras um ditongo: elles pronunciam *friu*, *tiu*; para os habitantes do Norte ha nelas um hiato; pronunciam a vogal *i* separadamente da vogal *o*. No 1.<sup>o</sup> caso a palavra tem uma só sillaba, no 2.<sup>o</sup> tem duas.

Os ditongos dividem-se em oraes e nasaes.

**Oral** é o ditongo que contem somente vozes oraes: *aula*, *boi*.

**Nasal** é o ditongo cuja primeira voz é nasal: *mão*, *lições*.

A divergência aparece quando a subjuntiva do ditongo é *i, u, e, o.*

Parece-nos ser de melhor ortographia o emprego de *i, u, e* assim escrever: *pai* e não *pae*; *pau* e não *pão*; *céu* e não *céo*; *partiu* e não *partio*; *Deus* e não *Deos*.

No ditongo *eu* quando o som *e* for aberto não ha razão para mudar a graphia escrevendo *eu* e *éo*; basta, conservando a fórmula *eu*, acentuar a primeira vogal: *céu* e *seu*.

Assim o fazemos em: *réis* e *reis*; *herói*, *combóio* e *boi*, *foi*. Haveria maior uniformidade na escrita.

E' necessário que alguma cousa se firme neste sentido. E' incoerença escrever *mais, amais* e *vogaes*. Si a grande divergência se nota nas sillabas finaes das palavras, parece-nos que o criterio do ditongo ou hiato pôde resolver as duvidas, isto é, escrever *i, u* quando estas letras formarem ditongo com outra vogal e escrever *e, o* quando formarem hiato.

Comtudo é uso geral empregar *aes, ues*, no plural dos nomes terminados em *al, ul*, ortographia que, por este motivo, empregamos no presente trabalho.

**Grupo consonantal** é a reunião de consoantes diferentes: *globo*.

**Consoante dobrada** é a reunião de duas consoantes iguaes, consecutivas: *sommā, forro*.

A escritura, na accepção mais geral, é um sistema de figuras com o fim de dar ao pensamento uma fórmula permanente.

A escritura é ideographicá, quando exprime as proprias idéas; phonética, quando representa os sons que compõem as palavras.

A primeira fórmula de escrita pertencem os *hieroglyphos* dos Egypciros.

Na ordem immediata a esta fórmula de escrita, vem a *escritura sillabica*, até que, decompondo-se as sillabas em sons simples, foi inventado o *alphabeto*, palavra originada das duas primeiras letras do alfabeto grego: *alpha* e *beta*.

Introduzido na Grecia pelo seu inventor o phenicio Cadmo, em breve foi levado á Italia e d'ahi espalhado por todo o mundo.

Tinha a principio sómente 16 letras.

As letras *i, u*, até ao seculo 17.º, representavam o duplo papel de vogaes e consoantes; mais tarde cederam o valor de consoante ao *j, v*.

« Foi Ennio quem introduziu o uso de escrever duplas

as consoantes que se faziam sentir com mais força no corpo das palavras. Até a época dos Gracchos se escrevia indiferentemente com letras simples ou dobradas. O uso das letras dobradas, prevaleceu da guerra de Jugurtha em diante.»

O nosso alfabeto é ainda hoje sumamente defeituoso, não só porque possui diversas letras para o mesmo som: *c, ç, s, x, ss* para o som *cê*; como tambem porque possui a mesma letra para diversos sons: *x* tem o som *xê, zê, cê, csê*, etc.

#### Algumas regras ortographicas

Além das regras que se pôdem deduzir dos diversos sons que têm as letras, devemos observar as seguintes:

a) Antes de *b, m, p*, usa-se *m* e não *n*: *ambos, commun, campo*.

Exceptuam-se as palavras compostas: *circumstancia*.

Alguns escritores não aceitam a excepção e escrevem: *circunstancia*.

b) Nenhuma palavra começa ou termina por letra dobrada.

c) Não se dobram as vogaes. Dado o caso que, pela transformação dos sons, se encontrem duas vogaes, é costume representar por uma só com um acento agudo ou circumflexo: *mala-maa-má, dolor, door, dôr*.

d) Com excepção de *j, k, q, v, x, z*, todas as mais consoantes pôdem vir dobradas, notando-se que se dobram entre vogaes.

E' tendência geral a eliminação das consoantes dobradas, a não ser que tenham valor na pronuncia da palavra, como *rr, ss*, etc.

e) Ao partirem de os vocabulos em fim de linha, deve-se observar de preferencia as sillabas phoneticas pela soletração e não pela separação dos elementos de derivação.

Não se deve separar os vocabulos compostos, pelos seus elementos de composição, visto, em mui-

tos casos, não haver conhecimento desses elementos por parte de quem fala, como até adquirirem os vocabulos uma forma diferente e esquisita.

Assim é preferivel separar: *subs-cre-ver, bi-sa-vô, de-su-nir, respec-ti-vo*.

Como diz Gonçalves Vianna: A divisão etimologica á latina ou á ingleza (ainda mais artificial e exagerada) é pouco natural porque parte sillabas phoneticas, cujos elementos são inseparaveis, sem vantagem para a clareza e em contrario da tradição que tanto respeitava o principio de a lingua escrita ser a imagem da falada.



### III

#### Sistemas ortographicos

Tres são os sistemas ortographicos: *etimologico, phonetico, misto ou usual*

O sistema etimologico baseia-se na origem, derivação ou etimologia da palavra.

Por este sistema devemos escrever *thio, phthisica*.

Grandes são os defeitos deste sistema: 1.º o desconhecimento da origem de todas as palavras; 2.º a origem do maior numero de palavras só pôde ser conhecida pelos doutos; 3.º a completa diferença entre a palavra escrita segundo a etimologia e a palavra pronunciada; 4.º a divergência de opiniões sobre a origem de algumas palavras, fazendo com que varie o modo de ortographa-las.

O sistema phonetico baseia-se na pronuncia dos vocabulos.

Por este sistema devemos, por exemplo, escrever *omem (homem)*. Cada letra tem um unico valor.

Diversas têm sido as reformas apresentadas para o completo dominio deste sistema; tudo, porém, tem sido em vão.

A grande dificuldade está na diversidade entre

os varios modos de se pronunciarem os vocabulos nos diferentes lugares em que é a lingua falada.

Como diz José de Castilhos:

« O accento peculiar do portuguez é um em Portugal, outro nas ilhas, outro no Brasil, outro na Africa, outro na Asia, outro na Polynesia. O portuguez de Lisboa differe na pronuncia de muitos vocabulos do portuguez de Coimbra, do do Porto, do de Tras os Montes, do de Algarve »

O mesmo podemos dizer do portuguez falado no Brasil.

Em quanto no sul os brasileiros abrem as vogaes pronunciando, por exemplo, *dépressa*, no norte fecham-nas e dizem, por exemplo :

*Lá vem a CANUA carregada de CUCUS de PUPA a PRUA.*

O sistema misto ou usual é de todos o preferivel, embora tenha tambem defeitos.

Este sistema estabelece um meio termo entre os dois outros; basea-se na origem e na pronuncia das palavras.

Dado o caso que sejam completamente diferentes, querem uns que se observe de preferencia a etimologia, outros, a pronuncia.

A tendencia moderna é despojar as palavras dos elementos superfluos; o principio é: letra que não sôa, deve desaparecer. Deve-se, pois, no caso de duvida preferir a pronuncia.

E' assim que vão sendo aceitos como factos:

A eliminação do *h* quer entre vogaes quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c*, *l*, *n*, porque lhes dá outro valor, ou quando é letra inicial por justificada etimologia: *charuto*, *milha*, *manhã*, *homem*.

Redução das consoantes dobradas a um só, com excepção de *mm*, *nn*, *rr*, *ss*: *emmalar*, *enmatar*, *carro*, *cassa*.

Supressão das consoantes que não soam na pronuncia: *escrito*, *dito*, *sete*.

A Academia Brasileira de Letras, em Abril de 1907, apresentou um projecto de simplificação da ortographia portugueza que foi aprovado sob as seguintes bases:

Regra 1.<sup>a</sup>— Sempre que se encontrem diversas grafias autorizadas da mesma palavra, escolher-se-á a que melhor se aproxime da boa pronuncia.

Assim preferir *au*, *ai*, *eu*, *iú*, a *ao*, *ae*, *eo*, *io* quando constituirem ditongo. Preferir a inicial *i* nas palavras que alguns autores escrevem com *e*.

Regra 2.<sup>a</sup>— Eliminar-se-á, por completo, o uso das letras *k*, *y*, *w* em todas as palavras portuguezas.

Em vez de *k* escrever *c* antes de *a*, *o*, *u*, ou escrever *qu* antes de *e*, *i*.

Em vez de *w* escrever *u* ou *v*, conforme o som que tiverem.

Regra 3.<sup>a</sup>— Eliminar-se-á o uso do *h*, salvo nos grupos *ch*, *lh* e *nh* soando como consoantes palatinas, ou quando se tratar de palavra que seja composta de outra que tenha o *h* inicial.

Nunca se escreverá *ch* com o som duro de *c*. Deverá ser substituído por *c* antes de *a*, *o*, *u*, ou por *qu*, antes de *e*, *i*.

Nunca se escreverá *ph* com o som de *f*.

Regra 4.<sup>a</sup>— Eliminar-se-á o uso do *g* com o som de *j* no meio das palavras.

Regra 5.<sup>a</sup>— Eliminar-se-á o uso do *s* com o som de *z*.

Regra 6.<sup>a</sup>— Salvos os casos em que se empregam os *ss* e os *rr* dobrados, os pronomes pessoais *elle*, *ella* e seus derivados, *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, suprimir-se-ão todas as consoantes geminadas, quando o som de uma delas não se distinga na pronuncia.

Regra 7.<sup>a</sup>— Nenhuma palavra se escreverá em-

pregando consoante que não tenha nella valor. Assim suprime-se no grupo *sc* a letra *s*, etc.

Regra 8.<sup>a</sup> — Nunca se começará palavra alguma com *ç*.

Regra 9.<sup>a</sup> — Os substantivos e adjetivos cuja terminação tonica seja no singular em *az, ez, iz, oz, uz*, devem escrever-se com *z* final. O som forte *ás, és, is, ós, us* de substantivos e adjetivos só se escreve com *s* quando a palavra estiver no plural.

Regra 10.<sup>a</sup> — As palavras terminadas no som *ão* ou *ã* longo, empregam a vogal *a* com o til; as terminadas nos mesmos sons com a pronuncia breve terão a vogal *a* seguida de *m* ou *n*.

Assim *manhã, pagã, orfam, amam*, etc.

Regra 11.<sup>a</sup> — Não se empregará o sinal de sinalefa nas contrações *deste, desta, disto, neste, nista, nisto, daquelle, nelle, nella, daquella, daquillo, destoutro, daquelloutro*.

#### IV

#### Sílabas—Acentuação

 **Sílaba** é a letra ou o grupo de letras pronunciadas de uma só vez.

Quando estas sílabas formam uma idéa temos a *palavra*.

Uma sílaba pode ter de uma até cinco letras: *a, de, par, gras, trans*.

Conforme o numero de sílabas as palavras podem ser:

**Monosílabo**, aquella palavra que tem uma unica sílaba: *dôr, pai*.

**Dissílabo**, aquella que tem duas sílabas: *livro, branco*.

**Trissílabo**, aquella que tem tres sílabas: *tinteiro, caneta*.

**Polissílabo**, aquella que tem mais de tres sílabas: *grammatica, inconstitucionalidade*.

**Acento** é a maior ou menor intensidade, a maior ou menor predominancia que pode ter a sílaba d'uma palavra.

O acento é considerado, na frase de Diomedes, a alma da palavra, ou, na opinião de Humboldt, a viva emoção do sentimento que acompanha o discurso, o medeador entre o pensamento e a fórmula. (*Apud Pacheco e Lameira.—Gr. Portugueza.*)

A palavra acento vem do Latim *accentus* que correspondia a *tonos* do Grego, *tom*, *tenro*, da tensão das cordas da lira.

A adopção destes termos pelos grammaticos latinos parece provar que o acento latino tinha, como o acento grego, um valor musical.

A anedota conhecida do tocador de flauta que dava o tom ao orador Caio Gracch com o instrumento chamado *tonarion*, confirma as informações fornecidas pelos grammaticos, assim como por Cicero e Quintiliano. (*Guardia e Wierzeyski*).

Conforme a quantidade os sons das palavras podem ser *longos* ou *breves*.

**Longo** é o som que tem mais duração.

**Breve** é o som que tem menos duração.

Conforme a intensidade a voz é *tonica* ou *atona*.

**Tonica** é a voz acentuada.

**Atona** é a voz não acentuada.

**Predominante** é a sillaba sobre que o acento cai.

Conforme a sillaba predominante a palavra é :

**Oxitona** ou **aguda**, aquella, cuja sillaba predominante é a ultima : *missal, amor*.

**Paroxitona** ou **grave**, aquella, cuja sillaba predominante é a penultima : *tinteiro, caneta*.

**Proparoxitona, esdruxula, ou datilica**, aquella, cuja sillaba predominante é a ante-penultima : *húmida, cámara, pécego*.

As duas ultimas denominações pôdem-se reunir sob o nome de **baritonas**.

E' bom notar que em algumas palavras appa-

rece mais de um acento ; ha como que um ritmo que se não pôde transgredir : *modestamente, civiliadade*.

Ha certas palavras tambem que não têm acentuação propria, sujeitam-se á acentuação de outras palavras a que se ligam ; taes são : *me, te, se, lhe, lhes, nos, vos, o, a, os, as*.

Neste caso pôde a acentuação cair na sillaba anterior á ante-penultima : *annuncia-se-lhes*.

Esses monosyllabos são denominados *enclitics*.

E' bom não confundir acento orthographic com acento prosodico.

Aquelle é um signal que modifica as vozes : *acento agudo, circumflexo etc.*

Este exprime a elevação maior ou menor da voz.

E' assim que a voz pôde ser acentuada, isto é, ser pronunciada com maior força e entretanto não levar nenhum signal orthographic : na palavra *carídua* a sillaba *da* é a acentuada, entretanto não está indicada por signal algum, por nenhum acento.



V

Alteração de sons

As palavras soffrem diversas modificações por adição, subtração, transposição e absorção de sons. Estas modificações têm o nome de *figuras de metaplasmos* ou *metaplasmbos* (do grego *metaplasmos*), que significa transferencia.

São figuras de adição:

**Protese** que aumenta sons no começo do vocabulo: *alevantar* por *levantar*; *acostumado* por *costumado*.

**Epentesis** que aumenta sons no meio do vocabulo: *Marorte* por *Marte*; *despois* por *depois*.

**Paragoge** que aumenta sons no fim do vocabulo: *martire* por *mártir*.

São figuras de subtração:

**Aphesis** que diminui sons no começo do vocabulo: *postema* por *apostema*; *hi* por *ahi*.

**Sincope** que diminui sons no meio do vocabulo: *mór* por *maior*; *malina* por *maligna*.

**Apocope** que diminui sons no fim do vocabulo: *cacer* por *carcer*; *assi* por *assim*.

São figuras de transposição:

**Metatese** que muda indeterminadamente o lugar dos sons do vocabulo: *gurlanda* por *grinalda*; *frol* por *flôr*.

**Tmesis** que muda as palavras enclíticas para o meio das formas de certas palavras: *dir-te-ei* por *direi-te*; *amar-te-ia* por *amaria-te*.

São figuras de absorção:

**Sinalepha** que absorve a vogal final de um vocabulo quando o vocabulo seguinte começa por vogal: *d'est'arte* por *de esta arte*; *do* por *de o*.

**Ectipse** que absorve a vogal nasal no fim de um vocabulo: *co'os* por *cõ os*.

E figura muito usada no verso, principalmente para diminuir o numero de sillabas por necessidade de metrificação.

**Crase** que absorve um som quando se encontra com outro igual; reune dois sons iguaes num só: *á* por *a a*, e antigamente *ó* por *a o*.

Contração que parece á primeira vista estar na mesma relação de *d'o—do—de o* é a contração *no, numa* e em geral as contrações com a palavra *em*, que geralmente se escrevem *n'uma*, —*em uma*; *n'aquelle*—*em aquelle* etc. Este modo de escrever é errado. Somente pela presteza da escrita e para maior facilidade, se escreve *do* em lugar de *d'o*, usado em gallego; como se escrever *n'uma* por *em uma* quando não ha letra a suprimir entre a palavra *em* e *uma*?

Podia-se colocar o apóstrofo, signal de suppressão da letra, no começo da palavra *'numa* como se faz em *'tê* por *até*. Mas mesmo assim havia uma incorreção pois que a letra *n* que *ahi* aparece não vem do vocabulo *em*.

Brilhantemente explica Leite de Vasconcellos, da seguinte maneira, as transformações sofridas por esta palavra:

« Quando tinha de se dizer *em o chão*, *em a casa*, etc., dizia-se nas épocas antigas *em lo chão*, *em la casa*, pois que não havia outra fórmula do artigo.

Uma nasal, porém, em contacto íntimo com uma consoante, dá, às vezes, a esta o carácter de nasal, e assim de *em lo*, *em la* fez-se *em no*, *em na*.

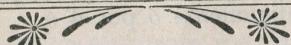
Os exemplos destas formas são numerosíssimos até o século 15.<sup>o</sup>, aparecendo ainda alguns no século 16.<sup>o</sup>

Depois as nasaes foram absorvidas pela consoante nasal seguinte e *em no*, *em na* se tornaram respectivamente *en-o*, *en-a*; *eno*, *ena*.

E como o *e* inicial em português está sujeito em certas circunstâncias à apherese ou quédia, facilmente o *e* de *eno* antes de outra palavra a cujo acento se subordina, foi suprimido na pronúncia e disto resultou a forma moderna *no* com suas flexões *na*, *nos*, *nas*.

Resumindo vê-se que a evolução histórica de *no* foi a seguinte; *em-lo em no-e no-eno-no*.

Por analogia o mesmo fenômeno foi transportado para as outras contrações em que entrava o elemento *em*, e escreve-se: *neste, naquelle, numa* etc., e não *n'este, n'aquelle, n'uma*.



## MORPHOLOGIA

**Taxinomia**: estuda a classificação das palavras.

**Campenomia**: estuda à flexão das palavras.

**Etimologia**: estuda a origem das palavras.

## MORPHOLOGIA

**Morphologia** é a parte da grammatica em que se estudam as fórmas das palavras.

A morphologia divide-se em tres partes : *Taxinomia*, *Campenomia* e *Etimologia*.

### I

#### Taxinomia

**Taxinomia** é a parte da morphologia em que se estuda a classificação das palavras.

Conforme as variações que as palavras soffrem, estas se dividem em variaveis e invariaveis.

**Variaveis** são aquellas que soffrem modificações para exprimirem genero, numero, grau, modo, tempo etc.

**Invariaveis** são aquellas que não soffrem modificações.

Estas modificações se chamam *flexões*.

O caracter da flexão não é bastante determinado. Palavras consideradas *invariaveis* soffrem algumas variações; certamente varia em certissimamente; tambem palavras consideradas *variaveis* não mudam de forma: *quem*, *que*.

Consideradas historicamente as palavras se podem dividir em primitivas e derivadas.

**Primitivas** são as que não se originam de outras, dentro da língua: *arvore, mar*.

**Derivadas** são as que se originam das primitivas: *arvoredo, marujo*.

Comparados uns com os outros os vocabulos são: sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos.

As duas primeiras classes são consideradas fazendo parte da família ideologica; as duas últimas, da família phonica.

As primeiras representam idéas similares ou completamente opostas. As segundas, sem representarem similaridade de idéias, confundem os sons.

**Sinônimos** são os vocabulos que têm identico significado: *amor, amisade, estima; vêr, enxergar, olhar*.

Não pôde haver sinônimos perfeitos senão quando um delles está em desuso; si ambos são usados esta sinônimia perfeita não pôde durar muito tempo, porque o pensamento não se sobrecarregará com uma bagagem inutil e por fim se desembaraça de um delles. (*Darmesteter*).

São diversas as causas da variedade dos sinônimos.

Entre as principaes contamos:

1.<sup>a</sup> Formas divergentes produzidas por palavras de fundo popular: *mancha*, e de fundo erudito: *macula*, ou produzidas pela origem do nominativo *ladro* e do acusativo *ladrão*.

2.<sup>a</sup> Tecnologia científica: *odontalgia, dôr de dentes; beixiga, varíola*.

3.<sup>a</sup> Diferenças locaes: *doce, bolos; pacora, banana*.

Na infancia das línguas é extraordinario o numero dos sinônimos que tem uma palavra.

**Antônimos** são os vocabulos que têm significados oppostos: *frio, calor; noute, dia*.

**Homônimos** são os vocabulos que, embora escritos ou pronunciados de modo similar, têm diverso significado: *fato, roupa e facto, acontecimento; cirio, grande vela, sirio, estrela, Syrio, natural da Syria*.

Os homônimos dividem-se em *homophonos* e *homographos*.

**Homophonos** são os vocabulos que têm o mesmo som, embora escritos de modo diferente: *sexta, a sexta parte e cesta, vaso feito de varas; nós, pessoa e noz, amendoa*.

**Homographos** são os vocabulos que têm a mesma escrita e portanto o mesmo som: *bóta, calçado, bota, variação da palavra botar (collocar)*.

A homonímia dá nascimento aos trocadilhos que os franceses chamam *calembourgs*.

Entre os latinos citamos: *Malam malam malam*. Preferiu uma maçã (face) desagradável.

*Nisi non nisi nisi in aliis*. Os gaviões não se estribam senão nas azas.

*Quid facies Veneris cum veneris ante? Ne sedias sed eas, ne pereas per eas*. Que farás quando chegaras ante as faces de Vênus? Não pares porém segue senão morrerás por elas.

Entre as causas da homonímia podem-se enumerar:

Contracção de palavras: *grão* (contraido de *grande*) significando tamanho, e *grão* significando caroço; *cem* (contraido de *centum*) indicando numero, e *sem* indicando exclusão.

Corrupção phonética: a não pronuncia das letras dobradas: *pelo e pello*.

**Parônimos** são os vocabulos que têm quasi identica pronuncia. Têm sentido diverso e são resultantes principalmente dos metaplasmos: *descrição e discreção; suar e soar; detrair e distrair*.

Atendendo-se à significação dos vocabulos, elles se dividem em: substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção ou mais resumidamente em: nome, verbo, partículas.

Destas são invariaveis o advérbio, a preposição e a conjunção.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circunstancia notavel em sua vida.

Assim: *Aristides* era o melhor; *Job* que geme; *Archimedes* eminente machinista ou pensador; *Abrahão* pai da multidão; *Agar* estrangeira.

Este costume se encontra vivo nas tribus indigenas do Brasil: *Piragibe* espinha de peixe; *Poty* camarão.

E', pois, opiniao corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epitetos.

Os substantivos appellativos dividem-se em abstractos, concretos, collectivos e verbaes.

**Abstracto** é o substantivo que indica seres que só existem na nossa imaginação, isto é, não têm existencia real: *bondade, virtude*.

**Concreto** é o substantivo que indica seres que têm existencia real: *homem, banco*.

**Collectivo** é o substantivo que, estando no singular, indica pluralidade, indica multidão, reuniao de seres da mesma especie: *povo, exercito, rebanho*.

E' principal caracteristico destes substantivos exprimir pluralidade estando no singular.

Estes substantivos pôdem, porém, ser usados no plural.

E' assim que, si o substantivo exprime uma colleção (singular), se pôde imaginar a existencia de mais de uma colleção (plural): *um rebanho, dois rebanhos*.

O collectivo pôde ser *geral* e *partitivo*.

**Geral** é o que indica a totalidade da colleção: *tropa*.

**Partitivo** é o que indica uma parte da colleção: *batalhão*.

Pôde ser determinado e indeterminado.

**Determinado** é o que indica um numero certo, positivo: *duzia*.

**Indeterminado** é o que indica um numero incerto, uma quantidade indeterminada: *chusma*.

Ha certos collectivos, diz Julio Ribeiro, que se pôdem chamar *especiaes* porque se applicam mais particularmente a uma cousa do que a outra.

## Substantivo

**Substantivo** é a palavra que designa o nome de animal ou cousa: *Pedro, livro*.

Divide-se em proprio e appellativo.

**Proprio** é o substantivo que indica individualmente um animal ou cousa, distinguindo-o dos outros: *João, Pernambuco*.

**Appellativo** é o que indica a idéa de diversos animaes ou cousas, pertencentes a uma classe commun: *pedra, menino, gato*.

O appellativo é tambem chamado *commum*.

Os substantivos proprios tornam-se appellativos quando são empregados para indicar um grupo, uma classe: *Os Andradadas*.

Nos substantivos proprios de pessoa temos a considerar o *prenome* que é o chamado *nome de batismo*, e o *cognome*, chamado *nome de familia*.

Assim em *Joaquim Nunes Machado*, *Joaquim* é o *prenome* e *Nunes Machado* é o *cognome*.

Os cognomes tirados dos prenomes têm a denominação especial de *patronímicos*: *Alvares* derivado de *Alvaro*, *Fernandes* derivado de *Fernando*, etc.

Entre outros enumeramos:

Alcatéa de lobos	<i>Enxame</i> de abelhas
Armento de bois.	<i>Fato</i> de cabras
<i>Bando</i> de { aves ciganos salteadores	<i>Jolda</i> ou <i>choldra</i> de assassinos
Cáfila de camellos	<i>Malta</i> de capoeiras
Cardume de peixes	<i>Manada</i> de bois
Chusma de criados	<i>Matilha</i> de cães
<i>Corja</i> de { bebedos ladrões tratantes vadios	<i>Manga</i> de arcabuzeiros <i>Nuvem</i> de moscas <i>Ponta</i> de mulas <i>Quadrilha</i> de ladrões <i>Rancho</i> de soldados <i>Récua</i> de cavalgaduras <i>Roda</i> de homens <i>Sucia</i> de velhacos <i>Vara</i> de pôrcos.

**Substantivo verbal** é a parte do verbo empregada como substantivo: *o raiar* da lua.

Como o verbo, qualquer palavra ou mesmo uma frase intira pôde tornar-se substantivo. A estas palavras dá-se o nome de *substantivo improprio*.

**Locução substantiva** é um grupo de palavras com função de substantivo: *guarda-roupa*, *bem-te-vi*, *Pedro Ivo*.

### III

#### Adjectivo

**Adjectivo** é a palavra que exprime um atributo qualificativo ou determinativo que modifica o substantivo.

Seu principal caracteristico é vir sempre com o

substantivo claro a que modifica; quando está este oculto o adjetivo toma a denominação de *pronomé*.

O adjetivo divide-se em *qualificativo* e *determinativo*.

**Qualificativo** é o que mostra a qualidade ou propriedade da pessoa ou cousa expressa pelo substantivo: *bom* livro, *casa grande*.

**Determinativo** é o que limita, distingue ou designa a pessoa ou cousa expressa pelo substantivo: *meu* livro, *esta* casa.

O adjetivo qualificativo divide-se em *explicativo* e *restrictivo*.

**Explicativo** é o que mostra uma qualidade essencial, uma qualidade que já pertence ao substantivo: homem *bipede*, agua *molle*.

**Restrictivo** é o que mostra uma qualidade accidental, accessoria, que pôde pertencer ou não ao substantivo: homem *branco*, rosa *encarnada*.

Praticamente para distinguir-se o adjetivo restrictivo do explicativo basta collocar-se antes do substantivo a palavra *todo* e, si o sentido ficar completo e logico, o adjetivo será explicativo, no caso contrario será restrictivo.

Essa distinção é baseada mais na significação do substantivo do que na propriedade do adjetivo: assim é que um mesmo adjetivo pôde ser explicativo ou restrictivo, conforme o substantivo com que concordar: gelo *frio*, *frio* é adjetivo explicativo; tempo *frio*, *frio* é adjetivo restrictivo.

**Locução adjectiva qualificativa** é um grupo de palavras com função de adjetivo qualificativo: mesa *de marmore*, isto é, mesa *marmorea*; raio *da terra*, isto é, raio *terrestre*.

Os adjetivos determinativos dividem-se em :

Determinativos . . .	<table border="0"> <tr> <td>Possessivos</td><td></td></tr> <tr> <td>Demonstrativos</td><td></td></tr> <tr> <td>Relativos</td><td>Cardinaes.</td></tr> <tr> <td>Quantitativos</td><td>Numeraes</td></tr> <tr> <td>Articulares</td><td>Indefinidos</td></tr> <tr> <td></td><td>Ordinaes.</td></tr> </table>	Possessivos		Demonstrativos		Relativos	Cardinaes.	Quantitativos	Numeraes	Articulares	Indefinidos		Ordinaes.
Possessivos													
Demonstrativos													
Relativos	Cardinaes.												
Quantitativos	Numeraes												
Articulares	Indefinidos												
	Ordinaes.												

**Adjectivo possessivo** é o que exprime idéa de posse em referência ás pessoas grammaticaes.

As palavras que representam as pessoas grammaticaes são :

*Eu, nós* (1.<sup>a</sup> pessoa), *tu, vós* (2.<sup>a</sup> pessoa), *elle, ella, elles, ellas* (3.<sup>a</sup> pessoa).

Os adjetivos são, portanto :

Masculino : *meu, teu, seu*.

Feminino : *minha, tua, sua*.

referindo-se a uma só pessoa.

Masculino : *nosso, vosso*.

Feminino : *nossa, vossa*.

referindo-se a mais de uma pessoa.

As fórmas do plural são : *meus, teus, seus, minhas, tuas, suas, nossos, vossos, nossas, vossas*.

**Adjectivo demonstrativo** é o que indica a posição das pessoas e dos objectos.

São simples e compósitos.

#### Simples :

*Este, esta, estes, estas, isto; esse, essa, esses, essas, isso; aquelle, aquella, aquelles, aquellas, aquillo; o, a, os, as* (antes de *que*).

#### Compósitos :

*Est'outro, est'outra, est'outros, est'outras, ist'outro.*

*Ess'outro, ess'outra, ess'outros, ess'outras, iss'outro.*

*Aquell'outro, aquell'outra, aquell'outros, aquell'outras, aquill'outro.*

As fórmas : *isto, isso, aquillo*, e seus compósitos *ist'outro, iss'outro* e *aquill'outro, o, a, os, as* são considerados como *pronomes*.

Os elementos *est, ess, aquell, ist, iss, aquill*, se conservam invariaveis.

*Este* e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa que fala (1.<sup>a</sup> pessoa).

*Esse* e suas variações referem-se á pessoa ou ao objecto que está proximo á pessoa com quem se fala (2.<sup>a</sup> pessoa).

*Aquelle* e suas variações referem-se á pessoa ou objecto que está distante de ambos (3.<sup>a</sup> pessoa).

**Relativo** é o que lembra uma pessoa ou cousa e liga orações. E, por isto, chamado também *conjuntivo*.

São : *qual, quaeas; que; quem; cujo, cuja, cujos, cujas; onde*.

Estas palavras devem antes ser incluídas na classe dos pronomes, pois que, com excepção de *cujo*, não trazem substantivo junto com que concordem.

**Quantitativo** é o adjetivo que indica um numero, uma quantidade certa ou incerta.

Quando exprime uma quantidade certa, chama-se **numeral**.

Quando exprime um numero, uma quantidade incerta, indeterminada, chama-se **indefinido**.

Os numeraes dividem-se em *cardinaes* e *ordinaries*.

**Cardinal** é o que exprime simplesmente a idéa numerica : *cinco, cem*.

**Ordinal** é o que indica numero com idéa de ordem, de collocação : *quinto, centesimo*.

Os adjetivos numeraes ordinaes são os seguintes :

Primeiro

Segundo

Terceiro

Quarto

Quinto

Sexto

Setimo

Oitavo

Nono

Decimo

Decimo primeiro ou undecimo

Decimo segundo ou duodecimo

Decimo terceiro etc.

Vigesimo

Trigesimo

Quadragesimo

Quinquagesimo

Sexagesimo

Septuagesimo

Octogesimo

Nonagesimo

Centesimo

Ducentesimo

Tricentesimo

Quadrigentesimo

Quingentesimo

Sexcentesimo

Septingentesimo

Octingentesimo

Nonagentesimo

Millesimo

Millionesimo

Pódem ser incluidos na classe dos numeraes os *multiplicativos*: *simples*, *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, *quintuplo* etc., assim como *corja* que antigamente significava um numero de 20 peças da mesma especie, *ponche*, bebida composta de cinco ingredientes, *acroba*, palavra arabe que significa a quarta parte etc.

Da mesma forma as palavras *dizimo*, *grosa* (doze duzias), *par* (dois), *novena*, *vintena*, *quarentena*, os numeraes italianos *duo*, *trio* etc. e os nomes formados com os termos latinos *deci*, *centi*, *milli*, e com os termos gregos *deca*, *hecto*, *kilo*, *miria*, usadas estas duas classes ultimas em arithmeticá.

Entretanto todas estas palavras são consideradas como substantivos, o mesmo acontecendo a *biennio*, *triennio*, *centenario* etc. e os formados com o termo *ávos*: *onz'ávos*, *doz'ávos* etc.

**Indefinido** é o que indica numero ou quantidade não determinada, incerta.

Podemos enumerar os seguintes :

*Algum*, *alguma*, *alguns*, *algumas*, *alguem*.

*Ambos*, *ambas*.

*Cada*.

*Cada um*, *cada qual*.

*Certo*, *a*, *os*, *as*. No latin classico a forma é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brasil.

*Demais*.

*Diverso*, *a*, *os*, *as*.

*Mesmo*, *a*, *os*, *as*.

*Mais*.

*Menos*.

*Muito*, *a*, *os*, *as*.

*Nada*.

*Nenhum*, *nenhuma*, *nenhuns*, *nenhumas*, *ninguem*.

*Outro*, *a*, *os*, *as*, *outrem*.

*Pouco*, *a*, *os*, *as*.

*Qual*, *quaes* (repetido).

*Qualquer*, *qualquier* (forma arcaica), *quaesquer*.

*Quanto*, *a*, *os*, *as*.

*Que* (significando *qual*, *quaes*, *quanto*, *que causa*).

*Quem* (repetido).

*Só*.

*Tal*, *taes*.

*Tanto*, *a*, *os*, *as*.

*Todo*, *a*, *os*, *as*, *tudo*.

*Um*, *uma*, *uns*, *umas*.

*Vario*, *a*, *os*, *as*.

Entre os *indefinidos* pôdem ser incluidos : *Fulano*, e por analogia—*sícrano*, *beltrano* e o termo—*gente*.

**Adjectivo articular ou artigo** é a palavra que modifica o substantivo de um modo preciso, determinado, particular.

O artigo portuguez é unicamente com suas variações : *o*, *a*, *os*, *as*.

O artigo contrai-se e combina-se, em geral, com os termos *a*, *de*, *em* e *per* da maneira seguinte :

<i>ao</i> —a o	<i>no</i> —em o
<i>á</i> —a a	<i>na</i> —em a
<i>aos</i> —a os	<i>nos</i> —em os
<i>ás</i> —a as	<i>nas</i> —em as
<i>do</i> —de o	<i>pelo</i> —per o
<i>da</i> —de a	<i>pela</i> —per a
<i>dos</i> —de os	<i>pelos</i> —per os
<i>das</i> —de as	<i>pelas</i> —per as

Além do artigo *o* e suas variações, a língua portuguesa conserva o artigo *el*, arcaico, usado em fórmulas como *el-rei*, *el-dourado*.

Já vimos que pódem os adjetivos determinativos ser usados sem substantivo claro, e que tomam, quando exercem esta função, a denominação de pronome.

Alguns grammaticos, porém, só dão a denominação de pronome aos pessoas.

**Pronome pessoal** é o que lembra um nome em referência ás pessoas grammaticaes.

As pessoas grammaticaes são tres: aquella que fala, aquella com quem se fala e aquella de quem se fala.

Os pronomes pessoaes são tres:

1.<sup>a</sup> pessoa: *eu, nós*.

2.<sup>a</sup> pessoa: *tu, vós*.

3.<sup>a</sup> pessoa: *elle, ella, elles, ellas*.

As variações da 1.<sup>a</sup> pessoa são:

*me, mim, commigo*.

*nós, comnosco*.

As variações da 2.<sup>a</sup> pessoa são:

*te, ti, comtigo*.

*vós, comvosco*.

As variações da 3.<sup>a</sup> pessoa são:

*lhe, lhes*.

*o, a, os as*.

*se, si, comsigo* (fórmulas reflexas).

#### IV

#### Verbo

**Verbo** é a palavra que exprime um facto.

Os chinezes chamam aos verbos *palavras vivas* em contraposição aos nomes—*palavras mortas*.

Para que um facto se dê, para que uma acção se realize, é necessário um *sujeito* que a pratique e muitas vezes um *objecto* sobre que a acção recaia. Si se attender ao sujeito que levou a effeito esta acção, o verbo adquire *vozes*.

**Vozes** são as diversas maneiras de ser do sujeito.

As vozes são duas: *activa* e *passiva*.

**Activia** é aquella em q'ne o sujeito practica a acção: *temo*.

**Passiva** é aquella em que o sujeito recebe a acção: *sou temido*.

Existe tambem uma outra voz chamada *media* ou *reflexa* em que a acção é feita e recebida ao mesmo tempo pelo sujeito: *tu te queimaste*.

E' preciso, porém, notar que em tal caso o verbo é activo ou passivo e não toma fórmula especial.

Si se attender ao objecto sobre que a acção recai, os verbos se dividem em *transitivos* e *intransitivos*.

**Transitivo** é o verbo que exprime uma acção empregada directa e imediatamente sobre um objecto: *amo os livros*.

**Intransitivo** é o verbo que exprime uma acção empregada indirectamente sobre um objecto, ou exprime simplesmente uma acção completa: *venho do Recife; caí*.

Os verbos transitivos pôdem tornar-se intransitivos e vice-versa.

Quando dizemos: — *lemos romances* — o verbo *ler* está empregado na fórmula transitiva; mas si dissermos: — *lemos sempre* — este verbo é considerado como intransitivo.

Quando dizemos: — *dormiste bem* — *dormiste* é um verbo de acção intransitiva; si dissermos: — *dormiste um sonno reparador* — *dormiste* é um verbo transitivo.

Julio Ribeiro affirma: ... « quasi que não ha um só verbo transitivo em Portuguez que se não possa empregar como intransitivo. »

Os verbos dividem-se ainda em:

**Pronominal** é o verbo cuja acção se transmite ao sujeito sem que elle seja seu objecto: *eu me arrependo*. Os verbos pronominaes são conjugados com dois pronomes da mesma pessoa.

**Perifrastico** é o verbo formado com os verbos *haver, ter, estar, ir, vir, andar, viver, poder, dever, querer, saber* (ter aptidão) etc. *Hei de estudar; tenho de comer; estou lendo; ir caindo; vir a comer; andar saltando; viver escrevendo; posso cantar; devo trabalhar; quero brincar; sei estudar.*

Estes verbos, conforme a idéa que exprimem ou a significação que têm, dividem-se em: *Promissi-*

*vo, Obrigatorio, Frequentativo, Iterativo, Continuativo, Incativo* etc.

**Defectivo** é o verbo a que faltam algumas linguagens: *querer*.

A lingua portugueza poucos verbos defectivos possui, e o uso muito concorre para sua completa extinção.

**Unipessoal** é o verbo que só se conjuga na 3.<sup>a</sup> pessoa: *troveja, chove*.

Os verbos tambem pôdem ser *substantivo* e *atributivo* ou *adjectivo*.

**Verbo substantivo** é o que exprime a afirmação de conveniencia ou desconveniencia entre duas idéas.

*Ser* é o unico verbo substantivo.

A's vezes o verbo *estar* assemelha-se na sua função ao verbo substantivo, mas esse verbo além de exprimir a afirmação, exprime tambem a existencia e posição.

Por sua vez o verbo *ser* se usa em lugar do verbo *estar*, quando indica permanencia, estado ou existencia.

Ao verbo substantivo *ser* não cabe nenhuma das divisões até aqui apontadas; sómente fórmula a voz passiva no caracter de auxiliar.

Ha grande distinção entre os verbos *ser* e *estar*.

*Ser* exprime um estado permanente, indica uma qualidade inerente ao sujeito: *Pedro é doente*.

*Estar* exprime um estado, uma situação passageira, indica uma qualidade accidental: *Pedro está doente*.

**Verbo atributivo** ou **adjectivo** é o que exprime afirmação com idéa de modo ou qualidade: *amar, partir*.

**Ordem** : antes, primeiramente, depois.

**Quantidade** : muito, pouco, assáz, tam, tanto, quam, quanto, quasi.

**Affirmação** : sim, certamente, verdadeiramente.

**Negação** : não, nunca, jamais.

**Dúvida** : talvez, acaso, quicá, provavelmente.

**Exclusão** : só, sómente, apenas, siquer.

**Modo** : bem, mal, assim, como e em geral os adverbios terminados em mente.

**Locução adverbial** é um grupo de palavras com função de adverbio: ás carreiras, d'ora em vante.

II

**Preposição** é a palavra que exprime a relação de dependencia que existe entre dois vocabulos.

**Locução prepositiva** é um grupo de palavras com função de preposição: em cima de; conforme a.

As preposições mais communs são: a, ante, apôs, até, com, contra, de, desde, em, entre, per ou por, para, perante, sem, sob, sobre.

As preposições classificam-se pelas relações que exprimem.

A preposição A exprime:

**Direção** : Ir a Olinda.

**Tempo** : A 10 de Junho.

**Modo** : Andar a cavalo.

**Distância** : A duas leguas.

**Instrumento** : Bater-se a espada.

**Materia** : Pintura a óleo.

A preposição Com exprime:

**Companhia** : Vou com meu filho.

V

Palavras invariaveis

Ha certo acordo entre as grammaticas em considerarem como palavras invariaveis o *adverbio*, a *preposição* e a *conjunção*.

A estas se pôde juntar a *interjeição* que não é propriamente palavra.

Estas quatro classes de palavras têm o nome de *particulas*.

I

**Adverbio** é a palavra que exprime uma circunstancia.

O papel do adverbio é modificar o sentido do adjetivo qualificativo, do verbo e do proprio adverbio.

As circunstancias expressas pelo adverbio são de:

**Tempo** : agora, ainda, hoje, amanhã, antes, cedo, tarde, já, logo, nunca, depois, jamais, sempre.

**Lugar** : cá, ali, lá, acolá, fóra, dentro, perto, onde, atraç, longe, eis. Leoni chama aos adverbios — *aqui*, *ali*, *acolá* — de *pronominaes* porque correspondem aos pronomes — *este*, *esse*, *aquelle*.

**Modo**: Com bôas manciras.

**Meio**: Com zombaria.

**Causa**: Caiu com o tiro.

**Instrumento**: Com ferro em brasa.

A preposição *De* exprime:

**Lugar, ponto de partida**: Ver de Olinda.

**Posse**: Livro de João.

**Materia**: Copo de ouro.

**Tempo**: De madrugada.

**Extensão**: Viagem de 20 leguas.

**Idade**: Moço de 20 annos.

**Separação**: Tirar os filhos de casa.

**Motivo**: Morrer de vergonha.

**Meio**: Cobrir de areia.

A preposição *Em* exprime:

**Lugar onde, interior**: No Recife, no bolso

**Tempo**: Em 1904.

**Assumpto**: Cuidar em trabalhar.

A preposição *Para* exprime:

**Lugar para onde**: Vou para o Recife.

**Fim**: Estudo para aprender.

III

**Conjunção** é a palavra que indica a relação entre dois juízos, entre duas idéas ou entre duas orações.

**Locução conjuntiva** é um grupo de palavras com função de conjunção.

As conjunções dividem-se em *coordenativas* e *subordinativas*.

**Coordenativa** é a conjunção que liga orações independentes embora tenham a mesma função na frase.

**Subordinativa** é a conjunção que liga orações dependentes, das quais uma completa a outra.

As coordenativas são:

**Copulativa**: e, também, nem.

**Adversativa**: mas, porém, contudo, todavia.

**Conclusiva**: logo, pois, portanto, por conseguinte

**Disjuntiva**: nem, ou, já, quer.

As subordinativas são:

**Condicional**: si, ainda, contanto que.

**Concessiva**: quer, embora.

**Temporal**: quando, antes que, enquanto.

**Causal**: porque, por isso, que.

**Integrante**: que, si, como.

**Comparativa**: como, assim como, que.

IV

**Interjeição**: é um som articulado que exprime um sentimento subito.

« As interjeições não podem caracterizar o gênio de nenhuma língua porque pertencem geralmente a todas.

São gritos naturaes, indicativos de dôr ou de alegria que geralmente se observam nas aves e nos quadrupedes e por este motivo julga-se que taes gritos não devem ser reputados partes da oração. »

As interjeições são gritos que exprimem os sentimentos de uma maneira primitiva e animal.

São gritos naturaes e espontâneos: entretanto existem algumas meramente convencionaes mas que de tam usadas e communs que são, já se empregam insensivelmente, demonstrando um sentimento íntimo.

A interjeição mais commum que serve para reforçar o vocativo é: ó, oh!

As interjeições indicam:

**Appello**: olá! aqui d'el rei!

**Dôr**: ai! ui! apre! guai!

**Admiração**: ha! ah! oh!

**Mando ou exortação**: eia! sus!

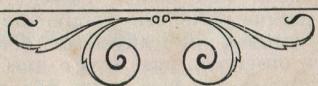
**Repugnancia ou aversão**: apage! irra! fóra!

**Silencio :** *chiton ! psiu !*

Como interjeições convencionaes notamos: *caramba ! misericordia ! diabo ! hom'essa ! Ave-Maria ! safá ! adeus !* que representam fórmas abreviadas.

Empregamos tambem muitas interjeições de linguas estrangeiras: *apage ! eia ! sus ! bravo ! hip ! hurrah ! caramba ! oxalá !*

**Locução interjetiva** é um grupo de palavras com função de interjeição: *Ai de mim ! Deus nos acuda !*



I

**Campenomia**

**Campenomia** é a parte da morphologia em que se estudam as flexões das palavras.

**Flexões** são as variações morphologicas que os vocabulos soffrem em sua terminação.

As flexões dividem-se em nominaes e verbaes.

**Flexões nominaes** são as modificações que os nomes soffrem: são de *genero, numero e gênero*.

**Flexões verbaes** são as modificações que os verbos soffrem: são de *modo, tempo, pessoa* etc.

Ha diversas theorias para explicar a origem destas mudanças nas fórmas das terminações.

A escola moderna provou que estas flexões eram originalmente palavras que tinham significação distinta, eram, por assim dizer, pronomes, participios etc., que se soldaram à raiz.

Este phenomeno acha-se palpítante nas fórmas do futuro e do condicional das linguas romanicas.

Em Portuguez: *amarrei—amar-hei ; amaria—amar—havia—amar-hia.*

O Latin forma os perfeitos por meio de composição, como *anavi* em que *vi* está por *fui*.

O Francez tem as fórmas analiticas *j'ai aimé* e o futuro *aimerai* por *j'ai à aimer*.

O Inglez tem a terminação *d* ou *ed* que é o preterito *did*.

A simples analise de uma palavra nos mostra que existem dois elementos : *o radical e a terminação*.

**Radical** é a parte que indica a idéa principal da palavra e é geralmente invariavel.

**Terminação** é o elemento secundario, menos importante, geralmente variavel.

Ao radical se pôdem juntar os *affixos*, que se dividem em : *prefixos, suffixos e infixos*.

**Prefixos** são os elementos que se collocam antes do radical : *HEMI-spherio*.

**Suffixos** são os elementos que se collocam depois : *fac-ADA*.

**Infixos** são os elementos que se collocam no meio : *amar-TE-ei ; animal-z-inho*.

As palavras são compostas de orgams que têm um sentido ; na palavra *Fadeiros*, distinguimos o radical *pad*, a raiz *pa*, que indicam a idéa principal, o suffixo *eiro* que mostra o factor, e o orgam *s* que indica a pluralidade.

Costuma-se muitas vezes na pratica confundir as idéas de raiz e radical, o que conveni distinguir.

Raiz é o elemento que encerra a idéa originaria, a idéa donde etimologicamente decorre um grupo de palavras ; *radical* ou *thema* é o vocabulo sem as desinencias. Assim na palavra *desanimar*, temos o prefixo *de*, a terminação *ar*, o radical *desanim* e a raiz *an* que significa *respirar, viver*.

Da raiz *mod* ou *mid* (adaptar, conciliar) formamos : *modo, modulo, medico, medicina, moderador, immoderado, commodo, incommodo, acommodar, medio*, em que se vê que o radical é *mod*, *medic*, *moder*, *comod*, etc. e a raiz é *mad* ou *mid*.

Com a raiz latina *spec* (vêr) possuimos em Portuguez as palavras : *respeitar, respeito, respeitável, bispo, respectivo, respeitosamente, respectivamente, despeito, suspeitar, suspeita, circunspecto, inspector, inspecção, aspecto, prospecto, perspicacia, perspectiva, expectativa, auspicio, especular, especulador, espia, espécie, especial, específico, espelho, etc.* (Deduzido de Max Muller).

Entretanto, despojando estas palavras de suas terminações, o que resta não tem igualdade ou similitudine entre si.

## II.

### Substantivo

#### FLEXÃO DE GENERO

**Genero** é a distinção do sexo dos animaes. Por extensão a noção de genero foi applicada aos objectos.

Os generos são dois : *masculino e feminino*.

Ha tres processos para se determinar o genero dos substantivos : a *significação*, a *terminação* e a *acepção*.

São **masculinos** pela *significação* : os nomes de animaes machos : *João, cavallo*; os nomes de deuses : *Satanaz, Baccho*; os nomes dos pontos cardeaes e ventos : *Norte, Sul, Zephiro*; os nomes de rios, montes, mares : *Beberibe, Alpes, Caspio*; os nomes de meses : *Janeiro*; as notas de musica e os nomes de numeros : *dó, ré, mi, dez, cem*.

São **femininos** pela *significação* : os nomes de animaes femeas : *Maria, leão*; os nomes de deusas e divindades : *Venus, Justiça*; os nomes das cinco partes do mundo, ilhas, cidades, villas e aldeias : *America, Creta, Roma*; os nomes dos dias da semana, com excepção do *sabbado* e *domingo*; os no-

mes de sciencias, artes e letras, com excepção do desenho; os substantivos abstractos: *sêde, embriaguez.*

São **masculinos** pela terminação:

1º os terminados em *á*, como: *cajá*; exceptuam-se: *pá*;

2º os terminados em *e*: como: *pente*; exceptuam-se: *arvore, ave, carne, cidade, fonte, ponte, rête, serie*, etc. e os substantivos abstractos.

3º os terminados em *é*, como: *cafê*; exceptuam-se: *chaminé, fé, galé, libré, maré, polé, ralé, ré, sé*;

4º os terminados em *i*, como *jaboti*, exceptuam-se *juriti*;

5º os terminados em *o*, como: *tinteiro*;

6º os terminados em *ó*, como: *cipó*; exceptuam-se: *avó, eiro, enxó, filhó, ilhó, mó, teiró*;

7º os terminados em *u*, como: *cajú*; exceptuam-se: *tribu*;

8º os terminados em *ai, au, eu*, como: *pai, pau, chapéu*; exceptuam-se: *náu*;

9º os terminados em *al, el, il, ol, ul*, como: *animal, cordel, funil, anzol, paul*; exceptuam-se: *cal, pastoral, moral, vestal, capital* (cidade principal);

10º os terminados em *am, an, em, en, im, in, om, on, um*, como: *orgam, iman, homem, himen, seraphim, gruin, som, colon, jejum*; exceptuam-se: *adem, nuvem, ordem*, e os terminados em *gem*, como: *imagem, personagem*.

12º os terminados em *ar, er, ir, or, ur*, como: *altar, prazer, porvir, calor, catur*; exceptuam-se: *colher, mulher, côr, dôr, flôr*;

12º os terminados em *az*, como: *ananz*; exceptuam-se: *tenaz, paz*; os terminados em *ez*, como: *arnez*; exceptuam-se: *fez* (só usado no plural *fézes*), *rez, tez, torquez, vez*; os terminados em *iz*, como: *juiz*; exceptuam-se: *aboiz, cerviz, cicatriz, cordiniz, matriz, perdiz, raiz, sobrepeliz, variz*; os terminados em *oz*, como: *calabroz*; exceptuam-se: *foz, noz*,

*pioz, voz*; os terminados em *uz*, como: *arcabuz*; exceptuam-se: *cruz, luz*;

15º os terminados em *is* e *us*, como: *oasis, pús*; exceptuam-se: *bilis, cutis, phenis*;

14º os terminados em *ão*, como: *coração* e os augmentativos: *caixão* etc. Outros, porém, derivados do feminino latino conservam este genero em Portuguez: *ocasião, multidão*.

São **femininos** pela terminação:

1º os acabados em *a*, como: *caneta, lira*; exceptuam-se: *dia* e em geral os nomes gregos em *a*, como: *planeta*;

2º os terminados em *ã* e *ê*, como: *irmã, lã, mercé*. Os terminados em *ã* confundem-se com os terminados em *an*.

3º os terminados em *ade*, como: *saudade*; exceptuam-se: *alvaiade, alcide, abade, frade*.

Pela accepção temos:

*Capital*, fundo monetario, é masculino.

*Capital*, cidade principal, é feminino.

*Cabeça*, chefe principal, é masculino.

*Cabeça*, parte do corpo, é feminino.

*Cura*, sacerdote, é masculino.

*Cura*, curativo, é feminino.

*Lente*, professor, é masculino.

*Lente*, vidro de aumento, é feminino.

Poucas são as regras para a formação do feminino dos substantivos:

1.ª os que acabam em consoante soffrem o augeamento da letra *a*: *autor, autora, portuguez, portugueza*.

2.ª os que acabam em vogal soffrem a troca dessa letra para *a*: *filho, filha, infante, infanta*.

3.ª os que acabam em *ão*, mudam estas letras para *âa*, ou para *ona*, ou para *ã*: *leão, leâa, folgazão, folgazona, irmão, irmã*.

Muitos são os substantivos que formam o feminino irregularmente.

Taes são :

abade—abadessa  
actor—actriz  
alcaide—alcaideza  
autocrata—autocratiz  
avô—avó  
barão—baroneza  
bode—cabra  
boi—vaca  
cão—cadella  
carneiro—ovelha  
cavallo—egua  
cervo—corça  
compadre—comadre  
conde—condessa  
czar—czarina  
diacono—diaconiza  
dom—dona  
duque—duqueza  
embaixador—embaixatriz  
frade<sup>o</sup>—freira  
frei—soror  
gallo—gallinha  
gamo—corça  
genro—nora  
herói—heroína  
homem—mulher  
ilhéu—ilhôa

ladrão—ladra  
macho—femea  
macho—besta  
marido—mulher  
monge—monja  
mu—mula  
padrasto—madrasta  
padre—madre  
padrinho—madrinha  
pai—mãi  
papa—papiza  
pardal—pardoca  
perdigão—perdiz  
perú—perúia  
poeta—poetiza  
príncipe—princeza  
prior—prioreza  
profeta—profetiza  
rapaz—rapariga  
rei—rainha  
réu—ré  
sacerdote—sacerdotiza  
sandeu—sandia  
sultão—sultana  
tecelão—tecedeira  
tabaréu—tabarôa ou tabaréa

Alguns substantivos admittindo flexão de gênero indicam aumento de volume ou de capacidade : *jarro, jarra; vallo, valla.*

Outros cujo masculino indica unidade e o feminino colleção : *fruto, fruta; ramo, rama; baga, baga; marujo, maruja.*

Outros, finalmente, cuja flexão feminina dá ao substantivo uma significação completamente diferente da fórmula masculina :

barro—argila  
cachaço—pescoço  
pinto—animalzinho  
tino—juizo, instinto

barra—entrada do porto  
cachaça—aguardente  
pinta—marea  
tind—vasilha

Ha substantivos que, debaixo de uma só fórmula, designam ambos os sexos : são os **epicenos**. Para distingui-los juntam-se-lhes os adjetivos *macho* e *femea*.

Assim *tigre, jaguar, sabiá, cegonha*, quando ha necessidade de differençar os seus sexos, diz-se : *o tigre macho, o tigre femea*, ou então, *o macho do tigre, a femea do tigre*, etc.

Outros substantivos têm o gênero determinado pelo adjetivo que modifica o seu sentido : *o martir, masculino; a martir, feminino; este hipocrita, masculino; esta hipocrita, feminino.*

Estes substantivos são conhecidos pelo nome de **communs a dois**.

Alguns grammaticos dão aos substantivos epicenos e communs a dois o nome de *uniformes*; aos outros chamam *biformes*.

Em Portuguez, como vimos, os generos são dois : *masculino e feminino*; entretanto a lingua latina, d'onde se originou a nossa, tem mais um que é o *neutro*.

E' bom notar que os romanos cédo perderam tambem o sentido do emprego do neutro, gênero, a que com muita razão chamam os grammaticos indianos *kliva*, isto é, *eunuco*.

Apezar de só terem passado para o Portuguez os generos masculino e feminino, acha João de Bar-

ros que pôdem ser classificados como neutros : os nomes das letras do alphabeto, os substantivos verbáes : *o querer, o amar*, etc., e o artigo *al*.

Soares Barbosa considera neutras as terminações de alguns dos adjectivos de tres fórmas, a primeira dos adjectivos de duas e ainda a unica dos adjectivos de uma só, quando empregados no discurso ou substantivadamente ou para modificarem orações inteiras.

Temos as fórmas : *este* (masc.), *esta* (fem.), *isto* (neutro); *esse* (masc.), *essa* (fem.), *isso* (neutro); *aquel* (masc.), *aquella* (fem.), *aquillo* (neutro); *todo* (masc.), *le*, (masc.), *aquella* (fem.), *aquillo* (neutro); *tudo* (neutro); *algum* (masc.), *alguma* (fem.), *toda* (fem.), *tudo* (neutro); *algo* (neutro); *elle* (masc.), *ella* (fem.), *ello* — antigo — *outro* (masc.), *outra* (fem.), *outrem* (neutro). (neutro); *outro* (masc.), *outra* (fem.), *outrem* (neutro).

Como affirma Theophilo Braga em sua Grammatica, ha alguns adjectivos de uma só fórmula para o masculino, e feminino que tambem affectam esta forma neutra :

<i>Rude</i>	... m. e f.	<i>Rudo</i>
<i>Acre</i>	... m. e f.	<i>Agro</i>
<i>Cem</i>	... m. e f.	<i>Cento</i>
<i>Abundante</i>	m. e f.	<i>Avondo</i> (antigo)

Diez é de parecer que sempre que os adjectivos *aquillo*, *algo*, *outrem*, *isso*, etc. preencherem funções de substantivo e vierem empregados como predicados de um nome neutro ou de uma frase inteira, devem ser considerados como do genero neutro.

Bergmann é de opinião que as fórmulas substantivas : *o verdadeiro*, *o bello*, *o bom*, são verdadeiros tipos do neutro.

Além destes, possuímos termos latinos que, por serem do genero neutro nessa lingua, pôdem ser considerados do mesmo genero em Portuguez onde são empregados : *memorandum*, *ultimatum*, *fas*, *nefas*, *agenda*, *mare magnum*, *Corpus Christi*.

Estudando-se os varios periodos da lingua portugueza verifica-se a mudança de genero de algumas palavras. Assim : *Mar* era feminino, como ainda se vê na palavra *preiamar* (*plena-mar*).

*Cometa*, *planeta*, *clima*, *diadema*, *estratagema*, *theorema*, *problema*, eram palavras femininas.

Camões diz no *Os Lusíadas* : *a planeta apressada*.

João de Barros emprega *a clima*.

*Arvore*, *linhagem*, *tribu*, *origem base*, *catastrophe* eram termos masculinos.

*Phoca* era feminino no Latim e no Portuguez moderno, era antigamente masculino, como em Camões e Felinto : *Que só dos feis phocas se navega*. *Mataram um grande phoca*.

*Fim* era feminino, como se vê no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende : *Por seu nojo e minha fim*. Garret diz : O povo, á maneira de nossos antigos escritores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem a tōa. *Fim* como alvo, objecto, é sempre masculino ; como termo, acabamento de vida, sempre feminino, para elles.

#### Numero

II

**Numero** é a propriedade que têm os substantivos de mostrar a unidade e a pluralidade pela mudança de terminação.

Os numeros são dois : *singular* e *plural* que, existentes em Latim, passaram para Portuguez.

Algumas palavras fazem lembrar o *dual* da lingua grega ; taes são : *dois*, *ambos*, *nós*, *vós*, etc.

A regra geral para os substantivos formaram o plural é acrescentar a letra *s* ao singular.

Esta letra é a terminação do acusativo plural das declinações no Latim, com excepção dos nomes neutros.

Destes nomes, cujo acusativo termina em *a*, possui o Portuguez, indicando idéa do plural, palavras, como *alimaria* (os animaes), *moda* (os modos).

Biblioteca Pública Municipal  
Ver. Romulo C. D'Arce  
Pindamenhangaba

### Regras para a formação do plural

Os substantivos que terminam em vogal oral ou nasal seguem a regra geral: *livro, livros; maçã, maçãs; orgam, orgams.* Exceptuam-se: *ademan e can non* que fazem *ademanes e canones*.

Fazem também o plural regular os substantivos originados de línguas estrangeiras: *almanach, almanachs; bond, bonds; deficit, deficits.*

Outros, porém, conservam o plural originário: *memorandum, memoranda; erratum, errata; dilletante, dilletanti etc.*

Os que no singular já terminam em *s* não sofrem alteração passando para o plural: *pires.*

Exceptua-se *Deus* que, significando os do paganismo ou os falsos, faz *Deuses; simples* que faz *simplices* e antigamente *ourives* e *alferes* que faziam *ourivezes* e *alferezes*.

Garcia de Rezende na MÍSCELANA díz:

*OURIVEZES e escultores*

*São mais sotis e melhores;*

*e no LEAL CONSELHEIRO:*

*E assy como os OURIVEZES.*

O singular era *ourivez* e o plural *ourivezes.*

Camões no *Os Luzíadas* usa: *ALFEREZES volteiam as bandeiras.*

A fórmula *simples* no plural é já bastante antiga.

Garcia d'Orta intitulou um seu famoso e apreciado livro de *Dialogo dos SIMPLES e Droga da Índia.*

Todavia Duarte Nunes Leão ainda emprega: *outros infinitos os quaes são SIMPLEZES e não compóstos. (Orthographia da Lingua Portugueza).*

Os substantivos terminados em *ão* formam o plural de três modos:

Uns seguem a regra geral, isto é, soffrem o acrescimo da letra *s*: *mão, mãos, ancião, anciões, cidadão, cidadãos.*

Outros mudam a terminação *ão* para *ões*: *coração, corações.*

Outros mudam a terminação *ão* para *ões*: *capitão, capitões.*

Geralmente a fórmula da palavra no Latim determina o plural em Portuguez.

Assim si os substantivos fizerem o acusativo plural em *anos* em Portuguez o plural é *ões*: *granos—gráos.*

Si fizerem o acusativo plural em *ones* o plural portuguez é *ões*: *leones—leões.*

Si fizerem o acusativo plural em *ones*, o plural portuguez é *ões*: *panes—pás.*

Outros autores sujeitam estas regras á derivação castelhana:

Si o nome castelhano termina em *an*, o plural é *ões*: *sacristan, sacrificias;* si termina em *ano*, o plural é *ões*: *ciudadano, ciudadãos;* se termina em *on*, o plural é *ões*: *coraçon, corações.*

Os que não tiverem origem latina ou castelhana fórmam o plural em *ões.*

Ha certos nomes terminados em *ão*, cujo plural não está bem determinado: *aldeão* faz *aldeões* ou *aldeãos*; *deão* faz *deões* ou *deães*; *ermitão* faz *ermitões* ou *ermitães*; *guardião* faz *guardiões* ou *guardiães*; *vilão* faz *vilões* ou *villãos*; *truão* faz *truões* ou *truães*.

Os que terminam em *em, im, om, um,* mudam o *m* em *ns*: *homem, homens; seraphim, seraphins; som, sons; atum, atuns.*

Os que terminam em *al, ol, ul*, mudam o *l* em *es*: *animal, animaes; lençol, lenções; paül, paües.*

Exceptuam-se: *cal, mal, real, consul* e seus compósitos que fazem *cales, males, réis, consules* etc.

Os que terminam em *el* mudam o *l* em *is*: *papel, papeis.*

Os que terminam em *il* não acentuado, mudam o *il* em *eis*: *fossil, fosseis; projétil, projécteis.*

Os que terminam em *il* acentuado, mudam o *l* em *s*: *barril, barris.*

Os que terminam em *r* ou *z* acrescentam *es*: *amor, amores; juiz, juizes.* Nota-se que o substantivo *carácter* fórmá o plural *caractéres*, havendo, assim, mudança da sillaba acentuada.

Os que terminam em *ex* ou *ix* mudam estas letras para *ice* e acrescentam *s*: *index, indices; calix, calices*. Em Portuguez poucos são os nomes desta terminação e apresentam elles duas fórmas no singular: *index, indice; calix, calice*.

OBSERVAÇÃO.— Os substantivos masculinos terminados em *o*, cujo penultimo *o* fôr fechado ou circumflexo, estão subordinados ás seguintes regras prosódicas que, aliás se sujeitam ainda a duvidas.

1.<sup>a</sup> Si no feminino a letra *o* fôr fechada, será tambem fechada no plural: *môço, môça, môços, môças*.

2.<sup>a</sup> Si no feminino a letra *o* não fôr fechada, tambem não o será no plural: *porco, pórca, pôrcos, pôrcas*.

3.<sup>a</sup> Si o substantivo não tiver feminino, a letra *o* será aberta no plural: *goso, gósos; corpo, cónpos*.

Estas regras são as apresentadas geralmente pelos gramaticos. Parece-nos, porém, que as seguintes, deduzidas de um artigo do Dr. Castro Lopes, resolvem a questão, tendo sómente o defeito de serem muito extensas:

Quando o *o* fechado no singular é seguido das letras *b, c, g, d, f, gr, j, l, lh, m, n, p, rd, rm, ro, rr, rs, rt, rv, st, t, x*, ou *ch*, com o som de *x*, e *z*, conserva-se no plural fechada a dita vogal, como: *globo, globos; soco, socos; almoço, almoços; lodo, lodos; fôfo, fofos; sogro, sogros; nojo, nojos; balso, bolsos; piolho, piolhos; tomo, tomos; dono, donos; escopo, escopos; acordo, acordos; mormo, mormos; choro, choros; morro, morros; dorso, dorros; conforto, confortos; sorvo, sorvos; encosto, encostos; gafanhoto, gafanhotos; rexo, roxos; mocho, mochos; rapozo, rapozos*.

Exceptua-se: 1.<sup>o</sup> quando o *o* é seguido de *o* mas precedido de *tr* abre-se no plural: *troco, trôcos*; 2.<sup>o</sup> quando o *o* é seguido de *g*, mas precedido de *p*, ou *tr*, fica aberto no plural: *poço, poços; destroço, destrôcos*; 3.<sup>o</sup> *miolo* e *tijolo* fazem no plural—*miólos* e *tijólos*—porque não têm consoante alguma que preceda imediatamente o *o*. Pela mesma razão: —*olho* faz *óthos*.

4.<sup>o</sup> Exceptua-se tambem—*côro* e *fôro* que fazem *côros* e *fôros*; *socorro* e *forro* que fazem—*socôrros* e *fôrros*.

5.<sup>o</sup> *Porto*—faz no plural—*pôrtos*.

6.<sup>o</sup> Composto, *imposto* e *preposto*—fazem: *compôstos, im-  
pôstos e prepôstos*;—e como estes, todos os formados do verbo *pôr*.

Quando a vogal *o* fechada vem antes de *g, rn, rp, so, ss, v*, no plural transforma-se em *ó* aberto.

Antes de *g*:— *fogo, fôgos*;— exceptuam-se:— *desafogo, e pedagogo*.

Antes de *rn*:— *adorno, adôrno*.

Antes de *rp*:— *corpo, cônpos*.

Antes de *so*:— *goso, amôroso, gósos, amôrósos* e todos os terminados em *oso*.

Antes de *ss*:— *osso, óssos*;— exceptuam-se:— *endosso, ensôsso*; porque— *endosso*—é composto do vocabulo—*dorsos* (antes de *rs*), e— *ensôsso*—é composto de *in* e *salsus* que mudando *a* em *o*, *l* em *s* produz as sillabas—*sôsso*—as quais não vêm do substantivo—*osso*.

Antes de *v*:— *ovô, óvôs; povo, pôvôs*.

Alguns substantivos não são usados no singular: *alviçaras, algemas, matinas, nupcias, trevas, etc.*

Outros não se usam no plural:

1.<sup>o</sup> os nomes proprios.

Exceptua-se o caso em que são empregados figuradamente, indicando uma classe. Nos *Lusiadas*:

*Dá à terra lusitâna Scipiões  
Cesares, Alexandros, dá Augustos.*

2.<sup>o</sup> os nomes de sciencias, artes, virtudes, vicios e ventos, empregados abstractamente: *philologia, pintura, caridade, embriaguez, norte*.

3.<sup>o</sup> os nomes de metaes e substancias inorganicas: *ouro, hidrogenio*.

4.<sup>o</sup> os nomes de productos animaes e vegetaes: *leite, mel, azeite*.

Em geral os substantivos abstractos não são usados no plural.

Ha substantivos que, soffrendo a flexão de plural, mudam de significação:

*Bem, bens, (fortuna).*

*Honra, honras (dignidades).*

*Liberdade, liberdades (atrevimento).*

*Letra, letras (literatura, sciencia).*

Os substantivos compósitos formam o plural de modo especial, conforme os elementos de composição.

Os compósitos de substantivos, de adjetivos, ou de um substantivo e um adjetivo, ambos tomam a fórmula do plural: *mestre-escola, mestres-escolas; gentil-homem, gentis-homens; capitão-mór, capitões-móres; lusco-fusco, lúscos-fuscos*.

Nos compósitos de verbo e substantivo ou de palavra invariável e substantivo ou adjetivo, sómente o último termo toma a fórmula do plural: *guarda-vestido, guarda-vestidos; sobre-mesa, sobre-mesas; mal-dito, malditos*.

Os compósitos terminados em verbo tomam a flexão *s* como si fossem substantivos simples: *vai-vem, vai-vens; mal-me-quer, mal-me-queres; bem-te-vi, bem-te-vis*.

Os compósitos de dois substantivos ligados pela preposição *de*, recebem a flexão no primeiro elemento de composição: *cabo-de-esquadra, cabos-de-esquadra*.

## Gráu

### III

Os substantivos, além da flexão de gênero e de número, podem também mudar a sua terminação para exprimir a maior ou menor intensidade na grandeza dos objectos.

Dá-se a essa flexão o nome de *gradativa*.

**Gráu** é a maior ou menor intensidade que pode ter a significação das palavras.

A noção de gráu pode ser aplicada a qualquer classe de palavras, conforme o sentido e a extensão que se derem a essa noção.

Deste modo quem negará que nos sinônimos se observam estes fenômenos?

Por acaso não terá uma significação mais intensa a palavra *palacio* do que a palavra *casa*?

O mesmo podemos dizer se observarmos a etimologia de certas preposições como: *in*, comparativo *inter*, superlativo *intimus*; *ex*, comparativo *extra*, superlativo *extremus*; *sub*, *super*, *supremus* etc.

Nos pronomes as fórmulas do gráu comparativo ariano *ter* são indiscutíveis: *nos*, comparativo *noster*; *vos*, comparativo *voster*.

Os verbos, por sua vez, podem ser susceptíveis de grau. Assim, exprimindo a frequência ou reiteração de um acto, diremos: *saltitar, palpitar e tutucar* originados de *saltar, palpar e tocar*.

Este processo é usado pelos indígenas: *mure flauta, murémure flauta grande*.

Muitas vezes encontramos as fórmulas do gerúndio assumindo flexão diminutiva como para dar mais expressão à frase, o que também acontece no Gallego e Espanhol: Estar *dormindinho*.

Da mesma maneira os adverbios aceitam uma mudança na terminação para tomar fórmula diminutiva: *cedinho, devagarinho*.

No estilo familiar é uso repetir a mesma palavra para aumentar a força da expressão: Estou *muito muito* satisfeito.

Em Gil Vicente encontram-se fórmulas de uso popular:

*Que dos mui muitos ciumes*

*Nasce o mui muito amor.*

Nos antigos Cancioneiros: *tam muito*.

Os gráus são dois: *augmentativo e diminutivo*.

O estado normal da palavra chama-se *positivo*.

O gráu augmentativo e o diminutivo podem ser *analítico* e *sintético*.

**Analítico** é o representado por duas palavras.

Neste caso as palavras empregadas são: *grande* para o augmentativo, e *pequeno* para o diminutivo:

*casa grande, casa pequena*.

**Sintético** é o formado por meio de suffixos.

E este o caso mais usual na língua, e para elle ha as seguintes regras.

Para formar o *augmentativo sintético* devemos observar:

1.º Os nomes que terminam em vogal, perdem

esta letra e soffrem o acrescimo dos suffixos *ão*, *aço*, *az*, *azio*, *orio*, *astro* : *cásaco*, *casacão*; *mestre*, *mestraço*; *copo*, *copazio*; *murô*, *múratha*; *sabido*, *sabidorio*; *poeta*, *poetastro*.

2.<sup>º</sup> Os que terminam em consoante soffrem, sem mais alteração, o acrescimo desses suffixos : *mutherford*, *mulherão* ou *mulherça* etc.

Muitos substantivos fórmam o augmentativo de um modo irregular.

Assim de *amigo* o augmentativo é *amigalhão*; de *boca*, *boqueirão*; de *espada*, *espadagão*; de *cão*, *canzarrão*; de *nariz*, *narigão*; de *tolo*, *tolerão*; de *santo*, *santarrão*; de *homem*, *homemzarrão*.

A lingua portuguéza possuí certas palavras que exprimem aumento, representadas por palavras no positivo : *cansaço*, *comilão*, *dizidor*, *estirão*, *fujão*.

Para formar o diminutivo sintético devemos observar :

1.<sup>º</sup> Si o nome termina em vogal perde a vogal e sofre o aumento dos suffixos diminutivos; ou depois de acrescentar a letra *z*, juntam se sem alteração alguma esses suffixos : *filho*, *filhinho*; *cão*, *cãozinho*.

2.<sup>º</sup> Si termina por consoante juntam-se os suffixos, ou se acrescenta primeiro a letra *z* e juntam-se depois os suffixos : *colher*, *colherinha*, *colhérzinha*.

Os suffixos diminutivos são :

**acho** : *rio*, *riacho*.

**culo** : *animal*, *animalculo*.

**ejo** : *lugar*, *lugarejo*.

**el** : *corda*, *cordel*.

**elha** : *aza*, *azelha*.

**ela** : *via*, *viela*.

**ete** : *sabão*, *sabonete*.

**eto** : *côro*, *côreto*.

**ico** : *abano*, *abanico*.

**ilha** : *manta*, *mantilha*.

**im** : *flauta*, *flautim*.

**inho** : *bolo*, *bolinho*.

**isco** : *chuva*, *chuvisco*.

**ito** : *pequeno*, *pequenito*.

**ola** : *saco*, *sacola*.

**ote** : *rapaz*, *rapazote*.

**ulo** : *globo*, *globulo*.

Os augmentativos são muitas vezes tomados em mau sentido, são empregados por ironia : *sabichão*, indicando homem ignorante; *valentão*, homem medroso.

Este gráu tem o nome particular de **pejorativo**.

Alguns diminutivos exprimem, em certos casos, carinho, amor : *paizinho*, *mulherzinha*.

O diminutivo também pode ser formado pela repetição de uma sílaba do substantivo : *Zézé* formado de *José*; *Lolota*, de *Carlota*; *Lulú*, de *Luiz*.

Esses diminutivos são chamados **hipocorísticos**.

São de grande interesse as seguintes observações de João Ribeiro :

1.<sup>a</sup> Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo : do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga*;

o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*.

2.<sup>a</sup> O genero do augmentativo dos femininos pode ser masculino : *um mulherão*, *um carão*; o mesmo pode suceder aos diminutivos : *um espaldim*, *um flautim*.

3.<sup>a</sup> Os diminutivos dos nomes de animais são muitas vezes representados por expressões diferentes que indicam varias fases da vida do animal : *pinto*, *frango*, *gallo*; *bezerro*, *boi*; *novilha*, *vitella*, *vaca*; *leitão*, *porco*; *borrego*, *ovelha*; *poldro*, *senhorinho*, *cavalo*; *borracho* é diminutivo de ave de ninho; *cachorro* diminutivo de animais quadrupedes.

III

Adjectivo

FLEXÕES

I

As leis geraes que regem a flexão generica e numerica dos substantivos, applicam-se com poucas exceções ou ampliações aos adjectivos. Precisamos fazer notar que os adjectivos não têm genero e sim terminações que se adaptam ao genero dos substantivos.

Os adjectivos que não mudam de terminação, são chamados *uniformes*, em contraposição aos outros que são *biformes*, isto é, têm duas fórmas.

D'entre as regras para a formação generica do adjectivo destacamos:

Os adjectivos que terminam em *o* mudam-no para *a*: *justo, justa, cujo, cuja*. Os terminados em *ovo* e *oso* abrem o penultimo *o*: *novo, nóva; generoso, generosa*. Só é uniforme. O adjectivo *parvo* significando *pequeno*, segue a regra geral: *parva*; significando *tolo, palerma, nescio* faz o feminino *parvoa*.

Os que terminam em *u* acrescentam *a* quando aquella letra é precedida de consoante: *cru, crua*. Quando faz parte do ditongo *eu* muda este ditongo em *ea*: *européu, européa; plebeu plebéa*. Exceptuam-se: *meu, minha; teu, tua; seu, sua; judeu, judia; sandeu, sandia; ilhéu, ilhôa; tabaréu, tabarôa*.

Os que terminam em *ez, or, ol e um* acrescentam *a*: *portuguez, portugueza; conhecedor, conhecadora; espanhol, espanhola; um, uma; algum, alguma*. Exceptuam-se: *cortez, montez, pedrez, soez; bicolor, incolor, multicolor, semsabor, tricolor*, e os comparativos em *or*: *reinol; cabrum, commum, orelhum, vacum*, que são uniformes.

E' preciso notar que os nomes terminados em *or*, têm tres fórmas para o feminino: *director, directora; enredador, enredadeira; gerador, geratriz*.

Geralmente são considerados como substantivos. Os terminados em *ã* mudam esta terminação para *ã*: *christão, christã*.

Afastam se destas regras: *bom, bôa; dois, duas; máu, má*.

São uniformes:

1.º Os acabados em *e*: *prudente*. Exceptuam-se: *este, esta; esse, essa; aquelle, aquella*.

2.º os acabados em *al*: *leal*; em *el*: *cruel, amavel*; em *il*: *util, subtil*; em *ul*: *azul*; em *ar*: *singular*; em *er*: *esmoler*; em *az*: *capaz*; em *iz*: *feliz*; em *oz*: *veloz*; em *m*: *ruim*; em *n*: *joven*; em *s*: *simples*.

Antigamente não tinham terminação feminina os adjectivos terminados em *or*: *Maria MORADOR em Lisboa. (Fern. Lopes.)—Arte IMITADOR da natureza.—(Arrais).*

Até o seculo 15.º os adjectivos terminados em *ol* eram uniformes. O mesmo acontecia com os terminados em *ez, iz*: *A nossa PORTUGUEZ casta linguagem. (Hyssope. Diniz.)*

Os adjectivos fôrmam o plural da mesma maneira que os substantivos.

Apenas se nota que os adjectivos contraídos

como :—são contraído de *santo*; *grão* contraido de *grande*, não se usam no plural.

*Qualquer* só tem flexão de numero no seu primeiro termo componente: *quaesquer*.

## Gráu

### II

Herdamos do Latim os dois *gráus* de significação a que estão sujeitos os adjetivos qualificativos.

São: **comparativo** e **superlativo**.

O adjetivo está no POSITIVO se exprime só e simplesmente a qualidade: *Maria é bella*.

O adjetivo está no COMPARATIVO si exprime uma qualidade em *igual*, *maior* ou *menor* gráu relativamente à qualidade de outro substantivo.

Os comparativos sâe tres:

De *igualdade* *O mar é TAM BELLO como o céu*.

De *superioridade*: *O mar é MAIS BELLO que o céu*.

De *inferioridade*: *O mar é MENOS BELLO do que o céu*.

O adjetivo está no SUPERLATIVO si exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu relativamente à qualidade de outro substantivo. E' o SUPERLATIVO RELATIVO: *o MAIS RICO dos homens* não é *o MAIS FELIZ*. *O orgulhoso* é *o MENOS FELIZ na sociedade*.

O adjetivo está tambem no SUPERLATIVO si exprime a qualidade do substantivo no mais alto ou no mais baixo gráu sem comparação, sem relatividade. E' o SUPERLATIVO ABSOLUTO: *homem MUITO ALTO*, ou *ALTISSIMO*.

D'ahi conclui-se que o gráu comparativo subdivide-se em comparativo de *igualdade*, de *superioridade* e de *inferioridade*, e que o superlativo subdividese em *absoluto* e *relativo*.

Póde-se fôrmar o comparativo de dois modos: 1.<sup>º</sup> analiticamente, juntando-se ao positivo os adverbios *tão*, *tanto* (igualdade), *mais* (superioridade), *menos* (inferioridade).

A *tam* e *tanto* correspondem as fôrmas *como* e *quanto*: *A luz é TAM PRECiosa COMO ou QUANTO a agua*.

A *mais* e *menos* corresponde *que ou do que*: *Outra pedra MAIS CLARA QUE ou DO QUE o diamante*.

*A rosa é MENOS BELLA QUE ou DO QUE a violeta*.

2.<sup>º</sup> sinteticamente, por meio de suffixo *or*.

Só possuimos em Portuguez os seguintes comparativos sintéticos: *bom*, comp. *melhor*; *máu*, comp. *peior*; *grande*, comp. *maior*; *pequeno*, comp. *menor*; *alto*, comp. *superior*; *baixo*, comp. *inferior*.

*Junior*, *senior*, *major*, *prior*, *exterior*, *posterior*, *anterior*, embora pela sua origem possam ser incluidos nesta classe, são considerados como substantivos ou adjetivos positivos.

O Portuguez possui tambem fôrmas de comparativo sintético exprimindo idéia de superioridade ou inferioridade mas representadas por adjetivo positivo: *maiusculo* que corresponde no Latim a *grandiusculus*, e *minusculo* dos quaes formamos tambem—*maiorzinho* e *menorzinho*—e o substantivo—*min-dinho*.

O superlativo, como vimos, pôde ser *absoluto* e *relativo*.

Si fôr expresso por uma só palavra é *sintetico*; si fôr expresso por mais de uma, é *analítico*.

O superlativo *absoluto sintetico* se fôrma com o acrescimo da terminação *imo*: *facil*, sup. abs. sint. *facilimo* ou *facilissimo*.

Alguns adjetivos soffrem modificações antes de aceitar este acrescimo.

Os que terminam em *vel*, mudam esta terminação para *bil*: *agradavel*, *agradabilissimo*; *notavel*, *notabilissimo*.

Os que terminam em vogal ou ditongo nazal

mudam o *ão* ou *m* em *n*: *chão, chanissimo, commun, communissimo*.

Os que terminam em *z*, mudam-no para *c*: *feroz, ferocissimo*.

Os que terminam em *co*, mudam esta terminação para *qu*: *rico, riquissimo*; ou deixam cair a vogal: *parco, parcissimo*.

Deixam tambem cair a vogal final os terminados em *e* e *o*: *excellente, excellentissimo; bello, bellissimo*.

Os que terminam em *go* mudam esta terminação para *gu*: *vago, vaguissimo*.

Possui a lingua portugueza superlativos absolutos sinteticos formados irregularmente.

Estão em primeiro lugar:

<i>Bom</i>	comp.	<i>melhor</i>	sup.	<i>optimo.</i>
<i>Máu</i>	"	<i>peor</i>	"	<i>pessimo.</i>
<i>Grande</i>	"	<i>maior</i>	"	<i>maximo.</i>
<i>Pequeno</i>	"	<i>menor</i>	"	<i>minimo.</i>
<i>Alto</i>	"	<i>superior</i>	"	<i>summo ou supremo</i>
<i>Baixo</i>	"	<i>inferior</i>	"	<i>infimo.</i>

Em segundo lugar:

<i>acre</i>	sep.	<i>acerrimo</i>	<i>livre</i>	sup.	<i>liberrimo</i>
<i>amigo</i>	"	<i>amicissimo</i>	<i>magnifico</i>	"	<i>magnificentissimo</i>
<i>antigo</i>	"	<i>antiquissimo</i>	<i>misero</i>	"	<i>miserrimo</i>
<i>aspero</i>	"	<i>asperrimo</i>	<i>nobre</i>	"	<i>nobilissimo</i>
<i>celebre</i>	"	<i>celeberrimo</i>	<i>pobre</i>	"	<i>pauperrimo</i>
<i>christão</i>	"	<i>christianissimo</i>	<i>sagrado</i>	"	<i>sacratissimo</i>
<i>cruel</i>	"	<i>crudelissimo</i>	<i>sabio</i>	"	<i>sapientissimo</i>
<i>doce</i>	"	<i>dulcissimo</i>	<i>salubre</i>	"	<i>saluberrimo</i>
<i>fiel</i>	"	<i>fidelissimo</i>	<i>simples</i>	"	<i>simplissimo</i>
<i>frio</i>	"	<i>frigidissimo</i>	<i>simi-</i>	"	<i>similimo</i>
<i>geral</i>	"	<i>generalissimo</i>	<i>lhante</i>		
<i>humilde</i>	"	<i>humilimo</i>	<i>sem po-</i>	{	<i>uberrimo</i>
<i>integro</i>	"	<i>integerrimo</i>	<i>•itivo ...</i>		

Muitos destes superlativos têm, além desta fórmula, uma outra regular: *pobrissimo* e *pauperrimo*; *friissimo* e *frigidissimo*; *inteirissimo* e *integerrimo*. Os primeiros são superlativos *populares* e os segundos, *eruditos*.

Ha tambem superlativos e mesmo comparativos cujos positivos não se empregam: *minazcissimo*, positivo *minaz*; *belacismo*, positivo *belaz*.

O superlativo *absoluto analítico* se forma antepondo-se ao adjetivo positivo os adverbios *mui*, *muito* ou *nada*, ou então os adverbios em *mente*, ou os adverbios *assáz* e *demasiado*: *João é MUI, MUITO, ASSÁZ, GRANDEMENTE, NADA sabio*.

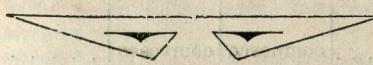
O superlativo *relativo sintetico* se forma com os comparativos sinteticos precedidos do artigo e seguidos da preposição *de*: *o MELHOR DOS agouros é combater pela patria*.

O superlativo *relativo analítico* se forma antepondo-se as palavras *o mais* ou *o menos* e suas variações ao positivo: *A caridade é A MAIS NOBRE das virtudes. O ar é O MENOS PESADO dos elementos*.

Alguns adjetivos não têm gráu: *joven, longinquo, adolescente, primeiro, immortal, repentina* etc.

Ha um outro modo de formação de superlativos, que se observa principalmente no Hebraico: o da reduplicação:— *Cantico dos Canticos. Rei dos Reis*. Este processo aproxima o superlativo do numero plural, diz Sayce.

O superlativo é gráu que pertence ao adjetivo, entretanto na linguagem popular ou familiar costumamos emprega-lo com os substantivos: *cousissima nenhuma*.



Pronomes pessoaes

III

Além das flexões de gênero e de número que têm os pronomes pessoais como qualquer adjetivo, apresentam mais a

DECLINAÇÃO

Singular

	1. <sup>a</sup> pessoa	2. <sup>a</sup> pessoa	3. <sup>a</sup> pessoa	(reflexa)
Nominativo . . .	eu	tu	elle, ella	
Dativo . . . . .	minu	ti	lhe	si
Acusativo . . . .	me	te	o, a	se
Ablativo . . . . .	commigo	comtigo		comsigo

Plural

Nominativo . . .	nós	vós	elles,ellas.	
Dativo . . . . .	nos	vos	lhes	si
Acusativo . . . .	nos	vos	os, as	se
Ablativo . . . . .	comnosco	comvoso		comsigo

IV

Verbo

O verbo admite variações de pessoa, número, tempo e modo.

Chama-se **pessoa** e **número** do verbo as fórmas que elle toma para indicar a pessoa e numero do sujeito.

As pessoas são tres, representadas pelos pronomes: *eu*, *tu*, *elle* ou *ella* para o numero singular; *nós*, *vós*, *elles* ou *ellas* para o numero plural.

As pessoas podem tambem ser representadas pelas fórmulas verbais sómente, com exclusão dos pronomes pessoais.

**Tempo** é a forma que o verbo toma para indicar a época do que vai ser enunciado.

Os tempos são tres: **Presente**, **preterito** ou **passado** e **futuro**.

O **Presente** indica que a acção é actual: *Amo*.

O **Preterito** indica indeterminadamente que a acção foi realizada: *Amei*.

Este tempo é chamado tambem **Aoristo**.

O **Futuro** indica que a acção ainda se vai realizar: *Amarei*.

Além destes ha mais:

• O **Preterito Imperfeito** que indica a acção passada contemporânea de outra passada: *ESTUDAVA quando chegaste.*

O **Preterito perfeito composto** ou simplesmente **Preterito Perfeito** que indica que acção passada é repetida, ainda continua: *Tenho amado.*

O **Preterito mais que perfeito** que indica que a acção é passada relativamente a uma outra já passada: *Amára ou tinha amado.*

O **Futuro anterior** que indica que a acção ha de realizar-se relativamente a um outro tempo:— *Terei amado.*

Os tempos podem ser:

**Simples**, os expressos por um só verbo: *amo.*

**Compósitos**, os expressos por mais de um verbo: *terei amado.*

Os verbos que fazem parte dos tempos compósitos, chamam-se **Auxiliares**, como *ser*, *ter* e *haver*.

O verbo *ser* forma à voz passiva.

Os verbos *ter* e *haver* fórmam dois tempos: preterito e futuro.

O preterito é formado com estes verbos e o participio passado: *hei amado*; *tenho amado*.

O futuro é formado com esses verbos conjugados com o verbo principal regido da preposição *de*: *tenho de amar*, *hei de amar*, ou com o futuro simples do auxiliar e o participio passado do verbo principal: *terei amado*, *haverei amado*.

**Modo** é a fórmula que o verbo toma para ser enunciado.

Os modos são tres: **indicativo**, **imperativo** e **subjuntivo**.

Dá-se o *indicativo* quando se enuncia, indica um facto: *amo.*

Dá-se o *imperativo* quando pedimos ou desejamos que um facto se realize: *amai.*

Dá-se o *subjuntivo* quando esse facto depende de uma contingencia para sua realização: *amasse.*

Alguns grammaticos acrescentam a estes o **condicional** e o **infinitivo**.

Porém o **condicional** não passa de um tempo futuro dependente de uma condição. E, como diz Adolpho Coelho, um imperfeito formado por expressão impropria ou um futuro passado, na expressão de Meyer—Lubke.

O **Infinitivo** é um verdadeiro nome substantivo ou adjetivo, é uma simples forma nominal, indica o facto de uma maneira vaga e geral.

O **Participio presente** tem o valor de um adjetivo e termina em *te*. Muitos delles têm hoje o valor de substantivos: *levante* (*levar*); *tenente* (*ter*); *poente* (*poer*).

Ha alguns verbos que não possuem participios presentes: *vestir*, *dar*, etc.

O **Participio passado** é tambem un. derivado verbal que equivale a um adjetivo.

Termina, menos no verbo *pôr*, em *do*, serve para fórmara as linguagens compóstas e exprime a acção terminada, o acto realizado: *amado*.

O **Participio do futuro** é simples adjetivo ou substantivo e termina em *ouro*: *casadouro*; em *undo*: *furibundo*; em *endo*: *reverendo*.

Desapareceu completamente da conjugação portugueza e só existe com as funções de nome.

O **Gerundio** termina em *ando*, *endo*, *indo*, *ondo*: *amando*, *lendo*, *vestindo*, *pondo*.

QUADRO DOS TEMPOS

X MODO INDICATIVO

*Tempos simples*

Presente—*Amo.*  
Pret. imperf.—*Amava.*  
Pret. aoristo—*Amei.*  
Pret. mais que perfeito.—  
*Amára.*

Futuro.—*Amarei.*  
Condicional.—*Amaria.*

*Tempos compósitos*

Preterito perfeito.—*Tenho  
amado.*  
Pret. mais que perfeito.—  
*Tinha amado.*  
Futuro.—*Terei amado.*  
Condicional—*Teria amado.*

MODO IMPERATIVO

Presente ou Futuro—*Ama  
tu.*

MODO SUBJUNTIVO

*Tempos simples*  
Presente,—*Ame.*  
Pret. imperfeito—*Amasse.*  
Futuro—*Amar.*

*Tempos compósitos*  
Preterito perfeito—*Tenha  
amado.*  
Preterito mais que perfei-  
to—*Tivesse amado.*  
Futuro—*Tiver amado.*

INFINITIVO

*Tempos simples*  
Pres. impessoal—*Amar.*  
Pres. pessoal—*Amar eu.*  
Gerundio—*Amando.*

*Tempos compósitos*  
Pret. impes.—*Ter amado.*  
Preterito pessoal—*Ter eu  
amado.*  
Gerundio—*Tendo amado.*

A noção de tempo não é bem firmada em nossa língua.  
Em primeiro lugar se diz, e com razão, que não existe  
presente, porque desde que o facto se dá, comparando-se este  
momento com o imediatamente posterior, reduz-se aquelle a  
*passado.*

Além disto possuímos muitos vícios e modos vulgares  
de falar, onde empregamos constantemente o presente pelo  
passado ou pelo futuro.

Do 1.º caso temos:—*Napoleão Bonaparte diz a seus sol-  
dados.* E' o chamado *presente histórico.*

Do 2.º caso:—*Vou amanhã.*

**Conjugar** um verbo é faze-lo passar por todas as fórmas que modificam a idéa contida no thema, relativamente á existencia, ao sujeito, á ação, ao tempo (*Guardia e Wierzeyski*).

**Conjugação** é o conjunto de todas as flexões do verbo.

As conjugações são quatro e se conhecem pelas terminações do presente impessoal do infinitivo.

A 1.ª conjugação termina em *ar*; a 2.ª em *er*;

a 3.ª em *ir*; a 4.ª em *or*.

A 4.ª conjugação é de uso pratico; é fórmula contracta da 2.ª conjugação. A ella pertence o verbo *pôr* (*poer*) e seus compósitos.

Conforme a conjugação, os verbos se dividem em *regulares* e *irregulares*.

**Regular** é o verbo que segue a norma da con-  
jugação a que pertence: *amar.*

**Irregular** é o verbo que se afasta da norma  
da conjugação a que pertence: *pedir.*

## Terminações dos verbos

### Tempos simples

1.<sup>a</sup> conj.      2.<sup>a</sup> conj.      3.<sup>a</sup> conj.

### Indicativo

<i>Presente</i>	o	o	o
	as	es	es
	a	e	e
	amos	emos	imos
	ais	eis	is
<i>Imperfeito</i>	am	em	em
	ava	ia	ia
	avas	iás	ias
	ava	ia	ia
	ávamos	iamos	iamos
<i>Aoristo</i>	aveis	ieis	ieis
	avam	iam	iam
	ei	i	i
	aste	este	iste
	ou	eu	iu
	ámos	emos	imos
	astes	estes	istes
	aram	eram	iram

<i>Mais que perfeito</i>	ára	êra	íra
	áras	êras	íras
	ára	êra	íra
	áramos	êramos	íramos
	áreis	êreis	íreis
<i>Futuro (*)</i>	áram	êram	íram
	ei	ei	ei
	ás	ás	ás
	á	á	á
	emos	emos	emos
<i>Condicional</i>	eis	eis	eis
	ão	ão	ão
	ia	ia	ia
	ias	ias	ias
	ia	ia	ia
	íamos	íamos	íamos
	feis	feis	feis
	iam	iam	iam

### Imperativo

<i>Presente</i>	a	e	e
	ai	ei	i

### Subjuntivo

<i>Presente</i>	e	a	a
	es	as	as
	e	a	a
	emos	âmos	âmos
	eis	ais	ais
<i>Preterito imperfeito</i>	em	am	am
	asse	esse	isse
	asses	esses	isses
	asse	esse	isse
	âssemos	essemos	issemos
	âsseis	esseis	isseis
	assem	essem	issem

(\*) O futuro e o condicional formam-se juntando-se estas terminações ao infinito presente impessoal.

<i>Futuro</i>	{ ar ares ar armos ardes arem	{ er eres er ermos erdes erem	{ ir ires ir irmos irdes irem
---------------	--	--	--

### Infinitivo

<i>Presente im-</i> <i>pessoal</i>	{ ar	{ er	{ ir
<i>Presente pes-</i> <i>soal</i>	{ ar ares ar armos ardes arem	{ er eres er ermos erdes erem	{ ir ires ir irmos irdes irem
<i>Gerundio</i>	{ ando	{ endo	indo
<i>P. passado</i>	{ ado	{ ido	{ ido

## Conjugação regular

### Tempos simples

1.<sup>a</sup> conj.      2.<sup>a</sup> conj.      3.<sup>a</sup> conj.

### Modo indicativo

#### Presente

Eu amo	Como	Parto
Tu amas	Comes	Partes
Elle ama	Come	Parte
Nós amamos	Comemos	Partimos
Vós amais	Comeis	Partís
Elles amam	Comem	Partem

### Preterito imperfeito

Eu amava	Comia	Partia
Tu amavas	Comias	Partias
Elle amava	Comia	Partia
Nós amávamos	Comíamos	Partíamos
Vós amaveis	Comieis	Partieis
Elles amavam	Comiam	Partiam

### Preterito aoristo

Eu amei	Comi	Parti
Tu amaste	Comeste	Partiste
Elle amou	Comeu	Partiu
Nós amámos	Comemos	Partimos
Vós amastes	Comestes	Partistes
Elles amaram	Comeram	Partiram

### Preterito mais que perfeito

Eu amára	Coméra	Partíra
Tu amáras	Coméras	Partíras
Elle amará	Coméra	Partíra
Nós amáramos	Coméramos	Partíramos
Vós amáreis	Coméreis	Partíreis
Elles amáram	Comérâm	Partíram

### Futuro

Eu amarei	Comerei	Partirei
Tu amarás	Comerás	Partirás
Elle amará	Comerá	Partirá
Nós amaremos	Comeremos	Partiremos
Vós amareis	Comereis	Partireis
Elles amarão	Comerão	Partirão

### Condicional

Eu amaria	Comeria	Partiria
Tu amarias	Comerias	Partirias
Elle amaria	Comeria	Partiria
Nós amariamos	Comeríamos	Partiriomas
Vós amarieis	Comerieis	Partirieis
Elles amariam	Comeriam	Partiriam

### Modo imperativo

Ama tu  
Amai vós

Come tu  
Comei vós

Parte tu  
Parti vós

### Modo subjuntivo

#### Presente

Eu ame	Coma	Parta
Tu ames	Comas	Partas
Elle ame	Coma	Parta
Nós amemos	Comámos	Partâmos
Vós ameis	Comais	Partais
Elles amem	Comam	Partam

#### Preterito imperfeito

Eu amasse	Comesse	Partisse
Tu amasses	Comesses	Partisses
Elle amasse	Comesse	Partisse
Nós amássemos	Comessemos	Partissemos
Vós amasseis	Comesseis	Partisseis
Elles amassem	Comessan	Partissem

#### Futuro

Eu amar	Comer	Partir
Tu amares	Comeres	Partires
Elle amar	Comer	Partir
Nós amarmos	Comermos	Partirmos
Vós amardes	Comerdeis	Partirdes
Elles amarem	Comerem	Partirem

### Infinitivo

#### Presente impessoal

Amar Comer Partir

#### Presente pessoal

Amar eu	Comer	Partir
Amares tu	Comeres	Partires
Amar elle	Comer	Partir
Amarmos nós	Comermos	Partirmos
Amardes vós	Comerdeis	Partirdes
Amarem elles	Comerem	Partirem

### Gerundio

Amando	Comendo	Partindo
Amado	Comido	Partido

### 4.<sup>a</sup> Conjugaçāo

#### PÔR

### Modo indicativo

Presente	Preterito imperfeito	Aoristo
Eu ponho	Punha	Pus
Tu pões	Punhas	Poseste
Elle põe	Punha	Pôs
Nós pomos	Púnhamos	Posemos
Vós pondes	Punheis	Poséstes
Elles põem	Punham	Poséram

Mais que perfeito	Futuro	Condisional
Eu posera	Porei	Poria
Tu poseras	Porás	Porias
Elle posera	Porá	Poria
Nós poséramos	Poremos	Poríamos
Vós posereis	Poreis	Porieis
Elles poseram	Porão	Poriam

### Modo imperativo

Põe tu Ponde vós

### Modo subjuntivo

Presente	Preterito imperfeito	Futuro
Eu ponha	Posésse	Posér
Tu ponhas	Posésses	Poséres
Elle ponha	Posésse	Posér
Nós ponhâmos	Poséssemos	Posérmos
Vós ponhais	Poséssveis	Posérdes
Elles ponham	Poséssem	Posérem

### Infinitivo

#### Presente pessoal

Pôr eu  
Pôres tu  
Pôr elle  
Pôrmos nós  
Pôrdes vós  
Pôrem elles

#### Presente impessoal

Pôr  
*Gerúndio*  
Pondo  
*P. passado*  
Pôsto

### Conjugação dos verbos auxiliares

TER

HAVER

SER

### Modo indicativo

#### Presente

Eu tenho	Hei	Sou
Tu tens	Has	E's
Elle tem	Há	E'
Nós temos	Havemos	Somos
Vós tendes	Haveis	Sois
Elles têm	Hão	São

#### Preterito imperfeito

Eu tinha	Havia	Era
Tu tinhas	Hayias	Eras
Elle tinha	Havia	Era
Nós tínhamos	Havíamos	Eramos
Vós tinheis	Hayeis	Ereis
Elles tinham	Haviam	Eram

#### Preterito aoristo

Eu tive	Houve	Fui
Tu tiveste	Houveste	Foste
Elle teve	Houve	Foi
Nós tivemos	Houvemos	Fomos
Vós tivestes	Houvestes	Fostes
Elles tiveram	Houveram	Foram

### Mais que perfeito

Eu tivera	Houvera	Fôra
Tu tiveras	Houveras	Fôras
Elle tivera	Houvera	Fôra
Nós tivéramos	Houvérâmos	Fôramos
Vós tivereis	Houvereis	Fôreis
Elles tiveram	Houveram	Fôram

#### Futuro

Eu terei	Haverei	Serei
Tu terás	Haverás	Serás
Elle terá	Haverá	Será
Nós teremos	Haveremos	Seremos
Vós tereis	Havereis	Sereis
Elles terão	Haverão	Serão

#### Condicional

Eu teria	Haveria	Seria
Tu terias	Haverias	Serias
Elle teria	Haveria	Seria
Nós teríamos	Haveríamos	Seríamos
Vós tericis	Haverieis	Serieis
Elles teriam	Haveriam	Seriam

### Modo imperativo

Tem tu	Há	Sê
Tende vós	Havei	Sede

### Modo subjuntivo

#### Presente

Eu tenha	Haja	Seja
Tu tenhas	Hajas	Sejas
Elle tenha	Haja	Seja
Nós tenhâmos	Hajâmos	Sejâmos
Vós tenhais	Hajais	Sejais
Elles tenham	Hajam	Sejam

*Preterito imperfeito*

Eu tivesse	Houvesse	Fôsse
Tu tivesse	Houvesses	Fôsses
Elle tivesse	Houvesse	Fôsse
Nós tivéssemos	Houvéssemos	Fôssemos
Vós tivesseis	Houvesseis	Fôsseis
Elles tivessem	Houvessem	Fôssem

*Futuro*

Eu tiver	Houver	Fór
Tu tiveres	Houveres	Fôres
Elle tiver	Houver	Fór
Nós tivermos	Houvermos	Fôrmos
Vós tiverdes	Houverdes	Fôrdes
Elles tiverem	Houverém	Fôrem

**Infinitivo**

*Presente impessoal*

Ter	Haver	Ser
-----	-------	-----

*Presente pessoal*

Ter eu	Haver	Ser
Teres tu	Haveres	Seres
Ter elle	Haver	Ser
Termos nós	Havermos	Sermos
Terdes vós	Haverdes	Serdes
Terem elles	Haverem	Serem

*Gerundio*

Tendo	Havendo	Sendo
-------	---------	-------

*Participio passado*

Tido	Havido	Sido
------	--------	------

**Conjugação completa**

(AUXILIAR TER)

**ESTUDAR**

**Modo indicativo**

*Presente*

*Preterito imperfeito*

Eu estudo	Eu estudava
Tu estudas	Tu estudavas
Elle estuda	Elle estudava
Nós estudamos	Nós estudavamos
Vós estudais	Vós estudaveis
Elles estudam	Elles estudavam

*Pret. aoristo*

Eu estudei	Eu tenho estudado
Tu estudaste	Tu tens estudado
Elle estudou	Elle tem estudado
Nós estudámos	Nós temos estudado
Vós estudastes	Vós tendes estudado
Elles estudaram	Elles têm estudado

*Preterito mais que perfeito*

Eu estudára	Eu tinha ou tivera estudado
Tu estudáras	Tu tinhas ou tiveras estudado
Elle estudára	Elle tinha ou tivera estudado
Nós estudáramos	Nós tínhamos ou tiveramos estudado
Vós estudáreis	Vós tinheis ou tivereis estudado
Elles estudáram	Elles tinham ou tiveram estudado

*Futuro*

Eu estudarei	Eu terei estudado
Tu estudarás	Tu terás estudado
Elle estudará	Elle terá estudado
Nós estudaremos	Nós teremos estudado
Vós estudareis	Vós terveis estudado
Elles estudarão	Elles terão estudado

## *Condicional*

Eu estudaria	Eu teria estudado
Tu estudarias	Tu terias estudado
Elle estudaria	Elle teria estudado
Nós estudariamos	Nós teríamos estudado
Vós estudaríeis	Vós teríeis estudado
Elles estudariam	Elles teriam estudado

## **Modo imperativo**

Estuda tu  
Estudai vós

## **Modo subjuntivo**

Eu estude	Eu estudasse
Tu estudes	Tu estudasses
Elle estude	Elle estudasse
Nós estudemos	Nós estudassemos
Vós estudais	Vós estudassem
Elles estudem	Elles estudassem

<i>Pretérito perfeito</i>	<i>Pret. mais que perfeito</i>
Eu tenha estudado	Eu tivesse estudado
Tu tenhas estudado	Tu tivesses estudado
Elle tenha estudado	Elle tivesse estudado
Nós tenhâmos estudado	Nós tivessemos estudada
Vós tenhais estudado	Vós tivesseis estudado
Elles tenham estudado	Elles tivessem estudada

Eu estudar	Eu tiver estudado
Tu estudas	Tu tiveres estudado
Elle estudar	Elle tiver estudado
Nós estudarmos	Nós tivermos estudado
Vós estudardes	Vós tiverdes estudado
Elles estudarem	Elles tiverem estudado

## **Infinitivo**

#### *Præcis impressoal*

### **Estudar**

*Pres. pessoal*

Estudar eu  
Estudares tu  
Estudar elle  
Estudarmos nós  
Estudardes vós  
Estudarem elles

Estadística

*Pret. impessoal*

## Ter estudiado

### Pret. pessoal

Ter eu estudo  
Teres tu estudo  
Ter elle estudo  
Termos nós estudo  
Terdes vós estudo  
Terem elles estudo

## *Ferundio* Tendo estudiado

### *Participio passado*

Estudado

## Conjugação (*vōz passiva*)

SER AMADO

## **Modo indicativo**

Presenta

### Pret. *imperfeito*

Eu sou	{	amado, a	Eu era	{	amado, a
Tu és			Tu eras		
Elle, ella é			Elle, ella era		
Nós somos			Nós éramos		
Vós sois		amados as	Vós ereis		amados, as
Elles, ellas são			Elles, ellas eram		

Aristo

### *Mais que perfeito*

Eu fui	amado, a	Eu fôra	{ amado, a
Tu foste		Tu fôras	
Elle, ella foi		Elle, ella fôra	

Nós fomos	{ amados, as	Nós foramos	{ amados, as
Vós fostes		Vós foreis	

Elles, elas foram

**Futuro****Condicional**

Eu serei	{ amado, a	Eu seria	{ amado, a
Tu serás		Tu serias	

Elle, ella será  
Nos seremos  
Vós sereis  
Elles serão

**Modo imperativo**

Sê tu amado ou amada  
Sêde vós amados ou amadas.

**Modo subjuntivo****Presente****Pret. imperfeito**

Eu seja	{ amado, a	Eu fosse	{ amado, a
Tu sejas		Tu fosses	

Elle, ella seja  
Nós sejâmos  
Vós sejais  
Elles, elas sejam

**Futuro**

Eu fôr	{ amado, a
Tu fôres	

Elle, ella fôr  
Nós fôrmos  
Vós fôrdes  
Elles, elas fôrem

**Infinitivo****Presente impessoal**

Ser amado, a

**Pres. pessoal****Gerundio**

Ser eu	{ amado, a	Sendo amado, a, os as
Seres tu		P. passado

Ser elle, ella  
Sermos nós  
Serdes vós  
Serem elles, elas

NOTA.— Os tempos compósitos são formados á similitude do verbo *estudar*: *tenho sido amado*, *terei sido amado*, *tiver sido amado*, etc.

Basta empregar o verbo *ser* em sua conjugação completa juntando-lhe o participio passado do verbo principal.

**Conjugação do verbo pronominal****LEMBRAR-SE****TEMPOS SIMPLES****Modo indicativo****Presente****P. aoristo**

Eu me lembro	Eu me lembrei
Tu te lembras	Tu te lembraste
Elle se lembra	Elle se lembrou
Nós nos lembramos	Nós nos lembrámos
Vós vos lembrais	Vós vos lembraستes
Elles se lembram	Elles se lembaram

**Imperfeito****Mais que perfeito**

Eu me lembrava	Eu me lembrára
Tu te lembravas	Tu te lembráras
Elle se lembrava	Elle se lembrára
Nós nos lembrávamos	Nós nos lembráramos
Vós vos lembraveis	Vós vos lembráreis
Elles se lembravam	Elles se lembráram.

*Futuro*

*Condisional*

<i>Eu me lembrarei</i>	<i>Eu me lembraria</i>
<i>Tu te lembrarás</i>	<i>Tu te lembrarias</i>
<i>Elle se lembrará</i>	<i>Elle se lembraria</i>
<i>Nós nos lembraremos</i>	<i>Nós nos lembrariamos</i>
<i>Vós vos lembrareis</i>	<i>Vós vos lembrarieis</i>
<i>Elles se lembrarão</i>	<i>Elles se lembrarium</i>

**Modo imperativo**

*Lembra-te tu*  
*Lembrai-vos vós*

**Modo subjuntivo**

*Presente*

*Pret. imperfeito*

<i>Eu me lembre</i>	<i>Eu me lembrasse</i>
<i>Tu te lembres</i>	<i>Tu te lembrasses</i>
<i>Elle se lembre</i>	<i>Elle se lembrasse</i>
<i>Nós nos lembremos</i>	<i>Nós nos lembrassemos</i>
<i>Vós vos lembreis</i>	<i>Vós vos lembrasseis</i>
<i>Elles se lembrem</i>	<i>Elles se lembrassem</i>

*Futuro*

*Eu me lembrar*  
*Tu te lembrares*  
*Elle se lembrar*  
*Nós nos lembrarmos*  
*Vós vos lembrardes*  
*Elles se lembrarem*

**Infinitivo**

*Presente impessoal*

*Lembrar-se*

*Presente pessoal*

*Lembrar-me eu*  
*Lembrares-te tu*  
*Lembrar-se elle*  
*Lembrarmos-nos nós*  
*Lembrardes-vos vós*  
*Lembrarem-se elles*

*Gerundio*

*Lembrando-se*

*P. passado*

*Lembrado*

**Conjugação do verbo impessoal**

**CHOVER**

**Modo indicativo**

<i>Presente</i>	<i>Mais que perfeito</i>
-----------------	--------------------------

*Chove*

*Chovêra*

<i>Pret. imperfeito</i>	<i>Futuro</i>
-------------------------	---------------

*Chovia*

*Choverá*

<i>Aoristo</i>	<i>Condisional</i>
----------------	--------------------

*Choveu*

*Choveria*

**Modo subjuntivo**

<i>Presente</i>	<i>Imperfeito</i>	<i>Futuro</i>
-----------------	-------------------	---------------

*Chova*

*Chovesse*

*Chover*

**Infinitivo**

<i>Presente</i>	<i>Gerundio</i>	<i>Passado</i>
-----------------	-----------------	----------------

*Chover*

*Chovendo*

*Chovido*

## OBSERVAÇÕES

### VERBOS REGULARES

Os verbos terminados em :

**car**—mudam o c em *qu* antes de *e*: *calcar*, *calque*;

**çar**—perdem a cedilha antes de *e*: *caçar*, *cacei* ;  
**cer**—tomam a cedilha antes de *a*, *o*: *carecer*, *careça*, *careço* ;

**ear**—mudam o *e* em *ei* no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do plural: *clarear*, *clareio*, *clareie* ;

**iar**—uns mudam o *i* em *ei* euphonico no presente do indicativo e do subjuntivo, excepto na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do plural: *agenciar*, *agremiar*, *anciar*, *cadenciar*, *commerciar*, *diligenciar*, *evidenciar*, *incendiар*, *licenciar*, *mediar*, *negociar*, *odiаr*, *premiar*, *presenciar*, *penitenciar*, *remediar*, *sentenciar*, etc.

Outros conservam o *i* sem alteração: *adiar*, *afiar*, *atiar*, *alumiаr*, *aviar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*, *fiar*, *miar*, *saciаr*, *tosquiar*, *variar*.

**gar**—mudam o *g* em *gu* antes de *e*: *pagar*, *pague* ;

**ger**, **gir**—mudam o *g* em *j* antes de *a*, *o*: *eleger*, *eleja*, *elejo* ; *corrigir*, *corrija*, *corrijo* ;

**guer**, **guir**—mudam o *gu* em *g* antes de *a*, *o*: *erguer*, *erga*, *ergo* ; *distinguir*, *distinguа*, *distingo* ;

**uzir**—perdem o *e* na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente: *luzir*, *luz* (*luze*); *reduzir*, *reduz*, (*reduce*).

Antigamente se não dava esta apocope.

### VERBOS IRREGULARES

#### 1.<sup>a</sup> Conjugaçao

##### Dar

**Ind.** *presente* : Dou, dás, dá, damos, dais, dão.  
*aoristo* : Dei, déste, deu, demos, déstes, déram.  
*m. q. p.* : Déra, déras, déra etc.

**Subj.** *pres.* : Dê, dês, dê, démos, deis, dêem.  
*imp.* : Désse, desses, désse, déssemos, etc.  
*fut.* : Dér, déres, dér, dérmos, etc.

OBSERVAÇÃO—Não será mencionado o *imperativo* porque as pessoas que elle tem (a 2.<sup>a</sup> de cada numero) se fórmam das correspondentes do presente do indicativo com a perda da letra *s* final. Exceptua-se o verbo *ser*.

As outras pessoas que o imperativo não possui—a 1.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup>—são supridas pelas do subjuntivo; ex.: *Dê eu*, *dá tu*, *dé elle*, *demos nós*, *dai vós*, *dêem elles*.

Si a conjugação fôr negativa, as pessoas do imperativo são todas substituidas pelas do subjuntivo; ex.: *Não dê eu*, *não dés tu*, *não dé elle*, *não demos nós*, *não deis vós*, *não dêem elles*.

Assim se diz que em Portuguese não ha propriamente imperativo negativo.

##### Estar

**Ind.** *presente* : Estou, estás, está, estamos, etc.  
*aoristo* : Estive, estiveste, esteve, estivemos etc.  
*m. q. perf.* : Estivéra, estivéras, estivéra, etc.

**Subj.** *presente* : Esteja, estejas, esteja, estejâmos, etc.  
*impf.* : Estivesse, estivesses, estivesse, etc.

*fut.* : Estiver, estiveres, estiver, etc.

OBSERVAÇÃO—Os compostos *constar*, *obstar*, *prestar*, *restar*, *e sustar* são regulares.

## 2.<sup>a</sup> Conjugação

### Caber

- Ind.** pres.: Caibó, cabes, cabe, cabemos, etc.  
aoristo : Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.  
m. p. perf.: Coubéra, couberás, couberá, couberámos, etc.  
**Subj.** pres.: Caiba, caibas, caiba, caibámos, etc.  
imperf.: Coubesse, coubesses, coubesse, etc.  
fut.: Coubér, couberés, coubér, coubermos, etc.

### Crêr

- Ind.** pres.: Creio, crês, crê, crêmos, crêdes, crêem.  
**Subj.** pres.: Creia, creias, creia, creiâmos, etc.  
Da mesma forma se conjuga o verbo *lér*.

### Dizer

- Ind.** pres.: Digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem.  
aoristo : Disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, etc.  
m. q. perf.: Disséra, disséras, disséra, disséramos, etc.  
fut.: Direi, dirás, dirá, diremos, direis, etc.  
cond.: Diria, dirias, diria, diríamos etc.  
**Subj.** pres.: Diga, digas, diga, digámos, digais, digam.  
imp.: Dissesse, disseses, dissesse, disséssemos, etc.  
fut.: Dissér, disséras, dissér, dissérmos, dissérdes, etc.  
**Inf.** p. passado : Dito.

### Fazer

- Ind.** pres.: Faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem.  
aoristo : Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizéram.  
m. q. perf.: Fizéra, fizéras, fizéra, fizéramos, etc.  
fut.: Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.  
cond.: Faria, farias, faria, fariamos, etc.  
**Subj.** pres.: Faça, faças, faça, façâmos, façais, etc.  
imperf.: Fizésse, fizésses, fizéssse, fizéssemos, etc.  
fut.: Fizér, fizéras, fizér, fizérmos, etc.  
**Inf.** p. passado : Feito.

### Perder

- Ind.** pres.: Perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.  
**Subj.** pres.: Perca, percas, perca, percâmos, percais, etc.

### Poder

- Ind.** pres.: Posso, pôdes, pôde, podemos, podeis, pôdem  
aoristo : Pude, podeste, pôde, podemos, etc.  
**Subj.** pres.: Possa, possas, possa, possâmos, etc.  
imperf.: Podésse, podesses, podesse, podessemos, etc.  
fut.: Podér, podéres, poder, podérmos, etc.  
Não se usa no imperativo.

### Prazer (impeçsso)

- Ind.** pres.: Praz.  
aoristo : Prouve.  
m. q. perf.: Prouvéra.  
**Subj.** pret. imperf.: Prouvesse.  
fut.: Prouvêr.

### Querer

- Ind.** pres.: Quero, queres, quer, queremos, quereis, etc.  
aoristo : Quis. quiseste, quis, quisemos, quisestes, etc.  
m. q. perf.: Quiséra, quiséras, quiséra, quiséramos, etc.  
**Subj.** pres.: Queira, queiras, queira, queirâmos, etc.  
imp.: Quisesse, quisesses, quisesse, quisessemos, etc.  
fut.: Quisér, quiséras, quisér, quisérmos, etc.  
Não se usa no imperativo.

### Requerer

- Ind.** pres.: Requeiro, requéres, requér, requeremos, etc.  
**Subj.** pres.: Requeira, requeiras, requeira, requeirâmos, etc.  
Antigamente dizia-se na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do indicativo presente *requere*: O Gama lhe requere (Camões). Ainda hoje quando se lhe seguem os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, assim se emprega: *requere-o*, *requere-a*.

### Saber

- Ind.** pres.: Sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem.  
aoristo : Soubre, soubeste, soube, soubemos, etc.  
**Subj.** pres.: Saiba, saibas, saiba, saibâmos, etc.  
imperf.: Soubesse, soubesses, soubesse, soubesse, etc.  
fut.: Soubér, soubéras, soubér, soubérmos, etc.

### Trazer

- Ind.** pres. Trago, trazes, traz, trazemos, etc.  
 aoristo. : Trouxe, trouxeste, trouxe, etc.  
 m. q. perf. : Trouxera, trouxeras, trouxera, etc.  
 fut. : Trarei, trarás, trará, traremos, etc.  
 cond. : Traria, trarias, traria, etc.  
**Subj.** pres. : Traga, tragas, traga, tragâmos, etc.  
 imperf. : Trouxesse, trouxesses, trouxesse, etc.  
 fut. : Trouxér, trouxéres, trouxér, etc.

### Valer

- Ind.** pres. : Valho, vales, vale ou val, valemos, etc.  
**Subj.** pres. : Valha, valhas, valha, valhâmos, etc.

### Vêr

- Ind.** pres. : Vejo, vês,vê, vêmos, vêdes, vêm.  
 aoristo. : Vi, viste, viu, vímos, vistes, viram.  
 m. q. perf. : Vira, viras, víra, víramos, víreis, etc.  
**Subj.** pres. : Veja, vejas, veja, vejâmos, vejais, etc.  
 imperf. : Visse, visses, visse, vissemos, visseis, etc.  
 fut. : Vir, vires, vir, virmos, virdes, virem.  
**Inf.** p. passado. : Visto.  
 O seu derivado **Prover** afasta-se no:  
**Ind.** p. aoristo. : Provi, proveste, proveu, provemos, etc.  
 m. q. perf. : Provéra, provéras, etc.  
**Subj.** p. imperf. : Provésse, provésses, provésse, etc.  
 futuro. : Provér, provéres, provér, etc.  
**Inf.** p. passado. : Provido.

## 3.<sup>a</sup> Conjugação

### Aderir

- Ind.** pres. : Adiro, adéres, adére, aderimos, aderís, adérem.  
**Subj.** pres. : Adira, adiras, adira, adirâmos, etc.  
 Por este verbo se conjugam: *advertir, aferir, comedir, compelir, competir, conseguir, deferir, despír, discernir, digerir, divergir, divertir, exacerir, expelir, ferir, impelir, mentir, preterir, reflectir, repelir, repetir, seguir, sentir, servir, vestir*, etc.

### Acudir

- Ind.** pres. : Acudo, acódes, acóde, acudimos, acudís, acódem.  
**Subj.** pres. : Acuda, acudas, acuda, acudâmos, etc.  
 Antigamente este verbo era regular: conservava o *u* em toda a conjugação: **Acude e corre pai.** (*Camões— Os Lusíadas*). O mesmo se observa relativamente a *fugir, instruir e consumir*, empregados pelo mesmo poeta.  
 Por este verbo se conjugam: *bulir, construir, consumir, cuspir, destruir, engulir, entupir, fugir, sacudir, subir, sumir, tusir*, etc.

### Agredir

- Ind.** pres. : Agrido, agrides, agride, agredimos, agredís, agredem.  
**Subj.** pres. : Agrida, agridas, agrida, etc.  
 Por este verbo se conjugam: *prevenir, transgredir*, etc.

### Cobrir

- Ind.** pres. : Cubro, cóbres, cóbre, cóbrimos, cobrís, cóbrem.  
**Subj.** pres. : Cubra, cubras, cubra, etc.  
**Inf.** p. pres. : Coberto.  
 Por este verbo se conjuga: *dormir*.

### Cortir

- Ind.** pres. : Curto, curtes, curte, curtimos, curtís, curtem.  
**Subj.** pres. : Curta, curtas, curta, etc.  
 Por este verbo se conjuga: *sortir*.

### Frigir

- Ind.** pres. : Frijo, fréges, frége, frigimos, frigís, frégem.  
**Inf.** p. pass. : Frito ou Frigido.

### Ir

- Ind.** pres. : Vou, vais, vai, vamos ou imos, ides, vão.  
 aoristo: Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.  
 m. q. perf. : Fôra, fôras, fôra, fôramos, fôreis, fôram.

**Subj.** pres.: Vá, vás, vá, vâmos, vades, vão.  
imperf.: Fosse, fosses, fosse, fossemos, fosseis, fossem.  
fut.: Fôr, fôres, fôr, fôrmos, fôrdes, fôrem.

### Medir

**Ind.** pres.: Meço, medes, mede, medimos, medis, medem.  
**Subj.** pres.: Meça, meças, meça, meçâmos, etc.  
Por este verbo conjugam-se *ouvir, pedir, despedir, impedir*, etc.

NOTA.—Os verbos *despedir* e *impedir* só têm relativamente a *pedir* a similitude de forma; não têm nem a mesma origem, nem aproximada significação.

A essa similitude se deve o facto de serem considerados irregulares quando deviam ser conjugados regularmente no indicativo presente e no subjuntivo: *despido, impido, despida, impida*, etc.

Os exemplos nos escritores antigos são sem conta:  
Vieira: *Eia, meu príncipe, despida-se V. A. dos livros.*  
*Com esta ultima advertencia vos despido, ou me des-*

*pido de vós.*

Duarte Nunes Leão na *Orthographia* emprega: **despida-me.**  
Francisco José Freire confirma que alguns escritores não querem fazer irregular este verbo, como hoje diz a maioria dos modernos.

Camões em *Os Lusíadas*: *Não me impidas o gosto da tornada.*  
Castilho no *Presbyterio da Montanha*: **impidam** de seguir.

### Remir (redimir)

**Ind.** pres.: Redimo, redimes, redime, remimos, remís, redimem.  
**Subj.** pres.: Redima, redimas, redima, etc.

### Rir

**Ind.** pres.: Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.  
**Subj.** pres.: Ria, rias, ria, riâmos, riais, riam.

### Vir

**Ind.** pres.: Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem.  
imperf.: Vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vínheis, etc.  
aoristo.: Vim, vieste, veiu, viemos, viestes, viéram.  
m. q. perf.: Viéra, viéras, viéra, viéramos, viéreis, etc.  
**Subj.** pres.: Venha, venhas, venha, venhâmos, etc.  
imperf.: Viesse, viesses, viesse, viéssemos, etc.  
**Inf.** p. pass.: Vindo.

### Defectivos

Ha alguns verbos que se não conjugam em certas pessoas.

São considerados defectivos aquelles a cujo radical se seguem as letras *a* ou *o*: *brandir, carpir, discernir, explodir, feder, fruir, ganir, inherir, latir*; aquelles a cujo radical se seguem as letras *a, o, e*: *abolir,adir, banir, colorir, delinquir, delir, demolir, empedernir, exaurir, extorquir, falir, florir, munir, polir, renhir, retorquir,*

*Precaver, rehaver* não se usam nas três pessoas do singular e na 3.<sup>a</sup> do plural do indicativo, do imperativo e no subjuntivo presente.

*Soer* só se usa em *sóe, sóes, sóem, soía.*

O uso de certas formas dos verbos defectivos pelos escritores, vai restringindo a lista desses verbos.

Vemos, assim, empregados: *bane, extórque, extórquam, colorem, déle* etc.

### Participio passado

Muitos verbos têm duas formas no participio passado: uma forma regular e outra irregular.

A 1.<sup>a</sup> é empregada geralmente com os verbos *ter* e *haver*; a 2.<sup>a</sup>, simples adjetivo verbal, é mais usada com os verbos *ser* e *estar*.

1.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

<i>Part. Pass..</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Part. Pass.</i>	<i>Part. Pass.</i>
<i>Reg.</i>	<i>Irreg.</i>	<i>Reg.</i>	<i>Irreg.</i>
Aceitado	<i>Aceito ou aceite</i>	Ignorado	<i>Ignoto</i>
Agradado	<i>Grato</i>	Infeccionado	<i>Infecto</i>
Apronitado	<i>Pronto</i>	Juntado	<i>Junto</i>
Bemquistado	<i>Bemquisto</i>	Libertado	<i>Liberto</i>
Captivado	<i>Cáptivo</i>	Limpado	<i>Limpo</i>
Cegado	<i>Cégo</i>	Livrado	<i>Livre</i>
Completado	<i>Completo</i>	Matado	<i>Morto</i>
Confessado	<i>Confesso</i>	Manifestado	<i>Manifesto</i>
Cultivado	<i>Culto</i>	Misturado	<i>Misto</i>
Curvado	<i>Curvo</i>	Molestado	<i>Molesto</i>
Densado	<i>Denso</i>	Murchado	<i>Murcho</i>
Descalçado	<i>Descalço</i>	Ocultado	<i>Oculto</i>
Despertado	<i>Desperpto</i>	Pegado	<i>Preso</i>
Dispersado	<i>Disperso</i>	Professado	<i>Professo</i>
Entregado	<i>Entregue</i>	Salvado	<i>Salvo</i>
Enxugado	<i>Enxuto</i>	Segurado	<i>Seguro</i>
Expressado	<i>Expresso</i>	Sepultado	<i>Sepulto</i>
Expulsado	<i>Expulso</i>	Situado	<i>Sito</i>
Faltado	<i>Falto</i>	Soltado	<i>Solto</i>
Fartado	<i>Farto</i>	Sujeitado	<i>Sujeito</i>
Findado	<i>Findo</i>	Suspeitado	<i>Suspeito</i>
Fixado	<i>Fixo</i>	Voltado	<i>Volto</i>

2.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

Absorvido	<i>Absorto</i>	Escurecido	<i>Escuro</i>
Acendido	<i>Aceso</i>	Imergido	<i>Immerso</i>
Agradecido	<i>Grato</i>	Incorrido	<i>Incurso</i>
Attendido	<i>Attento</i>	Morrido	<i>Morto</i>
Bemquerido	<i>Bemquisto</i>	Nascido	<i>Nado, Nato</i>

Benzido	<i>Bento</i>	Pervertido	<i>Perverso</i>
Convencido	<i>Convicto</i>	Prendido	<i>Preso</i>
Convertido	<i>Converso</i>	Removido	<i>Remóto</i>
Corrompido	<i>Corrupto</i>	Resolvido	<i>Resoluto</i>
Defendido	<i>Defeso</i>	Revolvido	<i>Revôlto</i>
Desenvolvido	<i>Desenvolto</i>	Rompido	<i>Roto</i>
Devolvido	<i>Devoluto</i>	Submettido	<i>Submisso</i>
Dissolvido	<i>Dissoluto</i>	Surpreendido	<i>Surpreso</i>
Elegido	<i>Eleito</i>	Suspendido	<i>Suspenso</i>
Enchido	<i>Cheio</i>	Torcido	<i>Torto</i>

3.<sup>a</sup> CONJUGAÇÃO

Affligido	<i>Afflicto</i>	Expellido	<i>Expulso</i>
Circunduzido	<i>Circunduto</i>	Exprimido	<i>Expresso</i>
Coagido	<i>Coacto</i>	Extinguido	<i>Extinto</i>
Comprimido	<i>Compresso</i>	Imprimido	<i>Impresso</i>
Goneluido	<i>Concluso</i>	Incluido	<i>Incluso</i>
Confundido	<i>Confuso</i>	Omittido	<i>Omissio</i>
Contundido	<i>Contuso</i>	Opprimido	<i>Oppreso</i>
Corrigido	<i>Correcto</i>	Submergido	<i>Submerso</i>
Dirigido	<i>Directo</i>	Suprimido	<i>Suppresso</i>
Distinguido	<i>Distinto</i>	Surgido	<i>Surto</i>
Erigido	<i>Erecto</i>	Tingido	<i>Tinto</i>



I

Etimologia

**Etimologia** é a parte da morphologia em que se estuda a origem ou a derivação das palavras.

As palavras de lingua portugueza se derivam, em sua maior parte, da lingua latina considerada a *lingua-mãe*.

A evolução do Latim, dando nascimento ás linguas *românicas* ou *novo-latinas*, tornou patentes certas leis determinantes da transformação dos sons.

Estas leis pôdem ser resumidas nas nove seguintes:

1.<sup>a</sup> PERSISTENCIA DO ACENTO TONICO: *amare*, amar; *hominem*, homem.

Este principio foi o grande factor que determinou a origem latina da lingua portugueza.

E' uma lei que se observa em todas as linguas românicas.

Ha algumas excepções produzidas:

a) por analogia: amávamos modelado em amáva, derivado de *amabámos*.

b) a conjugação latina em *ere* breve originou verbos em *ere* longo: *cúrrere*, correr.

2.<sup>a</sup> QUEDA DA VOZ NÃO ACENTUADA, quer no princípio: *episcopus*, bispo; quer no meio: *malitatem*, maldade; quer no fim: *misturare*, misturar.

3.<sup>a</sup> CONVERSÃO DAS VOZES ACENTUADAS OU NÃO.

Segundo diz Meyer Lübke, as modificações das vogais são devidas em primeiro lugar ao acento. As tonicas, por causa do esforço maior com que são articuladas, alongam-se, redobram-se, ditongam-se; as átonas são sujeitas a enfraquecer-se em sons incolores e a desaparecer.

São as seguintes as mais importantes conversões vocais:

*a* em *e*: *alacrem*, alegre.

*a* » *i*: *Agnes*, Ignez.

*a* » *o*: *famem*, fome.

*a* » *ei*: *basium*, beijo.

*a* » *ou*: *saltum*, souto.

*e* » *a*: *reginam*, rainha.

*e* » *i*: *mecum*, migo.

*e* » *o*: *per*, por.

*e* » *ei*: *crenare*, queimar.

*i* » *a*: *bilancem*, balança.

*i* » *é*: *trifolium*, trevo.

*o* » *a*: *dominam*, dama.

*o* » *e*: *obscurum*, escuro.

*o* » *u*: *totum*, tudo.

*u* » *e*: *umbelicum*, embigo.

*u* » *o*: *urticam*, ortiga.

*u* » *oi*, *ou*: *lavaturum*, lavadouro, *venturus*, vindouro.

*y* » *a*: *syphonium*, sanfone.

*y* » *e*: *gypsum*, gesso.

*y* » *o*: *byrsun*, bolsa.

*y* » *u*: *crytam*, gruta.

*æ* » *e*: *æram*, era.

*au* » *o*: *pauper* pobre; pôde se conservar: *caudam*, cauda; se muda tambem para *ou* e *oi*: *aurum*, ouro e oiro; e se muda para *a*: *augustus*, agosto.

*æ* em *e*: *cælum*, céu.

4.<sup>a</sup> QUEDA OU PERDA DA CONSOANTE ENTRE VOGAIS: *comedere*, comer; *malum*, máu; e perda ou transformação da consoante final: *ad*, a; *sic*, sim.

Sendo as vogais mais sonoras que as consoantes, estas tendem sempre a caír mais facilmente.

Desde que uma consoante, pela sua posição ou formação, é pouco percebida, não servindo de carácter distintivo ao grupo phonico, é facil desaparecer.

5.<sup>a</sup> PERSISTENCIA DA CONSOANTE INICIAL QUE, ÀS VEZES, SE TRANSFORMA: *casa*, casa; *catus*, gato.

E' no principio das palavras que as consoantes apresentam maior força de resistencia.

No segundo exemplo apontado dá-se o que se chama:

6.<sup>a</sup> ABRANDAMENTO, isto é, TROCA DE LETRAS QUE TÊM O MESMO ORGAM SONORO.

Os principaes casos de abrandamento na passagem dos sons do Latim para o Portuguez são:

b em m : *morbo*, mormo ; *cannabis*, câñhamo.

b » v : *debére*, dever.

c » g : *caveolam*, gaiola.

c » ch : *murcidum*, murcho.

c » z : *crucem*, cruz.

d » g : *delphinum*, golfinho.

d » l : *judicare*, julgar.

d » r : *cicadulam*, cigarra.

f » h : *fetibundus*, hediondo.

f » v : *aurifizem*, ourives.

g » z : *spargere*, esparzir.

l » r : *lilium*, lírio.

l entre vogal e consoante se vocaliza : *falcem*, foice.

m em n antes de t : *comitem*, conde.

n » l : *animam*, alma.

n » m : *finem*, fim.

n » r : *sanare*, sarar.

p » b : *lupum*, lobo.

p » m : *calumpiam*, calumnia.

q » g : *aquam*, agua.

q » l : *papyrus*, papel.

t » d : *rotam*, roda.

t » c, z : *gratiam*, graça ; *avaritiam*, avareza.

v » b : *vultur*, abutre.

v » f : *palaveredus*, palafrem.

v » g : *vastare*, gastar, pela influencia do w germanico, pronunciado *gu* : *werra*, guerra.

x em s ou x : *sex*, seis ; *axe*, eixo. Houve tambem a produçao de um i. Como x tem dois elementos c, s, em alguns casos c não se vocaliza, mas assimila-se ao s : *dixi*, disse.

z em g : *zinziber*, gengibre (atração).

7.<sup>a</sup> REFORÇO, que é uma excepção, um phenomeno opposto ao abrandamento e um facto muito raro : *passionem*, paixão ; *scalam*, escada.

8.<sup>a</sup> DISSIMILAÇÃO, isto é, reação ou repulsão que

um som exerce sobre outro para evitar que seja repetido : o suffixo *al* se junta ao radical que contenha *r*, e o suffixo *ar* ao radical que contenha *l* : *austral*, *rural* ao lado de *popular*, *secular*.

Esta lei tambem existe em Latim e foi observada por Leo Meyer e Corssen que dizem que ha um principio pelo qual essa lingua se esforça por não repetir o mesmo som na palavra.

Assim, havendo dois suffixos quasi identicos *ali* e *ari*, formam-se em Latim : *austr-alis*, *rur-alis*, *reg-alis*, *mor-alis*, *mort-alis*, ao lado de *vulg-aris*, *popul-aris*, *epul-aris*, isto é, o suffixo *ari* não se junta em regra a um thema ou raiz que contenha já outro *r*, nem o suffixo *ali* a um thema ou raiz que contenha já um *l*.

Pott é da mesma opinião e diz : Si o corpo da palavra encerra um *l*, os romanos preferem a desinencia *aris* : *seculares*, *regularis*, com as duas unicas excepções : 1.<sup>a</sup> que o *l* era conservado quando havia tambem um *r* no corpo da palavra e o *r* estava mais perto da terminação que o *l* : *pluralis*, *lateralis* ; 2.<sup>a</sup> quando o *l* fazia parte de uma consoante composta, como em *fluvialis*, *glacialis*.

9.<sup>a</sup> CONVERSÃO dos grupos *cl*, *fl*, *pl*, *tl* em *ch* : *clave*, chave ; *flamma*, chamma ; *plorare*, chorar ; *totulare* (*t'lutare*) choutar.

CONVERSÃO de *et* em *ch* ou *ut* ou *it* : *cactum*, cacho ; *actum*, auto ; *lectum*, leito ; *octum*, oito, outo (arcaico).

CONVERSÃO de *bl*, *cl*, *gl*, *pl*, *sl*, *tl* em *lh* : *tribulare*, *tribl'are*, trilhar ; *articulum*, *artic'lum*, artelho ; *tegilam*, *tegl'am*, telha ; *scopulum*, *scop'lum*, escolho ; *insulam*, *ins'lam*, ilha (unico exemplo, diz Julio Ribeiros) ; *vetulum*, *vet'lum*, velho.

CONVERSÃO de *gn* em *nh* : *lignum*, lenho.

Observe-se que em :

*M'r*, *m'l* intercala-se um *b* : *umero*, *um'ro*, ombro ; *cumulo*, *cum'lo*, combro.

*Bl*, *gl* perdem, ás vezes, a inicial : *blastimare*, lastimar ; *glande*, lande.

*Pt*, assimila-se : *nepta*, (netta), neta.

*Ps*, *rs* assimilam-se em *ss* : *ipse*, esse ; *persona*, pess a.

São estas as leis mais importantes, reconhecidas por todas as grammaticas, para a transformação dos sons em Portuguez.

Quaes as causas, porém, que produziram estas leis?

Impossivel será determina-las; entretanto, ha dois grandes principios, que juntos á influencia do meio, pôdem ser considerados como os de maior importancia.

O primeiro principio é a lei do menor esforço que Sweet e Palessy chamam *principio de economia*.

O segundo é o *principio de enfase*, largamente estudado por Sayce e Sweet.

Tiram-se d'ahi duas leis:

1º A linguagem tende constantemente a desembaraçar-se do que é superfluo.

2º A linguagem tende constantemente a pôr em relevo o que é necessário.

E' da primeira que derivam a fraca acentuação das silabas pouco importantes, a assimilação mais ou menos completa de dois sons consecutivos, a abreviação das sillabas longas. Esta lei é observada clara e quotidianamente na linguagem do povo, elemento corruptor de uma língua.

O inglez, de todas as linguas indo-européas, é a que mais emprega o principio do menor esforço.

A lei do menor esforço, diz Chaignet, não é uma prova de fraqueza, é uma prova de bom senso.

E' a lei de economia universal que a natureza e o espírito seguem por toda a parte e sempre, no emprego de suas forças. A riqueza não é mais que a força economizada.

O instinto do bello, o sentimento da harmonia e do ritmo, a necessidade da simplicidade, as necessidades superiores da clareza lógica, o espírito, enfim, eis os grandes autores dessas permutas que têm por fim os fins intellectuaes da palavra: suprimir ou diminuir a pouco e pouco nas articulações tudo o que exige um esforço violento e inutil, todos os sons que incomodam aos ouvidos, que fazem abrir desagradavelmente a boca, que fazem inchar as veias da garganta, todos os sons que se aproximam dos berros, dos mugidos, dos sibilos, dos miados e dos uivos dos animaes.

A segunda lei, embora menos conhecida, não deixa, por isto, de ser verdadeira e é, por certo, uma consequencia lógica da primeira.

E tanto é assim que, si o principio de economia agisse sosinho, tornar-se-iam as linguas, depois de um certo tempo, desconhecidas e, por consequencia, seriam impróprias para servir de meio de communicação.

E' justamente o que se observa no emprego dos arcaísmos e neologismos, cuja luta é um dos factos mais interessantes a estudar na vida literaria de uma língua.

Sobre as consoantes duplas *lh* e *nh* notamos as observações de Pacheco Junior:

« A nossa consoante dupla *lh* só foi representada graficamente no seculo 15.

Nos seculos 14. e 15. representavam-na (como no hespanhol e provençal) por *ll* ou *l* ainda quando não se seguia o *i* palatal: *filo*, *filo*, *muller*, *mellor*.

Em S. Paulo o povo pronuncia *moiado*, *teiado*; o francez diz *bataion* (*bataillon*)

O *l* latino tem tres sons: lingual, dental e palatal; o ultimo soava quasi como a nossa molhada e em *batalha*, *filho*, *lhe* se percebe um som rapido do *i*. Esse *h* inorganico servia apenas para substituir o *i* palatal ou alongar a vogal.

O emprego do *nh* foi uma consequencia logica da adopção do *lh*. Julgamos que os romanos pronunciavam *gn* e *nh* com o som da nossa molhada, como os francezes e italianos e não diziam como nós *signo*, *magno* mas *sinho*, *manho*. Esse modo de escrever (*cognoscere*, conhecer, *ignóro*, popular *inhóro*; os antigos diziam *conháto* de *cognáto*), o facto de ser essa nossa molhada representada antigamente por *gn*: *pegnorar*, *senor*, e de serem as palavras em que os elementos *g*, *n* sóam separados, todas de criação artificial, de origem erudita: *igneo*, *inexpugnável*, *estagnado*, bastariam para verificar nossa *hypothese*, notando-se que isso era *commum* ao celtico e ibero»

## II

### DERRIVAÇÃO

As palavras se derivam umas das outras por meio de suffixos: *vigoroso*—*vigor* e suffixo *oso*.

As palavras pôdem formar-se de outras por meio de prefixos, ou por termos *juxta-postos*: *prevér*—*vér* e prefixo *pre*; *ponta-pé*.

Os prefixos e suffixos são de origem vernacula, latina e grega.

### PREFIXOS

## I

**Vernaculos** são os prefixos que se originam na propria lingua portugueza.

Os mais conhecidos são :

*ante* — precedencia — *antehontem*  
*contra* — oposição — *contradizer*  
*com, co* — união — *compôr, cooperar*  
*em* — collocação — *embarcar*  
*entre* — collocação em meio — *entrelaçar*  
*sem* — exclusão — *semsabor*  
*sob* — em baixo — *sobpôr*. Toma as formas *sopapo*; *soto* — *sotopôr*, e *sota* — *sotapiloto*.  
*sobre* — em cima — *sobrenome*

**Latinos** são os prefixos que se originam da língua latina.

Os mais conhecidos são :

*a, ab, abs*, separação : *aversão, abnegação, abstenção, ausente (ab-sente)*  
*a, ad* : lugar onde, direcção, tendencia : *abordagem, adjunto*. Toma por assimilação as fórmas :  
*ac* : *acceder*  
*af* : *affirmar*.  
*ag* : *aggravar*.  
*al* : *allumiar*  
*ap* : *apparecer*  
*ar* : *arrogar*  
*as* : *assentar*  
*at* : *attender*  
  
*bene* : bem : *beneficio*  
*bis ou bi* : duas vezes : *bisneto, bipede*  
*circum* : ao redor : *circunferencia*  
*cis* : aquem : *cisalpino, citerior*  
*cum* : companhia. Toma por assimilação as formas :  
*co* : *coirmão, coeve*  
*col* : *collaborar, collegio*  
*cor* : *corresponder*  
  
*de* : principio, origem : *decorrer*  
*des* : negação : *desventura*

*dis* : negação, separação : *discordancia, disjunção*  
*e, ex* : fora de : *emergir, enorme, extração*  
*extra* : alem de : *extraordinario*  
*in* : negação, lugar onde : *infiel, inscrever*. Toma por assimilação as fórmas :

*il* : *illegal*  
*im* : *immortal*  
*ir* : *irregular*  
*inter* : no meio : *interpôr*  
*intro* : para dentro : *intrometer*  
*juxta* : junto : *juxtaposição*  
*male* : mal : *malefício*  
*ob* : situação fronteira, oposição : *objecto, obs-tar*. Toma varias fórmas por assimilação, como :

*oc* : *occasião*  
*of* : *offensa*  
*op* : *oposição*  
*pene* : quasi : *peninsula*  
*per* : atravez, por meio de : *perdurar, perverter*  
*post* : depois de : *postumo, pospôr*  
*pre* : antecedencia : *prevêr*  
*preter* : alem : *preterição*  
*pro* : antes, a favor : *proclamar, promova*  
*re* : repetição : *relér*  
*retro* : para tráz : *retrogradar*  
*satis* : bastante : *satisfazer*  
*semi* : metade : *semicírculo*  
*sine* : sem : *sinecura, simples*  
*sub* : inferioridade : *subchefe*

Por assimilação toma varias fórmas, como :

*suc* : *successo*  
*suf* : *sufficiente*  
*sug* : *suggerir*  
*sus* : *susceptibilidade*  
ou perde o *b* : *sujeitar*  
*subter* : inferioridade : *subterfugio*

*super* : superioridade : *superficie, superfino*  
*supra* : em cima, além de : *supramencionado, supranumerario*

*trans* : alem de, mudança : *transmittir*

Tem as fórmas :

*tras* : *trasladaçāo*

*tres* : *tresvario, treslēr.*

*tra* : *tradução, tramontano*

*tris* : *tri* : tres vezes : *trisavô, triangulo*

*ultra* : alem de : *ultramontano, ultramar*

*un, uni* : uma vez : *unanime, unicornio*

*vice* : substituição, em lugar de : *vice-rei*. Tem a forma *vis* : *visconde*.

**Gregos** são os prefixos que se originam da língua grega.

Os mais conhecidos são :

*a, an* ; negação : *atheu, anonimo.*

O prefixo *a* usa-se antes de consoante ; *an* antes de vogal.

*amphi* : ambos : *amphibio.*

*ana* : reduplicação, elevação, para traz : *anabaptista, analize, anacronico.*

*anti* ; oposição : *antipatia.*

*apo* : longe : *apogeu, aphelio.*

*archi* : supremacia : *arcango, archiduque.*

*cata* : para baixo, ordem : *catastrophe, catalogo.*

*dia* : lugar intermedio : *diametro.*

*dys* : mal : *dispepsia.*

*em, en* : tendência para dentro : *embrião, encéphalo.*

*ex* : separação : *exodo, eclipse.*

*epi* : sobre : *epilogo, epitaphio.*

*eu* : bem : *euphonia, evangelho.*

*hemi* : metade : *hemispherio.*

*hyper* : excesso : *hiperbole.*

*hypo* : debaixo : *hipotese.*

*meta* : mudança : *metatese.*

*mega* : grande : *megaterio.*

*micro* : pequeno : *microscopio.*

*neo* : novo : *neologismo.*

*pan* : tudo : *panorama.*

*para* : ao lado : *paragrapho.*

*peri* : ao redor : *perimetro, perifrase.*

*pro* : anteposição : *protese.*

*syn* : juntamente : *sintaxe, sympathia, sillogismo, sistema.*

Pódem-se incluir nesta lista os nomes dos números gregos : *mono, dis, tri, tetra, penta, hex, hepta, octo, ennea, deca*, etc.

Além destes elementos ha o prefixo arabe *al* que deu origem a muitas palavras portuguezas : *albergue, açucar, azulejo* etc.

#### SUFFIXOS

#### II

Os suffixos da língua portugueza são, em grande parte, originados do latim ou formados no proprio seio da língua.

Temos, assim, suffixos que juntos a substantivos formam substantivos ; outros que juntos a adjetivos formam substantivos etc.

*Substantivos derivados de substantivos.*

*aça, aço* : quantidade, aumento : *fumaça, espinhaço, cansaço.*

*ada* : golpe, porção, tempo : *facada, rapazeada, alvorada.*

*ade* : irmandade.

*ado, ato* : profissão, dignidade : *professorado, ducado, baronato.*

*agem* : colleção, estado : *folhagem, aprendizagem,*

*al* : extensão, quantidade : *areal, laranjal.*

*alha*: extensão: *muralha*. Tem tambem sentido pejorativo: *gentalha*.

*ano*: origem, seita: *bahiano, republicano*.

*aria*: colleção, *livraria*.

*ario, eiro, eira*: profissão, officio, lugar onde: *boticario, porteiro, costureira, gallinheiro*. Os dois ultimos suffixos fórmam nomes de arvores frutiferas: *limoeiro, mangueira*.

*astro*: suffixo pejorativo: *poetastro, padrasto*.

*cida*: matador: *regicida, filhicida, insecticida*.

*ela*: acção, reunião: *corruptela, parentela*.

*ense*: indica a patria: *brasiliense*.

*ia*: emprego, lugar em que elle é exercido: *prelazia, recebedoria*.

*ista*: emprego: *oculista*. E' de grande uso e fórmam tambem palavras significando seita: *abolicionista*.

*voro*: comedor: *herbívoro, insectívoro*.

Além destes, ha os suffixos que indicam augmento, como: *ão, az*, etc, e outros que indicam diminuição como: *inho, elha, ela*, etc.

*Substantivos derivados de adjectivos:*

*ão, ude*: qualidade, estado: *gratidão, juventude*.

*encia*: qualidade: *corpulencia*.

*eza*: nobreza, pobreza.

*íça, icia*: justiça, malicia.

*ice*: tolice, velhice.

*idade*: fidelidade, salubridade, claridade. Ha grande numero de palavras formadas com este suffixo.

Concorre com os substantivos em *ão*: *solidade, solidão; variedade, variação*.

*mento*: estado, acção: *atrevimento*.

*ura*: brandura.

*Substantivos derivados de verbos:*

*ão*: rasgão, comparação,

*ante*: caminhante.  
*ança, ença, ancia, encia*, formam nomes abstractos: *lembrança, crença, ignorância, resistência*.

*douro*: matadouro.

*iz*: chamariz. E' o unico exemplo, affirma Julio Ribeiro.

*mento*: acção, resultado: *fallecimento, testamento*. Concorre com os substantivos em *ção*: *fundamento, fundação; fragmento, fracção*.

*Adjectivos derivados de substantivos:*

*al, il*: imperial, febril.

*ano*: romano.

*aneo*: subterraneo, contemporaneo.

*ario, eiro*: imaginario, interessero.

*atico*: lunatico.

*ente*: paciente.

*imo*: maritimo.

*oso*—suffixo de grande emprego: *nervoso, rendoso, invejoso*

*udo*: cabelludo.

*Adjectivos derivados de adjectivos:*

*al*: maternal, angelical.

*el*: cruel.

*ento*: pardacento.

*ete*: triguereite.

*este*: agreste.

*onho*: tristonho.

*oso*: verdoso.

*Adjectivos derivados de verbos:*

*ando, endo*: venerando, tremendo

*ado, ido*: amado, temido.

*ante, ente, inte*: amante, agente, pedinte.

*ivo*: fugitivo.

*ijo*: espantadico.

*undo*: moribundo, vagabundo.

*vel*: amavel, movel. A forma *avel* concorre

com *ante* e *oso*: *amavel*, *amante*, *amoroso*. A fórmā com *ivo*: *sensivel*, *sensitivo*. Tem a fórmā *bre*: *nobre*.

*Derivação de verbos:*

- ar, er, ir*: *ajoelhar*, *emmagrecer*, *cuspir*.  
*escer*: *florescer*.  
*icar*: *fabricar*.  
*inhar*: *escrevinhar*.  
*itar*: *dormitar*.  
*izar*: *arborizar*, *fertilizar*.

A lista dos elementos gregos que formam termos portuguezes, pôde ser aumentada com os elementos—verdadeiras palavras—que ora figuram de prefixos, ora de suffixos e muitas vezes constituem todo o radical.

São principaes os seguintes:  
*Acro*, extremidade, sumidade, *acrobata*, *acrostico*.  
*agogo*, guia, *demagogia*.  
*algia*, dôr, *odontalgia*.  
*antropos*, homem, *antropophago*, *philanthropia*.  
*auto*, por si mesmo, *autonomia*, *autobiographia*.  
*archos*, governo, *monarchia*.  
*archaicos*, antigo, *arcismo*.  
*arithmos*, numero, *aritmetica*.  
*baro*, peso, *barometro*.  
*biblio*, livro, *biblioteca*, *biblia*.  
*bio*, vida, *biographia*, *amphibio*.  
*caco*, máu, *cacophonia*.  
*cele*, tumor, *gastrocele*, *hidrocele*.  
*cephalo*, cabeça, *cephalalgia*, *microcephalo*.  
*christo*, ungido, *christão*, *antichristo*.  
*chiro*, mão, *chirographia*.  
*chrono*, tempo, *cronica*.  
*chryso*, ouro, *Chrisostomo*, *crisalida*.  
*cosmo*, mundo, *cosmographia*, *microcosmo*.  
*cracia*, poder, governo, *autocracia*, *democracia*.  
*cyno*, cão, *cinocephalo*.  
*cripto*, oculto, *criptogamico*.  
*demo*, povo, *Democrito*, *epidemia*.  
*dromo*, carreira, *hippodromo*, *dromedario*.  
*dynamis*, força, *dinamite*.  
*electron*, electricidade, *electrometro*.  
*eidos*, fórmā, *espheroide*, *caleidoscopio*.  
*entomo*, insecto, *entomologia*.

*ethnos*, povo, *ethnographia*.  
*gameo*, casamento, *bigamia*.  
*gastro*, estomago, *gastronomo*, *epigastro*.  
*geneo*, espécie, *homogeneo*.  
*genio*, gerado, *hydrogenio*.  
*gêo*, terra, *geographia*, *apogeu*.  
*gono*, angulo, *poligono*.  
*gramma*, letra, *grammatica*, *monogramma*.  
*grapho*, que escreve, *tipographo*, *graphic*, *graphophone*.  
*heli*, sol, *heliographia*, *aphelio*.  
*hemero*, dia, *ephemeride*.  
*hemo*, sangue, *hemorragia*.  
*hetero*, diverso, *heterogeneo*.  
*hiero*, sagrado, *hieroglypho*.  
*hippos*, cavalo, *hippodromo*.  
*hodos*, caminho, *exodo*.  
*homeo*, igual, *homeopatia*.  
*homo*, igual, *homophono*, *homonimo*.  
*hydro*, agua, *hidrobio*, *hidrographia*.  
*idios*, proprio, *idioma*, *idiopatia*.  
*ichtyo*, peixe, *ichtiologia*.  
*iconô*, imagem, *iconoclasta*.  
*iso*, igual, *isosceles*.  
*latria*, adoração, *idolatria*.  
*litho*, pedra, *litographia*, *aerolito*.  
*logia*, palavra, tratado, *analogia*, *mitologia*.  
*macro*, grande, *macrocosmo*.  
*machia*, combate, *tauromachia*.  
*mancia*, advinhação, *cartomancia*.  
*mania*, loucura, *monomania*, *maniaco*.  
*meso*, meio, *mesocampo*, *mesoclide*.  
*melo*, canto, *melodrama*.  
*metron*, medida, *metrologia*, *perimetro*.  
*micro*, pequeno, *microcosmo*.  
*miso*, que odeia, *misanthropo*.  
*mimo*, imitador, *pantomima*.  
*morpho*, fórmā, *morphologia*, *amorpho*.  
*mytho*, fabula, *mitologia*.  
*nau*, navio, *nauta*, *aeronauta*.  
*necro*, morto, *necrologia*, *necroterio*.  
*neo*, novo, *neologismo*, *neophito*.  
*neso*, ilha, *Polinesia*, *nesographia*.  
*nevro*, nervo, *neuralgia*.  
*nomia*, lei, *astronomia*.  
*noso*, doença, *nosographia*.  
*onyma*, nome, *anonimo*, *onomatopeá*.  
*odonto*, dente, *odontologia*.

*ophtalmo*, olho, *ophthalmia*.  
*orama*, vista, *diorama*, *cosmorama*.  
*ornitho*, passaro, *ornitologia*.  
*ortho*, direito, *ortographia*.  
*osteo*, osso, *osteologia*.  
*oxy*, acido, *oxigenio*.  
*paleo*, *paleon*, antigo, *paleographia*, *paleontologia*.  
*pan*, *pantos*, tudo, *panorama*, *panteismo*.  
*pathia*, sentimento, *simpatia*, *patologia*.  
*phagia*, comer, *antropophagia*.  
*philo*, amigo, *bibliófilo*, *philologia*.  
*phobia*, temor, *hidrofobia*.  
*phono*, som, *phonographo*, *euphonía*.  
*photo*, *phos*, luz, *photographia*, *phosphoro*.  
*podo*, pé, *antipoda*, *polipo*.  
*polis*, cidade, *metropole*, *Petropolis*.  
*potamo*, rio, *potamographia*, *hippopotamo*.  
*phisiio*, natureza, *phisiología*.  
*poly*, muito, *polisillabo*.  
*proto*, primeiro, *protomedico*.  
*pseudo*, falso, *pseudonimo*.  
*psycho*, alma, *psicología*, *metapsicose*.  
*ptero*, aza, *aptero*.  
*pyro*, fogo, *pirotecnia*, *pirilampo*.  
*phren*, cerebro, *phrenologia*.  
*sophia*, sabedoria, *philosophia*.  
*stereo*, sólido, *stereometria*.  
*scopio*, vista, *microscopio*.  
*tele*, ao longe, *telephonio*.  
*theo*, Deus, *teologia*, ateu.  
*techê*, arte, *politecnica*, *tecnologia*.  
*thermo*, calor, *termometro*.  
*tono*, som, *monotono*, *tonico*.  
*tomia*, corte, *anatomia*.  
*topo*, logar, *topographia*.  
*typo*, modelo, *tipographia*, *prototipo*.  
*zoo*, animal, *zoologia*.

Além deste modo de formação ha a *juxtaposição* em que os elementos que a compõem, não estão perfeitamente fundidos, aglutinados: *redactor-chefe*, *vai-vem*.

As palavras juxtapostas compõem-se de:  
substantivo e substantivo : *arco-iris*.  
substantivo e adjetivo : *redea-falsa*.

adjectivo e substantivo : *gentil-homem*.  
verbo e substantivo : *guarda-vestido*.  
particula e adjetivo : *mal-dito*.  
particula e substantivo : *entre-casco*.  
verbo e verbo : *vai-vem*.  
palavras diversas : *bem-te-vi*.

Assim, as palavras são *compóstas* quando formadas por meio de prefixo e juxtaposição; são *derivadas* quando formadas por meio de sufixo.

A formação de palavras compóstas dá lugar ao *hibridismo*.

**Hibridismo** é a formação de palavras com elementos de línguas diversas.

*Sociologia* : latim e grego.  
*Monoculo* : grego e latim.  
*Linguistica* : latim e grego.  
*Velodromo* : latim e grego.  
*Capóchumbo* : tupi e latim.  
*Alcoolmetro* : árabe e grego.

O hibridismo é aceitável quando um dos elementos componentes não existe na língua ou quando está consagrado pelo uso.

Precisamos fazer algumas observações:

1.º Ha casos em que a juxtaposição é tam intensa que só uma análise rigorosa chega a conhecer a composição:

*Naufragio*, *navis-fragium*, quebramento da nau.

*Marmota*, *murem-montis*, rato monte.

*Acabrunhar*, *caput-pronare*, vergar a cabeça.

*Kermesse*, *kerk-misse* (hollandez), igreja missa.

2.º A's vezes a junção do prefixo produz um som desgradável.

Para evita-lo supprime-se a letra final: *emigrar* de *emigrare*; *intrinseco*, de *intra-secus*; ou então a consoante final assimila-se á inicial da palavra seguinte: *acclamar*, *ad-clamare*, etc.

Estas modificações, na opinião de Darmsteter, já eram usuais no Latim e são communs ás línguas novo-latinas.

3.º Muitos compósitos latinos, pelo desaparecimento do signal externo da composição, foram considerados palavras simples: *colhér*, de *co-ligere*.

As raízes dividem-se em *atributivas* que exprimem noção de relações e *demonstrativas* que designam os seres e suas modificações.

As raízes são sempre monosílabicas e, na impossibilidade de chegar até à sua forma mais simples, Max-Müller apresenta as seguintes modificações:

- 1.<sup>a</sup> vogal: *i—ir*.
- 2.<sup>a</sup> vogal + consoante: *ad—comer*.
- 3.<sup>a</sup> consoante + vogal: *da—dar*.
- 4.<sup>a</sup> consoante + vogal + consoante: *cad—cahir*.
- 5.<sup>a</sup> vogal + grupo de consoantes: *arc—ajustar*.
- 6.<sup>a</sup> grupo de duas consoantes + vogal: *plu—correr*.
- 7.<sup>a</sup> grupo de duas cons. + vog. + con. *spec—vêr*.
- 8.<sup>a</sup> cons. + vog. + grupo de duas cons: *vert—girar*.
- 9.<sup>a</sup> grupo de duas cons. + vog. + grupo de duas consoantes: *sparq—espalhar*.

### III

#### Declinação

Na *Sciencia da Lingua*, em dizer Max Müller sobre casos: Na linguagem philosophica dos stoicos, *ptosis* que os Romanos traduziram por *casus*, significa realmente *quæda*, isto é, a relação de uma idéa com outra e o acto pelo qual uma palavra cai e se apoia sobre outra.

Longas e vivas discussões apareceram sobre a questão de se saher si o termo *ptosis* ou *casus* podia aplicar-se ao nominativo e todos rejeitaram a expressão de *casus rectus*, porque, segundo os gramáticos stoicos, o sujeito ou nominativo não cai nem sobre causa alguma se apoia, mas sim serve de ponto de apoio ás outras palavras da oração.

Ed. Chaignet explica a razão desta denominação de *caso recto* dizendo:

A palavra em si é sempre o signal de uma acção, porque não percebemos senão movimentos e acções; a substancia imóvel que os produz, se oculta e desaparece.

Porém como não existe ella só para isto, mas é tambem e fundamento necessário de toda a actividade, o principio immóvel de todo o movimento, collocamo-la, suppomo-la no discurso como ponto de repouso d'onde parte o movimento, d'onde se desenvolve o predicado.

D'ahi a forma que toma o sujeito de todo o verbo, este *caso recto* que se chama *nominativo* e que mostra o ser em repouso, existente em si e por si.

Os outros casos não são nomes, como diz Aristoteles, mas derivações, obliquidades, declinações do nome.

O nominativo e os demais casos de que se compõe a declinação latina soffreram senão completo desaparecimento, pelo menos grande simplificação, simplificação que já se observa na propria lingua latina.

A diminuição e depois o desaparecimento nas linguas romanas da declinação tem causas phoneticas e sintaticas. Sem remontar além do Latin classico que nos oferece já uma declinação reduzida, essa declinação foi a principio attingida profundamente pela queda do *m* final.

Na 1.<sup>a</sup> declinação ficando confundidos o nominativo e o acusativo, resultou a vinda das preposições para reger o acusativo.

O desaparecimento dos casos trouxe em Portuguez o emprego do sistema preposicional que tambem se encontra no Latin popular, como dissemos.

Por certo foi se operando lentamente nas linguas novo-latinas, e em francez, como diz Brachet, temos a distinção do artigo *li* nominativo, de *le* acusativo.

Hovelacque affirma que a simplificação se encontra em todas as linguas modernas.

Em Portuguez encontramos alguns vestígios da declinação latina.

Do **nominativo** temos principalmente os nomes proprios: *Carlos, Luiz, Marcos, Moysés, Deus, Jesus*, etc; *calix, simples, demo, elle, ladro* (de que prevaleceu o feminino *ladra* em lugar de *ladrona*), *leopardo, serpe, vinagre*.

O nominativo parece ter sido, diz Sayce, uma adição posterior á declinação nominal. Tudo parece indicar que o acusativo é a forma primitiva do nome.

Do **genitivo** poucos vestígios se encontram em Portuguez e isto é facil de explicar porque desde o periodo classico o genitivo começou a ser substituido pelo ablativo com a preposição *de*.

Assim mesmo encontramos:—*aqueducto, jurisconsulto, legislação, petroleo, plebiscito, terremoto*.

Do **dativo**, por causa da confusão do locativo, do genitivo, do ablativo e do instrumental, como diz Schleicher, a flexão era imperfeita. Possuimos os pronomes:—*mim, ti, si, lhe, crucifixo, devoto, fideicomissio*.

Foi o **acusativo** um dos poucos casos da declinação latina que na passagem para o Portuguez conservou toda a força sintatica.

E' occasião de, sucintamente, tratarmos da questão de saber qual seja o caso d'onde etimologicamente derivou o maior numero das palavras portuguezas: do acusativo, ou do ablativo?

Dizem os que sustentam ser o *ablativo* o caso originario, que, por exemplo, a palavra *servo* em Portuguez não pôde vir de *servum* (ac.) e sim deve vir de *servo* (abl.).

Este grande argumento cai por terra desde que attendâmos que o suffixo *m*, resto da forma aria na *ma*, se perdeu, o que já é observado nos antigos documentos da lingua.

Segundo Diez, o *m* final tinha um som surdo particular, e era muitas vezes supprimido, sobretudo nas inscrições.

Nos mais antigos documentos encontram-se: *viro, urbe, por virum, urbem.*

Diz Corssen: E' difficulte de dizer quando as consoantes *s* e *m*, cujo som na boca do povo desde os tempos mais antigos era surdo e fraco, cessaram de ressóar e desapareceram.

Desde o começo do seculo 4.<sup>º</sup> a queda completa do *m* e *s* finaes era um facto na linguagem popular.

A queda do *m* é tam natural como a do *s* de grande numero de nominativos.

Vemos, assim, no Latim barbaro: *illo* por *illum, Antonio* ou *Antoniu* por *Antonius*.

Para provarmos ainda mais ser o acusativo o caso originario, basta observarmos as palavras imparsíllabas neutras:

tempo — ac. tempus. abl. tempore.

corpo — » corpus. » corpore.

peito — » pectus. » pectore.

lado — » latus. » latere.

D'onde se vê, a se originarem do ablativo estas palavras deviam ser em Portuguez: *tempre, corpre, latre*, etc., como sucede com os nomes que não são neutros.

arvore — ac. arborem. abl. arbore.  
lebre — » leporem. » lepore.

Ainda se encontram vestígios do acusativo nas pronomes: — *te, se, nos, vos*, nos termos *o, a, (illum illam)* acusativos de *ille, illa*.

Em alguns vocabulos portuguezes acham-se vestígios do acusativo: — *marmota, morcego, homem*.

O **vocativo**, por ser uma repetição do nominativo, sómente deu em Portuguez a palavra: *Ave-Maria*.

Em Portuguez para empregarmos este caso precedemo-lo de alguma interjeição.

O **ablativo**, segundo Bréal, tornou-se, pela perda do locativo e do instrumental, o representante de um grande numero de relações, vindo, então, em seu auxilio, o emprego de varias preposições.

Um fragmento da obra de Cesar *Da Analogia* nos faz crer que é talvez a elle a quem se deve o termo *ablativo*.

Este nome não se encontra em escritor algum anterior. O *ablativo* foi o caso que mais relações representava e, segundo diz J. F. de Castilho, em cada grupo de palavras nove descendem do ablativo.

Verificou tambem este escritor que em uma pagina de Cicero dois terços dos substantivos e adjetivos estavam no ablativo.

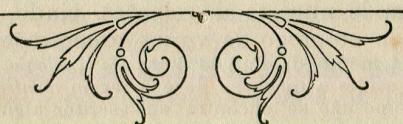
Em Portuguez possuímos algumas palavras que nos indicam vestígios deste caso: — *Amanuense, agora*; as formas *migo, tigo, sigo*, que passaram aglutinadas com as preposições para o Portuguez, Italiano e Espanhol, e todos os adverbios em *mente* (ablativo de *mens, mentis*).

Na linguagem popular encontramos fórmulas com esta origem, tales como: *cum quibus* (dinheiro), *qui-pro-quo* (engano, descuido), *busillis*, derivado segundo o Dr. Castro Lopes da frase *in diebus illis*.

Terminemos com Michel Bréal: Todos sabem que um dos principaes caractéres que distinguem as linguas romanas do Latim, é a perda da flexão casual dos adjectivos. Si perguntarmos d'onde vem essa mudança, a observação externa nos revela duas cousas: a pronunciaçāo e o acento tonico.

Corssem demonstrou que para o fim do imperio romano *o*, *u* acabaram de confundir-se; que da mesma maneira os sons *e*, *i* se tinham aproximado tanto que se tornou difficil distingui-los.

Não precisa maior prova para se demonstrar o desaparecimento da declinação em Portuguez.



Difficil é determinar com precisão a origem dos substantivos.

Em quanto se pôde dizer que os determinativos são de origem latina, que os adverbios também o são; pôde-se dizer, entretanto, que todas as linguas estrangeiras deram substantivos á lingua portugueza.

Os substantivos proprios se derivam do Latim, como tambem do Hebraico, Grego e Germanico.

Do Latim: *Mario*, *Deodato*, *Cicero*.

Do Hebraico: *David*, *Moysés*.

Do Grego: *Theocrito*, *Philippe*, *Diogenes*.

Do Germanico: *Carlos*, *Eduardo*, *Isabel*.

Nos tempos antigos os nomes proprios serviam para caracterizar os individuos por qualquer facto ou circunstancia notavel em sua vida.

Viamos assim que: *Aristides* era o melhor; *Job* que gome; *Archimedes*, eminente machinista ou pensador; *Carlos*, forte, habil; *Leopoldo*, ornado, valente; *Julio* que tem o primeiro pelo; *Abrahão* pai da multidão; *Agar*, estrangeira.

Este costume se encontra muito vivo nas tribus indigenas do Brasil: *Piragibe*, espinha de peixe; *Poty*, camarão.

#### IV

### Etimologia do substantivo

E' opinião corrente que todos os nomes proprios de homens são antigos epítetos, isto é, antigos adjetivos.

Em certos nomes proprios encontram-se ás vezes os elementos gothico e arabe fundidos, como em *Venegas* (Viégas), formado do arabe *Iben* (filho) e do germanico *Egas*.

Ha diversas soluções para se explicar a formação dos substantivos *patronimicos*, isto é, dos substantivos proprios que indicam filiação.

Theophilo Braga diz: Nas inscrições hispano-latinas o nome da familia prevalece sempre ao da tribu. A forma *ez* peculiar dos patronimicos: *Alvarez*, filho de *Alvaro*, *Fernandez*, filho de *Fernando*, *Mendez*, filho de *Mendo*, que subsiste no euskariano *ez*, *iz*, aparece no cantabrico e asturiano na fórmula *ves*, como notou Fernandes Guerra que o liga ao primitivo *ives*, pronomé iberico.

João Ribeiro apresenta a opinião do padre Larramendi que no *El imposible vencido* julga que o suffixo dos patronimicos é originado pela posposição do artigo vascuense ou biscaíno *ez*: *Perez de Pero*, *Garcez de Garcia*.

Frederico Diez julga ser originado do genitivo gothico em *is*: *Rodrigues*, *Roderiguiz*; Gothico *Hrothareikis*; *Fernandes*, *Ferdinandiz*; Gothico *Ferthananthis*.

Knapps diz: A noção do patronimico exprime a origem. O caso correspondente é o ablativo, originando-se assim do latim: *Paes de Pelagiis*. Sendo a flexão do plural vemos o Italiano em *i*: *Galileo*, *Galilei*.

Os appellativos são, em geral, derivados do Latim em que o acento tonico denota o caso de origem; os nomes scientificos veem do grego, e os de tecnologia artistica, em sua maior parte, do italiano, principalmente os que se referem á musica e á pintura, ou são tomados das linguas modernas.

(Este estudo será melhor desenvolvido na parte relativa á formação do lexico portuguez).

Como já vimos no Capitulo relativo á *Declinação latina*, varios são os casos latinos sobre que se formaram os substantivos portuguezes, sendo que o caso mais commum foi o *acusativo*.

A's vezes os dois casos — *nominativo* e *acusativo* — dão origem á mesma palavra, cuja derivação é indicada pelo acento tonico.

<i>erro</i>	nominativo	latim	<i>erro</i>
<i>error</i>	acusativo	»	<i>errorem</i>
<i>ladro</i>	nom.	»	<i>latro</i>
<i>ladrão</i>	ac.	»	<i>latronem</i>
<i>leo</i>	nom.	»	<i>leo</i>
<i>leão</i>	ac.	»	<i>leonem</i>
<i>saibo</i>	nom.	»	<i>sapor</i>
<i>sabor</i>	ac.	»	<i>saporem</i>
<i>tredo</i>	nom.	»	<i>tradito</i>
<i>traidor</i>	ac.	»	<i>traditorem</i>
<i>virgo</i>	nom.	»	<i>virgo</i>
<i>virgem</i>	ac.	»	<i>virginem</i>

O mesmo se encontra em Francez: *Pâtre, pasteur*: *sire, seigneur*; *chantre, chanteur*.

E' o que constitui as formas divergentes.



Todos os pronomes eram considerados como articulações ou artigos do discurso.

Foi Zenodoto quem primeiro imaginou a distinção entre os pronomes pessoais e os simples artigos, a que se deu então, o nome de *arthra*.

A existência do artigo data do século 6.<sup>o</sup> e nos mais antigos textos romanos vê-se o pronome *ille* exercendo esta função.

Affirma Diez que exemplos aos centos desse emprego fôram apresentados pelo sabio Raynouard e muitos outros.

Sobre a origem do artigo em Portuguez divergem as opiniões dos linguistas.

Uns são de opinião que o artigo se origina do grego.

Esta teoria não tem base alguma científica.

Bem se sabe que o Grego popular nada inovou no Latim, apenas criou grande número de palavras usadas nas ciências, as quais só se fizeram notar depois da constituição da língua.

O uso do artigo data do século 6.<sup>o</sup>, e é de verdadeiro emprego popular.

Além disto devemos considerar que, si apesar da grande influência que os Gregos exerceram na Itália, a ponto de Cíceron, Tíberio, Gracchus e outros discursarem nessa língua, o Latim não possui artigo, como poderia aquele povo introduzir tal palavra na península Ibérica, em Portugal, onde a sua influência foi sómente sobre os usos e costumes?

Além disso o plural do artigo no Grego é muito diferente do nosso,

A segunda opinião, sustentada por Leoni, Julio Ribeiro e outros, é a que dá como origem do artigo no singular o ablativo *hoc*, *hac*, e no plural o acusativo *hos*, *has*.

Diz este último gramático: « O erudito Plínio o Moço, escriptor do 1.<sup>o</sup> século da era cristã, entendia que o pronome *hic*, *hoc* empregado como determinativo deveria ser reconhecido como verdadeiro artigo.

Biblioteca Pública Municipal  
Ver. Romulo C. D'Arace  
Pindamonhangaba

## V

### Adjectivos

Os adjetivos são considerados, por alguns filólogos, como as primeiras palavras que o homem pronunciou ao adquirir a faculdade de falar.

E assim que *o sol* é *o brilhante, o rápido*.

Parece, à primeira vista, que o que mais devia ferir os olhos do observador eram as qualidades exteriores, os atributos.

Sayce nos *Principes de Philologie Comparée*, com melhores razões, é de opinião que o vocabulário primitivo tinha o sentido de uma frase, e diz que a linguagem pertence à sociedade e não ao homem, devia, pois, começar com a frase e não com a palavra.

Segundo Rousseau, as primeiras palavras de que os homens fizeram uso, tiveram no seu espírito uma significação muito mais lata do que as que são empregadas nas línguas já constituídas, e que elas ignoravam a divisão do discurso em suas partes constitutivas deram, a princípio, a cada palavra o sentido de uma proposição inteira.

Esta opinião, na actualidade defendida pelo celebre filólogo Schleicher, se tornou de aceitação geral.

## I

### ARTIGO

*Artigo*, segundo afirma Max-Müller, é a tradução literal do nome grego *arthron*, no latim *artus*, que significa a articulação, ou juntura dos ossos.

Egger affirma que nas escolas do imperio do Occidente usavam os grammaticos romanos de *hic*, *haec*, *hoc* para designar os generos dos nomes. »

O que parece robustecer a opiniao de Leoni e Julio Ribeiro é a antiga forma de escrever : *ho*, *ha*.

Devemos notar, porém, em 1.<sup>o</sup> lugar que o *h* latino já tinha desaparecido da lingua do povo nos fins da Republica Romana não ficando vestigios delle nas linguas derivadas do Latim.

Ainda mais : o *c* de *hoc*, *hac* é uma letra que em caso algum se elimina completamente ; pôde abrandar se : *caveolam*, — gaiola ; *amicum*, — amigo ; outras vezes e principalmente nos monosyllabos nazala se : *nec*, — nem ; — *sic*, — sim ; *pectinem*, pente.

Para explicar a letra *h* da forma arcaica *ho*, *ha*, basta um simples olhar sobre certas palavras escritas com *h* no seculo 15. : — *hinsidias*, *husofructo*. *he*, *um*, — actualmente — *insidias*, *usofructo*, é, *um*.

A terceira opiniao, a nosso vêr a verdadeira, diz que o artigo se origina do acusativo *illum*, *illam* (singular), *illos*, *illas*, (plural).

Em todas as linguas romanicas o artigo é assim originado do acusativo de *ille*, *illa*, *illud*.

O Espanhol tem *el*, *la*, *los*, *las*; o Francez *el*, *il*, *la*, *li*; *le*, *la*, *les*; o Valachio *le*, *a*, *i*; o Provençal *lo*, *la*, *li*, *las*; o Italiano *el*, *la*, *lo*, *le*, *gli*; por que razão só o Portuguez, que tem as formas antigas *el*, *lo*, *ho* e as modernas *o*, *a*, *os*, *as*, havia de se afastar desta regra, sem um motivo plausivel?

E' o proprio Julio Ribeiro que diz que se não pôde negar ter havido no Portuguez e no Gallego luta pela existencia entre as formas, *lo*, *la*, *los*, *las*, e as formas *o*, *a*, *os*, *as*, encontrando-se exemplos classicos dumas e doutras.

#### POSSESSIVOS

##### II

Os *adjectivos possessivos* vieram do Latim, sendo que as fórmas do plural são da propria lingua portugueza.

Fórmulas masculinas :

Meu — <i>meum</i>	Nosso — <i>nostrum</i>
Teu — <i>tuum</i>	Vosso — <i>vostrum</i>
Seu — <i>suum</i>	Seu — <i>suum</i>

As fórmas *teu* e *seu* parece que se formaram por analogia da forma *meu*.

Fórmulas femininas :

Minha — <i>meam</i>	Nossa — <i>nostram</i>
Tua — <i>tuam</i>	Vossa — <i>vostram</i>
Sua — <i>suam</i>	Sua — <i>suam</i>

Devemos notar o feminino *minha* ao lado de *tua* e *sua*.

A forma primitiva, porém, era *mia* até ao seculo 12; pelo prolongamento da nasal *m*, ficou *minha*. Facto identico se verifica em *mui* pronunciado *muin*, em *muito* (*muinto*) e em *mancha* (lat. *macula*.)

Encontra-se a forma *mia* no Cancioneiro Inedito : *Mia morte*; *com mia mulher* (Diez).

#### DEMONSTRATIVOS

##### III

São originados do Latim :

<i>Este</i> , <i>esta</i> ,	lat. <i>iste</i> , <i>ista</i>
<i>Essè</i> , <i>essa</i>	« <i>ipse</i> , <i>ipsa</i>

*Aquelle, aquella* « *ecce ille, (ecc'ille), ecce illa, (ecc'illa)*

O mesmo se dá com as fórmas compóstas :

*Est'outro, est'outra* lat. *ist'alterum, a*  
*Ess'outro, ess'outra* « *ips'alterum, a*  
*Aquell'outro, aquell'outra* « *ecc'illum alterum, a*

Os demonstrativos apresentam vestígios do gênero neutro nas fórmas :

*isto, (istud); isso (ipsud); aquillo (ecc'illud.)*

#### RELATIVOS

#### IV

Os relativos têm suas etimologias no Latim :

<i>Que</i>	lat.	<i>qui</i>
<i>Qual</i>	«	<i>qualis</i>
<i>Quem</i>	«	<i>quem</i>
<i>Cujo</i>	»	<i>cujus</i>

Assim, pois, da declinação latina do pronome *qui* o Portuguez herdou o nominativo *que*, o acusativo *quem*, e o genitivo *cujo*.

#### NUMERAES

#### V

Os numeraes portuguezes só se distinguem dos latinos pela phonética :

<i>um, unus</i>	<i>seis, sex</i>
<i>dois, duos</i>	<i>sete, septem</i>

<i>tres, tres</i>	<i>oito, octus</i>
<i>quatro, quatuor</i>	<i>nove, novem</i>
<i>cinco, quinque</i>	<i>dez, deem</i>

« De 11 a 15, dizem Pacheco e Lameira, os nossos numeraes indicam uma contracção regular dos typos latinos, sujeitos á acção dissolvente das leis phoneticas, que transformou a desinencia *cim* em *ze*.

De 16 a 19, abandonando as fórmas syntheticas, seguiu o Portuguez outro modelo a que os Romanos davam preferencia *por ser mais claro*, segundo refere Prisciano, e em toda a numeração d'elle não mais se apartou ».

<i>onze, undecim</i>	<i>dezeseis, sex decim</i>
<i>doze, duodecim</i>	<i>dezessete, septem decim</i>
<i>treze, tredecim</i>	<i>dezoito, octo decim</i>
<i>quatorze, quatuordecim</i>	<i>dezenove, novem decim</i>
<i>quinze, quindecim</i>	•

De 20 a 90 há sómente o atrophiamento do numeral latino :

<i>vinte, viginti</i>	<i>sessenta, sexaginta</i>
<i>trinta, triginta</i>	<i>setenta, septuaginta</i>
<i>quarenta, quadraginta</i>	<i>oitenta, octoginta</i>
<i>cincoenta, quinquaginta</i>	<i>noventa, nonaginta</i>

Cem vem de *centum*.

De 200 a 900 dá-se a transformação *genti* em *centos*.

duzentos—*ducenti*  
trezentos—*tricenti* etc.

Os outros numeraes como *mil* e seus multiplos correspondem ás fórmas latinas, sendo que *milhão, bilhão* e seus compóstos são de criação portugueza.

Os ordinaes vêm directamente do Latim :

Primo ou primeiro ou primario—*primus*, *primarius*.  
Segundo—*secundus*  
Tercio ou terceiro ou terciario—*tercius*, *tertiarius*.  
Quarto—*quartus* etc.

INDEFINIDOS

VI

Algum—*aliqu'uno*. A fórmula *alguem* origina-se de *aliquem*.

Ambos—*ambo*.

Cada—*quisque*, ou melhor da preposição grega *kata*. O composto *cada um* tem no Latim a fórmula *quisque ad unum*,

Certo—*certus*. No Latim classico a fórmula é *quidam*, vulgarizada no elemento popular do Brasil.

Demais—E' de formação portugueza.

Diverso—*diversus*

Mesmo—*metipsissimus*, contraído em *metipsimus*, *metips'mus*, *medessmo*, *medesmo*, *meesmo*, *mesmo*.

Mais *magis*

Menos—*minus*

Muito—*multus*

Nada—*res nata*

Nenhum—*nec'unum*; é propriamente de formação portugueza. A fórmula *ninguem* vem de *nequam* ou *nec-hem*—*nem homem*.

Outro—*alter*. A fórmula *outrem* é para muitos originada de *outro hem*—*outro homem*

Pouco—*paucus*

Qual—*qualis*. E' empregado na fórmula *qualquer*, de origem vernacula, com a fórmula arcaica *qualquier*.

Quanto—*quantus*

Que—*qui*

Quem—*quem*  
Só—*solus*  
Tal—*talis*  
Tanto—*tantus*  
Todo—*totus*. Tem a fórmula neutra: tudo—*tum*

Um—*unus*

Vario—*varius*

O indefinido *fulano* origina-se do arabe *folano*. Pensa Julio Ribeiro ser incerta a sua origem. A atração da rima talvez criasse os termos *beltrano*, *sicrano*, si é que *beltrano* não é o substantivo próprio *Beltrão*, empregado para indicar pessoa que se não quer nomear, do mesmo modo porque se empregam para fim identico os substantivos próprios *Sancho* e *Martinho*.

ABLATIVO

migo—*mecum*; nosco—*nobiscum*  
tigo—*tecum*; vosco—*vobiscum*

FÓRMA REFLEXA 3.<sup>a</sup> PESSÔA

Dativo : si—*sibi*  
Acusativo : se—*se*  
Ablativo : sigo—*secum*

Observações

*Eu*, teve no seculo 12 as fórmas *ei* depois *eu*, latente em *nan* *geu* (popular), nem *eu*.

*Tu*, *te*, *me*, *se*, *nós*, *nos*, *vós*, *vos*, vieram sem alteração e directamente do Latim.

*Elle*; *ella*, *elles*, *ellas*, têm as formas arcaicas *el*, *ello*, *ille*.

*Mim*, é originado de *mihi*; o *m* final é produzido pelo prolongamento *commun* da nasal, como *muito* pronunciado *muinto*.

Em Portuguez ha varias paíavras duplas, nasaladas ou não : *assi*, *assim*; *si*, *sim*.

*Lhe*, *lhes*, têm as formas primitivas *lhi*, *lhis*, e as intermediarias *li*, *illi*, *lli*, plural *les*, *this*.

*O*, *a*, *os*, *as*, substituem desde o seculo 16 o pronome *elle* e suas variações; têm as formas antigas *lo*, *la*, *los*, *las*: *amá-lo*, *quere-las*.

*Ti* e *si* derivam-se de *tibi* e *sibi* pela quēda do *b* e contracção do *i*.

*Migo*, *tigo*, *sigo*, usados em Portuguez sempre com a preposição *com*, vêm das formas latinas compóstas *mecum*, *tecum*, *secum*, em que os pronomes *me*, *te*, *se*, já trazem a preposição *cum*.

Dá-se em Portuguez uma repetição *commigo*-*cummecum*.

O mesmo se observa a respeito de *nosco* e *vosco* derivados, por meio de contracção, de *nobiscum* e *vobiscum*.

VI

Pronomes pessoaes

Os *pronomes pessoaes* apresentam vestígios da declinação latina :

NOMINATIVO

ego—*ego*; nós—*nos*  
tu—*tu*; vós—*vos*  
elle—*ille*; elles—*illi*  
ella—*illa*; ellas—*illas*

DATIVO

mim, *mi*—*mihi*; nos—*nobis*  
ti—*tibi*; vos—*vobis*  
lhe—*illi*; lhes, *illis*

ACUSATIVO

me—*me*; nos—*nos*  
te—*te*; vos—*vos*  
o, a— *illum*, *illam*; os, as—*illos*, *illas*

é o elemento da significação, e dos elementos da relação precedidos por aquella.

A ordem dos elementos do verbo é: thema temporal mais desinencia pessoal.

Por exemplo: no verbo *noscit*, o *t* indica a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, *sci* o presente, (no perfeito *no-vi* falta este elemento), *no* indica a raiz, a acção de conhecer.

Os themas temporaes são simples, como em *ama*, raiz *am*, sufixo *a*; e compósitos, como *ama-vi*, thema *ama* e o thema de preterito *vi-fui*.

Desinencias pessoais:

A desinencia da primeira pessoa do singular é *m*, do thema pronominal indo-europeu *ma* que conserva as seguintes fórmulas:

1.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz italica *fū*, no latim *bam* por *fuam*: *amabam*.

2.<sup>a</sup> do imperfeito da raiz latina *es*: *eram* por *esam*.

3.<sup>a</sup> do optativo e do subjuntivo: *siem*, *dicam*.

4.<sup>a</sup> do presente do indicativo da raiz *qua* (dizer): *inquam*, e da raiz *es*: *sum* por *esum*.

E' bom notar-se que nas demais fórmulas da primeira pessoa do presente assim como nas do preterito, essa desinencia deixou de ser pronunciada e escrita: *feror* de *ferom*; *dico* de *dicom* etc.

O mesmo se observa no acusativo latino.

E' o phenomeno que se dá em Portuguez: *amava*, *era*, *dizia*, *diga*.

A forma *inquam* não tem correspondente em nossa lingua e a fórmula *sum* pronuncia-se e escreve-se *sou* (só) do latim vulgar *so* pronunciado como *do*, *sto*, portuguez: *dou*, *estou*.

A desinencia da primeira pessoa do plural em Latim é *mus* em todos os tempos: *amanus*, *amavimus*.

O Portuguez conserva essa desinencia e antigamente escrevia-se: *amamus*—*amamos*.

No Latim a desinencia da segunda pessoa do singular apresenta tres fórmulas:

1.<sup>a</sup> *ti* do thema pronominal indo-europeu *ta* que se encontra no Latim *tu*, *tibe*, *te* etc.: no perfeito *dedisti*.

2.<sup>a</sup> *s* indo-germanico, fórmula secundaria de *s* de *si*.

Este *si* é forma assibilada de *ti*, diz Schleicher.

Conserva-se em Latim: *amas*, *amabas*, excepto no perfeito: *amavisti*—*dedisti*.

O mesmo se dá no Portuguez, mudando-se somente o *ti* em *te*: *amaste*, *deste*.

3.<sup>a</sup> *to*, desinencia enfatica do imperativo, da fórmula do antigo latim *tod*.

## VII

### Etimologia verbal: Pessoas, Modos. Themas simples

#### I

E' um facto aceito por grande numero de philologos que as flexões verbaes consistem na soldagem de um pronome pessoal a um thema adjetivo ou substantivo.

E' esta a parte mais importante e difficil que tem o estudo da Grammatica e neste ponto principal a *Grammatica Comparada das linguas indo-europeas* de Bopp, o sabio guia do illustro glotologo Sr. Adolpho Coelho, é um manancial inesgotavel, manancial de que este escritor aproveitou as principaes idéas sobre a theoria da conjugação latina.

Ha em Portuguez quatro conjugações:

A 1.<sup>a</sup> em *ar* que corresponde á latina em *are*.

A 2.<sup>a</sup> em *er* que corresponde ás latinas em *ere* (longo) e *ere* (breve).

A 3.<sup>a</sup> em *ir* que corresponde a *ire*.

A 4.<sup>a</sup> em *or* que forma uma conjugação á parte: pertencia até ao seculo 15 á 2.<sup>a</sup> e corresponde á latina em *ere* (breve).

O estudo comparativo das conjugações latina e portuguez-a é muito complexo e difficultoso.

Em nossa lingua só conhecemos um trabalho perfeito sobre este assunto, que é o do distinto glotologo portuguez A. Coelho, sob o titulo: *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*.

Será este livro o nosso farol na presente exposição.

Analizando primeiramente a formação dos verbos, diz que elles exprimem a acção e as relações de tempo, modo e pessoa.

Nas linguas indo-europeas compõe-se o verbo da raiz, que

Em Portuguez o imperativo não tem desinencia pessoal: *ama, dás*.

A desinencia da segunda pessoa do plural em Latim é *tis*, indo-germanico *tasi*, que aparece em todos os tempos: *fertis*, *datis, deditis* etc.

No imperativo perde o *s* e muda o *i* em *e: ferte, date*.

Ocorre em Latim uma forma enfatica *tote*.

Em Portuguez o *t* da desinencia fica inalterado no pretérito por causa do *s* que o precede *amastes—amavistis*.

Fóra deste tempo abrande-se em *d: amatis*, antigo Portuguez—*amades*—ficando finalmente sincopado o *d* por estar entre vogais, como em *fidelis*, portuguez—*fiel*.

Em alguns verbos o *d* conserva-se, afirma Diez, porque se apoia sobre o *n*: *Pondes, tendes*; ou sobre o *r*: *Cantardes, amardes*.

Possui tambem a forma arcaica *sondes—sois*, usada no Archipelago Açoriano: *Sondes menina e moça vos tornareis a casar.—Sondes neto de Sant'Anna, filho da Virgem Maria.*—(Canto popular, recolhido por Theophilo Braga.)

Até o seculo 15 as fórmulas verbais conservam o *d*, d'ahi em diante encontram-se as duas fórmulas e na Grammatica de João de Barros (1540) aquella letra desaparece.

A desinencia da terceira pessoa do singular é em Latim *t*, fórmula secundaria de *ti*, abrandada de *ta*.

Esta ultima fórmula é *pronome demonstrativo* que só aparece em composição: *is-te, is-la, is-tu-d*.

No imperativo *to* vem *tod*, no grego *tud*, no grego *to*.

Do 4.<sup>o</sup> seculo da era christã em diante o som do *t* foi sendo pronunciado surda e fracamente na lingua do povo e as vezes supprimido, como diz Corssen.

Nos primeiros Cancioneiros Portuguezes ainda se encontra a forma *est*, modo de escrever do verbo *ser*, que não é puramente etimologico e que só era empregado para evitar o hiato quando a palavra seguinte começava por vogal; a forma usual é, porém —*e*—

A desinencia, portanto, da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do Latim não deixou vestígios em Portuguez.

A desinencia da terceira pessoa do plural em Latim é *nt* por *nti* que só foi conservada em *trementi*, e é igual no indo-germanico *nti* empregada depois do thema vogal e *anti* usada depois do thema consonantal.

Em Latim ha *sunt*.

No perfeito em *runt* observa-se simplesmente a fórmula do presente da raiz *es*: *sunt* mudado o *s* em *r*.

O imperativo tem *nto*, indo-germanico *ntat*.

A desinencia da terceira pessoa, depois de reduzida a fórmula do Latim *nt*, passou por ulteriores modificações.

Em Portuguez o *t* aparece apocopado, o *n* tornado final fica reduzido a uma consonancia nasal ou, melhor, funde-se com a vogal que o precede em uma vogal nazalada, representada por til, *m* ou *n*.

A desinencia fica, pois, *ão* ou *am* facilmente explicada, ou, então, é *em* que ora provém do *e* ora do *u* latino.

### Desinencias pessoais

SING.	LATIM	PORtUGUEZ
1. <sup>a</sup> pessoa . . . . .	<i>m</i> . . . . .	(desapareceu)
	{ <i>s</i> . . . . .	<i>s</i>
2. <sup>a</sup> pessoa . . . . .	{ <i>ti</i> (perfeito) . . . . .	<i>te</i>
	{ <i>to</i> (imperativo) . . . . .	(não tem)
3. <sup>a</sup> pessoa . . . . .	{ <i>t</i> . . . . .	(desapareceu)
	{ <i>to</i> (imperativo) . . . . .	(não tem)

### PLURAL

1. <sup>a</sup> pessoa . . . . .	<i>mus</i> . . . . .	<i>mos</i>
2. <sup>a</sup> pessoa . . . . .	<i>tis</i> . . . . .	<i>des</i> (ant); <i>es, is</i>
	{ <i>te</i> (imperativo), . . . . .	<i>de</i> (ant); <i>e, i</i>
	{ <i>iote</i> (imperativo), . . . . .	(não tem)
3. <sup>a</sup> pessoa . . . . .	{ <i>unt</i> { <i>un, um</i> . . . . .	{ <i>am, ão</i> (ant)
	{ <i>nt</i> { <i>n</i> (lat. vulgar) . . . . .	{ <i>em, do</i>

Sobre o titulo de suffixos modais vamos comparar, ajudado pelo philologo A. Coelho, as alterações que a lingua latina e a portuguesa sofreram nos modos de seus verbos.

O indicativo não tem sufixo modal. Fórmase pela união do thema verbal ás desinencias pessoais.

O imperativo só se distingue do indicativo porque as desinencias pessoais adquirem força vocativa.

Temos, pois, nas linguas indo-europeias o optativo e o conjuntivo que no Latim se fundiram no subjuntivo.

O lugar dos suffixos modais é entre o thema verbal e a desinencia pessoal.

A fórmula primitiva do sufixo do optativo era *jā*, e nas linguas indo-europeias *jā*.

No subjuntivo latino descobrem-se algumas fórmulas primitivamente do presente optativo.

Estas fórmulas passaram pelas seguintes modificações:

$$\begin{array}{l} ja-ie \\ já-iw \end{array} \left\{ \begin{array}{l} i-i \\ i-i \end{array} \right.$$

As duas fórmulas primitivas só foram conservadas no ramo asiático das línguas indo-europeias; as outras temos no Latim com a raiz *es*.

<i>siem</i>	<i>sim</i>
<i>sies</i>	<i>sis</i>
<i>siet</i>	<i>sit</i>
<i>siemus</i> (fórmula hypothetica)	<i>simus</i>
<i>sietis</i> ( » » )	<i>sitis</i>
<i>sent</i>	<i>sint</i>

Com as raízes *rel*, *ed*, *du* (*da*): *velim* por *veliem*; *edimus* por *ediemus*; *duis* ou talvez *dais* por *daies*.

Em Portuguez, como em Latim, a final do thema optativo da primeira conjugação, em *á* (única que conservou a fórmula optativa) é constantemente *e*:

Lat. <i>amem</i>	Port. <i>ame</i>
<i>ames</i>	<i>ames</i>
<i>amet</i>	<i>ame</i>
<i>antemus</i> etc.	<i>amemos</i> etc.

As fórmulas do subjuntivo em Latim são as dos themes em *a* (3.<sup>a</sup> conjugação) e dos verbos em *é* (2.<sup>a</sup> conjugação) e *i* (4.<sup>a</sup> conjugação).

*Dicam*, *dicas dicát*, e posteriormente *dicat*, etc.

Nas formas subjuntivas dos verbos em *é* e *i*, o sufixo *aja* que fórmula o theme verbal dessas conjugações e o sufixo *a* do subjuntivo passaram pelas seguintes modificações:

$$a|a+a = a|i \left\{ \begin{array}{l} ejá—eá \\ ijá—iá \end{array} \right.$$

por ex: *moneámus* — *vestiámus*.

O subjuntivo presente dos verbos primários, em *a*, foi

conservado, e os dos derivados em *e* e *i* latinos são representados em Portuguez pelos em *e* e *i*.

#### VERBO PRIMITIVO

Lat. *Dicam*

Port. *Diga*

*Dicas* etc.

*Digas*

#### VERBO DERIVADO EM E

Lat. *Debeam*

Port. *Deva*

*Debeas* etc.

*Devas*

#### VERBO DERIVADO EM I

Lat. *Vestiam*

Port. *Vista*

*Vestias*

*Vistas*

## II

#### Themes temporaes.

Sobre os themes do presente distinguimos:

1.<sup>a</sup> Themes constituídos pela raiz sem suffixos.

Nesta classe a raiz apresenta-se ou na sua fórmula simples ou reforçada.

*Raizes com vogal não reforçada, simples.*

O Latim oferece poucos casos:

a) presente da raiz latina *es* (ser) como: *sum* por *esum* de *es—m* (a vogal euphonica ou ligativa); *sumus* por *esumus* de *es—m*.

b) algumas fórmulas do presente da raiz latina *vol* (querer): *volumus* por *volmus* (a ligativa).

c) terceira singular do presente da raiz latina *ed* (comer): *est* (elle come) por *edt*.

d) terceira singular do presente da raiz latina *fer* (levar): *fert* que talvez provenha de *ferit*.

e) as fórmulas do presente da raiz latina *da* (pôr): *do*, *eis*, *dit*, *dimus*, *ditis*, *dunt*, que aparecem nos compostos *ab-dit*, *cre-dit*, etc.

*Raizes com vogal reforçada.*

A esta classe pertence o theme do presente da raiz *i* cujo perfeito é *i-vi* e o supino *i-tum* que antigamente aparecia com as fórmulas: *eitur*, *eis*, *eit* onde o ditongo se contraiu em *i* longo.

Parecem pertencer a esta classe: *fló, flás, flát* etc.; *for, faris* etc. (ant. lat.) que ocorre em *fabula* etc.; *dó, dás, dát* onde a vogal só é reforçada no singular e *nó, ná, nát*.

Em Portuguez o presente da raiz *es* é: *sou, és, é, somos, sois, são*.

Só ha a notar que a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular seja *é* por *és* que foi usada para distingui-la da 2.<sup>a</sup> singular.

O *s* desta pessoa é signal constante da 2.<sup>a</sup> pessoa, enquanto que na 3.<sup>a</sup> não tinha significação.

Quanto aos themes: *vál, ná, flá, fú*, perderam-se em nossa lingua; os compósitos de *do* seguem analogicamente os themes em *a*; as fórmulas do presente de *dó* e *stó* seguem as latinas e temos: *dou, dás, dá* etc.; *estou, está, estamos* etc.

Quanto aos themes *ed, fer* pertencem ao caso:

#### 2.<sup>o</sup> Themes constituídos pela raiz com o suffixo A.

Em Sanscrito, como em Latim, encontram-se numerosas fórmulas do presente constituídas deste modo.

No Latim, porém, em virtude da phonologia e diferenciação das fórmulas pessoais, o suffixo toma as fórmulas:

1. <sup>a</sup> singular	<i>o</i>	
1. <sup>a</sup> pl. 2. <sup>a</sup> sing. e pl. 3. <sup>a</sup> sing.	<i>i</i>	
3. <sup>a</sup> plural	<i>u</i>	

As fórmulas paralelas entre essas duas linguas mostram que o *o* da 1.<sup>a</sup> pessoa provém de um á primitivo.

Assim *fero* corresponde ao Sanscrito *bharami* em que o *a* é reforçado.

No plural em que esta letra não é reforçada, temos *ferimus* e não *feromus*.

#### 3.<sup>o</sup> Themes constituídos pela raiz reduplicada.

O numero destes themes é muito pequeno em Latim.

Quando a raiz termina em consoante junta-se-lhe o suffixo *a*, quando termina em vogal esta é considerada como si fosse aquelle suffixo.

#### 4.<sup>o</sup> Themes constituídos pela raiz com o suffixo NA.

Neste caso ou o thema conserva o valor da letra *n* do suffixo: *linit* raiz *li*; *cernit* raiz *cer*; ou então o *n* é arrastado para o interior da raiz e fica unido aos outros sons: *vincit, victum, vici; fundit, fudi, fusum; frangit, fregi, fractum.*

#### 5.<sup>o</sup> Themes constituídos pela raiz com o suffixo SKA.

A esta classe pertencem: *gnascor, raiz gna; gnoscit, raiz gno; pascit, raiz pa; gliscit; sciscit; discit; crescit;* e poucos mais.

Este suffixo *ska* constitui fórmulas conhecidas ordinariamente como incoativas.

Elle existe tambem no verbo *miscere*, onde se fundiu intimamente com a raiz de modo que percorre todas as fórmulas do verbos e aparece nos derivados: *miscui, mixtus*.

#### 6.<sup>o</sup> Themes constituídos pela raiz com o suffixo TA.

Este suffixo vem sempre depois de raizes terminadas por gutural: *pectit, flectit*.

Em Portuguez as desinencias destes cinco ultimos casos ou se conformam com as dos themes em *e* e soam:

1. <sup>a</sup> singular: <i>o</i> :— <i>devo</i>	1. <sup>a</sup> pl.: <i>é</i> — <i>devemos</i>
2. <sup>a</sup> » <i>e</i> :— <i>deves</i>	2. <sup>a</sup> » <i>é</i> — <i>deveis</i>
3. <sup>a</sup> » <i>e</i> :— <i>deve</i>	3. <sup>a</sup> » <i>e</i> — <i>dévem</i> ,

ou se conformam com as dos themes dos verbos derivados em *i* e soam:

1. <sup>a</sup> singular: <i>o</i> :— <i>visto</i>	1. <sup>a</sup> pl. <i>i</i> :— <i>vestimos</i>
2. <sup>a</sup> » <i>e</i> :— <i>vêtes</i>	2. <sup>a</sup> » <i>i</i> :— <i>vestís</i>
3. <sup>a</sup> » <i>e</i> :— <i>vête</i>	3. <sup>a</sup> » <i>e</i> :— <i>véstem</i> .

Devemos observar que depois do *z* (c lat.) e *r*, cai o *e* final da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular que não é protegido pela desinencia pessoal: *—diz, induz, quer*; entretanto no imperativo, temos: *—dize, induze, etc.*

#### 7.<sup>o</sup> Themes constituídos pela raiz com o suffixo JA.

A vogal *a* que no Sanscrito fica reforçada, sofre em Latim as mesmas modificações que o suffixo *A* (2.<sup>o</sup> caso).

Assim do primitivo *ja* da primeira pessoa do singular no Sanscrito aparece em Latim *io* (*jo*); de *ja* das outras pessoas vem *ji* onde o *j* cai, e *iu* (*ju*): *capio* por *capoim* de *capjomí*; *capis* por *capjis*, de *capjasi* que fazem *cepi* e *captum*.

Da mesma fórmula: *fugio, fugi, fugitum; facio, feci, factum.*

Em Portuguez não se encontram vestígios delle na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural: de *fugiunt* vem *—fogem*; de *faciunt* vem *—fazem*.

Na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular, ora sincopa o *j* depois d'elle ter influido sobre a consoante precedente, ora arrasta a semi-vogal *j* por metatese para o interior da raiz. Assim temos, *ora—jazo—de—jacio, fujo—de—fugio, faço—de—facio, ora—caibo—de capio, —parvo—de pario.*

Em *—sei—de sapio*, o *i* final representa o *j* do suffixo: de *sapio* veiu *—saibo*—d'onde por sincope do *b*—*saio* e *seio*. A queda do *o* deu-se para evitar a homonímia com *—seio* de *sinus*.

Confessa, em todo caso, com muita razão Adolpho Coelho que não confia nesta explicação. É possível que a queda do *o* seja puramente mecanica.

Sobre os themes do *perfeito* temos:

Estes themes são simples ou compósitos.

Simples, como *fui*; compósitos, como *jacui* por *jac—fui*.

A explicação dos primeiros é talvez o ponto mais obscuro da teoria da conjugação latina.

Todavia podem ser explicados da seguinte maneira:

1.º Os themes ou têm a raiz reduplicada ou não, e neste ultimo caso têm quasi sempre a vogal alongada.

Em Grego e Sanscrito, o perfeito é produzido pela reduplicação: *vid-vid-ma* no indo-europeu significaria: eu *vi*. Em Latim *cedidi*, *pupugi*, *momordi*, etc.

Quando o tema é sem reduplicação devemos notar que, ou a vogal que era breve no presente torna-se longa no pretérito: *lávi* de *lavo*; ou ao *a* do presente corresponde *e*: *feci* de *facio*; ou então aparecem themes com vogal radical longa tendo ao lado fórmulas do presente com vogal também longa: *sidi* ao lado de *sido*; ou themes com vogal longa que tem ao lado fórmulas do presente com vogal da raiz seguida de nasal (*a* muda-se em *e*): *fregi* ao lado de *frango*; ou themes com vogal radical breve ao lado de presente com vogal seguida de nasal: *fidi* ao lado de *findo*; ou finalmente themes em que reaparecem a vogal radical do presente e as consoantes que a seguem sem alteração: *defendi*, *accendi*, etc.

Entretanto não há ainda uma explicação completa e satisfatória destas fórmulas sem reduplicação.

Julga Schleicher que todas as fórmulas latinas do pretérito provêm da forma reduplicativa; numas houve simples queda da sílaba de reduplicação, noutras, contração.

A's primeiras pertence *tuli* ao lado de *tetuli*. A's segundas *fregi* ao lado de *fregigi*.

2.º Depois da raiz, um elemento *i* primitivamente longo em todas as pessoas, ao qual se juntam logo depois as designações pessoais na 1.ª singular e plural e 3.ª singular.

Em Latim as terminações são: *i*, *isti*, *it*, etc.

Uns explicam estas fórmulas dizendo que este *i* é um elemento do quinto aoristo activo sanscrito.

Outros, que deve ter origem no *a* breve formativo do perfeito sanscrito e grego.

A questão do perfeito latino é irresolvel com os dados que até hoje se têm.

3.º Um *s* colocado depois do elemento *i* na 2.ª pessoa singular e plural, e na 3.ª plural mudado em *r*.

Este *s* é resto da raiz *es* (*ser*) que entra em composição nas formas verbais das línguas indo-europeias.

Para o Portuguez os únicos perfetos simples que passaram do Latim são:

a) da raiz *da*:—*dei*—de *dedi*; *deste*—de *dedisti*; *deu*—de *dedit*, influenciado pelas fórmulas do perfeito composto dos derivados em *e*, como—*dereu*—etc.

b) perfeito da raiz *ven* :—*vim*—de *veni*, etc.

Houve cuidado em evitar a confusão da raiz *ven* com o perfeito da raiz *vid*, pois de *venisti* melhor viria—*viste*—que—*viste*.

c) da raiz *fu* :—*fui*—de *fui*;—*foste*—de *fusti*, etc.

d) da raiz *vid* :—*vi*—de *vidi*;—*viu*—por analogia dos derivados em *i*, como *vestiu*, etc.

e) da raiz *fac* :—*fiz*—de *fezi*, etc.

Nas fórmulas portuguesas é bom notar: 1.º que o *e* latino na 1.ª pessoa singular é representado por *i* para distingui-lo da 3.ª pessoa que conserva o *e*; 2.º que nas sílabas não acentuadas o *e* muda-se em *i* por analogia da 1.ª pessoa; 3.º mudança da acentuação na 1.ª pessoa plural por analogia das fórmulas dessa pessoa no perfeito português em que ella é acentuada na penultima: *comemos*, *purtimos*.

Sobre os themes simples do imperfeito, verifica-se que o seu numero é muito limitado.

Em Latim só se encontram dois: o do imperfeito da raiz *es* : *era* por *esa*, e o do imperfeito da raiz *fu* : *ba*, por *fua*, que só é empregado em composição: *monebam*.

Schleicher diz ser este imperfeito formado, como o lituano, juntando-se á raiz as fórmulas do presente dos verbos derivados em *a* longo, primitivo *aja*.

Corssen, com melhor vantagem, prova que *eram* vem do Sanscrito *asam*.

Do mesmo modo formou-se um imperfeito da raiz *bhu*, *fu* que pela phonética latina se mudou em composição para *bam*, *bas*, *bat*, *baras* etc.

Em Portuguez o imperfeito da raiz *es*, é :—*era*, *eras*, *era*, *eramos*, *ércis* (ant. *erades*), *eram*.

Houve mudança do acento no *a* formativo para a raiz, no plural.

Como vimos a raiz *fū* entra em nossa língua sómente em composição.

As fórmulas simples do perfeito parecem provir de uma época longínqua, o que torna difficilima a sua analise e bôa explicação.

D'ahi procurar o Latim um processo novo para formação de novos perfetos.

E como sucede no periodo da decadencia das línguas, o meio posto em prática foi o da composição, de que trataremos em seguida.



VII

Etimologia verbal : Themas compósitos. Voz passiva

I

No domínio da etimologia verbal falta-nos analizar a formação dos themes compósitos em sua origem.

Comecemos pelo *preterito perfeito* também chamado *ao-riso*.

Em Latim são dois os themes: em *si* e em *ui* ou *vi*.

A primeira fórmula *si* é originada da seguinte maneira: da raiz *es*, pelo processo de formação de themes simples do perfeito, veio naturalmente *es-es-i* d'onde *s-es-i*; depois prevalecendo sempre a sillaba reduplicativa formou-se *si* que se juntou às raízes verbais, aparecendo em regra depois de gural, dental, ou labial: *duc-si* raiz *duc*, presente *duco*; *lud-si* de *lud*, presente *ludo*; *serp-si*, de *serp*, presente *serpo*.

Depois de *l*, *si* só aparece em *vul-si*, presente *vello*; depois de *n* em *man-si*, presente *maneo*.

Quando as fórmulas radicais terminam em *m* se intermedeia um *p* antes de *si* para evitar a ligação *ms*: *sum-p-si*, presente *sumo* etc.

A conjugação portuguesa só tem um perfeito em *si* que é o da raiz *dic*:

dic-si	disse	
dic-sisti	disséste	
dic-si-t	disse	

O segundo theme composto do perfeito é *ui* ou *vi*.

Quando precede consoante usa-se *ui*, quando vogal *vi*: *crepui*, *ama-vi*.

Para demonstrar que esse tema é o perfeito da raiz *fu*, descoberta de Bopp, perderíamos grande espaço de tempo sem resultado para os estudantes.

Além disto, é o próprio Adolpho Coêlho que, à vista das diversidades de opiniões de Corssen, Schleicher, Schweizer-Sidler e Bopp, diz que si algumas destas questões se acham resolvidas, outras carecem ainda de ser aprofundadas e vistas por todos os lados.

Das inúmeras provas que elle acumula para demonstrar que *ui* ou *vi* é o tema do perfeito da raiz *fu*, a mais clara e lógica é a que apresenta com o verbo *pos-sum*.

Este verbo é, todos afirmam, composto do verbo *sum* e *pot*, d'ahi *potes*, *potest*, *potero* etc., entretanto no perfeito é *pot-ui* em vez de *pot-fui*.

Em Portuguez não ha esta grande variedade de fórmulas que tanto difficultam o Latim.

Nossa lingua modifica foneticamente as fórmulas latinas limitando a um só molde os verbos primitivos ou derivados.

Observemos estas modificações:

1.<sup>a</sup> Verbos em *a* (1<sup>a</sup> conjugação):

amavi	amei
amavisti	amaste
amavit	amou
amavimus	amámos
amavistis	amastes
amaverunt	amarám

A sinope do *v* é facto que se observa no próprio Latim vulgar, como diz Corssen.

A mudança do *ai* em *ei* (*primairo*—metatese— de— *primario*—deu—*primeiro*) é natural em Portuguez, assim como na 2.<sup>a</sup> pessoa do plural o desaparecimento do *vi*, *re*.

Em Portuguez a fórmula *vi*, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular mudou-se em *u* (*nauta* ao lado de—*navita*; *navifragus*—por *navifragus*) da seguinte maneira: Houve sinope do *i* e ficando o *v* entre duas consoantes mudou-se em *u*.

O *a* latino em *amavit* transformou-se em *o*—*amou*,— que também vemos em *aurus*—*ouro*; —*thesaurus*, —*thesouro*; e finalmente deu-se a queda da desinencia pessoal.

Assim temos no singular :

amavi	amai	amei
amavisti	amaisti	amaste
amavit	amaut	amou, amou

2.º Verbos em *e* (2.ª conjugação).

debevi	debui	devi
debevisti	debusti	deveste
debevit	debut	deveu
debevimus	debuimus	devemos
debevistis	debuistis	devestes
debeverunt	deberunt	deveram

Analizemos: Na 1.ª e 2.ª pessoas do singular e plural sincopou-se o *v* do *vi*, contrahindo-se o *ei* em *i* na 1.ª pessoa do singular e em *e* nas outras pessoas. Na 3.ª pessoa do singular dá-se o mesmo phänomeno dos verbos da 1.ª conjugação: a fórmā *vi* é representada por *u*.

Na 3.ª pessoa do plural, houve sincope do *v* e os dois *ee* contraíram-se num. Assim:

debevi	debei	debi	devi
debevimus	debeimus	debemus	devemus
debevit	debeut	debeu	deveu
debeverunt	debeerunt	deberunt	deverunt

3.º Verbos em *i* (3.ª conjugação)

vestivi	vesti
vestivisti	vestiste
vestivit	vestiu
vestivimus	vestimos
vestivistis	vestistes
vestiverunt	vestiram

O *v* da fórmā *vi* cai; é este um phänomeno muito natural no proprio Latim nos verbos em *i*, diz Neue.

Pela queda do *v* os dois *ii* contraíram-se: a transformação do *v* em *u* já foi explicada:

vestiri	vestii	vesti
vestivit etc.	vestiut	vestiu etc.

Os perfeitos latinos em *ui*, que o Portuguez conservou sómente modificados foneticamente, são:

- a) perf. de *habere*:
- houve—por—haube—lat. *habui*
- houveste—por—haubeste—lat. *habuisti*
- b) de *capere*:
- coube—por—caube—lat. *capui*

c) de *sapere*:

—soube—por—saube—lat. *sapui*

d) de *posse*:

—pude—por—poude—lat. *potui*

—poude—ou—pôde—lat. *potuit*

—pudemos—por—pudemos—lat. *potuimus*

Sómente com o fim de distinguir a 3.ª da 1.ª pessoa do singular o ditongo *ou* mudou-se em *u*.

e) de *placere*:

—proue—por—proue—lat. *placui*

Nos antigos escritores encontram-se as fórmas *plouge* e *plogue* ao mesmo tempo que *proue*, em Fernão Lopes por exemplo.

f) de *jacere*:

—joue (ant.) por—jogue—latim *jacui*

Actualmente a forma é—*jazi*

g) de *ponere*:

—pus—por—pous—lat. *posui*

—poseste—por—pouseste—lat. *posuisti*

—pos—por—pous—lat. *posuit*

h) de *trahere*:

—trouze—por—trauxe—lat. vulgar *tracsui*

—troureste—por—trauxiste lat. v. *tracsuisti*

O *x* tem o som de *s* e por isso aparece mudado em *g* na fórmā antiga—*trouge*—e sincopado em—*trouve*, *trouveste*—onde o *v* foi introduzido para evitar o hiato resultante da queda da consoante medial, como prova—*couve*—de *caue*—do latim *caule*.

A forma em *x* raramente se encontra nos escritores classicos.

Nas canções populares de Algarve e Beira encontra-se a fórmā em *v*.

i) de *tenere*:

—tive—por—teue—lat. *tenui*

—tiveste—por—teuisti—lat. *tenuisti*

—tere—por—teue—lat. *tenuit*

Observam-se as seguintes modificações: A sincope do *n*, a consonantização do *u* para evitar o hiato, a mudança do *e* em *i* para distinguir a 1.ª da 3.ª pessoa no singular e por analogia da 1.ª a mesma mudança na 2.ª do singular e em todo o plural.

O perfeito do verbo—*ter*—formou em Portuguez o perfeito da raiz *sta*:—*es-tive*, *es-tiveste*—e um antigo do verbo—*ser*: *seve*, *severom*, de que se encontram exemplos em D. Diniz, J. Pedro Ribeiro, Azurara, nas Chronicas de Guiné etc.

Analizemos o futuro do indicativo.

Desaparecendo o futuro latino em *bo*, o Latim classico aproveitou o emprego do verbo *habere* soldado aos infinitos verbaes e formou as linguagens *dicere habeo*, *portare habes*.

Esta construcao, conhecida do Grego, é mais familiar á lingua popular.

As linguas novo-latinas formam por este processo o seu futuro.

O Valachio constrói por meio do verbo *velle*.

O Romanico obtém o futuro por meio de *venire*.

Em Sardo o auxiliar é collocado antes do infinito.

O Inglez forma-o com *shall* e *will*; o Allemão com *werden*; o Grego com *theto* etc.

No Portuguez temos: *amarrei*—*amar+hei*. Fm regandose a figura tmese disjunta-se aquella e collocam-se os pronomes complementos: *amar-te-ei*, *amar-te-hei*.

No Francez: *Aimerai*—*aimer+ai* por *j'ai à aimer*.

No Provençal: *Dir-vos-ai*, *donar-lo-us-ai*, q're sempre aparecem disjuntadas por artigos ou pronomes.

No Espanhol: *Hacer-lo-he*, fórmia mais primitiva que *lo hare* correspondendo ao Latin: *facere id habeo*—port.—*fa-lo-ei*.

No Italiano: *Cantero*—*cantar-ho* etc.

Julga Max-Muller que quem primeiro explicou a origem do futuro romano foi Caltelvetro na sua *Correttione* (1577); entretanto já em 1492 o espanhol Antonio de Nebrissa tinha reconheido esta composição.

Observamos que na aglutinação do futuro, os verbos como *—dizer*, *fazer trazer*, e outros perdem o *z*:—*direi*, *farei*, *trarei*.

Exceptua-se deste caso o verbo *j'zer*—que faz *jazerei*—e *não-jarei*.

O que dissemos sobre o futuro observa-se no *condicional* com a diferença que este é composto com o imperfeito do verbo *haver* na forma contraída: *amar—havia*, *amar-hia*, *amaria*.

O futuro do subjuntivo do Portuguez não existe no Latin e corresponde ao futuro perfeito.

Assim o futuro—*amar*, *amges*—etc, provém de *amarero*, pela sincope do *v* e desaparecimento da vogal atona substituída pela acentuada. Na 1.<sup>a</sup> pessoa do singular o final cai precedido do *r* provavelmente depois de se ter mudado \*em *e*.

Do imperfeito do indicativo já tratámos quando nos referimos aos themas simples.

Temos que falar agora dos themas compósitos deste tempo.

Forma-se elle acrescentando ao thema do presente o thema *ba*, imperfeito da raiz *fu*; assim do thema *da* fórmia-se *daba*, de *sta*, *staba*.

O mesmo com os verbos derivados: *ama-ba*, *deve-ba*.

Na passagem para o Portuguez deram-se algumas modificações phonicas.

No imperfeito em *aba*, o *b* mudou-se em *v*: *amara*—latim *amaba*.

No imperfeito em *eba*, desaparece o *b* e o *e* muda-se em *i*: *Devia*—latim—*deveba*.

No imperfeito em *ieba* o *b* é sincopado e o *ie* contráise em *i*: *Vestia*—latim—*vestieba*.

Sobre os imperfeitos—*punha*, *tinha* e *vinha*—Diez supõe que se retraiu o acento para firmar mais o *n* radical que d'outro modo teria caído como no infinito; dizia-se — *pónia*, —para não fazer desaparecer o *n* em *—ponía*—e mudou-se o *o* em *u* e o *e* em *i* para distinguir do presente do subjuntivo.

No Romance de D. Aleixo, versão da Foz, recolhido por Th. Braga,—encontrámos—*convenia*—por—*convinha*.

A terminação *sem* que forma o *imperfeito do subjuntivo*, é originada de *esem* que devia ter sido o optativo da raiz *es*, *esam*.

Em Portuguez estas fórmias originam-se do mais que imperfeito do optativo latino :

—*amasse*—latim—*amavissem*; —*fosse*—latim—*fuissem*.

Houve no primeiro caso simples sincope de *vi*; as outras alterações são communs.

O *mais que perfeito* conserva-se em Portuguez sincopando-se o *re*; por exemplo em—*cantaram*—latim—*cantaverunt*.

Soffre também deslocação do acento na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do plural:

—*cantáramos*—latim—*cantaverámus*.

—*cantáreis*—latim—*cantaverátis*.

Foi, como se vê, conservado em Portuguez com pequenas alterações phonéticas.

Falta-nos traçar as fórmias nominaes do verbo.

*Infinite presente*. O verbo latino forma-se pela junção do elemento *re* ao thema do presente: *ama-re*, *mone-re*, *vesti-re*.

E' de notar que o *r* não é um som primitivo nesse elemento formativo, mas sim vem de um *s*, como provam as fórmias *pos-se*, *es-se*.

Em alguns casos houve assimilação: *fer-re* por *fer-se*; *vel-le* por *vel-se*.

Em Portuguez desapareceu o *e* final e fundiram-se numa as fórmias de *ere* breve e *ere* longo, confundindo-se as fórmias dos verbos primitivos com as dos derivados em *e* e *i*.

Foi só o Portuguez a unica lingua romanica que deu flexão pessoal ao Infinito.

*Participio presente*. Este participio é formado por meio

do suffixo *ant* que perde a vogal si por ella termina o thema, e que ás vezes se transforma em *ent* e *unt*.

Em Portuguez o participio presente é usado como simples adjetivo ou substantivo.

Encontram-se muitas fórmulas participaes em *ant*.

Em Latim occorrem alguns substantivos que eram primitivamente participios presentes: *infant*, que não falla, de *fant* participio de *fari*.

Em Portuguez ao lado de—oriente—(de *orior*, *pascere*), *ocidente*—(de *occido*, *morrer*), temos—*nascente*, *poente*; de *lengente* participio de *lego* formamos—*lente*;—*sargento* do antigo—*sergente* do latim *seriente* modificado pelo Francez, e tambem—*tirante*, *caminhante*, *mercante*, etc.

*Gerundio*. Segundo Córssen o sufixo *ondo*, *undo*, *endo*, *nido*, do gerundio, do participio do futuro passivo é composto do suffixo *on* e *do*.

A fórmula *undo* por *ondo* é arcaica; a fórmula *endo* substitui-a na linguagem classica; a fórmula *nido* junta-se aos themes derivados em *a* e *e*: *ama-ndo* *mone-ndo*.

Em Portuguez não ha participio de futuro passivo, embora apareçam palavras constituidas pelo mesmo processo:—*gembundo*, *segundo*.

Das fórmulas do gerundio só permaneceu a do ablativo:—*amando*, *vivendo*, *vestindo*.

*Participio passado*. É formado em Latim por meio do suffixo *to* junto a fórmula radical: *da-to*; ou por meio de uma vogal ligativa: *gen-i-to*; ou pela junção aos themes verbais derivados: *ama-to*.

(Em Portuguez conservou-se a fórmula dos participios derivados em *a* e *i* (*ato*, *ito*) abrando-se o *t* em *d*:—*amado*—latim—*amato*; *vestido*—latim—*vestito*, na 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> conjugação).

Na 2.<sup>a</sup> conjugação o Portuguez, á similaridade das outras linguas romanicas, adoptou o suffixo *uto*: *tributo*, *arguto*. O suffixo *udo*, ainda usado do seculo 16, foi substituido pelo participio *ido*: *vencido*, *comido* etc.

Do tipo —*udo*— encontramos: *estabeleçudo*, *perduda*, *metudo*, *entendudo*, *respondudo*, *tenudo*, etc.

Modernamente, destas fórmulas possuímos: *teúdo* e *man-teúdo* usadas numa fórmula conhecida das Ordenações;—*sanhu-do* e o substantivo *conteúdo*.

No seculo 16, apareceram muitas fórmulas contraídas: *despezo*, *coito*, *escorreito*, *represso*, *tolheito*, *volto*, *comesto*, *colhei-to*, etc.

O supino latino desapareceu no Portuguez.

O participio do futuro não existe em nossa lingua com força participial.

Possuimos algumas palavras como: *immorredouro*, *vin-douro*, *casadouro*, etc. formadas com o suffixo *douro*.

Com o suffixo *turo*, existem: *futuro*, *ventura*, *sepultura*, *usura*, etc. já considerados como substantivos em Latim.

## II

Já sabemos que ha em Portuguez duas vozes: a activa e a passiva.

Precisamos tratar agora da passiva que tem tambem o nome de media passiva ou passiva reflexa.

O Latim, ao contrario do Sancrito e Grego, perdeu a primitiva voz media e procurou outro modo de formação.

Então recorreu primitivamente ou ao processo de juntar ás fórmulas do activo o pronome reflexivo *se*; ou ao processo de construir o participio medio *mino* com o verbo *esse* que algumas vezes ficava occulto.

Do primeiro caso temos *amo-se*, do segundo *ama-mino-ss-um*. Fundindo-se depois estas duas fórmulas, uzou-as o Latim promiscuamente prevalecendo todavia a primeira.

O processo do Portuguz é diferente.

Em quanto o Latim se exprime por desinencias, o Portuguez compõe uma fórmula com o verbo *ser* e o participio passado: *sou amado*—latim—*amor*.

Nota-se, porém, que este processo já não existia em Latim no tempo de Cicero.

Tambem o Portuguez renova o modo apassivador latino do *se* reflexivo, processo que se encontra tambem no Slavo, mas que aquella lingua só usa nas terceiras pessoas.

Possuimos em Portuguez muitos verbos activos cuja origem é um verbo passivo latino:

<i>falar</i>	do lat.	<i>fabulari</i>
<i>morrer</i>	« «	<i>moriōr</i>
<i>querer</i>	« «	<i>queri</i>

Mesmo em Latim vemos verbos empregados na fórmula activa e na fórmula deponente:—*adulor* e *adulo*;—*comperior* e *comperio*;—*imitor* e *imito*.

Em Portuguez os verbos intransitivos não são usados na voz passiva.

Expliquemos ligeiramente a formação da voz passiva em Latim por meio de suffixos que sómente se acrescentam no presente imperfeito e futuro do indicativo, no imperativo e no presente e imperfeito do subjuntivo.

Nos outros tempos emprega-se o verbo *sum, es, fui, esse* e o participio passado em *tus* : *amatus sum, amatus fueram* etc.

Com o primeiro modo a passividade era assim feita :

1.<sup>a</sup> *pes. sing. do pres. do indicativo.*

A forma activa acrescenta-se um *r* que é originado de um pronome reflexivo *se*, que fica entre vogaes, vindo afinal a cair o *e*:

—*amo—amo-se—amo-re—amor.*

2.<sup>a</sup> *pessôa do singular.*

*Ligaris* ou *ligare*. Depois de juntar-se á forma activa *ligas* o pronome *se* foi preciso introduzir um *i* ligativo, mudando o *s* em *r*.

—*ligas—ligas-se—ligas-ise—ligar-ise—ligar-is.*

3.<sup>a</sup> *pessôa do singular.*

*Monetur*. Depois de praticado o processo geral, introduziu-se a vogal ligativa *u*.

1.<sup>a</sup> *pessôa do plural.*

Com a fórmula activa *amamus* constituiu-se a fórmula passiva como as pessoas do singular—*amamus-u-se*—(*u* ligativo) e depois—*amamur-u-r*;—e pelo principio de dissimilação que manda destruir os elementos phoneticos iguaes numa palavra, ficou—*amamur*.

Explicam tambem assim :—em—*amamur-u-r*—cái o *u* e aparece—*amamur-r*—e como a lingua não consente dous *rr* na desinencia, ficou—*amamur*.

2.<sup>a</sup> *pessôa do plural.*

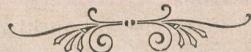
Emprega o Latim nesta pessoa o segundo processo de que falámos a principio :—*ama-min*—em vez de, pela regra geral, fazer—*amateris*.

3.<sup>a</sup> *pessôa do plural.*

Nada apresenta de novo.

A fórmula—*monentur*,—por exemplo, é resultado do *u* ligativo :—*monent-u-se*—em que o *s* transformado em *r* e o *e* caíndo dá—*monentur*.

A mesma explicação se pôde dar a respeito dos outros tempos do indicativo e do subjuntivo.



## IX

### Palavras invariaveis

As categorias de adverbio, preposição e conjunção se desenvolveram das categorias de nome e pronome ; é, como diz A. Coelho, clara ainda em Portuguez a origem nominal e pronominal de varios adverbios, preposições e conjunções.

Assim os adverbios em *mente* são representantes de expressões nominaes do ablativo latino : *bonamente*—*bomente*.

A conjunção adversativa *mas* saiu do adverbio *mais*, no latim *magis* que é um comparativo da raiz *mag* que encontramos em *mag-nus*.

A negativa *non* (*não*) é o acusativo da raiz pronominal *na* que vemos em *na—m—que, nu—n—quam*.

*Como* representa o latim *quo modo*, ablativo de um nome e de um nome.

O antigo adverbio *car* vem de *qua re*.

### Adverbios

#### I

Os adverbios, como as palavras invariaveis, têm, em geral, sua etimologia na lingua latina.

Derivam-se :

1.<sup>o</sup> de adverbios ou locuções adverbiaes da lingua latina, mais ou menos correspondentes :

*antes—ante*

bem—*bene*  
já—*jam*  
agora—*hac hora*  
hoje—*hoc die*  
jamais—*jam magis*

2º de adjetivos empregados invariavelmente na forma masculina:

*caro* (comprou *caro*)  
*alto* (falei *alto*)

3º de adjetivos na forma feminina a que se junta o sufixo *mente*:

*bella+mente*  
*clara+mente*

4º de locuções formadas na propria lingua:

*outr'ora*  
*ante-ontem*

#### ADVERBIOS DE TEMPO

<i>ontem</i>	<i>provem</i>	<i>de</i>	<i>ad noctem</i>
<i>sempre</i>	»	»	<i>semper</i>
<i>logo</i>	»	»	<i>loco</i>
<i>e nunca</i>	»	»	<i>nunquam</i>

De formação vernacula:  
*d'ora em diante, depois de amanhã* etc.

#### LUGAR

*Ahi* provem de *ad-hic*. Corresponde ao Francez *y* e aparece com esta função no Italiano, Provençal, Espanhol e no antigo Portuguez.

*Aqui* provem de *ecce hic* (*ec'hic*) ou da forma pleonastica *hic hic*.

*Acolá* provem de *hac illa*

*Eis* provem da forma— *heis*— haver—ou do verbo *vêr*.

São interessantes as razões que João Ribeiro apresenta para demonstrar a origem deste adverbio: « *Eis* não deriva de *ecce*, mas é um tempo do verbo *vêr*: *eis* (ou *heis*—*vês*) pôde ter complemento *heil-o*. Ha quem veja em *eis* uma fórmula de *heis, haveis* de *haver*; creio, porém, que a fórmula *heis* tem a aspirada correspondente a *f* no hespanhol *hacer—fazer* que por vezes passou ao portuguez (*heder—fetibundus*). »

O castelhano antigo tinha a fórmula verbal *afe* por *ahe* em que *hê—fê* com identico sentido e uso.

Com quanto mais facilmente ocorra derivar *eis*—de *heis* ou *haveis* julgo que é uma segunda pessoa do singular *eis*— *heis* ou *hês*—*vês*. Nos escriptores mais antigos encontramos a orthographia *ex* por *es* ou *eis* (por exemplo, no Leal Conselheiro e ainda nos quinhentistas Lucena e outros); e também a fórmula *vês* e *veis* por *eis*, como em Sá de Miranda.

Tambem nota Madureira o uso de *vês—eis*, na sua *Orthographia*. »

*Longe* provem de *longe*  
*Onde*      »      »      *unde*

#### QUANTIDADE

<i>Apenas</i>	<i>provem</i>	<i>de ad penæ</i>
<i>Assaz</i>	»	<i>ad satis</i>
<i>Cerca</i>	»	<i>circa</i>
<i>Mais</i>	»	<i>magis</i>
<i>Quasi</i>	»	<i>quasi</i>

Em Latim existe o adverbio *plus*, que actualmente não tem correspondencia em Portuguez, com a fórmula antiga *chus* e que significa o mesmo que *magis—mais*.

Encontra-se esta palavra em documentos do principio do seculo 14.

Do meioado deste seculo em diante não será facil, diz Theophilo Braga, que se encontre uma só vez.

E' tambem raro nos livros de 1300 a 1330.

No Cancioneiro do Collegio dos Nobres, segundo Varnhagem, encontra-se a frase: — *Nunca chus algo fazer.*

#### AFFIRMAÇÃO

*Sim* provem de *sic*  
*Não* » » *non*

O adverbio *quiçá* é de origem latina — *qui sapit*; *debalde* provem do arabe; *amen* vem do hebraico.

#### MODO

A grande classe dos adverbios de modo origina-se de adjectivos na forma feminina juntos ao sufixo *mente* que representa o ablativo latino de *mens*, *mentis* (espirito, mente).

Pertencem tambem a esta classe os adjectivos que ficaram invariaveis na forma masculina.

*Assim* provem de *ad sic*  
*mal* » » *male*

#### Preposições

As preposições se derivam:

1.<sup>o</sup> de preposições latinas: *a* que provem de *ad*; *ante* de *ante*; *com* de *cum*; *contra* de *contra*; *entre* de *inter*; *por* de *pro* e de *per*; *sem* de *sine*; *sobre* de *super*, etc.

2.<sup>o</sup> de duas preposições latinas reunidas: *após* que provem de *ad post*; *diante* de *de ante*; *depois* de *de post*; *desde* de *de ex de*; *atraz* de *ad trans*, etc.

3.<sup>o</sup> de palavras ou grupos de palavras da propria lingua portugueza; *salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante* (originadas de participios), *defronte*, *emfrente* etc.

Certas preposições latinas dão origem a palavras em Portuguez conservando a sua fórmula: *EXTRA-ordinario*, *SUPRA-mencionado*; outras soffrem pequenas alterações: *pos-pôr* (*post-pôr*); *TRAN-montana* (*transmontana*).

#### Conjunções

#### III

As conjunções se derivam:

1.<sup>o</sup> de conjunções e de outras palavras latinas: *como* provem de *quomodo*; *e* de *et*; *logo* de *loco*; *nem* de *nec*; *ou* de *aut*; *pois* de *post*; *que* de *que*; *si* de *si*.

2.<sup>o</sup> de palavras portuguezas, como em geral são as locuções conjuntivas: *ainda que*, *bem que*, *todavia*, *outrosim*, *comtudo* etc.

#### Interjeições

#### IV

As interjeições naturaes *oh!* *ai!* etc. pelo facto de representarem um sentimento subito, não têm etimologia; o que acontece mesmo com as formadas por onomatopéa: *zumzum*, *trás zás* etc.

As convencionaes têm sua origem em substantivos, adjectivos, verbos etc, e por isso vêm da lingua d'onde estes se originaram.

Podemos notar, vindas do :

Latim : *apage, eia, sus*

Italiano : *bravo, presto*

Inglez : *hip, hurrah*

Francez : *vlan, bruhaha*

Hespanhol : *caspote, caramba*

Arabe : *oxalá.*

A interjeição *aqui d'el-rei* é de formação portuguesa. Muitos a escrevem *ak d'el-rei*, dando-lhe origem celta.

Theophilo Braga diz ser a representação da frase : *Aqui justiça d'El-rei.*

## SINTAXE

**Lexica** : estuda as relações das palavras umas com as outras na oração.

**Logica** : estuda as relações das orações umas com as outras no período.

## Sintaxe

**Sintaxe** é a parte da grammatica em que se estudam as palavras e os grupos de palavras na oração.

Divide-se em *lexica* e *logica*.

**Lexica** é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das palavras umas com as outras na oração.

**Logica** é a parte da sintaxe em que se estudam as relações das orações umas com as outras no periodo.

**Oração** é o enunciado de um juizo por meio de palavras.

Todas as vezes que formamos conceitos e os exprimimos por palavras, formamos orações.

Em geral, em cada oração ha um facto de que se trata, é o *predicado*; e o individuo a quem se refere o facto, é o *sujeito*.

Na oração : *Os passaros voam*, o predicado é *voam* e o sujeito é *os passaros*.

Em alguns casos o facto é exclusivamente exercido por um sujeito que fica oculto e a oração consta de um verbo sem sujeito : *chove*.

Em outros casos não se querendo ou não se po-

dendo declarar o sujeito, fica este oculto e o verbo é empregado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular ou do plural: *Consta que rebentou uma revolução.* DIZEM que a revolta venceu.

Ha verbos de predicação incompleta que, para exprimirem o facto de que se trata, têm junto de si um adjetivo ou palavra equivalente. Neste caso o predicado é expresso por um verbo com um *completivo* que tambem se chama *atributo*. *O sol* é LUMINOSO. *A lua* FICOU DESMAIADA.

Quando a significação geral de qualquer dos termos se especializa, a elle se junta um *modificativo* que pôde ser uma palavra, um grupo de palavras ou uma oração:—*Os animaes DA AUSTRALIA* têm fórmas extraordinarias. Cão que ladra não morde.

Assim a oração consta de dois termos essenciaes: o sujeito e o predicado, unicos ou acompanhados de modificativos.

Além dos elementos essenciaes e modificativos, ha os *elementos connectivos* que unem as orações e partes das orações e os *elementos absolutos* que, por si sós, valem orações.

São elementos connectivos: as *preposições*, as *conjunções* e os *relativos*.

São elementos absolutos: a *interjeição* e o *vocabulário*.

**Sujeito** é o termo de que se affirma uma accão, qualidade ou estado. Representa o objecto principal de que se fala e exercita o significado do verbo.

E' expresso:

- 1.<sup>o</sup> por um substantivo:—*O GATO mia.*
- 2.<sup>o</sup> por um pronome:—*Nós pensamos.*
- 3.<sup>o</sup> por qualquer palavra substantivada:—*o NÃO desespera.*
- 4.<sup>o</sup> por uma oração:—*E' inegavel QUE A TERRA GIRAR.*

O SUJEITO pode ser modificado:

1.<sup>o</sup> por um adjetivo:—*Desfez-se a nuvem ESCURA.*  
2.<sup>o</sup> por um apposto:—*O Amazonas, RIO CAUDAL,*  
*nasce no Peru.*

3.<sup>o</sup> por um substantivo com preposição:—*Praças SEM FIM cobrem o solo.*

4.<sup>o</sup> por uma oração: *Divina guarda QUE OS CÉUS,*  
*O MAR E TERRA SENHOREAS.*

**Predicado** é o termo que exprime acção, qualidade ou estado que se refere ao sujeito.

E' representado:

- 1.<sup>o</sup> pelo verbo predicativo simplesmente:—*Os animaes VIVEM.*

2.<sup>o</sup> por um verbo de predicação incompleta com um completivo ou atributo:—*Deus É ETERNO. Elle PARCE DOENTE.*

**Atributo** é um adjetivo ou qualquer palavra ou oração que representa qualidade ou maneira de ser.

Pôde ser representado:

1.<sup>o</sup> por um adjetivo ou locução adjactiva: *O Tejo era SERENO. Sua voz era DO CÉU (celeste).*

2.<sup>o</sup> por um substantivo: *O homem é ANIMAL.*

3.<sup>o</sup> por um pronome: *Si tu fôras EU*

4.<sup>o</sup> por uma oração: *Morrer é PERDER A VIDA.*

Este *atributo* tambem se pôde chamar *completivo* que se divide em: *completivo subjectivo*, quando modifica o sujeito: *João ficou rico*; e *completivo objectivo*, quando modifica o objecto: *D. Pedro tornou o Brasil NAÇÃO LIVRE. Eu chamei-o HEROI.*

O **predicado** pôde ser modificado:

- 1.<sup>o</sup> por um substantivo ou pronome directamente regido:

*Os homens povoam A TERRA.*

*O sol nos aquece.*

2.<sup>o</sup> por um substantivo ou pronome regido de preposição:

*Os corações desfalecem de susto.*  
*Venha a nós o vosso reino.*  
3.<sup>o</sup> por um adverbio:— *Entra assim no reino d'agua o Deus do vinho.*  
4.<sup>o</sup> por uma oração: *Disse o mestre rijamente: ALIJA TUDO AO MAR.*

**Modificativo** é o termo que especializa ou explica a significação de outro termo.

Tambem se chama *complemento* ou *adjunto*.

O modificativo pôde ser *concordado* ou *regido*.

**Concordado** é o que se liga ao modificado por identidade de forma.

Pôde ser:

1.<sup>o</sup> o adjectivo: *Trombetas sonoras vão tocando.*

2.<sup>o</sup> o apposto:— *O Amazonas, RIO CAUDAL.*

3.<sup>o</sup> o pronome pessoal: *Deu-me na cabeça (minha cabeça). As lembranças que n'alma lhe moravam (na sua alma).*

**Regido** é o que se liga ao modificado directamente pelo sentido ou por intermedio da preposição.

No primeiro caso é *directo*; no segundo, *indirecto*.

Pôde ser representado:

1.<sup>o</sup> pelo substantivo: *O raio de teu genio ilumina o horizonte da patria.*

2.<sup>o</sup> pelo pronome: *Thetis divina canta-lhe as luzas glórias no Oriente.*

3.<sup>o</sup> pelo adverbio: *O peito heroico generoso perdão JAMÁIS recusa.*

4.<sup>o</sup> pelo verbo no infinitivo: *O vapor estava preparado PARA SAHIR.*

5.<sup>o</sup> por uma oração: *Nem a gazella timida receia QUE ALGUÉM A PAZ LHE QUEBRE.*

Estes modificativos chamam-se *atributivos* ou *adverbiaes*.

**Atributivos** são aquelles que modificam o substantivo.

**Adverbiaes** são aquelles que modificam o adjetivo ou o verbo. Exprimem uma circunstancia.

O adjunto atributivo toma o nome especial de *complemento determinativo* ou *restrictivo* quando é regido de preposição: *O mouro despreza o poder dos CHRISTÃOS.*

O adjunto adverbial toma os nomes especiaes de *objecto directo* ou *objecto indirecto*.

**Objecto directo** é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai imediatamente a acção indicada pelo verbo: *A bondade de Deus premeia o justo.*

O objecto directo não é geralmente regido de preposição. Casos ha, porém, em que esta preposição se torna necessaria; taes são:

1.<sup>o</sup> Para evitar confusão no sentido, quando o objecto poderá praticar a acção: *a LAVINIA Enéas furtou.*

2.<sup>o</sup> Em casos especiaes de construção vernacular: *Pucha DO PUNHAL. Arrancam DAS ESPADAS de aço fino. Cumpre COM O TEU DEVER.*

3.<sup>o</sup> Quando é representado por um verbo no infinitivo precedido de verbos como: *acabar, aprender, cessar, começar, ensinar, findar, principiar* etc.

*Acabei de ESTUDAR*

*Cessou de CHOVER*

*Começaram a FALAR*

*Ensino a TRABALHAR* etc.

4.<sup>o</sup> Quando é representado pelas variações pronominaes, menos *lhe, lhes, commigo, comtigo, consigo, comnosco, comvosco*.

**Objecto indirecto** é o modificativo que representa a pessoa ou o objecto sobre que recai, por

meio de preposição, a ação indicada pelo verbo :  
*Os nobres corações DE SUSTO desfalecem.*

Qualquer dos termos de uma oração pode ser *simples, composto e complexo*.

**Termo simples** é o formado de um só termo, único na espécie : *Deus existe.*

**Termo composto** é o formado de dois ou mais termos da mesma espécie, coordenados : CABEÇAS, BRAÇOS, PERNAS, *pelos ares vão saltando.*

**Termo complexo** é o que tem modificativo :  
*A LUA QUE NOS ILLUMINA é um satellite.*

Pode ser também : *logico* e *grammatical*.

**Termo logico** é o termo com seus modificativos.

**Termo grammatical** é qualquer um dos termos distintos e separados.

As relações que as palavras têm entre si, são :

1.<sup>a</sup> *relação predicativa* que é a que existe entre o sujeito e o predicado.

Os passaros	voam
O homem	é um animal
O Gama e o Catual	falando entravam na sala
Um velho	lhe dava a verde folha

2.<sup>a</sup> *relação atributiva* a que modifica o substantivo :

O	livro
Amazonas	rio caudal
Livro	encadernado
Análize	que copiei (copiada)
Grammatica	de Julio Ribeiro.

3.<sup>a</sup> *relação adverbial*, a que modifica o adjetivo e o verbo :

Elle fugiu	
Gosto	
Comi	
Casa feita	

vergonhosamente	
de estudar	
como um alarve	
a capricho	

4.<sup>a</sup> *relação objectiva* que é um caso especial da relação adverbial e que modifica também o verbo de ação transitiva : *Quero ESTUDAR PORTUGUEZ. Comi DUAS LARANJAS.*

## II

**Período ou oração logica** é a expressão do pensamento por meio de uma ou mais orações gramaticais.

As orações se dividem em *simples, compostas e complexas*.

**Simples** é a que contém sómente um termo de cada espécie.

E' por sua natureza absoluta e tem o verbo no indicativo ou no imperativo :

*Inda murmuraram do Mondego as aguas  
Os maviosos ais de Ignez de Castro.*

Os orações simples subdividem-se em :

**Declarativa** (affirmativa ou negativa) é aquela que narra, conta ou assevera um facto :

*Não se contenta a gente portugueza.*

**Imperativa** é aquela que exprime um facto ordenado ou pedido :

*Foge, Lusitano, da cilada do rei.  
Dai-me uma furia grande e sonorosa.*

**Interrogativa** é aquela por meio da qual se pergunta, indaga ou interroga :

*Quem te trouxe a est'outro mundo  
Tão longe de tua patria lusitana ?*

**Exclamativa** é aquella que indica um sentimento de admiração, entusiasmo :  
*No mar tanta tormenta e tanto danno,  
Tantas vezes a morte apercebida !*

**Composta** é a oração que contem mais de uma proposição com a mesma função. Estas proposições se dividem em **asindeticas** ou **collateraes** e **sindeticas** ou **coordenadas**.

**Asindeticas** ou **collateraes** são as proposições que não têm termos que as liguem, não têm connectivos ; ligam-se pelo sentido : *O de Luso rompe, corta, desfaz, abola, talha.*

**Sindeticas** ou **coordenadas** são as proposições que têm termos que as liguem, têm connectivos : *No jogo se perde o amigo e se ganha o inimigo.* Os connectivos que ligam as proposições sindeticas ou coordenadas, são as conjunções :

**Copulativas** : *O tempo vai à passo e não descança. Os velhos hão de morrer, TAMBEM os moços o podem morrer.*

**Adversativas** : *O cão pôde correr MAS não sabe trepar. Estudei a lição, ENTRETANTO não soube decora-la.*

**Disjuntivas** : *O vento ajunta ou dispersa as nuvens. ORA chove, ORA faz sol.*

**Conclusivas** : *Penso logo existir. Estudo, POR TANTO hei de aprender.*

**Complexa** é a oração que contém duas ou mais proposições com dependência reciproca.

A que rege as outras tem o nome de *principal*, que deve ter o verbo no indicativo ou no imperativo.

A outra ou outras têm o nome de *subordinadas* ou *clausulas*.

As clausulas se dividem em *substantivas*, *adjectivas* e *adverbiaes*.

**Substantiva** é aquella que equivale a um substantivo.

Serve de sujeito ou objecto a uma outra oração e começa pela conjunção *que* ou por palavra interrogativa :

*Louvar esforço alheio é causa desejada. O capitão disse : Dai velas ao largo vento. Sou bem informado de que embaixada é fingida.*

**Adjectiva** é aquella que equivale a um adjetivo. Modifica um substantivo e começa geralmente por um pronome relativo.

*Ergue a virgem os olhos que o sol não deslumbra.*

**Adverbial** é aquella que equivale a um advérbio. Exprime circunstâncias e modifica um adjetivo ou um verbo.

*Tempo : Não eram os traquetes bem tomados, quando se dá a grande e subita procélia (Camões).*

*Fim : Falar ao rei gentio determina porque com seu despacho se tornasse (Camões)*

As orações podem ser : **Contracta** ou **abreviada**, a oração que se forma de vários termos da mesma espécie, subordinados ao mesmo sentido ; isto é, pôde ter o mesmo sujeito ou o mesmo predicado ou o mesmo objecto, etc. : *De Duarte foi breve o reinado.*

*E curtido de grande afflição, isto é : De Duarte foi breve o reinado, e de Duarte foi o reinado, curtido de grande afflição.*

As orações contractas são divisíveis em duas ou mais orações.

**Elíptica**, a oração que tem um de seus termos oculatos, que com facilidade o espírito subentende :

*Honra ao cantor dos lusitanos fastos !  
Joelho em terra ! A Universal Historia  
Leve aos vindouros de Camões o nome  
Como eterno padrão da lusa glória !*

**Implicita**, a oração cujos termos principais deixaram de ser expressos.

Formam orações implicitas os vocativos, as interjeições e os advérbios empregados em fórmula absoluta : *Queres estudar ?*

*Não. Queres passear ? Sim.*

o nome a que estiver aposto, isto é, com o seu fundamental : *As nímporas, filhas do Oceano. Eduardo, rei de Inglaterra.*

Si o substantivo fizer as vezes de atributo pôde dispensar a concordância : *As pirâmides do Egýpto são um enigma para os viajantes. Os barbaros foram o terror do universo.*

O substantivo empregado epiteticamente em referência a um substantivo masculino toma na linguagem popular, o gênero deste : *João é um banana.*

### III

#### Substantivo

A sintaxe do substantivo refere-se especialmente à sua collocação e concordância na oração, e à mudança de significação que pôde ter seu gênero e número.

Em geral o substantivo coloca-se antes do adjetivo. *Mão direita. Deus Padre. Estrela fixa.* Exceptuam-se certos casos consagrados pelo uso.

Em outros casos a mudança de lugar do substantivo alteraria o seu sentido :

*Altos céus—Céus altos  
Certa manhã—Manhã certa  
Nóvos homens—Homens nóvos*

A mesma mudança se dá com a variação do gênero e número :

*Madeiro—Madeira  
Bago—Baga  
Honra—Honras  
Letra—Letras*

(Vide págs. 60 e 61.)

O substantivo usado como aposto deve, sempre que fôr possível, concordar em gênero e número com

## Adjectivo

I

Os adjetivos concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem: *casa BRANCA; homens SABIOS.*

Si fizer as vezes de adverbio, fica invariavel :  
*Comprei uma casa BARATO.*

Sobre o adjetivo *meio*, empregado como adverbio, são interessantes as considerações de Silvio Tullio em seus *Estudos da Língua Patria*.

«Erram muitos escritores contemporâneos empregando o adjetivo *meio* sem lhe darem construções adverbial que lhe compete em phrases tais como—*casa meio feita*, *pessoa meio morta*, *porta meio aberta*—Uma casa pôde estar *meia feita* e *meio feita*.

Na primeira hypothese affirma-se que a casa está feita até metade, por exemplo, da altura que deve ficar; na segunda que a feitura da casa está em meio.

Na primeira phrase o vocabulo — *meia* — é rigorosamente adjetivo e como tal concorda com o substantivo em genero e numero ; na segunda emprega-se o mesmo adjetivo adverbialmente e então dá-se sempre a terminação masculina.

O seguinte excerto de Vieira (Sermão 10, 163) tira todas as dúvidas porque nos dá exemplos de ambas as *hypotheses* . . . *Eram línguas partidas não só porque eram muitas sendas porque eram línguas e meias línguas, como as que elle arremedava*

*Meias línguas porque eram meio-europeás e meio-indianas ; meias-línguas porque eram meio-políticas e meio-barbaras ; meias línguas porque eram meio portuguezas e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.*

E' verdade que se encontram em Fernão Mendes Pinto, Lucena, João de Barros, Camões, Herculano, Castilho e outros, expressões em que *meio* empregado como verdadeiro adverbio toma as fórmas de feminino e plural, mas isto se pôde explicar por uma lei de sintaxe, chamada *attração*.

E' por esta lei que André de Resende diz: *E avendo  
MUITOS POUcos dias que el-rey era doente em vez de MUITO PÓUCOS.*

O substantivo *meio* pode ser empregado como adjetivo e como advérbio.

Quando significar *quase*, é advérbio, variável; quando significar a *metade*, é adjetivo, variável. *Porta MEIO aberta*, isto é, *QUASI aberta* (adv.). *Porta MEIA aberta*, isto é, *aberta pela metade* (adj.).

A regra da concordância do adjetivo com o substantivo sofre exceções:

1.<sup>a</sup> Quando concorrem muitos substantivos do singular, de gênero e significação diferentes, o adjetivo vai para o masculino plural: — *Esforço e arte HUMANOS.*

2.<sup>a</sup> Quando, porém, os substantivos são de significação similar, o adjetivo concorda com o último: — *Pezar e dôr AMARGA* ou *dôr e pezar AMARGO*.

3.<sup>a</sup> Quando os substantivos estão no singular e são do mesmo gênero o adjetivo vai para o plural;  
—A boca e a face RETORCIDAS.

4.<sup>a</sup> Quando os substantivos estão no plural embora de gênero diferente, o adjetivo concorda com o que está mais proximo: —*Pezares e tristezas DESCONHECIDOS.* O tristeza e pezares DESCONHECIDOS?

5.<sup>a</sup> Quando o substantivo é nome de título feminino, o adjetivo concorda com a pessoa a quem nos referimos ou com quem falamos: *Vossa Senhoria é SERVIDO. Vossa Reverendíssima está DESEJOSO.*

II

Os **possessivos** concordam em gênero e número com os substantivos, e em regra se collocam antes d'elles. Exceptua-se no verso :—*Da terra tua o clima e região*; ou quando o substantivo é precedido de outro adjetivo :—*Formosa filha MINHA não temais*.

O emprego de *Vosso* nos tratamentos não exige os possessivos ou as variações pronominais correspondentes :—*Vossa Excellencia mande-me as SUAS ordens.*

*Novo genero de chronica offerece a V. M. minha religião por mim neste volume que a SEUS reaes pés ponho.* Fr. Luiz de Souza.

*Nada extranho LHE direi, de certo V. EXCIA. co-nhece.* De V. Exc. sei que o anima o amor de sua patria. Garrett.

Emprega-se muitas vezes o pronome pessoal em lugar do possessivo :—*Vi-te os olhos*—por—*vi TEUS olhos.* *Dói-ME a cabeça*—por—*dói MINHA cabeça.*

E' uma construção que se encontra em bons escritores de todas as épocas.

A Lingua Portugueza possuí o que Pacheco e Lameira chamam *possessivo pleonastico* e *possessivo periphrastico*.

O 1.<sup>o</sup> consiste no emprego claro do possuidor :—*Os SEUS feitos D'ELLE.* E' emprego popular e, às vezes, util para evitar ambiguidade.

O 2.<sup>o</sup> é o formado com os verbos *ter* e *haver*: Em Camões :—*A fama das victorias QUE TIVERAM*—por :—*a fama das SUAS victorias.*

Os possessivos têm, na linguagem familiar, o valor de indefinidos : *Elle é bom mas tem os SEUS defeitos*, isto é, *tem alguns defeitos*.

Algumas vezes indicam um numero aproximado : *Homem de SEUS 30 annos.* *Tem os SEUS 20 contos.*

III

Os **demonstrativos** concordam com os substantivos e a elles se antepõem : *ESTE livro.* Exceptua-se quando a frase é exclamativa : *Que menino ESTE !*

Os demonstrativos quando pronomes são, ás vezes, substituidos pelos artigos *o, a, os, as* : *Todos escutavam o QUE o sublime Gama contaria.*

IV

Dos **relativos** notamos :

**QUAL** vem sempre acompanhado dos artigos *o, a, os, as*; pode ter claro o subsequente e tem função de indefinido quando é repetido :

*Qual do cavallo vôle que não desce.*

*Qual co'o cavallo dandão em terra geme.* (Camões—*Lusíadas*.)

**QUE** tem o subsequente oculto e é substituído por *o qual* e suas variações, quando o nome a que se refere (o antecedente) está distante e ha necessidade de clareza : *A penna QUE me déste.* *A penna da Livraria Contemporanea A QUAL ontem se perdeu.*

Empregado como interrogativo, exclamativo ou optativo, não admite artigo : *QUE seria si se mudasse palavras?* (Vieira.—*Sermões*).

*QUE tem com isto a moral publica* (Alex. Herculano.—*Opusclos*).

*QUE havemos de comer, QUE havemos de beber, QUE havemos de vestir?* (Castilho—*Amôr e Melancolia*).

Ruy Barbosa que sustenta a bôa doutrina, tráz inúmeros exemplos que firmam esta regra, citando escritores antigos e modernos taes como D. Duarte, Gil Vicente, Fernão Lopes, Bernardim, Garcia de Rezende, Camões, João de Barros, Duarte Nunes, Frei Luiz de Souza, Antonio Ferreira, Bernades, Jacintho Freire, Vieira, F. Elysio, Herculano, Castilho, C. Castello Branco, Julio Ribeiro, Gonçalves Dias, Machado de Assis.

Os exemplos enchem 12 paginas de sua *Replica ás defezas da Redação do projecto da Câmara dos Deputados* sobre o Código Civil Brasileiro.

Nos raros casos em que se encontra o artigo precedendo a que, há sempre uma oração elíptica, o artigo concorda com um nome oculto.

O pronome que não inicia mas continua ou completa a oração.

Quando a sintaxe assim não poderá ser explicada há um solecismo que não deve ser imitado.

Si quisermos, diz Ruy Barbosa, tirar a prova real, é usarmos do mesmo interrogativo, anteposta a elle, alguma das preposições *a, em, de, para ou por*.

Como diríamos? ao que vêns? Não: O vernaculo é a que vens.

Como diríamos? no que pensas? Tam pouco. Não se diz senão: Em que pensas?

Como se dirá: do que tratas? Nunca. Dirimos sempre: De que tratas?

Poderíamos escrever: Com o que contas? Não. A construção grammatical é: Com que contas?

Diríamos acaso: Para o que foges? Não. Dirimos, sim: Para que foges?

Semelhantemente ninguem diria: PELO QUE tardas? PELO QUE roubas? PELO QUE tematas?

A construção portugueza é: Por que te matas. Por que roubas? Por que tardas?

Não importa, termina elle, que na vasta litteratura dos classicos um ou outro deslise pareça favorecer a régencia Os que? Nem sempre alguns exemplos de boa procedencia bastam para autorizar uma sintaxe.

O pronome que era muitas vezes repetido como para indicar maior subordinação, que assim ficava mais clara: As náus que pouco havia que ancoravam. que o regente que esta terra governa que vos seja. (Camões.)

QUEM refere-se a pessoas.

Nos classicos, porém, não faltam exemplos deste pronome referindo-se a cousas. Um tiro de fogo, contra quem não valem forças (Souza-Annaes). A quelles poderosissimos vasos a quem os estrangeiros (Vieira-Sermões). A soberba EUROPA quem rodeia (Camões-Lusiadas). Era um RAMALHETE sobre quem... (Camões-Lusiadas).

(Garrett.) O DINHEIRO é QUEM vivifica a agricultura (Castilho.)

QUEM empregado com a preposição *sem* pelos escritores do seculo 16, como Camões: *Esposa SEM quem não quiz amôr*, é substituido actualmente por o qual.

QUEM repetido tem valor de indefinido: QUEM se afoga nas aguas encurvadas, QUEM bebe o mar e o deita juntamente. (Camões.)

CUJO concorda com o subsequente que vem sempre claro e é diferente do antecedente.

Antigamente era empregado como interrogativo, adotando a construção latina:

Diz Julio Ribeiro que o emprego de cujo sem antecedente e subsequente immediatos si bem que classico é arcaico: CUJAS são estas arvores? Eu sei cujo é o gado.

Garrett empregou: Que se ha de elle atrever contra o bispo cujo é? E a perguntar CUJO é?

O emprego de cujo por de que ou de quem, embora não sendo de uso commum, é autorizado:

CUJAS são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes. (S. Roméro.)

Dos povos CUJAS filhas são. (J. Verissimo.)

Entrou na reunião da Casa dos Bicos CUJA era o dono. (R. Ortigão.)

CUJA é a lapa (Castilho.)

cujo fôra o anel. (C. C. Branco.)

O relativo ONDE se não deve confundir com o adverbio onde.

O relativo tem antecedente a que se refere e compõe a clausula adjetiva.

O adverbio não tem antecedente e forma a clausula adverbial.

um ordinal, pôde-se indiferentemente collocar antes qualquer um d'elles :—*Os dez primeiros livros ou os primeiros dez livros* (Diez).

Na cronologia empregam-se os numeraes cardinaes, com excepção do primeiro dia do mez que é expresso pelo ordinal :—*Mil oitocentos e noventa e quatro—Primeiro de Maio.*

Empregando a palavra—*seculo*—o cardinal possê-se e o ordinal antepõe-se :—*Seculo dezenove. Decimo nono seculo.*

A palavra—*ambos*—exige depois de si os artigos : *Comprei AMBOS os livros.*

Camões empregou sem artigo : *De ambas partes se move a primeira ala.*

Não são dignas de imitar as expressões pleonasticas : *ambos e dois, ambos os dois, ambos de dois*, ainda que tenham escrito :

DE AMBOS DE DOIS A FRONTE COROADA.—(*Lusiadas* Camões.)—AMBOS OS DOIS RESIDIAM NA POISADA.—(Mil e um misterios. Castilho)—O CERTO É QUE AMBOS OS DOIS MONGES CAMINHAVAM JUNTOS.—(Monge de Cister. Herculano.)

No Brasil, a não ser no falar popular, estas frases não são empregadas. O povo emprega *ambos e dois, ambos a dois, ambos de dois.*

Ruy Barbosa empregou-a na sua *Replica* :  
*AMBAS AS FORMAS SÃO GRAMMATICAS? SÃO-NO AMBAS AS DUAS*

e cita exemplos a favor destas expressões, colhidos em Filinto, A. Herculano, Castilho e Camillo Castello Branco.

Já Manuel de Mello na *Revista Brasileira* apresentará exemplos classicos destas construções que não têm encontrando seguidores entre os literatos brasileiros.

Julio Moreira nos *Estudos da Língua Portuguesa* faz notar que o *d* que aparece em *ambos de dois* não é propriamente preposição. Representa um caso de phonética sintatica. Foi a influencia do *d* do numeral *dois* que fez aparecer junto da conjunção *e* uma articulação igual. É uma especie de *prolepsis phonetica*, isto é, a antecipação do phonema seguinte.

## II

Dos **indefinidos**, um contem idéa de pessoa indeterminada e equivale a *algum*.

Os **adjectivos numeraes** precedem os substantivos : *Cem livros*. Exceptua-se no verso.

São invariaveis, com excepção de *um, dois, duzentos* até *mil*, exclusive : *Uma, duas, duzentas, novecentas e noventa e nove.*

Na linguagem *commun* *nove* tem plural na locução *noves fóra* (Th. Braga, *Grammatica*).

Ligam-se entre si pela conjunção *e* : *Vinte e nove; duzentos e quarenta.*

Entre—*cem* e *duzentos*—os numeros se expressam por—*cento* : *Cento e vinte, cento e noventa e nove*; precedendo imediatamente a—*mil*—se emprega—*cem* : *Cem mil livros.*

Os ordinaes, quando distinguem personagens de alta gerarchia, são empregados depois do nome : *Pedro segundo.*

Ha uma unica excepção, assevera Th. Braga : *Pedro Cem corrupção de Ocem.*

Nos numeros altos os ordinaes são substituidos pelos cardinaes : *Livro quarenta e dois.*

Quando um numero cardinal encontra-se com

E' empregado pelos antigos escritores com valor pleonastico—*O homem é um animal.*

*Outro*—tem as fórmas *outrem* e *al.*

*Algum*—substitui *um*—e tem as fórmas *algo* e *alguem*.

O pronome *alguem* pôde ser substituido pelo substantivo *homem* indicando uma indeterminação: *Onde HOMEM nunca chegou* (Diez). *Tediosa e impoluta coisa é falar HOMEM* (Castilho).

Corresponde ao pronome *on* dos franceses e ao *se* apassivador dos portuguezes. Empregaram no Castilho e Camillo Castello Branco (Apud. R. Barbosa.)

*Tal*—serve para designar uma pessoa hipotética, que não se nomeia porque não existe; *Um tal Gonzaga* (Diez).

Usa-se de—*outrem, alguém, ninguem*—com adjetivos, já na forma masculina, já na feminina, segundo o sexo das pessoas de quem se fala; *Outrem mais PRENDADO ou PRENDADA do que eu*. *Aqui não ha alguém tam ISENTO ou ISENTA de vaidade*—*Aqui não ha ninguem que não fique SAUDOSO ou SAUDOSA do Sr.*

No estilo familiar—*alguem*—significa às vezes pessoa de consideração. *Cuida que é alguém*; e—*ninguem*—ao contrario, individuo sem importância: *E' um ninguem.*

*Ninguem*—vindo antes do verbo não admite outra negação, mas depois d'elle não a exclui:—*Ninguem pôde dizer destá agua não beberei. Não vejo ninguem.* (Freire, Grammatica)

Devem ser incluidas na classe dos indefinidos as fórmas: *pessoa alguma, um não sei que, seja quem for, fosse quem fosse, o que quer que seja* e similhantes, que indicam alguma cousa desconhecida, incerta.

O mesmo se pôde afirmar a respeito do termo *gente*, com o valor do pronome *nós*.

Alguns escritores julgam que o emprego do termo *gente* é especial ao Brasil, constitui o que se chama um *brasileirismo*. Isto não é verdade.

Além dos exemplos seguintes, em que se vê *gente* (indefinido) usado por notáveis escritores portuguezes:

*A gente se está confortando* (Garrett). *O pão da gente* (Castilho). *Já se a gente admira* (C. C. Branco). *Com as malas da gente*—(*A Hollanda*. R. Ortigão). *A gente não mais esquece*. (*Album dos costumes Portuguezes*. F. de Almeida). *Vai a gente por estas ruas*. (*Revista Lusitana*. J. Leite de Vasconcellos). . . . o encanto dos livros em que a gente põe a sua alma. (*Almanach Bertrand*. Oliveira Martins), vê-se que o termo *gente* é de frequente uso no sul de Portugal, onde o fazem concordar com um verbo na 1.<sup>a</sup> pessoa do plural: *a gente vamos* (literariamente diz-se hoje *a gente vai*); e na lingua antiga encontra-se *a gente vão*, como no-lo affirma J. Leite de Vasconcellos no seu livro *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*—Pags. 147.

VI

Artigo

O **artigo** emprega-se para determinar a significação de um substantivo, para substantivar qualquer parte da oração ou uma oração inteira.

Tem função de pronome de 3.<sup>a</sup> pessoa: *Amei-a*; e de demonstrativo: *Os do Brazil. Os que estão presentes.*

Emprega-se nos seguintes casos especiais:

1.<sup>o</sup> Antes dos nomes proprios principalmente no plural: *Os Almeidas*. No singular serve para distinguir uma pessoa com mais precisão: *O Camões*; ou no estilo familiar: *O José*.

2.<sup>o</sup> Antes dos nomes de cidades, mares, etc., em summa antes dos nomes geográficos.

Muitas são as exceções a esta regra.

Em geral levam artigos os nomes proprios que eram primitivamente appellativos.

3.<sup>o</sup> Antes dos nomes de *Sr.*, *Sr.<sup>a</sup>*, de títulos, epítetos e cognomes: *O Sr. António, O Visconde do Rio Branco, O Leão Corado, Isabel a Catholica.*

Exceptua-se antes das fórmulas *dom, dona, frei, soror, santo*.

4.<sup>o</sup> Antes dos pronomes possessivos e, às vezes, antes dos adjetivos possessivos quando se quer ex-

primir veemencia, enfase, determinação: *Este é o meu filho e aquelle é o teu.*

5.<sup>o</sup> Antes das horas: *Ao meio dia.*

6.<sup>o</sup> Antes dos antônimos: *A lua e as trevas; a modestia e o orgulho.*

7.<sup>o</sup> Antes das enumerações gradativas: *O sol, a luz, o calor, como vivificam a terra!*

Não se deve empregar o determinativo articular quando o substantivo já estiver determinado, ou quando o substantivo estiver tomado em sentido indeterminado: *Este livro. Falar verdade. Vereis amor da patria não movido.*

E mais nos seguintes casos especiais;

1.<sup>o</sup> Antes dos termos principaes de um adagio: *Ouro é o que ouro val. Falar é prata, silencio é ouro.*

2.<sup>o</sup> Nas enumerações sem idéa de gradação: *Gloria, honra, ouro, prazer, tudo se esvai no tumulo.*

3.<sup>o</sup> Antes dos dias da semana e dos nomes de meses.

4.<sup>o</sup> Antes dos substantivos que formam com o verbo uma idéa urica: *Ter fome.*

5.<sup>o</sup> Antes de *Sr., Sr.<sup>a</sup>*, quando a estes nos dirigimos sem lhes darmos título ou outro nome: *Sr. F. como vai?*

6.<sup>o</sup> Antes do nome que vai ser definido: *Linguistica é a sciencia dos factos da linguagem.*

7.<sup>o</sup> Nas apostofres ou frases exclamativas: *Avante! Mancebos.*

8.<sup>o</sup> Antes do pronome *que* nas frases interrogativas, exclamativas ou optativas: *Que quereis? Que me dizes?*

9.<sup>o</sup> Antes dos sinonimos: *O sol, estrella fixa, astro de primeira grandeza, astro fecundador.*

Os artigos se usam em composição com as preposições *a, de, em, per*.

Observa-se: 1.<sup>o</sup> Até ao século 17 havia a fórmula *o* por *a-o*, similarmente a *á* por *a-a* 2.<sup>o</sup> Antigamen-

te havia as preposições *per* e *por* e as contrações *pelo, pela, pelos, pelas, e polo, pola, polos, polas.* 3º Deixamos de usar a contração *no, na, nos, nas* por euphonía, quando a palavra seguinte começa por som nasal; 4º Quando aquellas preposições não regerem o substantivo immediato, não se faz a contração com os artigos: *Apezar DE o assunto ser bem desenvolvido, isto é, apesar DE SER o assunto bem desenvolvido.*

O mesmo se dá quando o artigo tem função de pronomé: Em Castilho—*Mal houvera ella basta-do A o trazer tão longe*, isto é, *a traze-lo.* (*Casos do meu tempo, III.*)



## VII

### Pronomes pessoaes

#### I

Os pronomes pessoaes exercem na oração as funções de sujeito, atributo e objecto.

*EU* e *TU* servem exclusivamente de sujeito ou atributo: *Si tu fôras eu*

Não podem, assim, representar o papel de objecto, sendo substituidos neste carácter pelas suas variações *me, mim, te, ti.*

As fórmas *eu* e *tu* só passam para *mí* e *tí* quando precedidas imediatamente de preposição: *Para mim, de tí, entre mim. Entre mí e elle; entre elle e eu.*

Ruy Barbosa pensa que se pôde dizer *entre mí e elle* como *entre elle e mí*, sustentando que os pronomes devem sempre mudar de forma desde que estejam regidos de preposição. O Padre Antonio Vieira diz: *Como a comparação não é mais que entre meu Pai e mí, e Fernão Lopes empregou: Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe falleci ou quero falecer no que entre elle e mí é posto.*

*ELLE, ELLA, ELLES, ELLAS, NÓS, VÓS* pôdem servir de sujeito, de atributo ou de objecto com preposição clara.

Os brazileiros, é isto um facto muito conhecido, costumam empregar os pronomes *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, servindo de objecto directo: *Eu vi ELLE.*

Ruy Barbosa em sua memorável *Replica*, confessa ter até bem pouco tempo pensado que só os brazileiros usavam de tal construção.

Verificou depois que bastantes casos se deparam nos clássicos antigos:

..... e degradou ELLE e os filhos  
Fernão Lopes.

..... dizendo que culpava ELLES  
Idem.

Mas, assim, de longe os ordena ELLES a ventura  
Bernardim Ribeiro.

Depois de uma comparação usam-se dos pronomes nominativos, sujeitos de uma oração elíptica: *Mais bella que TU* (*és bella*); *mais instruído que EU* (*sou instruído*).

Os escritores antigos empregavam, porém, o caso objectivo, como vemos em Camões. *Porque sois maior que MIM.* Em Azurara: *Si não fosse como TI.* Em A. Ferreira: *Sou mais moço que TI.*

Esta construção, embora usada pelo povo português, não se usa actualmente e não é para ser imitada.

MIM, TI, SI, exigem sempre clara a preposição que os rege.

ME, TE, SE, O, A, OS, AS, NOS, VOS, servem de sujeito ao verbo do modo infinitivo. *Mandou ME ensinar ao artista*, isto é *mandou que EU ENSINASSE ao artista*.

ME, TE, SE, O, A, OS, AS, LHE, LHES, NOS, VOS, servem de objecto, sem preposição, e, collocados depois do verbo, a elle se ligam por um traço de união: *Deu-me. Amo-te. Quero-o.*

As fórmulas *o*, *a*, *os*, *as*, substituem desde o século 16 o pronome *elle*, quando exprimem a pessoa ou objecto sobre que se exerce a acção do verbo.

Têm as formas *lo*, *la*, *los*, *las*, empregadas por

euphonía depois do infinitivo dos verbos: *ama lo*, *quere-las* ou depois dos pronomes *nos* e *vos*: *NO-LO disse; vo-LO prometteu.*

Por euphonía também se emprega *no* por *lo* com os verbos no plural: *Traziam-NA os horríficos algozes.*

O mesmo se dá com o adverbio *não*: *Não NA estima*—Camões;—com o adverbio *bem*: *O porque bem no sabem*—Castilho;—com a preposição *sem*: *Sem NA olhar ou sem NA entender*.—Castilho.

Observa-se, porém, que se dá esta ultima mudança sempre que a palavra anterior ao pronome termina em som nasal que assim se prolonga influindo sobre a voz seguinte.

« Os que dizem que o *l* é simplesmente euphonico, explicam a permuta de *r-l* em *amar-o*—*amal-o*. Mas como admitir permutes com *s* em *l*, em *rol-o*, contra todas as leis da phonética? Houve, pois, queda da letra precedente *r*, *s*, etc. e conservação do artigo *lo*. (J. A. RIBEIRO—*Grammatica*.)

De acordo com esta opinião, e justamente por ella, ortographamos as fórmulas *ama-lo*, *dize-lo* e similares, e não *amal-o*, *dizel-o*.

A favor desta opinião damos a palavra a Adolpho Coelho (*Glottologia*) e a Gonçalvez Viana (*Ortografia Nacional*).

Diz o primeiro;

« Nas formas verbais da infinito e da 2.<sup>a</sup> pessoa, em certas outras palavras como *todos*, *sober* (sobre)—dava-se a modificação do som final *r* ou *s*, por influencia do *l* do artigo; dizia-se assim: *amat-los homens* por *amar los homens*; *amat-las mulheres* por *amar las mujeres*; *sobo los rios* por *sober los rios*; *todo los dias* por *todos los días*.

Um facto idêntico se dá ainda hoje com o pronome regimén da 3.<sup>a</sup> pessoa: *amá-lo*, *âma-lo*.

Diz o segundo:

« Desde 1850, começou-se a dividir do verbo o seu completo objectivo da 3.<sup>a</sup> pessoa, considerando este como tendo as fórmulas *o*, *os*, *a*, *as*, únicamente, e essa divisão defeituosa é geralmente adotada hoje.

E, pois, urgente emendar as formas erróneas *matal-o*, *matal-los*, *tem-n'lo* etc. substituindo-lhes corretas: *matá-lo*, *mata-lo*, *tem-no* etc.

Examinemos estas expressões: *lo* é a antiga forma do artigo---pronome, que se mantém depois de fórmulas verbais e

pronominais em *r*, *z*, *s*, suprimindo-se estes; *no* é o mesmo pronomé-artigo, que se modifícou, transformando-se o *l* em *n*, por assimilação parcial do *l* á vogal ou ditongo nazal que termina certas formas verbais: assim *matá-lo*, (dantes escrito *MATAL-LO*), *máta-lo*, *tem-lo*, *di-lo*, *fá-lo* estão por *matar-lo*, *matas-lo*, *tens-lo*, *faz-lo*, *diz-lo*; *tem-no*, *dizem-no* estão por *tem-lo*, *dizem-lo*; *dá-ro-lo* por *dá-ros-lo*.»

O pronomé *lhe* aparece nos classicos com forma invariavel:

*Entre a bôa doutrina que lhe davam* (aos filhos)  
Ant. Ferreira.

*Tornaram outra vez ás nossas naus a lhe lan-*  
*çar dentro alguma chura de settas*—João de Barros.

*E porque o caso leve se lhe faça-*  
*Põem uns poucos diante por negaça...*—Camões.  
SE, SI e COMSIGO, empregados como reflexivos, referem-se ao sujeito da oração.

Assim são incorretas frases como as seguintes:  
*Falei comsigo*; *falei de si*; *este livro é para si*, significando: *falei com Vossê* ou *com o Sr*; *falei de Vossê* ou *do Sr*; *este livro é para Vossê* ou *para o Sr*.

Corretamente se diz:  
*João falou de si*, isto é *falou DE SUA PROPRIA PESSÔA*.

*Traga o dinheiro comsigo*, isto é, *traga o dinheiro COM VOSSÊ*

Camillo Castello Branco violenta e energicamente brandou contra o tratamento da 2.<sup>a</sup> pessoa representada pelo pronomé *si*, que tem a seu favor Francisco Manoel de Mello: *Quando Vossa Mercê nos der aquella occasião de alegria que desfaça em si e em nós os pezares presentes*.

Assim tambem Alex. Herculano: *A carta que me dirige terá um sabor acre, queime-a... Não é por mim: é por si*.

MIGO, TIGO, SIGO, NOSCO, VOSCO são empregados sempre com a preposição *com*, clara: *commigo*, *comtigo* *comnosco* etc.

Quando concorrem dois pronomes antes do verbo o que serve de sujeito é collocado em primeiro lugar: *EU TE contarei as minhas máguas*.

Na sintaxe antiga, adotada mesmo pelos classicos, o pronomé sujeito era collocado depois.

Camillo C. Branco escreveu: *Como se ME ELLE antolhava. Que ME ELLES deixaram*.

Garrett: *Que TE ELLE pague. Porque LHE ELLE tinha a irmã*.

Castilho: *Quanto a que LHES nós levamos*.  
Por uma construção especial ás linguas românicas, a Lingua Portugueza adotou a repetição do pronomé pessoal, por enfase:

*EU admira-ME.*

*EU ME parece.*

*A PATRIA defende-A o patriota.*

Esta construção é popular e encontra exemplos nos classicos, como em Gil Vicente: *CADA SACERDOTE LHE cumpre estudar*.

Em Camões:

*Mas TU...*

*A TEU PORTO seguro navegamos.*

Em Sá de Miranda: *Ao DOENTE não se lhe ha de fazer a vontade*.

Nos adagios este emprego é commum:

*AQUELLE a quem Deus quer bem o vento LHE apanha a lenha. QUEM pouco tem pouco LHE bêsta.*

(Apud Ruy Barbosa—Replica.)

O Dr. Carneiro Ribeiro julga incorretas frases como *eu parece-me*, *eu lembrou-me*, e similhantes, mas confessa: Não desconhecemos que haja entre os classicos exemplos em que se notam estas expressões; e cita: Bernardim Ribeiro, Garrett, Castilho e Camillo.

O pronomé *nós* substitui, algumas vezes, o pronomé *eu* por modestia ou por delicadeza da pessoa que fala.

Exemplos desta construção encontram-se nos classicos: *Nós é que não sei si o fazemos*. (A. Herculano). *Sem nos apartarmos da historia de José mostrarei...* (Vieira.).

Neste caso o verbo vai para plural, mas o adjec-

tivo em relação atributiva com esse pronome fica no singular: *Antes sejamos breve que prolixo.* (João de Barros) *Não somos abastante para cumpridamente louvar.* (F. Lopes).

Esta construção, tam censurada por Silva Tullio, encontra opositores, que se estribam em Fr. Luiz de Souza, Vieira, Leoni, Alexandre Herculano, Latino Coelho e Camillo.

Entretanto vê-se que ella é variável, pois que Innocencio da Silva, J. de Castilho e o proprio Alexandre Herculano usam do adjetivo no singular.

Ha em Portuguez varias expressões que Diez denominou *pronomes de reverencia*; taes são: *V. Mercê*, *V. S.*, *V. Ex.<sup>a</sup>*, *V. Alteza*, *Vossê*, etc.

A de uso mais commum é *Vossê* fórmula contracta de *Vossa Mercê*, com as fórmulas intermediarias *Voss' mercê* e *Voss'messê* e que é considerado como um verdadeiro pronome.

E' de empr. popular e substituiu completamente o pronome *vós*, tam usado nos tempos antigos,

Este pronome, apezar de representar um sujeito de 2.<sup>a</sup> pessoa, exige o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa: *Vossê* (2.<sup>a</sup> pessoa) *quer?* (3.<sup>a</sup> pessoa).

Esta construção é similar à francesa, em que o criado fala na 3.<sup>a</sup> pessoa: *Monsieur, veut-il.*

No Allemão, diz Pott, faz-se tudo para não empregar o pronome de 2.<sup>a</sup> pessoa, e quando se tem de faze-lo, recorre-se ao methodo grosseiro de indicar o pronome pessoal por meio de um substantivo.

Na linguagem familiar junta-se commumente uma das variações pronominaes ao verbo como para exprimir que a pessoa a que o pronome se refere tem interesse na acção: *Não me pratiques esta falta. Não me saias d'aquí.*

Todas as variações pronominaes combinam-se com as fórmulas *se* e *o*, *a*, *os*, *as*. O pronome---*se* sempre se antepõe; os pronomes---*o*, *a*, *os*, *as*, sempre se põspõem.

*Sem que t'o merecesse nem te errasse.*

*Tornar-SE-LHE amarello de enfiado.*

Camões.

Quando se combinam---*lhe-e-o*, *a*, *os*, *as*—a primeira fórmula nunca tem plural: *conta-lh'o---e* não---*conta-lhes-o*.

Com os pronomes *me*, *te*, *lhe*, dá-se a figura sinalefa: *m'o*, *t'o*, *lh'o*.

Com os pronomes *nos*, *vos* empregam-se *lo*, *la*, *los*, *las* em vez de *o*, *a*, *os*, *as*, caindo a letra---*s*---por euphonía: *no-lo*, *vo-la*.

Pôde-se dar a combinação de tres variações pronominaes: *Dê-SE-LH'A.*

## II

As variações pronominaes, sem preposição clara, não têm acentuação propria; ficam, assim, sujeitas á acentuação de outra palavra junto da qual se acham.

A collocação dessas variações pronominaes (pronomes regimes ou casos obliquos) pôde ser feita antes dos verbos: *próclise*; depois dos verbos: *énclide*; e no meio das fórmulas do verbo: *mesóclise*

Os pronomes tomam, por isto, as denominações de: *proclíticos*, *enclíticos* e *mesoclíticos*.

A questão sobre a collocação dos pronomes regimes ainda não está resolvida, ou porque, como diz João Ribeiro, o phänomeno não tem sido observado perfeitamente ou porque não é susceptível de disciplina exacta e positiva.

Já o Grammatico, de Funchal, Francisco Ferreira de Andrade Junior, em 1850, na sua *Grammatica das Grammaticas*, tinha observado o phänomeno.

José Feliciano de Castilho nas *Questões do Dia*, J. A. Teixeira de Mello no periodico *Luz*, de Campos, Gama e Castro no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, nos annos de 1871 a 1874, Arthur Barreiros na *Revista Brazileira* de 1880 e ultimamente Said Ali na mesma *Revista* de 1895, discutiram largamente a materia.

As regras sobre a collocação dos pronomes se chocam entre si, ou não têm apoio nos classicos.

Vejamos:

Diz Teixeira da Mello: Nas orações em que o verbo tem por antecedente uma adversativa os pronomes vêm depois.

Entretanto diz Gama e Castro: Quando a frase começa por uma conjunção os pronomes vêm antes.

Diz Paranhos da Silva: Ha quem pense que só nas orações incidentes se podem colocar antes dos verbos os pronomes *me*, *te*, *se*, etc. entretanto:

*No gesto natural se converteu.* Camões.

Assérita José de Castilhos: Quando a oração começa pelo verbo ou seu agente o verbo antepõe-se ao pronome; no entanto:

*Eu ponho-me a pagar.* Gil Vicente.

*Eu me arranco d'aqui com magua e dor.* A. Vieira.

*Ella lhe prometteu vendo que a amaram.* Camões.

*Eu precipito-me n'elle.* Herculano.

Affirma Arthur Barreiros: Depois das palavras *a*, *e*, *mas* o pronome é enclítico; entretanto: *Té que aprovare a Deus de o levar para si e lhe succedeu.* etc.

*Em Madrid tambem se recitaram poesias e se fez a festa,* etc. P. Chagas.

Diz Teixeira de Mello: Nas fórmulas de gerúndio, nunca se deve antepôr.

João Ribeiro: Nas frases de gerúndio, ha anteposição.

Diz ainda Teixeira de Mello: No infinito dos verbos manda a regra colocar os pronomes depois; entretanto em Camões:

*... e começo os olhos bellos*

*A lhe beijar, as faces e os cabellos.*

Adolpho Coelho dá na *Revista Lusitana* a seguinte regra que reconhece não ser necessária:

Atráem o pronome regime para antes do verbo:

Q: pronomes indefinidos  
Os pronomes interrogativos  
Os pronomes relativos  
Os adverbios em geral (excepto os compósitos com *mente*).  
As conjunções em geral  
As preposições com infinito

precedendo o verbo.

\* Entretanto Said Ali é de parecer que essa atração é ilusoria.

É evidente, diz elle, que não basta o facto de se achar a palavra *A* ou *B* antes do verbo para produzir a anteposição ou proposição do pronome.

É preciso indagar quais as condições, em que a mesma palavra *A* ou *B* se apresenta acompanhada do verbo com o pronome enclítico e quais as condições, em que ella aparece seguida do verbo com o pronome proclítico.

Baptista Caetano nos seus *Rascunhos sobre a Grammatica da Lingua Portugueza* assértia:

Uma das regras mais rigorosas da sintaxe é a que exige o pronome anteposto aos verbos em todas as orações de que relativo ou conjuntivo.

Os clássicos, entretanto, não obedecem a esta regra; por exemplo, Vieira: *De sorte que Christo defendeu-se do diabo com a escriptura.*

Castilho: *sente-se que eu tire-lhe.*

João Ribeiro affirma como obrigatória a regra da anteposição com a conjunção *porque*.

Mas vemos Alex. Herculano escrever:

*PORQUE a decisão da maioria estribava-se nesta distinção.*

Os adverbios de lugar e tempo, para outros grammaticos, ordenam a anteposição.

Mas Manoel Bernardes disse: *Ali São Pedro teve-se com Malco.*

E Vieira: *AGORA dá-se quando está immortal e glorioso.*

*LÁ come-se Deus exposto e descoberto, aqui come-se coberto e encerrado.*

Outro preceito, considerado absoluto, ordena a anteposição nas orações negativas; mas nos *Lusiadas*, Camões disse: *Não sendo seu soldado experimentado nem vendo-se num cerco duro e urgente.*

Da mesma fórmula Vieira: *Viu que não conservando-se... E afinal até a regra aceita por todos os grammaticos de não se pospôrem os pronomes obliquos ao particípio passado, não é observada por Filinto Elycio:*

*O veado não chorou. Que tinha a rainha enganado-lhe a esposa; o filho...*

*Depois de ter sacrificado aos Deuses e dado-lhe graças pela victoria.* Bernardo de Brito. (Apud. Dr. Ernesto C. Ribeiro).

Modernamente Paulino de Brito estabelece o seguinte: Com o futuro e o condicional o pronome deve ser proclítico ou mesoclítico; nos tempos compósitos o pronome nunca deve ser ligado ao particípio passado; evite-se a posposição do pronome quando com este acrescimo o acento tonico da palavra venha a ficar antes da antepenúltima sílaba.

Resumâmos, para terminar, com o eminente Ruy Barbosa: «A todas as regras, pois, concernentes á inserção dos pronomes obliquos havrá sempre meio de contrapôr alguns exemplos autorizados de bons escritores.

Nenhum canon existe na sintaxe, inclusive até os mesmos que estabelecem a concordância inevitável do verbo com o sujeito a que não contradigam, na literatura dos mestres da língua, anomalias, mais ou menos raras, mais ou menos fre-

quentes, devidas umas a incorreções de officina, outras a negligencias dos proprios escritores.»

E mais adiante, em sua *Replica*, novamente affirma :

«No que respeita á collocação dos pronomes complementos, não ha, talvez, um canon, dentre os mais estritos que resista a essa prova : a do consenso unanime e invariavel dos bons autores.

Resumem-se em quatro as regras sobre a collocação dos pronomes obliquos :

DEVÉ-SE COLLOCAR ANTES DO VERBO, isto é, O PRONOME É PROCLITICO :

1.<sup>º</sup> NAS ORAÇÕES NEGATIVAS :

NÃO LHE era facil, porém, diagnostica-los—L. Coelho.

NUNCA LHE ouvi nem disse palavra—Camillo.

SEM ME lembrar NEM ME importar mais nada—Garrett.

Mas NÃO LHE sucedeu como cuidava—Camões.  
NADA LHE pode resistir—Vieira.

2.<sup>º</sup> NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS DE QUE (pronome ou conjunção, simples e composta : porque, para que, ou mesmo oculta), QUAL, QUEM, CUJO e ONDE.

Os cabellos que os trabalhos do mundo lhe branquearam—Bernardes.

Comparou ás andorinhas as quaes lhe pagaram a hospedagem com lhe tirar a vista—Vieira.

Nós fomos quem no berço o embalamos—Filinto Elysio.

Umas dessas espécies extintas cujo desmarcado tamanho nos assombra—R. Barbosa.

Parece que a natureza inteira lhe estava dando uma festa—Camillo.

A pouca distancia do valle onde se viam as ruínas. Herculano.

Ordenou Deus (que) lhe chegasse novas—Vieira.

3.<sup>º</sup> NO GERUNDIO COM A PREPOSIÇÃO em, NO PARTI-CIPIO PASSADO, NO FUTURO E NO CONDICIONAL :

EM OS OUVINDO, tudo vai em uma poeira. D. Francisco Manoel de Mello.

EM SE AVISTANDO sitio tão feliz se descobrem as suas largas muralhas—Vieira.

Tenho te amado muito.

Oh ! Não te chamarei ingrato ; sou filho teu—Garrett.

Tu me falaria assim si me estimasses.

No futuro e no condicional o pronome pode tambem ser mesoclitico.

Dize-me com quem andas e dir-te-ei as manhas que tens.

O tempo ter-lhe-ia faltado para a fazer executar.—A. Herculano.

DEVÉ-SE COLLOCAR DEPOIS DO VERBO, isto é, O PRONOME É ENCLITICO :

No começo das frases :

DISSERAM-ME que hontem chegaste—e não—ME DISERAM que hontem chegaste.

Raros são os exemplos classicos em contrario a estas regras, e a tendencia moderna é observa-las restritamente.

São dignas tambem de serem adotadas, pelo uso commun que d'ellas fazem os bons escritores, as regras seguintes :

HA ANTEPOSIÇÃO OU POSPOSIÇÃO :

1.<sup>º</sup> QUANDO OS ADVERBIOS, PRINCIPALMENTE OS DE TEMPO E QUANTIDADE, SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

HOJE lh'o dão, AMANHÃ lh'o tiram. F. Manoel.

ASSIM o entendem graves doutores . . . Vieira.

MUITO ME conta. Sr. Patrão. A. Herculano.

QUANTO menos nos resta de vida tanto mais devemos procurar seja honesta. Bernardes.

Leva-me para onde te aprouver. Herculano.

2.<sup>º</sup> QUANDO OS INDEFINIDOS SE ACHAM ANTEPÓSTOS OU POSPÓSTOS.

Na mesma chaga me feriste. M. Bernardes.

*A quem não tem bens NINGUEM lhe quer mal,*  
Vieira.

*Embora TODOS te reneguem eu nunca te renegarei.* Garrett.

*A um principe vicioso TUDO se lhe rende —*  
Vieira.

*AMBOS os regimens se divorciaram da liberdade.*  
R. Barbosa.

Nestes dois casos ha verdadeira atração destas palavras sobre os pronomes obliquos. E' assim que si os adverbios e indefinidos se acharem collocados antes dos verbos os pronomes são *proclíticos*, si se acharem collocados depois, os pronomes são *enclíticos*.

HA POSPOSIÇÃO :

NAS FÓRMAS DO IMPERATIVO :

*VÊDE-O no vosso escudo.* Camões.

Os antigos usavam da *próclise*, afastando mais do verbo as variações pronominais, isto é, collocavam uma ou algumas palavras entre o pronome e o verbo :

*Pois nos Deus aqui AJUNTOU.* — Heitor Pinto.

*Onde os elle, quando chegaram já ESTAVA ESPERANDO.* — Lucena.

Igual construção se encontra em :

Camillo C. Branco : *Que me elles DEIXARAM.*

Garrett : *Si ella ME não amava. Que lhe ella pareceu.*

Castilho : *O que me hontem ABORRECEU.*

Esta sintaxe já está sendo usada em linguagem literaria, pelos brasileiros, principalmente para evitar algum som desagradável : *Os motivos QUE ME AGORA apareceram, em lugar de QUE AGORA ME APARECERAM.*

PRONOME—SE—

III

O pronome *se*—fórmula tambem na Lingua Portugueza a voz passiva que é representada pelo verbo *ser* : *Fazem-se casas, ou casas são feitas.*

Em Camões :

*... o mar remoto navegamos  
Que só dos feios phocas SE NAVEGA,  
isto é—É NAVEGADO pelos feios phocas.*

Exercendo o pronome *se* a função apassivadora, força o verbo a ir para o plural quando o objecto que recebe a acção, e-tiver no plural.

E' erro, assim, dizer : *Vende-se casas ; elege-se commissões.*

A verdadeira construção é : *Vendem-se casas ; elegem-se commissões*; isto é, *casas são vendidas ou estão para ser vendidas ; commissões são elegidas ou estão para ser elegidas*,

E' verdade que disse João de Barros :

*SE NOTA pelos mareantes OS PERIGOS do mar.*

Existe ahí por certo, na opinião geral, erro tipographico : *se nota por se notam.*

A este exemplo, citado em geral pelos grammaticos, Ruy Barbosa acrescenta mais alguns outros de D. Diniz, Camões, Vieira, Fr. Luiz de Souza, Couto e Castilho sem que aconselhe tal construção.

Algumas vezes, em que rão convém, se não pôde ou se não quer determinar o sujeito que pratica a acção, emprega-se o pronome—*se*—indicando uma indeterminação : *Morre-se de fome. Por tudo isto se admira a Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se.* (A. F. Castilho).

Em outros casos essa indeterminação se acha incluída no verbo que é empregado na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural : *Dizem que houve um grande incendio.*

Bem afirmava Adolpho Coelho :

«A lingua tem perdido muito a consciencia do carácter dessas construções ; d'ali vem o emprego do verbo no singular com o sujeito no plural : *sabe-se notícias, conta-se casos* e outros tam frequentes no falar usual e na linguagem descurada das folhas periodicas.

Nestas phrases incorrectas *se* adquire *quasi* o valor de indefinido empregado como sujeito da proposição e corresponde apparentemente ao frances *on*.

E' assim, continua elle, que as linguas se alteram e que as monstruosidades (o nome convem á cousa) nascem nellas do esquecimento da função primitiva de seus elementos.»

Alem desta função, o pronome *—se—* tem outros usos importantes, como diz João Ribeiro.

1.<sup>º</sup> Dá ao verbo um sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção: *Elle se partiu, se foi embora* (isto é, por vontade propria e espontanea). *Alegremente se partia.* (Camões). *Tinha-se ido a Roma ao estudo de direito.* (Castilho).

Esta função desempenham tambem os pronomes *me, te, nos, vos.* *Subo-me aos montes* (Camões). E' um pronome expletivo.

2.<sup>º</sup> O uso de *ser-se* é uma consequencia do anterior e por elle se explica cabalmente: *Quando se é rico; si se é pobre—* tod' a existencia expressa pelo verbo vai e volta ao sujeito ou nelle se cifra e limita.

3.<sup>º</sup> O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente serve para designar fenomenos naturaes: *A agua evapora-se—* ^ que differe de—*a agua é evaporada* (podendo se-lo nesse caso artificial e propositadamente por outro agente).



### VIII

#### Verbo: concordancia; correspondencia dos tempos

##### I

O verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa.

Devemos notar:

1.<sup>º</sup> Concorrendo muitos sujeitos no singular, o verbo vai para 3.<sup>a</sup> pessoa do plural:— *A palhoça, o sobrado, o palacio estão habitados.*

Si o verbo fôr enunciado primeiro pôde ficar no singular:— *Está habitada a palhoça, o sobrado, o palacio.*

2.<sup>º</sup> Muitos sujeitos no singular estando comprendidos ou individualizados por uma palavra collectiva ou no singular, como: *tudo, nada, cada um, cada qual, ninguem, isto,* etc., exigem o verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular: *A palhoça, o sobrado, o palacio tudo ou nada, etc. foi queimado.*

3.<sup>º</sup> Si estes sujeitos fôrem substantivos sinonimos ou exprimirem uma enumeração gradativa, o verbo fica tambem no singular:— *O riso, o prazer, a alegria, fazia-a mais formosa.*

4.<sup>º</sup> Si concorrerem muitos sujeitos de diversas pessoas, o verbo concorda com a que tem prioridade, no plural: a 1.<sup>a</sup> tem prioridade sobre a 2.<sup>a</sup>, e

esta sobre a 3.<sup>a</sup> :—*Eu e João somos jovens. Tu e Pedro sois ricos.*

5.<sup>º</sup> Quando o sujeito é collectivo seguido de um nome plural regido da preposição *de*, o verbo fica no singular si o collectivo é geral, vai para o plural si o collectivo é partitivo:—*O rebanho de ovelhas era dirigido por um lobo.* Fr. Luiz de Souza. *A maior parte daquellas arvores remogaram.* Castilho.

Geralmente o verbo fica no singular.

Devemos, porém, notar que, quando quizermos attender mais á quantidade que significa o collectivo partitivo do que á qualidade do substantivo, o verbo concorda no singular com o collectivo—*Um inverno se ajuntou a maior parte delles em casa de um antigo morador daquelle lugar.*—Rodrigues Lobo.

Tambem com o collectivo geral, si attendermos mais á qualidade das pessoas ou cousas expressas pelo substantivo do que á quantidade que significa, o verbo vai para o plural concordando com o substantivo:—*A cavallaria dos mouros que vieram a seu chamado.*—João de Barros. (Apud Silva Tullio.)

6.<sup>º</sup> Quando os sujeitos estão unidos pela preposição *com* equivalendo á conjunção *e*, isto é, quando todos praticam conjuntamente a acção, o verbo vai para o plural:

*Que EU CO' O GRÃO MACEDONIO E CO' O ROMANO  
LEMOS lugar ao nome lusitano.* (Camões)

7.<sup>º</sup> Quando os sujeitos estiverem ligados pelas conjunções *ou*, *nem*, o verbo irá para o plural si a acção se referir á totalidade dos sujeitos. No caso contrario ficará no singular: *NEM EU NEM TU ESTIVEMOS aqui. OU JOÃO OU FRANCISCO ESTÁ doente.*

8.<sup>º</sup> Quando o sujeito fôr a expressão *um de, um dos, uma de, uma das*, seguida do pronome *que*, o verbo vai para o singular ou plural conforme a acção fôr feita por um só sujeito ou por muitos:

*Na Asia foi UM DOS GOVERNADORES QUE mais IMPULSIONOU a queda do imperio indicio.* C. Castello Branco.

*O Vouga é UM DOS RIOS de Portugal que entram no mar.* Leão.

9.<sup>º</sup> Quando o sujeito fôr *um e outro* o verbo vai para o singular ou para o plural conforme a acção se refere a um só sujeito ou a muitos :

*UM E OUTRO SERVIÇO EXIGE iguaes cuidados.* Castilho.

*UM E OUTRO LUGAR ERAM mais altos.* Vieira.

10.<sup>º</sup> O verbo *ser*, como forma com o atributo o predicado grammatical, muitas vezes soffre a atração do atributo e com este concorda, e não com o sujeito: *Tudo SÃO FLORES.*

Camões empregou: *As nímphas do oceano OUTRA COUSA não é.*

11.<sup>º</sup> Quando o sujeito é o pronome *que*, o verbo concorda com a palavra a que esse pronome se refere: *Eu SOU QUE ANDO. Nós SOMOS QUE ANDAMOS. Elles SÃO QUE ANDAM.*

Si, porém, o sujeito fôr o pronome *quem*, o verbo concorda na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular: *Eu SOU QUEM ANDA. Nós SOMOS QUEM ANDA.*

Neste como nos outros casos a concordancia se faz logica ou grammaticalmente.

Lembra João Ribeiro um caso muito excepcional em que a concordancia se faz singularmente com cada elemento de um sujeito composto: *Deus e a sua justiça sempre é o mesmo e a mesma.* Vieira.

## II

Já sabemos que o modo indicativo mostra que o facto enunciado pelo verbo é certo; e que o subjuntivo mostra que o facto é duvidoso, hipotetico.

Para sabermos qual devâmos empregar, é preciso que atendâmos á oração principal, isto é, áquelle que representa a idéa primordial, mais importante, e ás orações subordinadas que a ella se acham ligadas.

Assim, quando o verbo da oração principal exprime alguma cousa de certo, positivo, o verbo da oração subordinada fica no indicativo; si aquelle exprime alguma cousa de incerto, este fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal significa *pensar*, *crer*, *saber*, *parecer*, *affirmar*, o verbo da oração subordinada fica no indicativo.

Si o verbo da oração principal significa *admiração*, *surpresa*, *vontade*, *desejo*, *alegria*, *tristeza*, o verbo da subordinada fica no subjuntivo.

Si o verbo da oração principal é impessoal ou usado impessoalmente, o verbo da oração subordinada vai para o subjuntivo.

As conjunções *embora*, *quer*, exigem subjuntivo; *posto que*, *bem que* e em geral as compóstas de *que* levam o verbo ao subjuntivo ou ao indicativo.

E' muito comum a substituição do condicional pelo imperfeito do indicativo: *Si Vossé me ouvisse não saía hoje* — por — *não SAÍRIA hoje*. Casti ho, por exemplo, escreveu: *Eu, si fosse a Sr.<sup>a</sup>, ATIRAVA paixões*.

O futuro é muitas vezes substituído pelo presente: *Si quizer vou ao espectaculo*, em lugar de — **IREI** *ao espectaculo*. Tem também função de imperativo: *HONRARÁS teu pai*. *Não CUBIÇARÁS as cousas alheias*.

Poderíamos estender as regras do emprego do subjuntivo a um grande número de casos, mas Julio Ribeiro que sobre este assunto escreveu proficientemente, diz: Não é pretenção do autor que estas regras abrangam todos os casos possíveis do uso do subjuntivo.

Os tempos também se correspondem entre si.

Ao presente do indicativo correspondem: todos os tempos quer do indicativo, quer do subjuntivo e do infinitivo pessoal.

Ao imperfeito do indicativo correspondem: o imperfeito, o mais que perfeito, o condicional do indi-

cativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao aoristo correspondem todo o indicativo; o imperfeito, o mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao mais que perfeito do indicativo correspondem: o imperfeito e mais que perfeito do indicativo, o condicional; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao futuro do indicativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito perfeito e o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal.

Ao condicional correspondem: todo o indicativo; o imperfeito e mais que perfeito do subjuntivo, e o infinitivo pessoal.

Ao imperativo correspondem: todo o indicativo; o presente, o preterito imperfeito e o futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal.

Aos tempos do subjuntivo correspondem: os do indicativo e do infinitivo e elles próprios.



IX

Fórmas nominaes do verbo

As fórmas nominaes do verbo são : o *infinitivo*, os *participios* e o *gerundio*.

O *infinitivo* presente dos verbos em Portuguez tem duas fórmas : uma *pessoal* e outra *impessoal*.

O emprego do infinitivo pessoal constitui um *idiotismo* : o Portuguez é a unica lingua que o admite.

No dialecto gallego tambem se encontram fórmas com essa flexão, como se vê em *Spana Sagrada* : — *Para sairen e entraren* (Apud Diez e Julio Ribeiro).

O infinitivo pessoal que tanta clareza tráz ao sentido da frase, é de data antiquissima.

De seu uso se encontram exemplos no *Livro das Linhagens*, em varios *Cancioneiros* e em um foral de Lisboa de 1179.

«Uma das causas e talvez a primeira, diz Silva Tullio, por que nos autores aparecem alguns destes erros, é devido á influencia que a literatura hespanhola exerceu na Lingua Portuguesa. Porque não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns autores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal.»

Adolpho Coelho julga da mesma forma que : «as construções do infinito com pronomes, nas orações chamadas de modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realizado da função verdadeira do infinito, a analogia, explica-nos perfeitamente este facto peculiar do Portuguez. As

outras linguis romanicas conservam neste ponto mais fielmente a tradição da lingua mãe.»

Diversas são as regras estabelecidas para o emprego do infinito pessoal.

D'entre elles uma, sobre que em geral estão os grammaticos de acordo, é a seguinte :

«Usa-se do *infinito pessoal* quando tem sujeito proprio.»

Julio Ribeiro em sua *Grammatica* protesta contra esta regra e entre duas indicações diz :

«Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou impessoal é indiferente que elle tenha ou não sujeito proprio.»

Si aquella regra fosse absoluta, Camões, o mestre da lingua, errára quando nos *Luziadas* escreveu : *E folgarás de VERES a polícia.*

O mesmo aconteceria com Alex. Herculano : — *As aves PARECIAM nos seus vôos incertos, ora vagarosos ora rápidos, FOLGAREM com os primeiros dias das estações dos amores.*

Tambem o Padre Vieira :— *E' necessário para se CONSERVAREM nesta nova representação e para GOVERNAREM como DEVEM, que se APARETEM de suas próprias raízes.*

E Camillo Castello Branco :— *bufarinheiros PREGOAM no intuito de FAZEREM sua cumplice á nobilíssima neta de Platão.*

Fr. Luiz de Souza :— *que ao pé de Santa Engracia se QUEIXAVAM os visinhos de VEREM sahir á meia noite.*

E Ad. Coelho :— *trabalhos taes . . . DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientífico.*

Julio Ribeiro, de acordo com Diez, dá duas distas de frases, em que ora o infinitivo é empregado pessoalmente, ora impessoalmente.

Sujeito diferente :— *E tempo de PARTIRDES. Viu NASCEREM duas fontes.*

O mesmo sujeito :— *Não TENS vergonha de GANHARES a tua vida tam torpemente. Todos ESTÃO alegres por TEREM paz.*

E' preferivel empregar o infinitivo pessoal :  
Quando o infinitivo tiver sujeito proprio, isto é, diferente do sujeito do verbo finitivo :

*VIMOS as Ursas, apezar de Juno,  
BANHAREM-se nas aguas de Neptuno.*

Camões. *Lusiadas.*

Apesar dos sujeitos do modo finitivo e infinitivo serem identicos, emprega-se geralmente a forma pessoal, por necessidade de clareza :

Biblioteca Pública Municipal  
Ver. Romulo C. D'Aracó  
Pindamenhangaba

1.º Quando o infinitivo estiver distante do finitivo:  
... DEMANDAM longos annos de laboriosas investigações para TEREM um valor scientifico. Adolpho Coelho.

2.º Quando o infinitivo estiver antes de qualquer outra forma finitiva :

Para se CONSOLAREM os infelizes DORMIAM tranquillos em seus leitos macios. A. Herculano.

3.º Quando entre o verbo do modo finitivo e o infinitivo houver alguma palavra que possa ser sujeito deste : TEMOS PODER para nos CONSERVARMOS inteiro. (Apud Ernesto Carneiro Ribeiro).

Deve-se tambem empregar o infinitivo pessoal : Quando o infinitivo fôr sujeito do verbo finitivo : E' triste DEFINHARES com tão pequeno pezar. João Ribeiro.

O participio presente, simples adjetivo, não admite flexão de genero, e sim de numero e de gráu : Amantes, amantissimo.

No antigo Portuguez conservava a força participal :

— Cegou ENTRANTE á lida.

— Os quaes TEMENTES Nosso Senhor.

— Chama a nós a Santa Escriptura de Deus DIZENTE (Apud Ad. Coelho).

O participio passado, considerado como adjetivo, concorda com o sujeito da oração, quando o verbo é ser ou estar e fica invariavel quando o verbo é haver ou ter :

As artes são ESTIMADAS.

\* Os vicios estão DESCOBERTOS.

Temos ESTUDADO bastante.

Havemos VENCIDO as difficuldades.

Antigamente esta regra era vacillante :

Quebrar as tregos que tinha FEITAS — D. Nunes.

Outras muitas que tinha OUVIDAS. — B. Ribeiro.

Que tanto mar e terras tem PASSADAS. — Camões.

O participio do futuro desapareceu da conjugação portugueza e só é usado como adjetivo ou substantivo : vindouro, casadeira, matadouro, iracundo, reverendo.

O gerundio forma as linguagens dos verbos frequentativos, é invariavel.

Pede a preposição em que o precede, e indica, assim, que uma nova acção se vai seguir : Em correndo chegarás cedo.

O gerundio regido desta preposição é de uso latino.

Antigamente se empregava tambem com a preposição sem.

Como lembra Pacheco da Silva Junior nas Nogões de Semantica, no Portuguez antigo, o participio concordava com o sujeito do verbo em genero e numero quando vinha construído com os verbos ter e ser. Tanto se dizia estamos convenientes e convencido, somos errados, leal nos serviços que lhe tinha feitos (Fernão Lopes) ; votos que tinha feitos ; quantas culpas tinham commetidos (Fern. Mendes).

Desde muito cedo, porém, manifestou-se a tendencia para a invariabilidade do participio passado : maravilhas que deixou feito (Caminha) ; deixou-lhe queimado a cortina (P. Per.) ; deixando descoberto 350 leguas. (Barros).



Assim nos versos de Camões :

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes  
Alguns traidores houve algumas vezes.*

a sintaxe regular é :

*Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes NUMÉRO  
DE TRAIDORES HOUVE algumas vezes.*

Finalmente, outros dizem que o verbo *haver* significa *ter, possuir* e tem como sujeito uma palavra oculta que será indicada pelo sentido.

Assim na frase : *Haverá lances*, o sujeito será *a vida ou o tempo*, sendo *lances* o objecto directo.

Na frase : *Ha homens*, o sujeito será *a sociedade, ou o mundo e —homens—* o objecto directo.

Diversas são as provas a favor desta interpretação.

A etimologia do verbo *haver* indica a fórmula latina *habere* que significa *ter*.

A analize da frase francesa : *Il y a des hommes* — em Portuguez — *Ha homens* — considera *homens* como objecto e *il* (*indeterminado*) como sujeito.

No Portuguez antigo o verbo *haver* era empregado por *ter* :

..... *Elle HAVIA nome Antão.* (Apud João Ribeiro).

Em Gil Vicente :

*Como HAS nome cavalleiro  
Eu HEI nome todo o Mundo.*

Ainda mais.

O povo conserva puras as primitivas fórmulas das palavras.

Vemos que são populares as frases :  
*Hoje TEM missa — por — Hoje HA missa,*  
*TEM dias que não sáio — por — HA dias que não sáio.*

X

Sintaxe do verbo "haver"

O verbo *haver* pôde ser tomado em duas acepções : como *auxiliar* e neste caso é verbo perfeito, isto é, conjuga-se em todos os tempos e pessoas ; e como *impessoal*, com o sentido de *ter, possuir* e neste caso é verbo defectivo, só sendo conjugado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular.

Varios têm sido os modos de interpretar a sintaxe do verbo *haver*.

Uns grammaticos dizem que o verbo *haver* não necessita sujeito claro : sua sintaxe é similar à dos verbos *chover, trovejar*, etc.

Outros dizem que o verbo *haver* é empregado no sentido de *existir* ; usa se na terceira pessoa do singular ainda que o sujeito seja de terceira pessoa do plural.

Explicam a discordancia incluindo essa construção na classe dos *idiotismos*.

Outros sustentam que o verbo impessoal *haver* tem a significação de *existir*, e emprega-se ordinariamente com um sujeito grammatical oculto : *classe, genero, numero, especie, porção, quantidade, numero, espaço*, etc. e um complemento desse sujeito, precedido da preposição *de* também oculta.

O substantivo verbal *haveres* é sinônimo de *teres, possuidos (posses)*.

O adverbio *eis* é para o geral dos gramaticos uma forma do verbo *haveis*—*heis*—*eis*: *eis aqui mil e quinhentos marcos de prata*—Bernardes—equivale a—*Aqui TENDES mil e quinhentos marcos de prata*.

Como ultima próva a que apresenta o Dr. A. Freire da Silva em sua *Grammatica*:

«Na maxima seguinte: *Ha fanfarrões de scien-  
cia como os ha de valor e nobreza*, o Marquez de  
Maricá não substituiu na segunda proposição o sub-  
stantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como deveria  
si fosse sujeito, mas sim pelo pronome—*os*—que  
neste caso tem força de accusativo latino, e é por  
isso, como o substantivo a que se refere, comple-  
mento objectivo do verbo *ha*.»

*Ha-os nesta collecção de todas as espécies.*

Neste exemplo—*os*—não pôde ser sujeito, é  
sim, objecto, estando o verbo *haver* na significação  
de *ter, possuir*.

Sintaxe analoga á do verbo *haver* no singular  
com o sujeito oculto e o objecto directo claro, no  
plural, é a do verbo *fazer* em certas construções:  
*FAZ 10 dias que te não vejo.*

O sujeito nestas orações vem a ser geralmente  
*o tempo*.

Não faltam exemplos nos classicos:

“*Oito dias FAZ hoje que Christo o resuscitou*—  
Vieira.

*FAZ agora tres annos e um dia*--Alex. Herculano.  
*FAZ agora seis mezes*--Castilho.



## XI

### Palavras invariáveis

#### I

##### ADVERBIO

O adverbio pôde ser representado por um adjetivo: *Comprou BARATO, CASA MEIO feita*.

A grande classe dos adverbios em *mente* é formada pela ligação deste suffixo á forma feminina do adjetivo: *sabia-mente, humana-mente*.

O emprego dos adverbios em *mente* não é arbitrario.

Quando concorrem dois ou mais adverbios desta especie só o ultimo, em geral, toma esse suffixo:—*Santa, justa e correctamente*.

Esta regra era violada pelos classicos quando queriam dar mais enfase á frase ou mais força á significação do adverbio:

*Vivamos neste mundo SABIAMENTE, PIAMENTE e JUSTAMENTE*—Vieira.  
...*se pretende SINCERAMENTE, NOBREMENTE e PATRIOTICAMENTE*—Castilho.

O mesmo já acontece com alguns escritores modernos.

Convém notar, com Darmesteter, que o velho francez empregava: *humble et dulcement* e não *humblement et dulcement*.

*Mui, tam e quam,* fórmulas contractas de *muito, tanto e quanto*, só se pôdem empregar como adverbios modificando adjetivos. As fórmulas completas *muito, tanto e quanto*, porém, podem-se empregar como adverbios ou adjetivos: *Elle é MUI ou MUITO sabio. Desejo MUITAS honras — e nunca — desejo MUI honras.*

A negação em Portuguez pôde ser simples ou reforçada.

Negação simples:—*não quero; nunca vi.*

Negação reforçada: *não quero nada; não vi boia.*

Neste genero a Lingua é rica de palavras que são empregadas como reforço negativo:—*boia, nada, pitada, patavina, nem nada, migalha, ceitil, ponto, vintém, gota, dez réis* etc.

Muitas vezes a negativa—*não*—é empregada sem força de negação. Em Castilho:—*Si tantos deleites ha na terra, que não seré no céu? Que linda voz que não tinha.*

Esta construção que herdamos do Latim, é muita usada pelo povo.

O emprego da negativa força o verbo do modo imperativo a se mudar para o subjuntivo: *não FAÇAS a outrem em lugar de—não faze—Oh! não me FUJAS em lugar de—Oh! não me FOGE.*

A negação tambem pôde ser expressa:

Pela preposição *sem*:

*SEM ACHAR resistencia nem desfeza*—Camões.

Por—*algum*—depois do substantivo:

*Eri nenhuma flôr pôdem os maiores sabios emendar cousa ALGUMA.*—M. Bernardes.

Por—*nunca jamais*:

*NUNCA JÁMAIS a segurança das vidas e fazenda dos cidadãos foi menos violada.*—Castilho

Pela locução adverbial—*no mais*—talvez por influencia castelhana:

*No MAIS que só sessenta de cavallo*—Camões.

*No MAIS, Musa, NO MAIS...* Camões.

Ha quem pense haver ahí uma oração eliptica: *NÃO POSSO FALAR no mais.*

Pela expressão—*não ... que*, a similitude da construção italiana e francesa:

*As nossas cousas NÃO têm outro mal QUE serem verdadeiras*—Garcia d'Orta.

*Quando S. Paulo nas suas cartas chama aos fieis santos, NÃO quer dizer outra cousa QUE bons cristãos.*—Vieira.

*NÃO faltou QUE uma só pedra*—Castilho.

*E NÃO sentirá QUE um desejo*.—R. Ortigão.

Não se deve empregar a negativa *não* depois de outra palavra de força negativa. São erradas construções como as seguintes: *NINGUEM NÃO me ama, NUNCA NÃO viu.* O adverbio *não* deve, nestes casos, prececer sempre a outra negativa: *Não me ama ninguem, não vi nunca*, ou então desaparecer: *Ninguem me ama; nunca vi.*

Os adverbios *bem* e *mal* têm os comparativos *melhor* (mais bem) e *peor* (mais mal), que se não devem confundir com os adjetivos *melhor* (mais bom) e *peor* (mais mau).

Os adverbios se pôdem usar sinteticamente ou analiticamente:—*melhor empregada*—e—*peor entendida*; ou—*mais bem empregada*—e—*mais mal entendida*.

Os adjetivos só se pôdem usar sinteticamente:—*melhor* e *peor* e *nunca*—*mais bom* e *mais mau*.

Não se devem confundir os adverbios *onde* e *aonde*.

*Onde* se emprega com os verbos que exprimem quietação: *Onde estás. Onde moras.*

*Aonde* se emprega com os verbos que exprimem movimento. *Aonde vais?* Entretanto Garrett empregou: *ONDE me LEVAS, Tejo aurifero?* E Vieira: *Deus meut, onde me MANDAIS?*

II

Preposição

As preposições são, em geral, de origem latina, mas conforme as relações indicadas correspondem a esta ou aquella preposição latina, como : *a*—que se originando da preposição *ad* corresponde, pelas relações expressas, a *—ab* e *apud*.

A preposição *por* tem duas origens : *pro* e *per*.

A pouco e pouco, porém, a fórmula *pro* suplantou a fórmula *per* e *pelo*, *pela*, *pelos*, *pelas*, venceram no século XVII a *polo*, *pola*, *polos*, *polas*.

A fórmula *per* só se usa em composição : *percorrer*, *perlucido*, e na frase de *per si*.

*Per* empregava-se indicando lugar por onde, duração, meio, instrumento.

*Por*, indicando troca, preço, parcialidade, opinião, causa.

As preposições derivam-se também de participios : *—salvo*, *excepto*, *tocante*, *durante*, *passante*, *tirante*, que se tornam invariáveis.

Algumas, entretanto, conservam-se, por uso, variáveis, sendo que nos classicos não faltam exemplos : . . . . todos os livros que andam em nome das *Syllabas*, EXCEPTAS algumas autoridades.—Manoel Bernades.

*Tudo chegou a salvalento EXCEPTAS as partes luidas*—Vieira.

*Confundira todas as idéas EXCEPTA a dos lugares*.—Casilho.

Ruy Barbosa empregou : EXCEPTOS os diccionarios de *Aulete* e *Adolpho Coelho*.

As expressões VISTAS as razões, SALVOS os motivos são de uso commun.

As preposições compostas da preposição *de* exi-

gem a repetição desta antes do nome, o que não acontece com as preposições em que não entra esse elemento :—*Ante Deus*—diante de Deus.—*Apôz a chuva*—depois da chuva.

A preposição *de* é, muitas vezes, simples particula de realce, expletiva, empregada por enfase : *E muito do meu agrado*. *Pobre do menino*. *Desgraçado de mim*.

As relações expressas pelas preposições já foram indicadas a pags. 51 e segs.

Faremos notar a distinção entre as preposições *a* e *para*.

*A*—indica lugar onde, direção, tendo o agente animo de pouca demora.

*Para*—indica lugar onde, direção mais remota e definitiva, tendo o agente animo de não voltar em breve.

Assim quando digo : *Vou ao Recife* indico o meu desejo de demorar-me pouco, de voltar em breve.

Mas quando digo : *Vou para o Recife* tenho idéia de ahi fixar residencia, demorar-me por longo tempo.

Costumam-se repetir as preposições antes das palavras que exprimem idéias differeates : *Pelo rei, pela lei, pela patria*.

III

CONJUNÇÃO

A conjunção—*e*—em serie de vocabulos emprega-se antes do ultimo :

*Mas o de Luso arnez, couraça e malha*  
*Rompe, corta, desfaz, abola e talha*.

Camões.

A repetição da conjunção antes de alguns dos vocabulos ou antes de todos é muito usada no verso ; dá-lhe movimento e graça produzindo bello effeito.

A conjunção—*e*—tem, ás vezes, função da preposição *com* :—*cinco e cinco*.

Esta conjunção conserva a forma arcaica—*a-*—em *dez-a-seis*.

Alguns grammaticos, com mais razão, explicam esse—*a*—dizendo ser equivalente de *junto a*.

Diz João Ribeiro que a forma *ende* (ainda, inde) permanece na Lingua com a forma *em* nas seguintes expressões : *em que pese a F.*—*ende que pese a F.*—*ainda que pese a F.*

A conjunção *mas* tomou o sentido de adversativa, porém originariamente era reiterativa. Por isso mesmo nas expressões *não só... mas também* e outras equivale exactamente a *mais* e talvez assim se devesse ortographá-la.

Não sendo adversativa, encontra-se nos escritores classicos conjuntamente com *porém*:

*Mas porém quando as gentes mauritanas. Camões.*

Da mesma fórmula Castilho e quasi todos dentre os antigos—(*Apud João Ribeiro—Gram. Portugueza.*)

Ha algumas conjunções que se pódem empregar, por elegancia ou enfase, depois de uma ou duas palavras da oração, taes são : *porém, no entanto, pois*, etc.

São chamadas, por esse motivo, *conjunções positivas*.



## XII

### Ordem grammatical. Figuras.

#### I

**Ordem grammatical** é a maneira porque se dispõem as orações no periodo e as palavras na oração.

**Directa** é aquella em que os termos e as orações se acham na ordem natural da successão ou, como diz Julio Ribeiro, quando se segue a ordem logica da concepção do pensamento e da successão dos factos.

A ordem natural e logica exige em primeiro lugar o sujeito, depois o predicado, vindo os modificativos juntos ás palavras a que modificam, isto é, o sujeito com os seus adjuntos e o predicado com os seus adjuntos.

Quanto as orações : As coordenadas vão umas apóz outras na ordem do pensamento ; as subordinadas junto dos termos a que modificam.

**Inversa** é aquella em que se acha alterada a ordem natural da precedencia.

Ordem inversa :

*Eram estes antigos mercadores  
Ricos em Calecut e conhecidos.*

Camões.

Ordem directa :

*Estes eram antigos mercadores, ricos e conhecidos em Calecut.*

Em regra geral o sujeito coloca-se antes do verbo.

Deve-se, contudo, coloca-lo depois :

1.º Nas frases interrogativas, exclamativas e imperativas :

*Pôde Vossa falar-me?*

*Que prazer sentiu a CRIANÇA!*

*Atija PILOTO, tudo ao mar.*

2.º Quando se referem palavras de outrem ou ha citação de um trecho :

*Bradou EL-REI D. HENRIQUE : Olá gente de minha guarda !*

*O remorso é o bom pensamento dos máus, disse GARRETT.*

3.º Quando a frase começa por algum adverbio ou circunstancia :

*Melhor mereceis vós OUTROS TODOS a morte do que este pobre homem.* Garcia de Rezende.

*Quando fazem os MINISTROS o que fazem.* A. Vieira.

As regras de collocação relativas aos substantivos, adjetivos, etc., já foram espendidas nos respectivos lugares.

A lingua portugueza é muito propensa á ordem directa pela influencia da linguagem scientifica.

A principio a lingua abusava das inversões aproximando-se muito da construção latina ; hoje a bem da clareza, a ordem directa vai vencendo terreno.

Isto não quer dizer que o Portuguez moderno rejeite a ordem inversa ; casos ha em que ella se torna necessaria, como nas frases emocionaes, imperativas, na poesia, etc.

## II

As proposições regulares devem ter tantas palavras quantos são os termos necessarios ; não devem

ter palavras demasiadas ; devem ter os termos na ordem natural da successão e representados por palavras de significação propria.

O contrario se pôde dar quando a necessidade o exige para clareza, harmonia ou elegancia da frase.

D'ahi vem a divisão da sintaxe em *natural* e *figurada*.

**Figuras** são as alterações que as frases soffrem.

São modos de dizer apartados das formas communs.

As figuras são de *concordancia* e de *construção*.

As de concordancia são : **Zeugma** e **sillepse**.

**Zeugma** é a figura pela qual uma palavra modifica a muitas ou d'ellas dependendo, concorda com uma só :

*Em vós esperam ver-se RENOVADA  
Sua memoria e obras valerosas.*

Camões.

Alguns grammaticos definem *zeugma* a supressão do sujeito.

**Sillepse** é a figura pela qual uma palavra modifica a outras ou d'ellas dependendo, concorda com o nome generico que as comprehende ; isto é, a concordancia se faz, não com o termo claro, mas com um imaginado.

A sillepse pôde ser de :

*Genero : Vossa REVERENDISSIMA é ILLUSTRADO.*

*Numero : A GENTE da cidade concorria SAUDOSAS na vista e DESCONTENTES.*

*Pessôa : João e Pedro são bons estudantes.*

As figuras de construção são : **Elipse**, **pleonasmo**, **hiperbato**, **enalage** e **anacolutia**.

**Elipse** é a supressão de palavras que o sentido entende facilmente ;

*(Vós) Vistes que com grandissima ousadia*

*(Elles) Foram já commeter o céu supremo.*

Camões.

**Pleonasm** é a repetição das mesmas palavras ou o emprego de palavras diferentes com idêntico sentido.

1.º caso :

*Para o céu crystallino alevantando  
Com lagrimas os olhos piedósos  
Os OLHOS, etc.*

Idem.

2.º caso :

*Vi com estes olhos que a terra ha de comer.*

**Hiperbato** é a transformação da ordem gramatical da proposição.

O hiperbato toma o nome especial de *anastrofe* quando a transposição é ordenada : *Para do mundo a Deus dar parte grande.*

Toma o nome de *sinchese* quando a transposição é desordenada, dando lugar à obscuridade :

*Estas obras de Bucho são por certo,  
Disse.*

Camões.

*Em pesada caiu melancolia.* — F. Elisio.

**Enallage** é o emprego de palavras com significação de outras :

*Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as ROSAS e perdida  
A branca e viva cõr co'a doce vida.*

Camões.

**Anacolutia** é a interrupção e mudança da construção já começada, por outra de nexo diferente :

*Eu que cair não pude neste engano,  
ENCHERAM-ME com grandes abundâncias.  
O peito de desejos e esperanças*

Camões.

*Oh ! tu, nós outros te AVISAMOS.* Idem.

Os TRES REIS ORIENTAES que vieram adorar o filho de Deus recemnascido em Belem é tradição da igreja que um era preto.

Vieira.

Entre as varias figuras—conhecidas pelo nome de *figuras de estilo*—proprias para ornar o pensamento e deleitar o asunto, se pôdem enumerar :

*Anafóra*, é a repetição de uma palavra no começo de orações consecutivas : *tudo passa, tudo esquece, tudo morre.*

*Anadiplose*, é a repetição, no começo de uma oração, de uma palavra com que terminou a oração anterior : *Com os olhos lhe acendi no peito o fogo, o fogo que sempre ardeu e ainda arde agora.* (A. Ferreira.)

*Asindeto*, é a supressão de conjunções entre orações ou partes de orações : *A chuva, a neve, o vento, a tempestade.* (Durão).

*Clínax* ou *gradação*, é a repetição de termos, fazendo passar a ultima palavra de uma oração para primeira palavra da segunda oração, a ultima da segunda para primeira da terceira e assim por diante : *Da perda nasce o CONHECIMENTO; do CONHECIMENTO a ESTIMAÇÃO; da ESTIMAÇÃO a dôr.* (Vieira).

*Díacope* ou *separação* é a repetição de uma palavra, pondo outra ou outras de perneio : *DAI velas, disse, DAU ao largo vento.* (Camões).

*Epizeuxa* ou *reduplicação*, é a repetição de uma palavra seguidamente : *Mercúrio disse: FUGE, FUGE, Lusitano.*

*Epistrofe*, é a repetição de uma ou algumas palavras no fim de varias orações : *Tudo acaba com a MORTE e tudo se acaba com a MORTE, até mesmo a MORTE.* (Vieira).

*Epanalepse*, é a repetição de uma palavra no começo e no fim da mesma frase : *TROVEJA mortes, damnos TROVEJA.*

*Epanodos*, é o emprego de varias palavras que se retomam passo a passo para desenvolver a idéa contida em cada uma d'ellas : *A prudencia é filha do TEMPO e da RAZÃO; da RAZÃO pelo discurso, do TEMPO pela experiência.* (Vieira).

*Poliptoto*, é a repetição de palavras com fórmula grammatical diferente : *A LANÇA A LANÇA oppōem, o PEITO AO GETO.*

*Polisindeto*, é a repetição de conjunções : *Suspīra e chora e cansa e gème e súa.* (A. Ferreira).

*Simploce*, é a repetição de palavras no começo e no fim de orações seguidas : *QUE FAZ o lavrador? BUSCA PÃO. QUE FAZ o soldado? BUSCA PÃO. QUE FAZ o navegador? BUSCA PÃO.*



### XIII

#### Alterações grammaticaes e lexeologicas

I

As alterações que as linguas soffrem são de duas especies : grammaticaes e lexeologicas.

As grammaticaes subdividem-se em phoneticas, morphologicas e sintaticas.

As alterações phoneticas consistem não só na mudança que soffre a pronuncia das palavras pela falta de instrução do povo, como tambem na mudança que soffrem as palavras na passagem do Latin ou de outra qualquer lingua para o Portuguez.

Do 1.<sup>o</sup> caso podemos contar :

antiado—enteado	diecese—diocese
blazão—brazão	quarar—corar
coresma—quaresma	zanolho—zarolho

Do 2.<sup>o</sup> caso temos a mudança do *e* em *i* : *tecum*, *tigo* ; *au* em *ou*, *oi* : *causa*, *cousa*, *coisa* ; suppressão da vogal inicial : *Olisipona*, *Lisbôa* etc. e os mais de que tratámos especialmente a pags. 111 e seguintes.

As alterações morphologicas são produzidas por analogia—tendencia que têm as linguas para reduzir a tipos unicos o maior numero possivel de palavras :

— *jouve*, antigo particípio de *jazer*, analogo a *houve*, *soube* etc.

Por analogia as creanças pronunciam *dizi* por *disse*, *fazi* por *fiz*, *trazi* por *trouxe*.

As alterações sintaticas dependem das alterações morphologicas.

Chamam-se alterações sintaticas as mudanças que soffre a lingua nos varios periodos de sua existencia. Altera-se a forma, sem se alterarem as relações entre as palavras.

Assim : a perda dos casos modifica a forma da sintaxe correspondente.

Notamos, por exemplo : No seculo 16.<sup>o</sup> o emprego do verbo *começar* seguido da preposição *a* e *de* é mesmo sem preposição ; o emprego da preposição *em* antes do gerundio, substituida por *logo que* : *Em amanhecendo*, por *logo que amanheça* ; *lhe* por *lhes* ; *sem sabendo* ; o uso do partitivo : *semeia do junc*.

E' o que geralmente se denomina tipos divergentes sintaticos que podem aparecer numa mesma epoca da existencia da lingua.

Existem conjuntamente as formas : *O rebanho de ovelhas foi* ou *foram* ; *mandou lér* e *mandou que lesse* ; *mais que* e *mais do que* ; *saber tudo* e *saber de tudo*, etc.

II

As alterações lexeologicas consistem no arcaismo e no neologismo.

«A luta do arcaísmo e do neologismo, a oscilação no uso ou desuso de uma palavra é um dos phenomenos mais interessantes a estudar na vida literaria duma lingua e que nos faz compreender como esta não pode considerar-se nunca fixada.» (Ad. Coelho).

As linguas se alteram no espaço e no tempo tendo de passar pela fase moderna e pela arcaica, sujeitando-a às variedades dialectaes.

**Arcaísmo** é a palavra ou construção que deixou de ser usada na lingua.

As causas do desaparecimento das palavras são multiplas.

A mais simples e commum é o desaparecimento da palavra pelo desaparecimento da pessoa ou objecto que ella significava : *adail, almotacel, alcaide, polé*.

Podemos considerar mais como causa dos arcaismos o sentido obsceno ou torpe que por corrupção adquire uma palavra :—*chifre* ou *ponta*, *feder*, *rabo*.

A sinonimia tambem concorre para o arcaismo : *Substantivos e adjectivos* : *hereu*, herdeiro ; *lidimo*, legitimo ; *cuidança*, cuidado ; *segre*, seculo ; *sofrença*, sofrimento ; *avenga* (vivo em desavença), concordia ; *arteirice*, astucia.

*Verbos* : *endurentar*, endurecer ; *britar*, quebrar ; *attender*, esperar ; *emprir*, encher ; *geitar* (vivo em rejeitar, sujeitar), lançar.

*Particulas* : *adur*, apénas ; *ajuso*, baixo ; *entonces*, então ; *aramá*, em má hora ; *samicas*, por ventura ; *car*, porque.

Entre os arcaismos de construção se pódem citar : *começou dizer, uma peça de tempo, fazer uma demanda* (pergunta).

As palavras tornam-se arcaicas da seguinte maneira : «Uma geração de homens em um momento dado começa a abandonar tal palavra, a idéa que ella significa sendo representada por uma outra palavra, a geração seguinte conhece-la á menos ainda e um momento virá em que ella não é mais conhecida senão dos velhos que, por sua vez, a levaram para o tumulo.

E' desta maneira que desaparecem as linguas ; assim o *Cornico*, dialecto bretão que florescera em Cornouailles desapareceu com a ultima mulher que o falava, no anno de 1821. (Darmesteter).

**Neologismo** é a palavra nova que começa a ser usada numa lingua. Tambem pôde consistir em sentidos novos dados a palavras já usadas na lingua.

« Para as descobrimentos modernos das sciencias, para os inventos com que as artes se vão enriquecendo em nossos

dias, claro está que não pôde suprir o vocabulario dos nossos avoengos, que não eram prophetas.

Novos factos, novos instrumentos, novos productos, só por termos novos se podem exprimir. » (Castilho).

Ha, pois, duas especies de neologismos : *neologismo de palavra* e *neologismo de significação*, isto é, palavras novas e sentidos novos.

O neologismo pôde ser tirado de elementos proprios da lingua, pôde ser formado de linguas estrangeiras pelas combinações dessas linguas e pôde ser finalmente introduzido de outras linguas modernas. (Ad. Coelho.)

São *neologismos de palavras* :

Do 1.º caso : *carambolar, bilontra, praeiro, setembristas, telephonar, revolvear*.

Do 2.º caso : *barometro, telegrapho, termometro* (grego), *kermesse* (hollandez), *caroba* (tupi).

A formação destas palavras, como já vimos, dá nascimento, ás vezes, ao *hbridismo*. (Vide pag 125.)

Do 3.º caso, os neologismos franceses :—*bouquet, soirée, matinée, adresse, atelier*.

Neologismos ingleses :—*club, whist, jury, rail*.

Italianos :—*soneto, allegro*, etc.

O emprego desses neologismos que ainda não estão consagrados pelo uso, dá lugar ao vicio que, conforme a origem, tem o nome de gallicismo, hellenisimo, anglicismo, etc. de que particularmente trataremos.

São *neologismos de significação* os *tropos* cujos principaes são : *metaphora, sinedoche e metonimia*.

METAPHORA é o tropo em virtude do qual uma palavra perde sua significação para tomar uma outra figurada.

Aproxima dois objectos materiaes—*serra* (montanha), *serra* (instrumento) ; ou um facto moral e intellectual de um facto material a que dá nome : *ceder a alguém e uma porta cedeu á pressão*.

Exprime idéas abstratas por nomes de objectos

concretos : *saber* (ter conhecimento) e *saber* (gostar) ; *pesar motivos* e *pesar uma arroba de carne*.

SINÉDOCHE é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que a abrange ou é abrangida por ella.

Emprega o genero pela especie e vice-versa—*confissão* no sentido de *confissão religiosa*, homem no sentido da *humanidade*; o plural pelo singular e vice versa—as *santas escrituras* por *um livro das santas escrituras*; *proteger o orfam* por *os orfams*; o todo pela parte e vice-versa—*um quadro* pelo *assunto que o quadro representa*; *uma vela* por *um navio*; o nome appellativo pelo proprio—*o imperador* por *D. Pedro 2.<sup>º</sup>*; *um Judas* por *um traidor*.

METONIMIA é o tropo em virtude do qual se emprega uma palavra por outra que com ella tem relação de connexão ou sucessão.

Emprega a causa pelo effeito e vice-versa—*o trabalho* por *a acção de trabalhar*; *ganhar a vida* por *ganhar os meios de vida*; *não ter sombra* por *não ter arvore*; o continente pelo conteúdo e vice-versa; *a escola* por *o edificio em que a escola funciona*; o lugar pelo producto—*beber Champagne* por *beber o vinho feito em Champagne*; o signal pela cousa significada e vice-versa—*o thróno* e *o altar* por *a realeza e a igreja*; o nome abstrato pelo concreto—*fazer caridade* por *fazer actos de caridade*; o inventor pelo invento e o autor pelas obras—*um Victor Mereilles* por *um quadro de Victor Meirelles*; *lér Camões* por *lér as obras de Camões*.

Ao dr. Castro Lopes devemos muitos neologismos :

<i>Convescote</i>	em lugar de	<i>Pic-nic</i>
<i>Preconicio</i>	“	“ <i>Reclame</i> .
<i>Concião</i>	“	“ <i>Meeting</i> .
<i>Nasoculos</i>	“	“ <i>Pince-nez</i> .

O neologismo, diz Arsène Darmesteter, é uma planta que para viver deve firmar suas raízes no maior numero possível de espíritos. Uma vez adotados pelo uso geral, os neologismos têm direito de cidade ; as metaphoras se consagram e ninguém as pode mudar.

E' preciso que a palavra seja necessaria na circunstância dada e que seja a expressão mais nitida e forte da idéa a representar. Nestas condições merece durar e durará ; é por audacias similhantes que os nossos grandes escritores enriqueceram a lingua.



conforme têm origem no francez, latim, allemão grego, inglez, etc.

Destes os mais empregados no Portuguez são os *gallicismos* e os *latinismos*.

Os gallicismos pôdem ser *lexicos* e *sintaticos*.

**Lexicos**, os que se referem ao emprego desnecessario de palavras francesas :— *bouquet* (ramalhete); *comité* (sociedade, junta, comissão); *chefe d'obra* (obra prima); *toilette* (toucador); *bonomia* (sinceridade, ingenuidade, bondade); *complacente* (obsequioso, attento); *deboche* (devassidão); *desabilhado* (desataviado); *étagère* (prateleira, cantoneira); *constatar* (comprovar, documentar); *successo* (triumphio, bom exito); *detalhe* (minudencias, pormenores); *aclimatar* (aclinar); *debutar* (estreiar).

Para substituir alguns gallicismos o dr. Castro Lopes apresentou palavras formadas regularmente na propria língua ou com o fundo latino :

<i>Avalanche</i> —runimol.	<i>Cachinez</i> —focale.
<i>Menu</i> —chardapio.	<i>Enveloppe</i> —sobre carta.
<i>Abat jour</i> —luciveló.	<i>Rôle de chambre</i> —rocló.
<i>Recueil</i> —convescote.	<i>Calembourg</i> —ancverbio.
<i>Carnet</i> —choribel.	<i>Matinée</i> —festimana.

**Sintaticos**, os que se referem ao emprego desnecessario de construções francesas.

Os mais notaveis são os seguintes, referidos no *Glossario* de Francisco de S. Luiz :

O uso da preposição *a*—por—*de* : *desprezo ás formalidades legaes*—por—*desprezo das formalidades legaes*; *ameaçado a perder a vida*—por—*ameaçado de perder a vida*

O uso da preposição *de* : *vêr se obrigado até de implorar a desgraça*—por—*vêr se obrigado até a implorar*; *ordenou de fazer a fortaleza*—por—*ordenou que fizessem*.

#### XIV

#### Vicios de linguagem

##### I

**Vicios de linguagem** são certos modos de dizer contrarios ás leis da grammatica.

Estes vicios se dão relativamente á construção da frase, e tambem relativamente á bona harmonia.

São causas destes vicios a ignorancia do povo, e o pedantismo e pouco escrupulo dos escritores.

São vicios de construção os *solecismos* e os *barbarismos*.

**Solecismo** é o vicio resultante da construção errada e má da frase: *HOUVERAM mortes*—por—*HOUVE mortes*; *tu SOIS*—por—*tu ÉS*; *PERCA*—por—*PÉRDA*; *HADES*—por—*HAS DE*; *não partas sem EU*—por—*sem MIM*; *sou eu quem DIGO*—por—*quem DIZ*; *ninguem NÃO fala*—por—*ninguem fala*.

A palavra *solecismo* é derivada de Soles, colonia ateniense na Sicilia, onde os habitantes corromperam tanto a lingua que a expressão :—*falar como um habitante de Soles*—era o mesmo que commeter um erro de grammatica (Barata).

**Barbarismo** é o vicio que consiste no emprego desnecessario de palavras ou frases tiradas de outras linguas.

Os barbarismos tomam o nome de *gallicismos*, *latinismos*, *germanismos*, *hellenismos*, *anglicismos* etc.

O uso da preposição *por* : *juramento de fidelidade pelo principe* — *por-juramento de fidelidade ao principe*; *inclinação pelas letras* — *por-inclinação ás letras*.

O uso da preposição *em* : *falar em philosopho* — *por-falar como philosopho*; *disse em mim mesmo* — *por-disse commigo mesmo*; *movel em castanho, imagem em barro, vestido em seda* — *por-movel de castanho, imagem de barro etc.*

O uso da preposição *sobre* : — *tribunal fundado sobre o modelo dos tribunaes do Egypto* — *por-segundo a forma, conforme o modelo*; *ganhar terreno sobre o inimigo* — *por-ganhar terreno ao inimigo*.

O abuso do emprego dos pronomes pessoaes antes dos verbos :

*Si eu conseguir o que eu desejo eu ficarei contente.*

O emprego de frases como : *abordar uma questão* — *por-abeirar-se d'ella, toca-la de leve, e outras similhanteras.*

**Latinismo** é o emprego desnecessario de palavras ou construções latinas.

São, portanto, *lexicos* e *sintaticos*.

Entre os latinismos LEXICOS podemos contar :

*Gleba por torrão.*

*Incapilado por calvo.*

*Jugular por degolar.*

*Mesmeidade por identidade.*

*Temulento por embriagado.*

Os latinismos SINTATICOS consistem nas inversões pouco comprehensíveis das palavras na oração ; como nos muito conhecidos versos de Mousinho :

*Entre todos com o dedo eras notado*

*Lindos moços de Arzilla em galhardia.*

Era commun essa inversão no seculo 16.

II

Os vicios referentes á bôa harmonia das palavras na frase são :

**Cacophato** ou **cacophonía** é o vicio resultante do concurso de sillabas que fórmam um termo rude ou obsceno :

*ALMA MINHA gentil que te partiste.*

*Sonetos.* Camões.

*Quem ME JÁ déra.* J. F. de Castilho.

**Hiato**, consiste no concurso de vozes iguaes, principalmente abertas :

*Mandou o aio á aula.*

**Eco**, consiste no concurso de sons identicos :  
*De longe venho porque tenho empenho.*

**Collisão**, consiste no concurso de sons asperos ou sibilantes, como : *rr, ss, zz.*

*Raivoso o rato roia  
O rabo do rodovalho,  
E Rita Rosa Ramalho  
Do rato roer se ria.*

Popular

*De modo que d'ali si só se achara.*

Camões

*Zunindo as azas azues.*



*em lugar de verdade a mentira, com bandeira de paz,  
guerra, com capa de ZELO, ZELOS.*

Além destes casos ha certos modos de falar usados commummente na lingua que se pôdem classificar de idiotismos :

*Não cair por um triz. Está na tua mão minha felicidade. Dada que foi a occasião. Tomar a peito. E muito do meu agrado. Desgraçado de mim. Eu é que disse.*

II

XV

## Idiotismos

### I

**Idiotismos** são factos peculiares a uma lingua. Muitas vezes os idiotismos não são susceptiveis de analize pelos preceitos grammaticaes. São anomalias sintaticas.

Há fenomenos de linguagem que se conservam fóra do dominio da grammatica. (Sweet.)

Podemos enumerar como idiotismos portuguezes : O uso do infinitivo pessoal ; o emprego do artigo antes dos adjectivos possessivos ; a locução *eu parece-me* e similhantes em lugar de *quanto a mim parece* etc., autorizada por Camões :

*EU que cair não pude neste engano  
ENCHERAM ME com grandes abundanças  
O peito de desejos é espérâncias.*

e empregada por Garrett, citado por Eustachio da Veiga :

*A's apalpadelas quanto aos periodos EU PARECE-ME.*

E' tambem idiotismo o emprego do plural de certos nomes com significação diferente do singular :—*liberdade, liberdades ; graça, graças* etc.

Disse Vieira : *Si confiardes nos homens achareis*

**Provincialismos** são certos vicios especiaes a algumas provincias.

No Pará onde a pronuncia é muito a castelhana da, ha o vicio da troca do ô por u : *Canua, pupa* etc. por *canôa, pôpa*.

Os Maranhenses tambem dizem : *murrer, currer, churar*.

No Rio de Janeiro há o vicio portuguez de dizer-se : *inclinô* por *inquilíno* ; *imp'rador*, *ex'llencia*, *imp'rial*.

Em S. Paulo as sillabas são pronunciadas abertamente ; o lh não sôa na pronuncia : *teiado, mijo* por *telhado, milho*.

Relativamente a Portugal notamos :

Em Lisbôa o s final tem o som de x : *Achastex e tumaxtex extex custumex la por ondandaxtex* ; e pronunciam tambem : *tod'ó dia, menza*.

No Porto pronunciam : *cravão, baim, laite, bajjo*.

Na Beira dão ao ch o som de tch : *A tchave de tchumbo caiu no tehão*.

Costumam tambem, como diz Soares Barbosa, juntar um i ao o fechado ; *coive, oivir* em lugar de *couve, ouvir*, e mudam o b pelo v e vice-versa como os Minhotos.

Para maior elucidação deste ponto consulte-se o *Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, por um brasileiro. (Paranhos da Silva).

**Brasileirismos** são modos de falar peculiares aos brasileiros; pôdem se dar não só nas palavras como nas frases.

Os 1.<sup>os</sup>, chamados *lexicos*, referem-se aos termos de origem tupi-guarani, africana e proprios do Brasil.

Podemos enumerar :

#### VOCABULOS BRASILEIROS

<i>Arrelia</i> —birra	<i>Jacá</i> —cesto
<i>Aipim</i> —mandioca	<i>Muxoro</i> —estalo com os labios
<i>Amolar</i> —enfadear	<i>Pereba</i> —feridinha
<i>Cuia</i> —vasilha	<i>Quicé</i> —faca pequena
<i>Cogote</i> —cachaço	<i>Temero</i> —temerario

#### VOCABULOS TUPIS GUARANIS

<i>Capim</i> —herba	<i>Jacaré</i> —reptil
<i>Caipora</i> —ser fantastico	<i>Pucuman</i> —fuligem
<i>Goiaba</i> —fruta	<i>Taba</i> —aldeia.

#### VOCABULOS AFRICANOS

<i>Batuqué</i> —dansa	<i>Muxinga</i> —açouete
<i>Carimbo</i> —marca, signal	<i>Quijila</i> —antipathia
<i>Malungo</i> —companheiro	<i>Senzala</i> —choupana para escravos

A segunda classe dos brasileirismos é a dos chamados *sintaticos*.

Entre os mais notaveis podemos citar os modos de dizer do povo :

*Beber um trago de aguardente.*

*Levar taboca ou de táboa* (não conseguir o que deseja).

*Tomar chá com alguém* (zombar).

*Bater a bota ou esticar a canella* (morrer).

*Crescer para* (agredir).

*Cigarrar* (fumar—em Minas).

*Cascar um boi* (esfoliar—no Ceará).

*Melar* (derrubar uma arvore para tirar o mel do cortiço,—na Bahia).

*Havia um despotismo de gente* (quantidade)

*Um par de laranjas* (quantidade—S. Paulo).

*Já estava lá velho* (tempo).

*Elles estão fala falando.* (Norte).

O uso da preposição *em* quando o portuguez emprega *a* : *Andar no sol*—*Andar ao sol*.

O uso do gerundio pelo infinitivo : *Saiu a correr*—*Saiu correndo*.

*Emprestar de alguém*—em lugar de *tomar emprestado* ou *pedir emprestado*, usado em S. Paulo, Minas e Matto Grosso.

A construção : *O homem que estive com elle*—por—*com que* etc.

E' construção popular dos Portuguezes. No *Auto da Ave Maria* de Antonio Prestes se encontra o seguinte : *Sempre nestes choupos ha um rato que o queijo é d'elle.* (Revista Lusitana).

O emprego do pronome *lhe* como objectivo : *Amo-lhe* por *amo-o* (Norte).

A anteposição indebita dos pronomes complementos : *Me disse* por *disse-me*.

A regencia *para mim, para ti* : *Para mim ver por para eu ver* (Sul).

A preferencia das construções : *Estou com fome, estou com sede.*

O emprego da preposição *em* por *a* : *Chegou na janella* por *che gou á janella*. *Vou na loja* por *vou á loja*.

São essas as variantes que cada vez mais profundamente vão cavando o sulco que separa a lingua portugueza da falada no Brasil, fazendo crer formar esta um dialecto.

## PONTUAÇÃO

**Pontuação** é o conjunto de signaes cu simbolos que auxiliam o sentido do discurso, quando reduzido a escrito

Determinada principalmente pela respiração de quem lê ou, como quer Cicero, originada pela necessidade de se tomar folego, não pôde estar sujeita a regras rigorosas ; antes o arbitrio reina muitas vezes como soberano.

«E' a pontuação parte mui capital da orthographia, e corre ainda mais sem regra, que a propria escrita dos vocabulos, affirma-o Castilho.

« Quantos escritores, tantos os sistemas de pontuação ; não digo tudo : o mesmo escritor, em dias diversos, e até no mesmo dia, na mesma hora, e na mesma pagina, e recopilando o mesmo periodo, pontuará diversamente.»

*Os signaes de pontuação*, tambem chamados *notações sintaticas*, são : *virgula, ponto e virgula, dois pontos, ponto e aliena* que determinam as divisões da parte do discurso ; *pontos de reticencia, ponto de interrogação e ponto de admiracão* que exprimem movimentos d'alma ; *hiphen, aspas, parentese* que se destinam á clareza dos manuscritos.

*Nota.* As regras sobre a pontuação foram deduzidas da GRAMMATICA PORTUGUEZA de Jodo Ribeiro que, por sua vez, declara ter seguido para seu desenvolvimento a GRAMMATICA de Delboeuf e Roersck.

**A virgula** emprega-se :

1.<sup>o</sup> Para separar os termos de uma serie, ainda quando ligados por conjunção, excepto—e—: *Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.*

2.<sup>o</sup> Para separar o sujeito do verbo, quando aquele é estenso : *O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.*

Esta regra não é absoluta. Por motivo identico pódem ser separados os adjuntos não essenciaes : *O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de Agosto de 1850, em uma terça-feira.*

3.<sup>o</sup> Nas inversões : *Dos homens de má fé, não quero ocupar-me.*

4.<sup>o</sup> Quando a proposição é elíptica : *A verdade é clara ; a mentira, escura.*

Collocam-se entre duas virgulas :

1.<sup>o</sup> A apostrofe, a invocação e as incidentes absolutas :

*Tu, ó Catilina, conjuraste.*

*Vinde, Senhor, socorrer os pobres.*

*A vida, disse Bias, é um fardo.*

2.<sup>o</sup> As intercaladas ou clausulas adjetivas quando são explicativas : *Napoleão, o primeiro, venceu a Europa. O sol, que tudo alumia, tambem alumia as choupanas.*

Quando forem restritivas levam apenas uma virgula : *O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.*

**O ponto e virgula** emprega-se :

1.<sup>o</sup> Para marcar series de series e oposição de idéias :

*Amor, indifferença ; odio, respeito ; veneração e culto ; sobriedade, abstinencia e moderação.*

*A riqueza que se herda, dura pouco ; a riqueza que se adquire, é mais estavel.*

2.<sup>o</sup> Para separar as proposições coordenadas estensas : *O jornal é um producto de civilização moder-*

*na ; dá as noticias de todos os pontos do globo ; guia e fortalece a opinião publica.*

**Os dois pontos** empregam-se :

Antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento : *As virtudes theologae são tres ; Fé, Esperança e Caridade.*

**O ponto** emprega-se :

No fim do periodo para indicar o sentido concluido.

**A alinea** emprega-se :

Para distinguir os diversos grupos de idéias do assunto. Consiste em mudar a escrita para linhas novas quando os factos são distintos :

*Trataremos de tres estudos :*

*1.<sup>o</sup> Da psychologia.*

*2.<sup>o</sup> Da logica.*

*3.<sup>o</sup> Da moral.*

**As reticencias** empregam-se :

Quando o pensamento é interrompido em meio da frase :

*Mas morra, enfim, nas mãos das brutas gentes  
Que pois eu fui . . . E nisto de mimosa  
O rosto banha em lagrimas ardentes.*

**O ponto de interrogação** emprega-se :

No fim de uma interrogação, excepto no discurso indireto :

*Queres ir ?*

*Perguntado quem era, respondeu que era um prelado.*

**O ponto de admiração** emprega-se :

No fim de uma exclamação :

*O gloria de mandar, ó vã cubica*

*Desta vaidade a que chamamos fama !*

Alguns escritores costumam empregar invertidos,

no começo da oração que vai interrogar ou exclamar, os signaes de interrogação ou admiração :

*Que cousa é a gloria ? i Como és bella !*

**O hiphen** emprega-se :

1.º Para separar sillabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos do palavras :

*A-mi-za-de.*

*Contra-mestre.*

*Dir-te-ei.*

*A velhice—periodo de desengano—tem a sabedoria da experiencia.*

2.º Com maiores dimensões, para indicar a frase de um interlocutor :

*—Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.*

**O parentese** emprega-se :

Para separar uma proposição intercalada que não mantem relações sintáticas com a frase :

*Eu só com meus vassalos e com esta*

*(E dizendo isto arranca meia espada.)*

**As aspas** empregam-se :

Para indicar um trecho citado, quando é textual, isto é, quando se citam as proprias palavras do autor : *Os Lusiadas* começam por este verso :

*«As armas e os barões assinalados.»*

## APENDICE

## Exercícios de redação

### CARTAS

#### I

João escreve a Luiz dizendo que lhe remete o livro (Grammatica, Geographia, Historia) que lhe fôra emprestado e agradece o favor.

#### II

Marcos escreve a seu amigo participando que chegou de uma viagem sem ninguem esperar e não pôde fazer uma surpreza com sua visita. Pede desculpa e convida-o para aparecer á noite.

#### III

José escreve a seu primo pedindo desculpas da grosseria que lhe fizéra na aula, levado por conselhos de máus amigos. Pede o esquecimento da offensa.

#### IV

Francisco escreve a seu collega para não saír á noite, pois precisa falar-lhe para pedir que explique um problema difficult de Arithmetica.

#### V

Mario communica a seu collega e amigo haver no dia (indicar o dia) uma reunião (dar o motivo da reunião) e convida-o para comparecer. Mostrar a contrariedade que lhe causa o seu não comparecimento.

VI

Pedro escreve a seu pai sentindo estar ausente (na collegio, fóra da cidade etc.) e felicita-o pelo anno novo prometendo estudar muito e ser bem comportado.

VII

Antonio escreve a sua māi dando noticias da vida do collegio, e dizendo-lhe estar com muitas saudades.

VIII

Bernardo escreve a seu avô participando-lhe que foi aprovado no exame. Contar os factos principaes do exame; o medo; a alegria do bom resultado.

Pede uma recompensa de seus estudos, comportamento e obediencia.

IX

Carlos escreve a um amigo participando-lhe que vai passar as férias no engenho do pai. Referir-se ao cannavial, animaes, ar puro, gente do campo etc.

Convida-o para acompanhá-lo a passar com elle esse tempo.

X

Alfredo escreve a Pedro pedindo desculpas de não lhe ter escrito por estar doente. Narrar o curso da molestia, o medico, e referir que vai recuperar a saúde no campo.

XI

Luiz teve noticia da nomeação de Carlos (indicar a nomeação.) Dá-lhe parabens, principalmente pela figura que elle fez no concurso a que se submetteu.

Elogia as qualidades do amigo e promete no dia seguinte dar-lhe pessoalmente os parabens.

XII

José escreve a seu amigo pedindo uma esmola para uma familia cujo chefe morreu. Descrever o estado de mi-

seria da familia, cheia de filhos pequenos; lembrar-lhe que é um acto de caridade e elogiar o coração generoso e as boas qualidades do amigo.

XIII

João escreve a José dando-lhe os pezames pela morte de seu pai. Envia-lhe palavras de consolo.

XIV

Um amigo escreve a outro pedindo um emprego para sustentar seu pai que, velho, não pode trabalhar.

XV

Antonio escreve a seu mestre participando que se vai matricular na Academia. Agradece o trabalho que lhe dera no collegio e as lições recebidas.

XVI

Alexandre pede conselhos a um amigo para poder se dirigir bem num negocio que vai empreender.

NOTA— A todas estas cartas serão dadas as respostas: agradecendo o favor, satisfazendo ou não o pedido, aceitando ou não o convite etc.

Compete ao professor desenvolve-las, conforme o adiantamento do estudante.



rece a pouco e pouco o sol; os passaros cantam; os animaes saem do curral; o lavrador sai para o campo; tudo se agita e trabalha.

V

TEMPESTADE

Nuvens carregadas; ar abafado; arvores vergadas pelo vento que sopra com violencia; folhas caem no chão e voam; os animaes procuram abrigo; os barcos navegam em direção ao porto; ha tristeza e medo em tudo; prejuizos causados pela tempestade.

VI

SALA DE AULA

Dizer os objectos que ahi se encontram e o seu uso.

VII

O BOM MENINO

Conducta na rua, procedimento de um menino bem educado.

VIII

O MAR

As ondas se movem brandamente e vêm beijar a praia. Mas o vento se enfurece e luta com o mar que eleva suas vagas parecendo montanhas líquidas. Os barcos, jangadas e grandes navios brincam á flôr d'água e levam a riqueza e a vida a varios pontos do globo.

IX

UM JOGO ESCOLAR

Dizer as peripécias de um jogo, como : a cabra-cega, os quatro cantos, o foot-ball ou qualquer outro conhecido.

Descrições

I

INCENDIO

Ouvem-se apitos; o povo corre; labaredas saem de uma casa; a Companhia de Bombeiros começa o serviço; uma mulher numa janella péde socorro; o que faz um bombeiro; a mulher é salva; a casa fica reduzida a cinzas.

II

NAUFRAGIO

Dia escuro; nuvens carregadas; vento rijo; o navio parece uma casca de noz no meio do mar; estoura a machina; o navio está quasi perdido; procedimento do capitão e dos marinheiros; choros, gritos; um vapor salva alguns passageiros que sabiam nadar.

III

DIA DE NATAL

Alegria em toda parte; a festa no campo; o que commemora a festa; reuniões dansantes; como se diverte o povo.

IV

NASCER DO SOL

Terminou o reinado das trevas; amanhece; pequena claridade; o horizonte vermelho; aumenta a claridade; apa-

X

O BOM FILHO

Deveres do bom filho. Amor, carinho e dedicação para seus pais a quem deve tudo na vida.

XI

UMA CAPELLINHA

Alva e muito limpa; um pequeno sino que chama os fieis á oração. O crucifixo brilha no alto do altar-mór. Uma mulher, ajoelhada, reza.

XII

UMA MEZA DE JANTAR

A toalha muito branca convida á refeição. Flôres, jarras, talheres limpos, tudo em ordem denota o cuidado da dona da casa.

Narrações

I

A CIGARRA E A FORMIGA

A cigarra canta todo o verão e não trabalha: no inverno fica sem comida; pede uma esmola á formiga que lhe nega. (Analize o procedimento de uma e de outra).

II

XI  
A NÓZ

Dois amigos brigavam por causa de uma nóz, que tinham encontrado.

Um outro passando resolveu a dúvida; partiu a nóz, deu metade da casca a um, metade ao outro, e comeu o miolo.

(Explique a inconveniencia da falta de harmonia e mostre os prejuizos da desunião).

III

UM BURRO

Um burro, carregado, caiu num rio e salvou-se porque o sal se dissolveu. De outra vez, vindo carregado de esponjas deixou-se cair de propósito e morreu porque as esponjas ficaram mais pesadas. (Mostrar os prejuizos que pôde trazer a ignorância).

IV

MENINO DESOBEDIENTE

Trepou um menino numa arvore contra a vontade do pai; distraiu-se; quebrou-se um galho; elle caiu e quebrou uma perna. (Resultado da audacia e da desobediencia).

V

O VELHO E OS FILHOS

Um velho estava para morrer; chamou os filhos; mandou que elles partissem um grosso feixe de varas; nenhum poude; o velho, então, foi quebrando as varas uma a uma para mostrar que si os filhos fossem juntos e unidos esriam sempre fortes. (Explicar o preceito: A união faz a força).

VI

Contar a historia de um menino distraido.

VII

Contar a historia de um menino guloso.

VIII

Descrever um livro dizendo o numero de folhas, o assunto, suas divisões principaes, sua utilidade etc.

IX

Narrar, por escrito, apóz a explicação do professor, a historia do—Ovo de Colombo—

X

Idem do Pequeno Pollegar.

XI

Idem de Caramurú.

XII

Idem do Barba-azul.

XIII

Historia da fidelidade de um cão.

XIV

Historia de uma acção heroica.

XV

Inventar uma historia para explicar qualquer um proverbio como :

Palavra é prata, silencio é ouro.  
Em boca fechada não entra mosca.  
Mas vale um passaro na mão que dois voando.  
A justiça deve começar por casa.  
De grão em grão a gallinha enche o papo.  
Roma não se fez num dia etc. etc. etc.



Origem da lingua portugueza: o Latim.

A lingua portugueza pertence á classe das linguas indo-europeás e ao ramo itálico.

A's linguas deste ramo dá-se o nome de novo-latinas ou romanicas e sobre as populações que as constituem, todos estão de acordo, que resultaram de uma mistura intima de elementos mais ou menos heterogeneos, e jamais pôdem ser comparadas ás raças germanica, slava etc., affirma-nos Adolpho Coelho.

Os primeiros habitantes da Espanha foram, segundo opinião geral, os iberos, de origem misteriosa.

Os segundos não se pôde bem determinar, ainda que alguns julguem que foram os persas.

Apóz, como diz Strabão, vieram os fenicios.

Depois os celtas se espalharam por todo o espaço aquem dos Pirineus, constituindo nô centro que podessem ter alguma força, porem tribus fraccionadas e numerosas, segundo os habitos da vida barbara.

Entre 700 e 900 antes de Jesus Christo ocuparam os gregos grande parte da Espanha e mantiveram estreitas relações com a peninsula.

D'ahi vem o alfabeto phenicio comunicado pelos gregos.

No anno 238 antes de Christo a familia carthaginéza dos Barcas dominou na Espanha para aquem do rio Ebro, não indo mais além a conquista, pelo tratado que os Romanos fizeram com Asdrubal. A quebra do tratado de paz por Annibal levou os romanos á Espanha, sob o commando de Cneu Scipião e Publio Scipião que, apóz alguns incidentes de guerra, estabeleceram definitivamente a influencia dos romanos na Iberia.

Dois séculos de guerra foram necessarios, porém, para que a Espanha soffresse completa sujeição.

Exemplos de valente resistencia nos dão Viriato e Sertorio.

Tendo, pois, os romanos tomado e saqueado diversas cidades, degollado e vendido como escravos muitos dos seus habitantes, era natural que tivessem romanizado aquella região, porque seus habitantes eram homens simples, sem uma civilização consistente e capaz de lutar com a romana.

Perderam, assim, seus usos e costumes e conseguintemente sua lingua, o que logo começou a verificar-se, como informa Strabão, quando diz que os turdetanos, principalmente os que estacionavam junto ao rio Betis, haviam tomado em tudo os costumes romanos, e que os mais d'elles, *esquecidos de sua lingua vernacula, se haviam feito latinos.*

A lingua latina popular com facilidade se espalhou, como já o fizera em outras terras conquistadas.

Quando os godos entraram na Espanha nenhuma diferença havia entre iberos e romanos; antes, adotados por aquelles, os costumes, a religião e a lingua destes, foram todos considerados romanos nas leis promulgadas pelos novos invasores para reger a Espanha visigotica (Leoni).

O grande segredo da política romana residia na perfeição de seu modo de colonização. Quando uma província era conquistada empregavam dois meios para conservá-la: o meio militar consistia em cercar a porção conquistada por meio de legiões collocadas á fronteira; uma vez isolado o paiz conquistado de toda a influencia exterior, instituiam no interior uma administração energica que esmagava em pouco tempo as resistências locaes, impunham aos vencidos a lingua e a religião dos vencedores, exterminavam ás portas fechadas e vendiam os recalcitrantes, que eram substituídos por colonos ou libertos vindos de Roma. (Aug. Brachet).

Rota, sacudindo da península ibérica o domínio cartaginês, deu-lhe organização regular e consolidou o seu senhorio pela introdução da propria linguagem; as migrações recresceram á proporção que mais rareavam os indígenas na peleja.

As conquistas por mais sanguinolentas que sejam, permitem sempre o cruzamento, e acrece que celtas, celtiberos e turdetanos identificaram-se com os conquistadores na sua nacionalidade, as raças juxtaposseram-se gradualmente, colabaram e fundiram-se, o que era tanto mais fácil quanto havia certa unidade étnica entre celtas e os povos da Itália Central.

Acham-se em Waitz alguns factos comprobatorios da adoção de uma lingua estrangeira.

Os soldados da Bosnia enviados pelo sultão Selim em 1420 á Baixa Nubia perderam sua lingua materna; os negros de Haiti adotaram o Francez; diversas tribus americanas abandonaram seus idiomas proprios pelo Espanhol e Portuguez; os indígenas de S. Salvador, Nicaragua, Costa Rica, S. Margarida,

Baradero, Quilmos, Calchaguy e Chiloé adotaram o Espanhol; os indios do Rio de Janeiro o Portuguez. (Latham Humboldt e Bonpland, Azara, King e Fitzroy e Von Eschwege. Apud Sayce).

O sistema de colonização dos Romanos que consistia em fazer assimilar o povo conquistado aos seus próprios actos, contribuiu de modo inevitável para latinização da península. E, segundo diz Alexandre Herculano na *História de Portugal*, Rénan na *Origine du langage*, Littré no *Dicionário de la langue française*, Faurel na *Histoire de la poésie provençale*, Diez na *Grammatik*, os romanos tinham como barbaros os idiomas que não fossem o Latim e encaravam com repugnância todos os idiomas barbaros d'onde a palavra *barbarismos*, applicada aos erros grammaticaes.

Auto Gellio dá o Latim como a lingua patria de um espanhol.

A Espanha foi segunda patria da literatura latina. Lucano, Marcial, os dois Sénecas, Columella, Porcio Lato e Quintiliano eram todos espanhóes.

Estes e outros factos nos mostram quanto profundamente se arraigára a civilização romana na península e em nenhuma outra parte depois da Italia os seus efeitos foram tam intensos.

Ou fosse por que a dominação romana por mais tempo se enraizasse no solo peninsular, ou pela docura de sua facil pronunciaçāo, é certo que a portuguesa possui da Lingua romana grande numero de termos. (Barata.)

No tempo de D. João I grande era o sabor a latim que ella mostrava.

Eis um exemplo tirado de João Pedro Ribeiro:  
*Hæc est notitia de partiçon e de divison que fazemos entre nós dos erdamentos que foram de nosso padre. Dissert. Chronol. e Crit. Doc. LXI.*

E mais o seguinte epitaphio que vem em João Franco Barreto:

*Hic jacet Antonius Perez, Vassalus domini Regis, Contra Castellanos misso, Occidit omnes que quiso. (Orthographia da Lingua Portugueza).*

E mais o seguinte excerpto dos *Discursos varios políticos de Severim de Faria.*

*O' quam glorioas memorias publico, considerando quanto vales nobilissima lingua lusitana, cum tua facundia excessivamente nos provocas, excitas e inflamas, quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas.*

O mesmo se vê da perfeita confusão entre o Latim e o Portuguez em João de Barros, Alvaro Ferreira de Vera e outros. Finalmente, quando a historia nos não provasse com irrecusaveis documentos haverem os romanos exercido longa dominação na peninsula, attestara-nos seu predominio pacífico e de muitos séculos, o vermos o solo da mesma coberto de monumentos de construção romana, ossadas de sepulturas e lápides miliares, templos e theatros derrocados, fontes, aquedutos, thermas, estatutas, fustes e bases de columnas, cippos, inscrições, etc. (Leoni)

Os romanos não obrigavam directamente os povos vencidos a aprenderem sua língua, nem mesmo faziam oposição a que elles empregassem a sua língua própria.

«Esperavam até que os povos subjugados lhes pedissem permissão de usar o Latim nos documentos publicos.»

Mas era em Latim que se celebravam as solennidades do altar, era em Latim que os generaes falavam ás legiões, era em Latim que se litigavam as causas forenses no tribunal.

Para falar com elles, para lhes requerer justiça, para obter remissão de imposto, para orar no templo, para tudo que fossem actos publicos, se tornava sempre o Latim a língua necessaria.

O que prova mais ser a língua portugueza filha da latina é vermos todas as preposições e conjunções, palavras elementares, provirem imediatamente do Latim.

As particulares são uma especie de palavras cujo sentido só se alcança com o uso e frequencia de falar a língua. Terminamos com Leoni ainda :

«A nossa primitiva organização social é toda romana, o carácter distintivo e essencial das antigas municipalidades, a magistratura duumviral não se perderam, os bailes nas igrejas tam lastimados por Manoel Bernardes, os asylos, a reverencia á meza, o fechar dos olhos e a bocca do defunto, o lavar o cadáver, o uso das pranteadeiras nos vieram das instituições romanas.

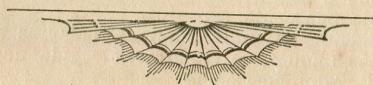
As festas do carnaval são as saturnaes de Roma ; muitas superstições, como os dias aziagos, os espetros nocturnos, os lemures, os philacterios, as figas penduradas pelas mãis ao pescoço das creanças para livr-las do quebranto, tudo nos veio dos Romanos.»

Assim, pois, é filha do Latim vulgar trazido pelos romanos para a Lusitania—*sermio quotidianus, proletarius, rusticus, vulgaris*—a língua portugueza, a que no dizer de Francisco Rodrigues Lobo tem de todas o melhor : a pronunciaçāo da latina, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana e finalmente tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares.

Mas foi sómente no reinado de D. Diniz que a língua portugueza adquiriu os fóros de official, passando a substituir nos documentos publicos o corrompido Latim da época, diz-nos Antonio Ennes : antes disso, porém, já havia sido usada pelos trovadores nacionaes em canções rudes mas graciosas, écos longínquos da lira provençal.

*Uma língua tam dura como as armas*, na frase de Filinto Elycio, é, diz Antonio Vieira, rica e bem dotada, como filha pri-mogenita da latina.

E' uma língua que, bem o affirma o immortal Camões : «Com pouca corrupção crê que é latina.»



### Ligeira noticia da formação do lexico portuguez

Lexico ou vulgarmente dionario, é o conjunto de todos os vocabulos de que se compõe uma lingua.

A lingua portugueza se originou, como está hoje claramente provado, da lingua latina vulgar e são latinos quasi todos os seus termos.

Salvo pequenas excepções, relativamente ás formas e talvez aos tipos sintaticos, são de filiação latina os demais vocabulos, devendo-se sómente notar que entraram tambem para o domínio de nossa lingua, depois d'ella constituída, no seculo XIII, palavras francesas, italianas, alemanes, gregas, inglesas, etc., sendo que antes de sua constituição adquirimos muitos termos do arabe e do germanico por causa da dominação destes povos na peninsula espanica.

Sucintamente daremos algumas palavras cuja origem pertença a estas linguas, servindo-nos de guia neste trabalho a *Glottologia* de Adolpho Coelho.

Assim temos palavras originadas de linguas faladas na peninsula antes do Latin e que se pôdem considerar espanicas: *brisa* (brisa), *cervesia* (cerveja), *gurdus* (gordo), *canthus* (canto), *cuniculus* (coelho).

Do elemento phenicio parece só nos terem ficado a palavra *barca* e alguns nomes de lugares.

De elementos gregos podemos afirmar que em geral nos vieram por intermedio do Latim, ou que vieram posteriormente durante o domínio romano: *anco* (canto, angulo), *bolsa* (pelte preparada), *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga* (saco), *calma*, *chata*, *cara*, *caravela* (especie de navio).

Algumas palavras da mesma especie nos vieram passando por outras linguas romanicas: *colla*, *golfo*, *pagem*, outras por intermedio do arabe: *alcaparra*, *quilate*.

De origem euscaria enumeramos: *aba*, *charco*, *esquierdo*, *mandrião*.

Das linguas celtas cuja análise é muito obscura, há: *Alpes*, *dolmen*, *druida*, *bardo*, *fenian*, *bojo*, *bico*.

Depois do domínio romano temos os mais importantes elementos que concorrem para a formação do nosso lexico.

Destacam-se como principaes: os elementos germanicos e os arabes.

A. Coelho dá uma lista dos primeiros em numero de 288, exceptuadas as palavras da introdução moderna.

D'entre elles citaremos: *albergue*, *bahú*, *brasa*, *canivete*, *doudo*, *dyoga*, *escravo*, *estribo*, *fita*, *forro*, *ganso*, *garfo*, *gaz*, *jardim*, *loja*, *malandro*, *marechal*, *nuca*, *piloto*, *rato*, *rima*, *sala*, *vaga*, e muitos outros, termos nauticos e de posicões geographicas, como: *bote*, *bórdio*, *canoa*, *sul*, *norte*, *leste*, *este*.

De introdução moderna temos: *bismuto*, *caparoza*, *quartz*, *valsa*, *zinc*.

A lingua arabica muito enriqueceu nosso lexico, mórtemente em termos referentes á vida fisica, aos usos domesticos, ás instituições politicas, civis e militares, á tecnologia de construção, etc.

Temos a notar, porém, que são raros os adjectivos arabes, que nemham verbo é derivado desta lingua e que o artigo arabe *al* se acha prefixado a grande numero de palavras. Enumeram-se *acepipe*, *alambique*, *alcatifa*, *almocreve*, *alviçaras*, *armazem*, *ataude*, *azeviche*, *borzequim*, *fatia*, *fulano*, *jarra*, *oxalá*, *tarrafa*, *xadrez*, *zagal* etc.

Temos em terceiro lugar palavras de origens diversas, d'entre as quaes destacamos as de origem espanhola.

Poucos são esses termos, isso devido ao facto de terem o Portuguez e o Espanhol um vocabulario muito commun entre si.

Podemos contar, porém: *bolero*, *espadiilha*, *eldourado*, *fan-dango*, *seguidilha*, *zarzuella*.

Do elemento cigano: *calão*, *pirar* (andar).

Por intermedio da lingua francesa que forma uma parte importantissima do nosso lexico, vieram palavras celtas e germanicas.

O elemento frances actualmente é o maior factor da grammatica e do vocabulario. Podemos dizer, em geral, que é por intermedio do Francez que possuimos muitos neologismos ingleses, gregos e até italianos.

Assim encontra-se em o nosso lexico grande cópia de termos franceses, como: *chapeu*, *chaminé*, *chefe*, *espirito* (græca, chiste), *etiqueta*, *fichá*, *sangue-frio*.

Os termos mais recentes conservam a ortographia da lingua: *crayon*, *bouquet*, *boudoir*, *mise-en-scene*, *soirée*.

Dos elementos italiano possuimos os que se referem á arte, á literatura: *adagio*, *bágatella*, *bandido*, *bussola*, *cavatina*, *cupula*, *dilettante*, *faiança*, *girandola*, *soprano*, *tenor*, *violão*.

Do inglez há termos relativos ao commercio, caminhos

de ferro, marinha, cosinha, como : *bifteck, cheque, club, crup, clown, dandí, jockey, juri, pamphleto, revolver, tunnel.*

Das linguas escandinavas : *fjord, nickel, saga.*

Das linguas americanas muitos são os termos de historia natural : *ananaç (tupi), caipira (tupi-guarani), carioca (idem), condor (quichua), cotia (tupi), pirão (tupi), furacão (caraiba), tapioca (tupi).*

Das linguas africanas encontramos : *banza, batuque, cacimba, macaco, mandinga, marimba, muleque, senzala.*

Das linguas asiaticas : Do persa : *caravana, chacal, divan, pagode.*

Do malaio : *bambú, beliche, orangotango, saguá.*

Do turco : *kiosque, odalisca.*

Do sanscrito : *carmesim.*

Do hebreico : *alleluia, amen, hossana, pascoa, rabino, sábado, seraphim.*

Além destas palavras tem o Portuguez muitos termos formados por composição e derivação, como : *arminho (da Armenia); baioneta (de Bayonna, cid. de França); bohemio (da Bohemia); parati (aguardente feita em Paraty); cajurubeba (de cajú e jurubeba), etc., etc., sem falarmos nos formados modernamente por meio de prefixos, suffixos, etc.*

Possui tambem muitos termos de ficção literaria : *Quixote, tartufo, polichinello; de mithologia e crenças : argos, homérico, vulcanico, marcial, amoniaco, hermetico, bachanaes.*

Um facto muito notável que se encontra na constituição do nosso lexico é a permanencia da palavra com um significado que não corresponde aos elementos de sua formação.

Assim temos : *volume*, embora não seja um rolo como antigamente ; *papel*, embora não seja composto mais de *papyrus* ; *gazeta* mesmo que não custe uma *gazza* (vintem de Veneza) ; *candidato*, embora não se vista mais de *branco* ; *lunatico*, embora não atribuamos mais a loucura á influencia da *lua* ; *planeta*, que não significa mais a estrella que vista da terra parecia errante, porém sim um corpo que gira em redor do sol central ; *caderno*, mesmo que não indique idéa de *quatro* ; *lumeta* (*lua pequena*) que hoje tem a significação de instrumento visual, etc.

Deu-se o nome de *Mercurio*, rapido mensageiro dos Deuses, ao planeta cujos movimentos eram os mais mutaveis e acelerados, e os alchimistas deram esse mesmo nome ao mais móvel dos metaes.

Assim colocamos o mercurio num tubo e ordenamos, como Jupiter ao deus Mercurio, que elle suba ou desça para nos dar novas do tempo.

A verdadeira significação de *importante* é o que tem dentro de si alguma cousa ; *trivial* é o que se acha atravessando

as ruas ; uma *occurrence* é uma cousa que corre adiante do nós ; *desastre*, uma desgraça devida a um astro, máu agouro. (Whitney).

De tudo quanto acabamos de dizer conclui-se que a maior parte do nosso lexico é composta de grande numero dos elementos a que acabamos de nos referir, acrescendo a estes os termos propriamente brasileiros, sobrepondo a todos o Latin

Bem diz o illustre philologo Ad. Coelho : Si do vocabulário portuguez tirarmos todos os vocabulos que não provêm de palavras, themes ou raizes que se encontram no Latin, o que fica, comparado com o lexico latino, oferece ainda profundas diferenças apesar das suas origens estarem todas no ultimo.

E a mesma idéa já externada por José Vicente Gomes de Moura : As linguas italiana, francesa, espanhola e portugueza são irmãs, e fazem uma familia, que descende da latina em tam grande parte, que se lhe tirarmos o fundo que desta receberam, restará muito pouco.



<i>fur</i>	<i>latronem</i>
<i>uxor</i>	<i>sponsa</i>

Em quarto lugar houve a diferenciação de uma palavra em duas ou mais formas, diferenciação a que os grammaticos dão o nome de fórmas divergentes e alguns, impropriamente, de duplas.

Há que distinguir tres casos :

1.º fórmula popular ao lado da fórmula erudita :

Popular	Erudita	Latina
papel	papiro	<i>papyrus</i>
rezar	recitar	<i>recitare</i>
prégar	predicar	<i>predicare</i>
leal	legal	<i>legalis</i>
pégo	pelago	<i>pelagus</i>

2.º duas ou mais fórmulas populares com significação diversa :

Popular	Latina
artigo e artelho	<i>articulus</i>
freire e frade	<i>fratre</i>
ilha e insua	<i>insula</i>
malha, mancha e magua	<i>macula</i>
todo e tudo	<i>totus</i>

Neste caso as fórmulas provêm de uma anterior que não se conserva em Portuguez como fórmula popular. Ha, porém, casos em que uma das fórmulas populares provem de outra ainda existente :

Popular	Latina
cem—de—centum	<i>centum</i>
dom—de—dono	<i>dominus</i>
grão—de—grande	<i>grandis</i>
são—de—santo	<i>sanctus</i>

3.º fórmulas latinas alteradas em outras línguas romanicas ao lado de fórmulas propriamente portuguezas :

chefe	fr.	chefe	ao lado de	cabo	lat.	<i>caput</i>
hotel	»	<i>hotel</i>	»	hospital	»	<i>hospital</i>
Bano	esp.	<i>llano</i>	»	chão	»	<i>planus</i>
opera	ital.	<i>opera</i>	»	obra	»	<i>opera</i>
piano	»	<i>piano</i>	»	chão	»	<i>planus</i>

## Lexico portuguez ; o Latim

O lexico ou dicionario portuguez é um amalgama de termos de origens diversas, adquiridos quer antes do dominio do povo romano, quer no seu dominio, quer depois que o povo da peninsula se constituiu, formando uma nação independente.

Assim em nosso lexico encontramos elementos provenientes das linguas faladas na peninsula anteriormente ao Latim : espancas, phenicias, gregas, celticas, euscaras ; elementos das linguas dos conquistadores depois da dominação romana : elementos germanicos, arabes ; e elementos de origens diversas : espanhóes, ciganos, francezes, inglezes, italianos, das linguas americanas, das africanas e das asiaticas. (Vide A. Coelho—*Obra citada*.)

Mas, apesar da maioria das palavras serem de origem latina, grande é a diferença (separados os termos de outra origem) entre o lexico desta lingua e o da portugueza.

Em primeiro lugar muitas palavras provenientes do Latim popular não foram empregadas na literatura.

Assim encontramos muitas vezes uma palavra de radical latino, o que faz dizermos que a sua origem é desta lingua, entretanto o emprego do sufixo é desconhecido no Latim : o sufixo portuguez *eiro* para formar nomes de árvores : *pinheiro, mangueira* etc.

Em segundo lugar, palavras usadas pelos escritores do periodo ante-classico ou post-classico não usadas na bona latinidade, e que entretanto aparecem no Portuguez : *absconsus* (esconso) ; *dejectare* (deitar) ; *jejunare* (jejuar) ; *vacivus* (vazio).

Em terceiro lugar muitas outras palavras latinas foram substituidas por sinónimos na propria lingua :

<i>ades</i> e <i>domus</i>	casa
<i>janua</i>	porta
<i>osculum</i>	<i>basium</i>

Em quinto lugar temos a substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desaparecidas. A primeira das fórmulas é morta.

<i>spes</i>	<i>sper-antia</i>	esperança
<i>genu</i>	<i>genu-culum</i>	geolho, joelho
<i>pollex</i>	<i>pollicare</i>	pollegar
<i>civis</i>	<i>civitatanus</i>	cidadão
<i>fornax</i>	<i>fornalia</i>	fornalha

Muitos temas que serviam para designar plantas recebem o sufixo *ario*, *aria* ficando o tema original para designar partes ou produtos destas plantas.

<i>castanea</i>	castanha	<i>castanearia</i>	castanheira
<i>morus</i>	amora	<i>moraria</i>	amoreira
<i>rosa</i>	rosa	<i>rosaria</i>	roseira

Este modo de formação não é propriamente latino e sim românico.

Em Latim ou não havia distinção entre o nome da planta e o de seu produto: *citrus*, limão e limoeiro; *laurus*, louro e loureiro; ou então a distinção era feita por meio da diferença do gênero; geralmente o nome da planta era do gênero feminino em *us* e o produto em *um*, gênero neutro: *cerasus*, (cereja), *cerasum* (cerejeira); *morus* (amora), *morum* (amoreira).

Também se fazia a distinção por meio de um sufixo secundário (caso muito raro): *cæpa* e *cæpula*; ou então por meio de palavras derivadas de raízes diversas: *ulmus* e *samera*; *corylus* e *avellana*.

Mesmo em Portuguez algumas plantas não se distinguem dos seus produtos: *cebola*, *jacinto*, *trigo* etc.

Porém o uso mais comum é formar-se a distinção com o sufixo *ario*, com algumas exceções: *oliva* derivado de oliveira foi substituída por *azeitona* do árabe *azzeit*; *lans* cuja fórmula actual é *lande*, substituída comumente por *bolôta*, também de origem árabe.

Em sexto lugar temos a considerar que muitas palavras foram substituídas por derivados novos de outros temas ou raízes, isto é, as coisas que significavam tiveram nova denominação sobre outro aspecto. Por exemplo, foram substituídas:

*Cervus* por veado, de *venatus*, a caça.

*Vulpes* pelo termo raposa, de *rapus*, o rabo, por ter este animal o rabo comprido.

*Porculus* (*porcus lacteus*) por leitão, o animal que ainda se alimenta de leite.

*Acetum* por vinagre, *vinum acre*.

Em setimo lugar muitas palavras latinas desapareceram para evitar homonímia: *cabo* do Latim *caput* e *cabo* do Latim *ca-pulm*; *cento* antigo participio de *cingir*, do Latim *cintus* e *cento pulum*; *preia* do Latim *plena* (*preia-mar*), *preia* do Latim *præda*; *incerto* de *incertus* e *inserto* de *insertus*.

Neste caso, um dos homônimos costuma desaparecer diante do outro, causando por isto a exclusão ou desaparecimento de muitas palavras latinas: *aquas*, diante de *equus* que devia dar *equo* deu sómente o feminino *equa*; *bellum*, guerra, diante de *bellus*, bello; *jácre*, lançar, diante de *jacere*, jazer; *queri*, queixar-se, diante de *querere*, querer.

Finalmente em oitavo lugar devemos ter em vista que muitas palavras mudaram de significação.

*Admorsus*, perdeu o sentido de *mordedura* e tomou o sentido de almoço (esp. *almuerzo*).

*Affligere* perdeu o sentido de bater contra, quebrar, para conservar o sentido figurado de *atormentar*.

*Apotheca* que em Latim designava um lugar onde se guardavam provisões, uma adega, adquiriu o sentido de casa pequena, *botica*, *bodega*.

*Ingenium* que significava natureza, modo de ser característico de uma cousa, perdeu quasi o sentido de *genium*, na acepção de inteligência e astúcia e adquiriu o sentido de *machina*, *machinismo*.

*Rapun*, rabo, em Latim, cenoura, significa em Portuguez *cauda*, talvez pela analogia duma cauda de animal com uma cenoura.

*Talentum* em Latim, barra, peso de 120 libras e em Grego *balança* e *peso*, tomou os sentidos de *inclinação*, *tendécia*, *vogação*, *vontade*.

*A seu talante* significava no antigo Portuguez á sua vontade. Hoje tem a significação de engenho, genio, talvez, segundo Diez, por influencia da Parábola dos Talentos.

Na linguagem popular no Brasil tem a significação de força muscular.





communicação do pensamento. Quando este ultimo facto se dér, aparece então uma lingua estranha.

A formação dos dialectos é um fenômeno que obedece ás leis da mesologia glótica. A diferença dialectal mostra um poder, uma vitalidade no organismo da lingua, não é um fenômeno involuntário.

Influem, como já dissemos, na evolução de um dialecto a cultura literaria e as relações sociaes; é, por isso, que o Francez dialecto do Latin, se acha mais afastado deste do que as outras linguas novo-latinas: o Italiano, o Portuguez, etc.

Do que acabamos de dizer, infere-se que, apesar das grandes modificações por que passou a Lingua Portugueza no Brasil; ainda não podemos chamar á lingua falada neste paiz um dialecto.

II

Diz José de Alencar, partidario do *dialecto brasileiro*: « Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independencia politica por si fórmula a sua individualidade. Mas si os povos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vinculos politicos, opera-se tambem a separação das idéas nos sentimentos, nos costumes e portanto na lingua que é a expressão destes factos moraes e sociaes. »

E' o que diz tambem Webster:

« Logo depois que duas raças de homens de estirpe commum separam-se e collocam-se em regiões distantes, a linguagem de cada um começa a divergir por varios modos. »

E' preciso, porém, atender que as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, são rios cujas correntes muitas vezes se bifurcam.

Assim como a lingua de Portugal não é a mesma de 1500, a nossa tambem se tem transformado, adquirindo termos das linguas dos paizes com que entretemos relações commerciaes e literarias.

O luso brasileiro não constitui ainda, diz Sylvio Roméro, um dialecto acentuado do portuguez europeu, embora conteña elementos que o hão de tornar cada vez mais distinto deste. O criterium para resolver a enfadonha questão do dialecto brasileiro é a possibilidade ou não da communicação do pensamento.

A noção do dialecto pôde, na verdade, ser applicada a qualquer sistema de differenciações parciaes e geographicas da lingua, como diz João Ribeiro.

Mas o chamado dialecto brasileiro ainda não tem fôros de

lingua literaria e culta nem elle pôde por emquanto rebelar-se contra a lingua pura e vernacula.

A lingua falada no Brasil se distingue da de Portugal por diferenças na prosodia, na sintaxe, na significação das palavras e por um vocabulario enorme de palavras africanas e tupis-guaranis.

O Brasil que, pelo seu desenvolvimento material e intelectual e talvez pelo favor da sorte, pôude libertar-se de quem o amesquinava, ha de futuramente ter uma lingua diferente da portugueza.

Paiz que se emancipou do jugo portuguez, que abriu amplamente os seus pórtos aos povos estrangeiros, estabelecendo a grande naturalização e a liberdade de culto, tudo concorrendo para a transfusão do sangue e para o aperfeiçoamento da raça, o Brasil tam novo, que espectaculo admiravel nos apresenta em sua lingua ?

Uma lingua não pode ficar estacionaria e desde o momento em que o Brasil deixou de ser uma feitoria de Portugal, ha de augmentar e florescer, fazendo crescer cada vez mais, pelo seu progresso e relações commerciaes, o seu vocabulario.

A diferença entre o emprego, significação e pronuncia dos vocabulos é bastante profunda entre a lingua falada actualmente no Brasil e em Portugal. (Vide Paranhos da Silva *O Idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil.*)

E é este um fenomeno que, de ha muito, temos apreciado.

Assim bem vemos a mesma palavra tendo significados inteiramente diferentes nas duas linguas: *Canasta* que em Portugal é *cesta de vime*, no Brasil tem a significação de caixa não abandonada; *filhote* em Portugal significa *filho*, no Brasil é um pombo nascido e não empennado e só figuradamente tem aquelle sentido; *trem* possui em Portugal a significação de *carruagem*, no Brasil é *bagagem* ou conjunto de carros; *rico* em Portugal é sinônimo de *querido*; *chacara*, significa *romance popular*; *carro* em Portugal só se refere ao *carro de bois*, no Brasil é qualquer veículo puxado por animaes.

Acresce mais que ha em Portugal termos inteiramente desconhecidos no Brasil, e outros que, apesar de conhecidos, não são empregados: *confeituria* (confeitoria) derivado de *confeitos*; *cambra* (camara); *condeça* (cesta); *lumes próprios* (fósforos); *fontinha* (fonte pequena); *camapé* (canapé); *caneco* (barril); *abandonado* (homem devassão); *domestico* (criado); *tratamento* (salario).

Si atendermos á sintaxe verificamos bastantes divergencias entre as duas linguas.

O emprego do pronome *me* e *te* em lugar do possessivo *meu* e *teu*, originando muitas vezes perfeita confusão. Dizem

os Portuguezes : *Entrego-te o livro*, em que se não sabe si é o meu ou o teu.

Usam mesmo muito pouco desses possessivos, e dizem por exemplo : a *mamá*, o *papá*.

Gostam de empregar as variações *sigo* e *si* referindo-se ás pessoas com quem falam dando lugar á perfeita ambiguidade de sentido. Infelizmente este uso já se vai generalizando no Brasil.

Têm os Portuguezes tambem grande sympathia pelo emprego da preposição *a*; dizem a' *noite*, a' *tarde*, e *PELA manha*. Quando o Brasileiro diz : *estou estudando*, o Portuguez diz : *estou a estudar*.

Quando este diz : *já não chore*, aquelle diz : *não chore mais*.

Geralmente a preposição *com* em Portugal exprime compaixão; entretanto para nós exprime tambem posse : *estou com o livro*.

Sobre a pronuncia dos vocabulos então a diferença é enorme.

Dizem os Portuguezes, segundo Soares Barbosa : *vistoria*, *métade*, ou então *vistoria*, *m'tade*; outras vezes substituem essa vogal pelo *a* : *vájo*, *juálho* e, pelo que diz um escritor, para escaparem de e fechado conjugam o verbo *fechar* do seguinte modo : *Eu fácho, tu fechas, elle fécha*, *nos fíchamos*, *vos fíchaeis*, *elles fícham*.

No Brasil o *e* final de uma palavra tem em geral o som de *i*, no entanto os Portuguezes não pronunciam esta terminação ou a collocam no fim das terminações em *ar*, *er*, *ir*, *or* : *anpare*, *vivere*, *subire*. O povo baixo portuguez substitui por *i* : *andari*.

Quando a palavra termina por *r* o nosso povo não pronuncia a desinencia, o de Portugal acrescenta um *i*; *doutô*; *doitô*.

As palavras que terminam em *al* e *ale*, *el* e *ele*, etc., pronunciam os portuguezes de modo especial *pel*, *mól*, e *nós pelli*, *moli*.

Si elles dizem *jurnale*, nós *jornal*.

Bem se vê o profundo sulco diferencial que largo se abre entre a lingua dos portuguezes e a dos brasileiros.

Mais alguns annos e o Oceano não separará somente as duas regiões; teremos uma lingua propria, como já possuímos uma vida social e economica e uma riquissima literatura independentes.

Ainda mais.

A nacionalidade brasileira é o resultado de varios factores fisicos e moraes.

As invasões dos franceses no Rio de Janeiro desde 1555, o domínio da Espanha em 1581, os ingleses em 1597, os franceses no Maranhão em 1608, o elemento indigena, o

negro e o cigano, quantos factores ahí de envolta com raça portugueza para alterarem a lingua falada no Brasil?

Quantas modificações em cada uma daquellas províncias onde mais preponderou este ou aquelle povo?

E actualmente?

A grande emigração alema ao sul da Republica, principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catharina onde ha colonias e comarcas só desta raça, a proximidade dos espanhóes nos Estados fronteiros, o contingente italiano, notadamente em S. Paulo e o nosso sistema governamental estabelecendo a autonomia dos Estados não alterarão profundamente para o futuro a lingua herdada de nossos pais?

A resposta não pode ser duvidosa.

Portanto, concluimos que, si o caracteristico do dialecto é uma certa cultura e literatura proprias, si a possibilidade da comunicação do pensamento ainda é facilíma entre Portugal e Brasil, por mais profundas que sejam estas alterações na phonética e sintaxe da lingua falada nestes dois paizes, ellas ainda não determinaram a denominação de dialecto á lingua do Brasil.

## II

Os dialectos portuguezes se podem classificar em cinco grupos :

I—*Dialectos continentaes*;

II—*Dialectos insulares*;

III—*Dialectos ultramarinos*;

IV—*Portuguez dos judeus*.

Desses os mais importantes são os primeiros.

(Vide o melhor trabalho no genero : *Esquisse d'une dialectologie portugaise. These apresentada na Universidade de Paris (Faculté de Lettres) por J. Leite de Vasconcellos.*)

I—Os caractéres dialectaes do primeiro grupo fazem-no subdividir em :

1.<sup>o</sup> *Dialecto interamnense*, falado no Alto Minho, Baixo Minho e Baixo Douro.

2.<sup>o</sup> *Dialecto transmontano*, falado na fronteira, na parte occidental e central e no Alto Douro.

3.<sup>o</sup> *Dialecto beirão*, falado na Beira-Alta, Beira-Baixa, Beira Occidental (Coimbra e Aveiro).

4.<sup>o</sup> *Dialecto meridional*, falado nas tres provincias do sul do Mondego : Extremadura, Alemtejo e Algarve.

II—Os dialectos do segundo grupo comprehendem o falar dos Açores e da Madeira.

III—Os dialectos do terceiro grupo comprehendem o portuguez falado nas antigas colonias de Portugal, algumas das quaes já lhe não pertencem.

Neste grupo se incluem o portuguez falado no:

1.<sup>o</sup> Brasil.

2.<sup>o</sup> Indo-portuguez, comprehendendo : Diu ; Damão ; Norte da India ; Góa ; Mangalor ; Cananor ; Mahé ; Coromandel.

3.<sup>o</sup> Ceylão.

4.<sup>o</sup> Macau.

5.<sup>o</sup> Malaio-Portuguez (Java, Malaca, Singapura).

6.<sup>o</sup> Timor.

7.<sup>o</sup> Cabo-Verde.

8.<sup>o</sup> Guiné.

9.<sup>o</sup> Ilha de S. Thomé, Principe, Anno Bom.

10.<sup>o</sup> Costas d'Africa (Angola e Moçambique).

IV—Aos dialectos do quarto grupo pertence o portuguez falado em Amsterdam e Hamburgo.

Alem destes quatro grupos se podem indicar os codialectos, ahí comprehendidos : o *galiciano* falado na Galiza, província espanhola, o *riodorónex*, falado em Riodonor, pequena villa do concelho de Bragança, na fronteira o *guadramilez*, falado em Guadramil, tambem pequena villa do concelho de Bragança, e o *mirandez* falada em Terra de Miranda (Traz-os-Montes).

Os primitivos monumentos da poesia portugueza foram escritos em galiciano.

Esta lingua e a portugueza se achavam até ao seculo 12 perfeitamente unidas. A 1.<sup>a</sup> ficou estacionaria e o portuguez se tornou culto e literario, sendo mais a notar que o *galiciano* desaparecerá por fim, repelido pela Lingua espanhola.

O *mirandez*, o *riodoronez*, o *guadramilez*, ocupando todos muito pequenos territorios serão naturalmente absorvidos pela Lingua portugueza.

Os *dialectos continentaes* e os *insulares*, differindo pouco da lingua literaria, continuarão a viver, soffrendo modificações.

Os *falares creoles*, idiomas provisarios e passageiros serão substituidos pelas linguas dos indigenas, ou pelas das nações que dominam em suas proximidades.

São essas as previsões bem fundadas de Leite de Vasconcellos.

A lingua falada no Brasil tende a se emancipar.

E' constituída pela Lingua portugueza na sua maior parte e por grande numero de vocabulos indigenas (*tupis-guaranis*, *abaenenga*, *kiriri* etc) e africanos.

Inumeros são os termos que no vocabulario brasileiro foram introduzidos pelos negros de Angola e Congo (lingua *Ambundo*, principalmente.)

## ÍNDICE

Prologo . . . . .	3
Noções geraes . . . . .	7
Letras vogaes, consoantes, acentos . . . . .	11
Grupos vocaes e grupos consonantaes . . . . .	18
Algumas regras ortographicas . . . . .	21
Sistemas orthographicos . . . . .	23
Syllabas—Acentuação . . . . .	27
Alteração de sons . . . . .	30
Morphologia—Taxinomia . . . . .	35
Substantivo . . . . .	38
Adjectivo . . . . .	40
Verbo . . . . .	47
Palavras invariaveis . . . . .	50
Campenomia . . . . .	55
Substantivo—Genero . . . . .	57
Substantivo—Número . . . . .	63
Substantivo—Gráu . . . . .	68
Adjectivo—Genero e numero . . . . .	72
Adjectivo—Gráu . . . . .	74
Pronomes pessoaes . . . . .	78
Verbo . . . . .	80
Terminações dos verbos . . . . .	84
Conjugação regular . . . . .	86
Verbos auxiliares . . . . .	90
Conjugação completa . . . . .	93
Conjugação—voz passiva . . . . .	95
Conjugação—Verbo pronominal . . . . .	97
Conjugação—Verbo impessoal . . . . .	99
Observações—Verbos regulares . . . . .	100

Verbos irregulares . . . . .	101
Verbos defectivos . . . . .	107
Participio passado . . . . .	107
Etymologia . . . . .	110
Derivação—Prefixos . . . . .	115
Derivação—Suffixos . . . . .	119
Declinação . . . . .	126
Etimologia do substantivo . . . . .	131
Adjectivo . . . . .	134
Pronomes pessoões . . . . .	142
Etimologia verbal—Themas simples . . . . .	144
Etimologia verbal—Themas compostos . . . . .	154
Palavras invariaveis . . . . .	163
Sintaxe . . . . .	171
Substantivo . . . . .	180
Adjectivo . . . . .	182
Quantitativos . . . . .	188
Artigo . . . . .	192
Pronomes pessoaes . . . . .	195
Verbo — Concordancia — Correspondencia dos tempos . . . . .	209
Formas nominaes do verbo . . . . .	214
Sintaxe do verbo «haver» . . . . .	218
Palavras invariaveis . . . . .	221
Ordem grammatical — Figuras . . . . .	226
Alterações grammaticaes e lexeologicas . . . . .	232
Vicios de linguagem . . . . .	238
Idiotismos . . . . .	242
Pontuação . . . . .	247
Exercicios de redação — Cartas . . . . .	253
Descrições . . . . .	256
Origem da lingua portugueza : o Latim . . . . .	261
Formação do lexico portuguez . . . . .	266
Lexico portuguez: o Latim . . . . .	270
Dialectos . . . . .	274